



A CAUSA DA MORTE

O LIVRO QUE INSPIROU
A SÉRIE DE TV INGLESA *THE TOWER*

KATE LONDON

A queda pode ser muito maior
do que você imagina.

"Kate London recria o cotidiano da polícia de forma vivida. Uma narrativa envolvente e de alta complexidade, que oferece raros insights sobre a vida policial." — *THE SUNDAY TIMES*





A CAUSA DA MORTE



A CAUSA DA MORTE

UM CASO DA POLICIAL SARAH COLLINS

KATE LONDON

Tradução
ALVES CALADO

TRAMA

Título original: *Post Mortem*
Copyright © Kate London, 2015

Esta edição é publicada mediante acordo com Atlantic Books em conjunto com Villas-Boas & Moss Agência Literária. Todos os direitos reservados.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7.º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

Imagens das folhas de rosto: Simone Hutsch / Unsplash

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L847c London, Kate

A causa da morte / Kate London ; traduzido por Alves Calado. – 2.ed. – Rio de Janeiro : Trama, 2022.

Formato: epub com 2,9 MB

ISBN: 978-65-89132-86-8

1. Literatura inglesa – suspense. I. Calado, Alves. II. Título.

CDD: 808.8

CDU: 82-32

André Queiroz – CRB-4/2242

www.editoratrama.com.br



Para Uri

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

17 de abril

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

18 de abril

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

19 de abril

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

20 de abril

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

21 de abril

42

43

44

45

46

47

48

49

30 de abril

50

51

Agradecimentos

Colofão

17 DE ABRIL

1

Asargento detetive Sarah Collins e o policial detetive Steve Bradshaw estavam nas proximidades quando veio a chamada. Demoraram apenas alguns minutos para chegar ao local, mas veículos de emergência já bloqueavam a entrada da pista de serviço que levava à Portland Tower. Sarah parou o carro no meio da rua e deixou as luzes piscando.

— Tome conta do local — disse. — Eu vou até a cobertura.

Sarah saiu correndo. Steve se moveu mais lentamente, rodeando o portamalas do carro para pegar sua mochila. Tirando o distintivo do bolso da jaqueta, a sargento abriu caminho pelo grupo de curiosos que se apinhavam tentando ver alguma coisa. Espremeu-se através deles — do cheiro de suor, dos cotovelos pontudos, da curiosidade ofegante.

— Polícia. Saiam do caminho.

Quando chegou à frente, foi golpeada pela revelação súbita dos corpos esparramados no asfalto da praça, à vista de todos.

O de rosto para baixo era um branco de uniforme. Gordo. Aparentava ter por volta de cinquenta anos. Um braço estava esmagado embaixo do peito. O outro, estendido, nitidamente fraturado. O sangue havia jorrado da barriga do morto, espalhando-se no chão.

A adolescente estava de rosto para cima, a cabeça para trás, os braços abertos, boca escancarada, como uma boneca pálida jogada impiedosamente no concreto. A pouco mais de um metro dela, contrastando com as placas do pavimento, havia uma mochila estampada com bolinhas cor-de-rosa. A pele da jovem era escura — do norte da África, pensou Sarah. Usava jeans e uma

camiseta com a estampa de um gato na frente. A cabeça do gato era desproporcionalmente grande para o corpo, com olhos ainda maiores. Tinha uma cauda arqueada que passava por cima do ombro da garota. O sangue do homem morto tinha espirrado na camiseta e no rosto dela. Havia algo estranho no sangue, no fato de não ter sido mexido, limpado.

Sarah tentou se livrar da angústia que a atravessou de repente. Por um breve instante, o sentimento a incapacitou e ela ficou enraizada no lugar. Os paramédicos estavam retirando os equipamentos. Eles foram chamados por mero protocolo: alguém havia declarado a vida extinta. Ela olhou para cima, para a claridade do céu azul e frio. Simplesmente imaginar a queda implacável lhe deu vertigem. O arranha-céu se erguia, deixando-a na sombra. Aquelas pessoas não podiam ser ajudadas, disse a si mesma. Ela tinha um trabalho a fazer; iria se concentrar nisso. Steve cuidaria do local.

Um sargento uniformizado estava mandando os policiais em choque afastarem as pessoas. Usava luvas de látex azuis e tinha um rolo de fita azul e branca na mão. Bem à frente de Sarah, havia um jovem policial asiático. Parecia abalado e pálido. Ela lhe mostrou o distintivo e sussurrou, como se contasse um segredo:

— Sargento detetive Sarah Collins, Diretoria de Investigações Especiais. Meu colega, o policial detetive Steve Bradshaw, vai chegar num instante e ajudar vocês a controlar o local.

O policial a deixou passar e ela partiu rapidamente pela frente do prédio, dando a volta em direção à entrada. Mesmo contra a vontade, o coração de Collins batia forte. Ela repetiu seu mantra de investigadora. *Uma coisa de cada vez. Uma decisão de cada vez.* Cada detalhe podia ser importante e cada decisão que tomasse poderia, mais tarde, ter consequências inimagináveis num tribunal frio e implacável. O universo estava girando e ela queria diminuir a velocidade, segurar cada partícula, ter tempo para examiná-la, revirá-la devagar contra a luz. Cada ação humana contaminada. Mesmo assim, iria até a cobertura. Hesitar implicaria perder outras provas. Como, por exemplo, quem estaria lá neste momento.

A porta para a escada estava aberta. Ela fez uma pausa e observou a lata de Coca que alguém havia enfiado entre a porta e o batente. Ligou para o celular de Steve.

— Coloque alguém na porta, depressa. Nada deve ser tocado. Ninguém sobe nem desce. Aqui tem uma lata de Coca que precisa ser coletada.

Tateou o bolso da calça e pegou um par de luvas de látex azul idênticas às que o sargento uniformizado estava usando. Enquanto as calçava, examinou toda a extensão do prédio, percebendo a câmera de circuito fechado apontada para a porta. Entrou no saguão. Estava mal-iluminado pela luz fraca passando pelos tijolos de vidro que formavam parte da parede externa. Do lado direito havia uma sala do zelador abandonada. À sua frente, ficavam duas portas escuras de elevador e, à esquerda, a porta da escada de incêndio. Sarah parou e pensou no caminho que eles haviam tomado para a cobertura. Teria sido o elevador ou a escada? Mandaria uma equipe de busca coletar digitais em toda a área, mas enquanto isso, precisava se arriscar a alguma contaminação de provas e pegar o elevador fedorento. Tirou uma caneta do bolso e a usou para apertar o botão.

As paredes do elevador eram de metal manchado de sujeira. Havia papel-alumínio queimado no chão. A sargento rezou para o elevador não quebrar. Ele subiu cheio de estalos, com vibrações ecoando no poço. A porta se abriu no último andar. Acima dela, a escada de serviço subia para a escuridão interrompida por um quadrado de luz que era a porta para a cobertura.

Enquanto subia, escutou vozes distantes e baixas. Ao sair da escada, foi golpeada pelo vento. A simples altura lhe deu vontade de recuar. Nuvens corriam pelo céu azul. De onde estava, não conseguia enxergar o chão, apenas a plataforma de concreto branco da cobertura e o céu girando.

A uns trinta centímetros da borda, um inspetor uniformizado estava de frente para uma policial também uniformizada. A mulher era jovem, com uns vinte e dois anos. Magra e atlética. Não usava quepe, e Sarah viu o cabelo louro preso numa trança. Ela estava sentada; em seu colo, com o braço envolvendo o pescoço, havia um menininho com uma fantasia de urso.

Sarah apresentou o distintivo.

— Sargento detetive Sarah Collins.

O inspetor deu um passo na direção dela. Era alto, com uma mecha grisalha no cabelo.

— O que você está fazendo aqui em cima? Esta é uma cena de crime.

— Eu poderia lhe perguntar o mesmo, senhor.

Algo parecido com raiva passou rapidamente pelo rosto dele.

— Kieran Shaw, sou o inspetor de serviço. Está bastante claro o que *eu* faço aqui. Um dos meus policiais está morto. Outra está aqui em cima, sozinha, com uma criança desaparecida. Estou aqui para garantir que mais ninguém despenque da porcaria deste prédio. — Ele se virou e falou pelo rádio. — Inspetor Shaw para o Controle. Quero um policial para isolar a escada com fita imediatamente. E todas as outras entradas do prédio devem ser fechadas. Ninguém mais sobe nem desce. Este é um incidente crítico. — Em seguida, se virou para a policial e o menininho fantasiado de urso. — Vamos levar vocês dois lá para baixo.

Sarah Collins avaliou a policial. Queria falar com ela ali mesmo. Afastá-la daquele inspetor e descobrir o que havia acontecido antes que mais alguém pudesse instruí-la. Mas a policial estava pálida, com os lábios azuis. E começava a tremer como se tivesse sido mergulhada em água gelada por tempo demais. Sarah falou pelo seu próprio rádio:

— SD Collins, DIE, para o Controle. A partir de agora vou comandar isso. O PD Steve Bradshaw está supervisionando o estabelecimento de uma cena de crime. Precisamos de ajuda médica para uma mulher adulta que parece estar entrando em choque. Respirando e consciente. Vou receber a ambulância na base da escada.

Sarah deixou a policial sentada numa ambulância, atendida por paramédicos. Anotou o nome dela em seu bloco: Lizzie Griffiths.

A mãe do menino estava esperando no banco de trás de um carro da polícia. Sarah soltou a mão dele e olhou o ursinho correndo para ela. Assim que o viu, a mulher abriu a porta do carro e correu para abraçá-lo. Levantou-o bem alto e

depois o apertou com força contra o peito, comprimindo o rosto no dele até que o menino gritou:

— Mamãe!

Ela puxou o capuz de urso para trás e apertou o nariz contra ele. O policial uniformizado que estava dirigindo o carro lhes deu um momento antes de colocar os dois no veículo e partir para longe do bando de jornalistas que esperavam. Sarah viu o carro se afastar lentamente.

A partir daí, ela sabia, seria uma corrida para não perder provas. Era como tentar catar conchas antes que a maré chegasse e as levasse para o esquecimento. Não, não era simplesmente catar as conchas, mas também catalogar e registrar aquelas porcarias. Levantou os olhos. O céu estava cinza. O tempo estava virando e o sol de primavera já empalidecia. Precisariam trabalhar depressa. Voltou ao carro, pegou um macacão forense e um registro de decisões no porta-malas.

Encontrou Steve na margem da cena do crime. Ele acendeu dois cigarros e lhe passou um. Tragaram juntos, observando os policiais locais se esforçando para montar as tendas brancas que tinham chegado em viaturas.

— Eles nunca acham isso fácil, não é? — disse Steve.

Juntos, designaram as muitas tarefas pela frente. Havia bastante coisa para fazer: informar as famílias, decidir a estratégia forense, fazer entrevistas de porta em porta, procurar câmeras de circuito fechado, testemunhas, interrogar as equipes que tinham chegado primeiro. Steve ligou para a empresa de ônibus e o departamento que operava as câmeras de circuito fechado do bairro. Junto a outro policial, tentaria pegar algumas imagens antes que os operadores fossem para casa. Sarah olhou para o seu relógio. As pessoas deviam estar se preparando para ir embora do trabalho. Logo eles teriam dificuldade para contatar os civis dos quais precisavam. A cada minuto, menos oportunidades de preservar provas eles tinham. Alunos das escolas secundárias voltavam para casa, caminhando pelo perímetro da cena com mochilas velhas e tênis empoeirados.

2

Na parte de trás da ambulância, um paramédico conversava com Lizzie e preenchia um papel amarelo atado a uma prancheta com um grande prendedor em forma de buldogue. Ele se inclinou e enrolou o manguito do aparelho de pressão no braço da policial. A mulher sentiu o tecido inflar e restringir o fluxo de sangue. Era como se tudo aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. O paramédico lhe disse alguma coisa. Ela não entendeu muito bem do que se tratava, mas sem dúvida era uma pergunta, e ele sorriu enquanto falava. Ela disse:

— Tudo bem. — E sorriu de volta.

Lizzie se pegou muito interessada pela prancheta do paramédico — pelos losangos gravados na prancheta e pelo prendedor escuro em forma de buldogue. Imaginou até que ponto seria difícil apertar a borboleta do prendedor para abri-lo. Alguns eram muito duros, afinal de contas. A porta da ambulância se abriu. Seu sargento estava parado do lado de fora, falando ao rádio. Ele assentiu para ela e ela assentiu de volta.

— Sargento. — Ela raspou os dentes de baixo contra o lábio superior. Parecia ter sido anestesiada.

Um homem magro, de rosto enrugado, entrou na ambulância. Estava usando terno azul-escuro. Mostrou um distintivo ao paramédico e se sentou diante dela. Lizzie notou a mancha de nicotina no dedo anular dele. O paramédico e o homem estavam conversando, mas ela não conseguia entender o que diziam. O homem se inclinou e pôs a mão gentilmente no ombro dela.

— Lizzie. É Lizzie, não é?

— Sim.

— Esse é o meu cartão, Lizzie. Sou o policial Steve Bradshaw. Olha, me dê seu distintivo. Vou pôr o cartão aqui dentro e você vai saber que está com ele. Esse celular fica ligado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, pode me telefonar quando quiser. Vamos falar com você assim que os médicos autorizarem.

— Está bem, obrigada.

Ele sorriu.

— Certo, vou deixar você se cuidando.

Então ele foi embora. O paramédico estendeu a mão e conectou alguma coisa no dedo indicador dela. Outro prendedor de mola. Notou que esse tinha uma luz vermelha. Sua pulsação, as batidas do seu coração. Fechou os olhos. Parecia estar deitada no fundo de uma piscina, olhando para cima. Permitiu-se relaxar e observar a superfície da água, como ela se formava em polígonos azuis mutáveis. E então, espontaneamente, e só por um instante, teve uma visão súbita da cobertura do prédio. Da garota — Farah — e de Ben com sua fantasia de urso, o céu azul atrás deles, as nuvens passando rápido.

Estremeceu violentamente, como se tivesse náuseas. Percebeu que o paramédico estava lhe oferecendo uma bacia para vomitar. Podia ver o rosto dele, largo, gentil, cansado. O verde reconfortante do uniforme, aquelas calças com bolsos laterais. Lizzie também tinha bolsos assim, lembrou, mas eram pretos, e não verdes. Dispensou-o com um movimento do braço.

— Não, estou bem, obrigada.

Com determinação, concentrou-se de novo na prancheta. Pensou em como aquilo era antiquado. Quem imaginaria que os paramédicos ainda as usavam?

O inspetor Shaw entrou na ambulância.

— Tudo bem, Lizzie?

Ela assentiu.

— Chefe.

Ela o observou. Ele estava sendo eficiente, dava para perceber. Estava fazendo o possível por ela. Cuidando dela.

3

As ambulâncias e os carros dos bombeiros tinham ido embora e Sarah havia levado seu carro para o cordão de isolamento exterior. Sentou-se no banco da frente, examinando os impressos dos despachos conectados que eram os registros policiais do incidente. De cabeça baixa, escreveu em seu bloco.

Houve uma batida na janela do carro. O inspetor detetive chefe Baillie estava inclinado, observando-a. O rosto magro e de feições inteligentes era salpicado de sardas, e acima dos olhos azul-claros havia um tufo de cabelos loiros. Ele sorriu, satisfeito por tê-la pegado desprevenida. Sarah abriu a porta para que ele se sentasse no banco do carona. Enquanto ele passava pela frente do carro, ela viu como o terno escuro de risca de giz pendia dos ombros, que mais pareciam um cabide. Baillie empurrou o banco totalmente para trás e esticou as pernas.

— Um problemão, Sarah. Não sei se você está sabendo. Estivemos procurando as famílias para informar. Por acaso Younes Mehenni, o pai da adolescente morta, está em prisão preventiva, esperando para ir ao tribunal amanhã.

Sarah ficou imediatamente sem jeito: deveria ter sabido disso.

— Desculpe, senhor...

— Tudo bem, você andou meio ocupada. Coloquei Alice como contato com a família. Agora mesmo ela está na delegacia de Farlow, organizando uma saída sob fiança, tentando apelar para a compaixão deles. Vamos acompanhá-lo ao tribunal amanhã e ver se podemos resolver isso rapidamente. A orientação é

que, legalmente, não há outro modo. Parece que não é uma acusação particularmente séria: dano ao patrimônio. Só agora estamos chegando ao âmago da questão. O que você tem sobre o policial morto?

— Policial Hadley Matthews, senhor. Cinquenta e dois anos. Faltavam três para se aposentar. O inspetor Shaw, o superior de Matthews, está informando a família dele. Shaw era o inspetor de serviço hoje.

Baillie assentiu.

— É, eu cruzei com o Kieran Shaw.

— Já trabalhou com ele?

— Não, não. Não se preocupe, não há conflito de interesse aqui. Mas, pelo que ouvi dizer, ele é um sujeito bom. — Baillie esticou os braços atrás da cabeça. — Certo, Sarah, vou deixar você cuidando disso. Vamos usar a delegacia de Farlow como base para as ações iniciais. Vejo você lá, para informações mais detalhadas. De quanto tempo precisa? Digamos, umas vinte horas?

— Sim, chefe.

Baillie assentiu, com relutância, em direção ao cordão de isolamento externo, onde o bando de jornalistas esperava.

— E, enquanto isso, preciso encarar aquele pessoal. Alguma sugestão do que posso dizer a eles?

Sarah se virou na direção que ele havia indicado e viu um emaranhado de teleobjetivas apontadas para a cena do crime.

— O mínimo possível, acho. Ainda estamos investigando. Talvez seja melhor dizer algo como “todas as linhas de investigação continuam abertas”?

Houve um curto silêncio. Baillie pegou as chaves do seu carro e destravou a porta.

— Bom — disse ele. — É o nosso primeiro trabalho juntos, você e eu, e é dos grandes. Espero que você seja confiável.

4

Aviatura parou do lado de fora do apartamento da policial Lizzie Griffiths. Arif estava no banco do motorista, com Lizzie atrás. Ele desligou o motor.

— Tem certeza de que vai ficar bem?

— Tenho.

Como Lizzie, Arif era novo no serviço. Na verdade, Lizzie tinha uns dois meses de experiência a mais do que ele, portanto estava ligeiramente acima. Sabia que ele tinha sido o primeiro a chegar ao local, que provavelmente tinha até mesmo visto a queda. Imaginou como ele estaria enfrentando aquilo. Os dois ficaram sentados em silêncio.

— Não sei — disse Arif, finalmente. — Fico com um mau pressentimento de deixar você sozinha. Posso ficar um pouco, se quiser. Podemos tomar um chá.

Houve uma pausa.

— Ou alguma coisa mais forte.

— Não, Arif. Tudo certo. Vou ficar bem. Obrigada.

Lizzie saiu do carro. Sabia que Arif estava esperando, observando-a enquanto ela seguia pela entrada de veículos e pegava as chaves. Teve uma sensação ridícula, como se estivesse fingindo que ia abrir a porta. Quando conseguiu abri-la, virou-se e acenou. Tudo estava ótimo. Mesmo assim, ele hesitou um momento antes de assentir e ir embora.

Assim que a porta bateu, ela se agachou e apoiou a cabeça nas mãos.

Lizzie estava sentada imóvel na beira da cama. Não sabia por quanto tempo estivera ali e não lembrava como tinha percorrido a distância do corredor até o

quarto. Sua mente parecia um vazio escancarado. Pegou o celular e olhou a tela. Sete chamadas perdidas. Tivera uma percepção distante do telefone tocando, mas não lhe passara pela cabeça atender.

Tocou no aplicativo de imagens e foi passando até encontrar uma foto sua com o policial Hadley Matthews com o braço em volta dos seus ombros. Pensou nisso por algum tempo, até que o telefone tocou de novo, interrompendo a imagem na tela.

Número desconhecido.

Rejeitou imediatamente a chamada. Não conseguia pensar em ninguém com quem quisesse falar. Não conseguia pensar em nada.

Tentou organizar as ideias.

Na ambulância, uma detetive havia pegado seu uniforme e colocado em sacos marrons para provas. Agora, Lizzie estava sentada com uma camiseta branca, calça de moletom branca e mocassins pretos fornecidos pela detetive quando pegou seu uniforme. Lizzie conhecia essas roupas. Eram do tipo dado aos prisioneiros quando suas roupas eram levadas para exame pericial.

Sua mente ficou escaneando como um computador lento fazendo uma busca que jamais terminava. Ou como uma imagem de vídeo congelada. A borda da cobertura do prédio, o vento soprando forte. Apesar da inutilidade, continuou lutando para descobrir um modo de fazer com que aquilo não fosse verdade, fazer com que tudo se ajeitasse, como um sonho sonhado de novo. Quase podia ver a roda de cores girando interminavelmente na cabeça, sem chegar a nenhuma conclusão. Sem resultados. Disco danificado de modo irreversível.

De repente sentiu que aquelas roupas eram repulsivas. Levantou-se e vestiu uma calça de moletom e uma camiseta de seu guarda-roupa. Jogou as que tinha recebido no cesto de roupa suja.

Esse pequeno esforço a havia exaurido. Deitou-se na cama e ficou olhando para o teto. Não conseguia ver nenhum caminho adiante, para além do momento atual.

5

Sarah Collins saiu da tenda que cobria o corpo do policial Hadley Matthews. Baixou o macacão forense até a cintura, tirou as luvas de látex e pegou seus cigarros. Finalmente, os dois corpos estavam prontos para ser ensacados e transportados.

Junto ao cordão externo ainda havia curiosos. O que ainda estavam esperando?, pensou. Não havia mais nada para ver, a não ser as tendas, os policiais e os peritos se movimentando com macacões forenses. Mesmo assim, era a festa de rua que sempre acompanhava as catástrofes. Rapazes mestiços e brancos, usando agasalhos com capuz, brincavam e davam trabalho ao policial uniformizado junto ao cordão de isolamento. Uma senhora idosa, usando hijab e um cardigã, olhava a área diante do prédio com uma concentração fixa. Sarah mandaria um policial garantir que os dados daquela mulher fossem anotados. Um homem branco usando calças e botas sujas de tinta, certamente um pintor de paredes, filmava tudo pelo celular. Um cinegrafista de TV também se demorava, provavelmente esperando conseguir imagens dos corpos sendo postos nas vans e levados embora. Sarah deveria alertar a equipe da perícia sobre ele. Poderiam dar marcha à ré com a van até as tendas, escondendo os sacos de cadáveres.

Acendeu o cigarro e foi para o seu carro. Pegou o bloco e, encostada no veículo, olhou a lista de ações. Havia um retângulo riscado em volta das palavras “policial Lizzie Griffiths”. A jovem policial que estivera na cobertura devia ser sua próxima prioridade.

Sarah se comunicou pelo rádio com o Controle e esperou no canal de reserva enquanto o plantonista verificava o despacho.

— A policial Griffiths não foi para o hospital, sargento.

— Não foi para o hospital?

— Não, sargento.

— Certo, o que está escrito no despacho? Para onde ela foi?

Sarah coçou a testa, irritada, enquanto esperava que o plantonista retomasse o contato. Por fim o rádio estalou.

— A policial foi dispensada do serviço. O despacho diz que um carro a levou para casa.

— Para casa? Quem autorizou?

— O oficial de serviço, sargento. O sr. Shaw.

Sarah jogou o cigarro no chão e acendeu outro com apenas uma das mãos.

— Certo. Obrigado, Controle. — Em seguida digitou no celular. — Steve, Lizzie Griffith, a policial...

— Tudo bem, Sarah, eu também liguei pedindo uma atualização. Tentei falar com ela na ambulância, mas o paramédico disse que ela não estava em condições. Parece que está sozinha. Só Deus sabe o que o Shaw pensou. Estou indo para lá; na verdade, estou entrando na rua dela agora mesmo.

— Graças a Deus. Leve-a à Victoria House. Não queremos que Lizzie chegue perto da delegacia dela. Vou te encontrar assim que tiver falado com o Baillie.

6

Lizzie tinha entrado num estupor e levou um susto com a batida na porta da frente. Por um instante, ficou imobilizada. Então começou a agir depressa, jogando o celular, uma calça, duas camisetas e um comprovante de residência numa mochilinha. A aba da caixa de correspondência se levantou silenciosamente e ela fez uma pausa. *Então é um policial que está junto à porta.* Não havia acesso ao seu quintal pela frente do prédio. Ela ficaria bem se agisse rapidamente.

Uma voz masculina gritou no corredor:

— Lizzie?

Lizzie parou de se mover, esperando que ele não percebesse que ela estava em casa. Depois de uma pausa, a voz continuou:

— Lizzie, sou eu, o Steve. Está lembrada? Falei com você na ambulância...

A fenda da correspondência se fechou. Lizzie se abaixou e calçou silenciosamente um par de tênis, mas, enquanto fazia isso, seu telefone começou a tocar. *Erro de principiante.* Ouviu a fenda da correspondência se abrindo de novo.

— Lizzie, eu sei que você está aí. Ouvi seu celular tocando.

Lizzie enfiou a mão na mochila e pegou o celular. Rejeitou a chamada e o desligou. Então jogou a mochila no ombro e foi rapidamente para o corredor. Precisava passar por ali para sair pela porta dupla que dava no quintal. Podia ver os dedos de um homem branco segurando a fenda da correspondência aberta. Escutou a voz dele outra vez.

— Não seja ridícula, Lizzie. Estou vendo você. Isso parece terrível, eu falando com você pela porta e você fugindo. É uma tremenda idiotice, para começo de conversa. O que é que vão pensar da gente?

Ela hesitou. Ele falou de novo:

— Lizzie, olha, eu entendo. Você está se sentindo péssima. Ainda está em choque. Fique e converse comigo. Você pode confiar em mim...

Ela deu as costas para a porta e começou a correr. Podia ouvir o som inconfundível do detetive tentando forçar a entrada atrás dela. A porta estava se sacudindo. Em menos de um minuto ele entraria na casa. Rapidamente, ela abriu a porta dupla e saiu para o jardim. A entrada lateral era protegida por uma cerca alta. O portão no fundo dava no parque. Ela o destrancou e puxou o capuz do agasalho sobre a cabeça. O sol começava a se pôr. O céu desbotado da cidade estava riscado de trilhas de nuvens cor-de-rosa. Ela se pôs a correr, atravessando o parque que começava a escurecer e se virando para a rua principal.

Seu banco já havia fechado. Ela sacou o máximo de dinheiro possível no caixa eletrônico. Parou, olhando instintivamente para cima e para os lados, procurando câmeras de circuito fechado. Então concluiu que isso não fazia a menor diferença.

Saiu da rua principal e correu cerca de um quilômetro e meio pelas ruas secundárias, em direção aos escritórios embaixo dos arcos da ferrovia.

7

Um policial comunitário indicou a direção certa para Sarah Collins. Baillie tinha requisitado uma sala na delegacia de polícia de Farlow, no final do corredor do andar de cima. Enquanto atravessava a delegacia carregando o laptop pesado e antigo e sua pilha de papéis, Sarah podia sentir os olhos dos policiais examinando seu crachá. Metade da porta da sala era de vidro, e antes de bater ela viu o inspetor Shaw. Ele estava sentado, de costas para ela e voltado para a mesa onde, presumivelmente, Baillie também estava sentado, mas fora do campo de visão. Sarah hesitou, depois bateu na porta e entrou.

Baillie sorriu para ela.

— Sarah.

— Chefe.

O inspetor Shaw tinha se levantado e se virou estendendo a mão para Sarah. O botão de cima de sua camisa estava aberto e a gravata do uniforme, enfiada no prendedor na camisa. Parecia exausto, mas era um homem bonito, percebeu ela. Alto, atlético. Cabelo riscado de grisalho.

— Sargento. Collins, não é?

Ela sentiu o olhar do chefe observando-a.

— Sarah — disse, apertando a mão de Shaw.

— Sarah. — Ele fez uma pausa. — Kieran. — Em seguida, sinalizou para ela ocupar a cadeira onde ele estivera sentado. — Não, por favor, sente-se. Estou de saída, mesmo. Só estava colocando o seu chefe a par de tudo antes de deixar o serviço. A não ser que você precise de alguma coisa de mim.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Ele se virou para o inspetor-chefe.

— Com sua permissão então, senhor?

— Sim, obrigado pela ajuda.

Shaw se virou para sair, mas hesitou.

— Olha, Sarah, desculpe se a gente teve um começo ruim. Eu também estava em choque.

Ela assentiu.

— Sim, claro.

— Nunca tinha perdido um policial.

— Verdade, entendo completamente. É terrível.

Houve uma pausa.

— Mesmo assim, não há desculpa para eu não ter sido profissional. Como é mesmo que diziam no curso de formação? — Ele esboçou um sorriso. — A gente só tem uma chance de causar uma primeira impressão? — Em seguida, sorriu de maneira complacente diante do clichê desgastado. Era uma referência a uma experiência compartilhada, o curso de formação, anos de trabalho policial, talvez um apelo à boa vontade de Sarah, mas ela pareceu incomodada diante da confiança dele. E o clichê servia para os dois lados. Obviamente, ela também causara uma primeira impressão, e tinha certeza de que ele não havia gostado.

— É — disse, tentando um sorriso. — Isso mesmo.

— Está recebendo toda a ajuda necessária? Minha equipe está cooperando?

— Está, obrigada.

— Então vou deixar vocês dois. Se precisarem de alguma coisa, me liguem.

— Pode deixar, obrigada.

Os olhos de Sarah se viraram involuntariamente para o inspetor-chefe. Ele captou seu olhar e o sustentou enquanto a porta se fechava atrás de Kieran Shaw.

— Não gosta muito dele? — perguntou Baillie.

Sarah deu de ombros.

— Não tenho opinião formada. Ainda não conheço o sujeito.

Os dois demoraram um instante para plugar o laptop e fazê-lo funcionar. A senha representou a dificuldade de sempre, mas o programa acabou abrindo. Os dois se inclinaram por cima do computador.

Primeiro: imagens saltadas, de câmeras de circuito fechado em cores. Farah e Ben num ônibus. Uma adolescente de pele escura usando uma camiseta com estampa de gato e um menininho com fantasia de urso. Farah segurando a barra vertical. O menino sentado, mas perto dela num dos bancos altos da frente. Passageiros entrando e saindo. Farah fazendo Ben descer do banco em três imagens entrecortadas. Então, num arquivo diferente: câmera de segurança da prefeitura, em preto e branco. Farah e Ben andando de mãos dadas pela frente do prédio. Agora perto da entrada. Depois uma visão remota: a figura magra de uma adolescente e um menino atravessando a praça central. Uma câmera oficial do bairro mostrava duas viaturas entrando separadas no terreno do prédio. As luzes do teto piscavam, embranquecendo os tons de cinza da filmagem.

A tela ficou preta. Sarah fechou o programa.

Baillie perguntou:

— Só isso?

— Sim, senhor. Foi tudo que conseguimos recuperar até agora.

— Mesmo assim, não foi ruim. Tem alguma coisa a dizer sobre isso?

Sarah pegou o maço de papéis que tinha deixado no assento da cadeira. Entregou-os a Baillie.

— São só os horários, senhor.

Um traço de cautela, algo que geralmente não aparecia, perpassou o rosto de Baillie, e Sarah pensou: *Ninguém chega a inspetor detetive chefe sem um pouco de aço na alma*. Ele se sentou diante da mesa, pôs os óculos de leitura e olhou os papéis. Depois de um minuto tirou os óculos e os segurou com a mão direita. Olhou para Sarah.

— Vai ser mais rápido se você explicar isso.

— O primeiro impresso, senhor, no topo da sua pilha. O telefonema para a emergência mostra que a mãe do menino, a sra. Stewart, ligou para a polícia às 15h48 para informar que Ben havia desaparecido. Às 15h51, o incidente é transmitido pelo rádio com uma descrição do menino e um pedido para policiais irem ao endereço da casa fazer o registro. Na ocasião, ninguém sabia onde Ben estava. Provavelmente já na Portland Tower com a garota, Farah. Temos imagens deles já no ônibus antes de a mãe ligar para a emergência. De qualquer modo, a unidade informou que Ben era uma pessoa desaparecida com alto risco. Às 15h54, o inspetor de serviço manda unidades realizarem uma busca da área em volta do endereço do menino.

Baillie folheou os papéis.

— Certo.

— Se o senhor virar para o próximo despacho... Às 15h53, foi aberto um novo relatório. É alguém ligando para a emergência. Ele viu algumas pessoas na cobertura da Portland Tower. O informante não descreve bem, mas tem certeza de que são duas pessoas e acha que uma delas pode ser uma criança. Ele correu para casa, para dar o telefonema, e não conseguiu mais ver a cobertura. Isso foi transmitido pelo canal principal às 15h56. O telefonema foi tratado imediatamente como risco iminente de suicídio, e às 16h foram despachadas duas unidades em viaturas. Até aquele momento, ninguém havia associado os dois incidentes, pelo menos oficialmente.

Sarah sentiu os olhos de Baillie voltando-se para ela. Pegou-se engolindo em seco antes de continuar. Era importante não parecer nervosa.

— Bom, nem o policial Hadley Matthews nem a policial Lizzie Griffiths estão no registro como tendo sido postos para atender a nenhuma das duas chamadas, senhor. Eu examinei a tabela do plantão, este é o quarto impresso, senhor. O policial Matthews estava designado para uma morte não suspeita e é mostrado indo para essa chamada. A policial Griffiths é mostrada na delegacia, indisponível. O sargento nos contou que ela foi designada para preencher um documento importante para o tribunal. Não há nenhuma indicação do motivo para ela abandonar subitamente o documento e dirigir uma viatura para a qual, por acaso, ela não tinha autorização.

Sarah continuou:

— Se o senhor voltar ao despacho anterior... Às 16h07, a primeira unidade que atendeu à chamada para a Portland Tower notifica o Controle que chegou. Às 16h09, essa mesma unidade se comunica pelo rádio. O policial consegue ver três pessoas na cobertura. Duas juntas e uma mais isolada. A figura mais distante está usando uniforme da polícia. O policial no chão identifica essa pessoa, com cautela, como o policial Matthews. O Controle tenta se comunicar com o policial Matthews pelo rádio. Não há resposta. Então, se o senhor pegar o registro de rádio, no final da pilha, verá que às 16h10 o policial Matthews desliga o rádio dele.

Baillie pousou os papéis na mesa.

— Sarah, onde isso vai dar?

— Senhor, os horários deveriam ser apenas o registro usual de uma equipe respondendo a uma emergência. Mas os despachos não parecem combinar com isso. Os registros dos movimentos do carro do policial Matthews indicam que às 15h57, sem notificar o Controle, ele se desviou do caminho para a tarefa designada. Isso foi apenas um minuto *depois* da transmissão do telefonema da pessoa informando sobre o risco de suicídio. Assim, no instante em que o comunicado é transmitido, Hadley Matthews decide mudar o trajeto. E deve ter dirigido feito um louco. Chegou à Portland Tower às 16h. Apenas quatro minutos depois de ouvir o informe sobre as pessoas na cobertura, e sete minutos antes da chegada de qualquer outro policial. Resumindo, senhor: o comportamento do policial Matthews e da policial Griffiths me parece irregular. Os dois chegaram rápido demais à Portland Tower.

Baillie ajeitou os papéis e os guardou na sua pasta do caso.

— Não parece muita coisa, para ser honesto. Se é um negócio suspeito, vou precisar de muito mais do que dois policiais chegando lá rapidamente.

— Claro. Entendo.

Não era uma hora boa para o telefone de Sarah tocar. O nome de Steve piscou na tela. Baillie balançou a mão indicando que ela deveria atender.

— Certo, está bem. Obrigada, Steve. Vou dizer ao inspetor-chefe. Estou com ele agora. Peça a Jez para obter um mandado fora do horário de

expediente. Falo com você daqui a pouco.

Ela desligou.

— Um mandado fora do expediente? — perguntou o Baillie. — Para quê?

Não havia como evitar.

— Senhor, desculpe. Tenho más notícias.

8

Lizzie conhecia esse lugar e sua grande placa laranja, mas nunca estivera lá dentro. Sabia que era onde os traficantes iam alugar carros quando tinham drogas para vender. O homem atrás do balcão se inclinou para longe dela, como se quisesse olhar melhor.

— Wolverhampton — disse ele.

— O quê?

— Você está usando as cores do Wolverhampton.

— Ah.

Ele pareceu satisfeito com a própria piada, se é que aquilo fosse mesmo uma piada, sorrindo sozinho como se tivesse dito algo muito engraçado. Demorou um tempo preenchendo a papelada e verificando a carteira de motorista de Lizzie.

— Não faz jus a você — disse, devolvendo a carteira e passando o olhar de aprovação nela. — Vai a algum lugar especial?

— Na verdade, não.

— Quer companhia?

Ela gargalhou e disse:

— Você está trabalhando.

— Saio daqui a pouco. Na verdade você teve sorte de pegar a locadora aberta. Estou esperando um cliente e depois vou embora.

Ele lhe passou a máquina de cartão de crédito. Lizzie digitou um número e depois balançou a cabeça. Como podia ter sido tão idiota? Tentou de novo, mas de jeito nenhum conseguia lembrar a senha do cartão.

— Não acredito — disse.

— Não tente de novo. Vai bloquear o cartão.

— Ah, merda.

— Tem algum outro cartão?

— Não. Será que devo arriscar outra vez?

— Você é que sabe.

— Você não aceita dinheiro?

— É contra as regras, querida. Preciso de um cartão para depósito.

— Droga. Vou a um enterro amanhã e tenho que chegar bem cedo. Preciso mesmo de um carro. O meu pifou de repente. Acho que é a embreagem.

— Sinto muito, querida.

— Se isso ajudar... — Ela pegou seu distintivo.

— Ah. Sei. — Ele absorveu o fato com uma espécie de desapontamento. — Eu nunca iria adivinhar. — E deu um olhar desconfiado, como se a aparência dela no distintivo contivesse uma informação tremendamente contraditória. — Você é uma daquelas policiais voluntárias, é? É bonita demais para ficar prendendo gente.

Ela sorriu.

— Olha, sei que não é o ideal, mas posso pagar em dinheiro e deixo o número do cartão de crédito para o depósito.

Ele bateu com o indicador na bochecha.

— Está bem. Por quanto tempo você quer o carro?

— Só dois dias.

— São mais de duzentas libras. Você tem todo esse dinheiro vivo?

Ela abriu a bolsa.

— Obrigada, de verdade. Você tem minhas informações e sabe que pode me achar. Afinal de contas, eu sou da polícia. Só que neste momento estou muito abalada.

Mesmo a essa hora da noite o tráfego estava lento. Os subúrbios passavam devagar: lojas de roupas fechadas, lojas vinte e quatro horas, de esquina, com

grades de metal, as vastidões de asfalto vazio dos estacionamentos das superlojas. As mãos de Lizzie tremiam ao volante.

Depois de uns quarenta e cinco minutos, parou e entrou num café que funcionava a noite toda. Havia um cheiro forte de fritura. Uma mulher gorda com um lenço de chiffon roxo na cabeça estava sentada no canto. Segurava um cachorrinho branco no colo. O cachorro tinha olhos rosados e chorosos e a pele aparecia através da pelagem. O homem parado junto ao balcão apagou rapidamente o cigarro e escondeu o cinzeiro. Balançou as mãos numa tentativa inútil de dispersar a fumaça.

— Desculpe, querida.

Lizzie balançou a cabeça.

— Sem problema. Torrada com manteiga e café, por favor.

— Só temos pão branco.

— Tudo bem.

À mesa havia um *Evening Standard* muito lido, provavelmente abandonado por algum freguês. Ela o desdobrou e viu que a matéria havia chegado à primeira página da edição da tarde. *Policial e adolescente caem para a morte*. O homem chegou com o pedido e ela largou o jornal. Ele enxugou a mesa com um trapo sujo.

— Parece que você precisa de um pouco mais do que café e torrada.

— Não, está ótimo. Parece delicioso.

Olhou a foto na capa do *Standard*. Era o clichê impessoal de sempre, mostrando uma cena de crime: fita de plástico azul e branco, o pátio de concreto, figuras com macacões forenses brancos e, ao fundo, a torre.

A chamada que havia se iniciado tantas semanas antes tinha vindo pelas ondas de rádio classificada como *Em breve*. Naquele dia, também, o tráfego estava lento e o carro da polícia avançava devagar. Não era uma emergência, não era algo que exigisse resposta imediata, era apenas um despacho importante do dia anterior que o plantão noturno tinha conseguido evitar. Uma atividade de rotina. Qualquer um poderia ter pegado.

No início da manhã, as ruas estavam ocupadas com quem tinha obrigações importantes: empregados indo para o trabalho, lojistas levantando portas de aço e arrumando bancas de legumes nas calçadas encharcadas. Os prédios altos, como agulhas num relógio de sol, lançavam sombras frias e afiadas nas ruas que acordavam. O nome da ubíqua rua Londres sugeria que a cidade não ficava aqui, e sim mais adiante: um lugar para onde ir, partindo de uma aldeia rural. Mas as ruas, com seus ecos pastoris, tinham se fundido na metrópole muito tempo antes. Heath Lane, Chase Road, The Green: era tudo concreto e asfalto, ladeado por lojas de comida *halal* para viagem, caixas eletrônicos, lojas de um e noventa e nove e lanchonetes Tesco Metro.

Lizzie virou a cabeça e leu: *Desbloqueie seu telefone aqui*. Esse era o lugar onde os ladrões iam oferecer seus produtos, BlackBerries e iPhones que tinham tornado os donos subitamente vulneráveis e temerosos. O local ainda estava fechado: os fornecedores das lojas deviam estar dormindo. Olhando as ruas frias, Lizzie os imaginou em seus porões vitorianos, casas da década de 1930, torres de apartamentos da década de 1970, dormindo sob os efeitos de brigas e crack tarde da noite. Mas a polícia estava sempre de plantão e acordava cedo. Despertadores os arrancavam da cama antes que a luz brotasse e eles se vestiam no outro cômodo para não acordar os parceiros. As viaturas percorriam as ruas sem objetivo, cinco de cada vez se juntando a qualquer chamada *Imediata* que promettesse ação. Policiais pairavam ao sol da manhã como corvos cansados, esperando para ver se eram necessários e sonhando com o café da manhã.

Lizzie poderia ter facilmente ignorado a chamada — como todos os outros carros tinham feito —, mas gostava de trabalhar e queria que a equipe soubesse que ela estava trabalhando, por isso havia se oferecido para o despacho pouco inspirador que todos os outros colegas evitavam.

— Vamos nessa? — tinha perguntado a Hadley, e ele havia acendido as luzes azuis só para fazer o tráfego abrir caminho e virar o carro na direção da chamada.

— Sim. Tudo bem. Por que não?

O número 5 da Kenley Villas fazia parte de um conjunto de casas vitorianas geminadas numa das ruas que vinham melhorando de nível no bairro — gente da mídia morando ao lado de traficantes. Uma rua que pedia encrença. Lizzie notou que a casa tinha uma porta grossa, estilo vitoriano — madeira de lei com vitrais nos painéis superiores.

Hadley desligou o motor.

— Vamos fazer isso e voltar para o café da manhã na delegacia — disse ele. — Veja se consegue resolver em quinze minutos. Vou ajustar o alarme no meu relógio. Se você conseguir, eu pago o café. Caso contrário, você paga.

Lizzie saiu rapidamente do carro. Hadley foi atrás, devagar. Num gesto de educação preventiva, ele puxou a calça para cima — um ato inútil, o cinto lutando na batalha sempre perdida contra a barriga. A pança tinha uma presença física tão sólida quanto uma melancia, e o corpanzil de Hadley criava a impressão de uma indolência estabelecida, não importando o quanto o chamado fosse urgente.

Carrie Stewart atendeu à porta. Estava agradavelmente desalinhada, de um jeito rico, educado: calça justa, cabelo louro preso atrás com uma echarpe, cardigã verde. Sem maquiagem, tinha o rosto bonito, levemente salpicado de sardas e cansado. Havia um cachorro, um spaniel, pulando atrás dela. Um menino com cabelo da mesma cor da mãe puxou o cachorro para trás pela coleira, dizendo:

— Charlie, Charlie.

O menino usava uma fantasia de urso. Ele olhou para os policiais, com as bochechas vermelhas de calor. O cachorro balançava o rabo, entusiasmado.

— Ele não quer tirar de jeito nenhum — disse a mulher, com a mão no ombro do filho. E foi andando na frente, pelas tábuas listradas do piso, passando por algumas fotos grandes em preto e branco emolduradas no corredor: crianças em balanços, com a perspectiva tornando os pés grandes, Carrie Stewart num terninho de linho branco e um chapéu exageradamente grande, a glamorosa encarnação do que estava implícito em sua casa e nas roupas. — Ele até quer dormir com ela. Não sei o que fazer.

Ela desceu o degrau que dava na cozinha.

— Posso servir um chá para vocês? — perguntou. A voz era grave e o sotaque era o que os policiais colegas de Lizzie chamariam de “polido”.

— Não, obrigado — disse Hadley.

— Um copo d’água seria bom...

As costas de Carrie estavam viradas enquanto ela pegava um copo. Lizzie notou que as prateleiras não tinham nenhum livro de Delis Smith nem de Jamie Oliver: estavam um pouquinho acima disso — capas gastas de River Café, um Marcella Cucina manchado de azeite. Espremidos entre eles havia romances, vencedores do prêmio Booker, um comentário sobre o Oriente Médio, uma história do Império Otomano. Através das janelas com caixilhos de madeira o quintal era sombreado. Pedra de Yorkshire salpicada de musgo. Um banco de ferro fundido; ao lado dele, no chão, um romance deixado de lado. Um canteiro de campânulas ainda sem flores. Um triciclo infantil de plástico. Hadley captou o olhar de Lizzie e bateu no mostrador do relógio.

Enquanto o copo se enchia de água, Lizzie pediu:

— Por que a senhora não me diz do que se trata?

Era um delito pequeno, que a sra. Stewart narrou com detalhes demais. Hadley parecia ter uma paciência de pedra enquanto a mulher pegava uma grande agenda pautada. Mas Lizzie não se enganou com os modos dele: Hadley tinha a paciência de um homem que tivera uma carreira longa suportando a idiotice dos outros. Lizzie viu nomes e mais nomes escritos com tinta preta em letras inclinadas. Carrie estava explicando: tinha anotado as datas e a frequência e a violência cada vez maiores dos danos causados à sua propriedade. Sabia quem estava fazendo isso: era seu vizinho. Desconhecia o motivo de ele ter se voltado contra ela. Sempre fora amistosa. Tinha cortado um arbusto de budleia que crescia no quintal dele. A árvore estava bloqueando sua luz. Mas não queria acreditar que era isso que o havia deixado com raiva. Bom, o quintal não era nem um pouco bem-cuidado e a budleia havia nascido sozinha. Era uma daquelas de um roxo claro que a gente via nos trilhos de trem. E ela só havia cortado os galhos que passavam para a sua propriedade. Tivera esse cuidado. Não havia jogado os galhos cortados de volta no quintal dele. Achava que a lei permitia, mas parecia grosseiro demais. Folheou a agenda. Hadley

atraiu o olhar de Lizzie e revirou os olhos para cima. Lizzie sabia que deveria apressar a mulher, mas não sabia como.

— Mais nada? — perguntou Hadley.

— Na verdade, não. Troquei uma palavra com o administrador habitacional do bairro. Tinha pedido para o vizinho tirar umas coisas dele da calçada. Ele havia largado as coisas ali e não era agradável passar por aquilo. Ele não fez nada. Não é pedir demais, manter a frente da propriedade limpa. Não gosto de interferir, mas não tive saída, a não ser fazer uma queixa formal. Na verdade, isso não foi grande coisa, não havia motivo para provocar esse comportamento.

— Há quanto tempo eles estão morando aqui?

— Ah, não muito. Um mês, talvez? Posso dar as informações sobre o administrador, se vocês precisarem.

— Não — disse Lizzie —, não será necessário, obrigada.

Hadley se remexeu na cadeira. Houve uma pausa.

— A senhora tem certeza de que é ele? — perguntou Lizzie.

— Absoluta.

Era o pior resultado possível. Uma disputa fervendo entre vizinhos; uma vítima bem-educada que não deixaria a coisa de lado com facilidade; um delito menor sem prova para sustentar uma prisão e uma acusação. Lizzie perguntou:

— A senhora tem alguma prova?

E aí estava a surpresa: Carrie tinha. Pela primeira vez ela se animou, e Lizzie a viu com a natureza decidida que estivera oculta sob seu jeito vago e cortês.

— Sim, tenho fotos. Gostariam de ver?

O Mac estava em cima de uma escrivaninha no quatinho da frente. Do lado de fora da janela, havia uma cerejeira dando flor. O protetor de tela passava imagens de férias de família. Um garoto plantando bananeira. Crianças brincando com um balde de plástico e uma rede perto de um rio largo e verde. Essa casa era um oásis, pensou Lizzie, um campo de força de superioridade social. Ela conhecia as estatísticas de criminalidade na região. Parecia uma loucura aquela família morar ali. No entanto, ali estava a classe média aventureira, colonizando, transformando, melhorando as escolas locais, fazendo

aumentar o valor das propriedades. E eles recebiam muito mais em troca do dinheiro.

— Por favor, sentem-se — disse Carrie.

Lizzie ocupou a cadeira em frente à escrivaninha. Hadley se espremeu na entrada, fazendo o portal de madeira parecer um desenho de quadrinhos e ele próprio uma versão mais amena do personagem Desperate Dan. Carrie se inclinou por cima de Lizzie, movendo o mouse e passando as imagens. Ali estava ele, o tal vizinho desconhecido. As fotos eram em sequência e conclusivas.

O homem era moreno, magro. Usava o uniforme das ruas: jeans, jaqueta com capuz e zíper, tênis. Estava com uma garota, uma menina de pele escura e cabelo comprido e encaracolado. Ela foi captada em ângulo, virando-se para longe. Numa imagem ela estava em três quartos para a câmera, o rosto inclinado para baixo. Seria bonita, não fosse alguma coisa captada de modo fugaz, algo atento, nervoso, no rosto. Parecia ter uns catorze anos. Pai e filha fizeram uma pausa nas fotos enquanto uma mulher passava com um carrinho de bebê. O pai olhou em volta. Pegou uma lata de tinta spray. Apontou para a cerca. Um close da palavra: *Sacanas*.

Era a imagem perfeita do delito. De repente, a questão tinha passado de um relatório sem graça para uma detenção fácil.

— E quem é a garota que está com ele? — perguntou Lizzie.

Carrie voltou as imagens. Ali estava a adolescente, uma figura pequena, morena, de pé, afastada da ação. Observando.

— Ah, é a filha dele — disse Carrie. — Acho que o nome é Farah. Uma pena ele estar atraindo a garota para isso.

— Posso? — perguntou Lizzie, pegando o mouse.

— Por favor, fique à vontade.

Ela deu um zoom na figura, mas a imagem da garota ficou turva e se fragmentou nos pixels que a constituíam.

O relógio de Hadley soltou um bip. Lizzie se encolheu.

— O que foi? — perguntou Carrie, levantando os olhos. — Vocês precisam ir?

Hadley captou o olhar de Lizzie e sorriu. Ela lhe devia um café da manhã.

— Não sei — disse Lizzie. — Não foi o meu relógio. Hadley?

Hadley sorriu de novo.

— Desculpe — respondeu animado. — Devo ter posto para disparar sem querer.

Carrie olhou para um e para o outro, como se sentisse que estava deixando de perceber alguma coisa.

Lizzie se levantou.

— Já tenho todos os detalhes.

Carrie recuou para o corredor.

— O que não entendo — disse, e de repente isso pareceu ser o cerne da questão, a coisa que de fato a incomodava. — O que não entendo é *por quê*. Por que ele está fazendo isso? É o que realmente me incomoda. Talvez, se a gente falasse com ele...

— É. Eu vou falar com ele.

— Sei disso. Mas imagino se, em vez disso... isso é, se vocês oferecessem algum tipo de mediação.

Hadley interveio:

— Somos da polícia. Lidamos com questões criminais. Não fazemos mediação.

O menino, ainda fantasiado de urso, estava parado no corredor atrás de Hadley, olhando cauteloso. Instintivamente, talvez sentido a mudança de tom, ele agarrou a perna da mãe. Lizzie pensou em como eles deviam parecer impressionantes para o menino, os dois policiais uniformizados, com algemas, latas de gás lacrimogêneo e rádios, conversando baixinho nesse cômodo pequeno à sombra da cerejeira florida.

— Tudo certo, Ben — disse a mãe, com um sorriso encorajador. — Esses policiais estão aqui para nos ajudar.

Diferentemente das outras casas que Lizzie tinha visitado, onde as crianças observavam cautelosas por trás das pernas dos pais ou a encaravam, os rostos inexpressivos com um ódio herdado, a criança dessa casa estava curiosa e confiante. Devia ter ouvido dizer que os policiais eram amigos. Essa era uma

parte vital da sua educação, algo essencial à sobrevivência. As pessoas da fronteira precisavam que os filhos confiassem na polícia. Precisavam que eles aprendessem a não lidar pessoalmente com as coisas, e sim procurar os homens de uniforme preto quando a situação fugisse do controle no ônibus ou quando outra criança tomasse seu celular numa esquina. O poder peculiar e implacável dos privilegiados era não descer ao nível das agressões físicas. Lizzie escutou o toque de clarim e se viu, junto com Hadley, como a improvável cavalaria passando pelo topo da colina. Coitado do pangaré que tivesse de carregar Hadley! Era uma imagem que também a fez se encolher: sua simpatia sempre fora pelos indígenas, e não pelos homens da fronteira juntando as carroças nos preparativos para se estabelecer numa pradaria que não pertencia a eles.

Uma mulher que havia batido na porta da casa de sua família, uma eternidade atrás, lhe veio à mente. Lizzie se lembrou de vê-la parada junto à porta com um sorriso tenso e franzido.

— Posso falar com sua mamãe ou seu papai?

Eles moravam numa casa geminada recém-construída, com vista para o que haviam sido terras agrícolas agora convertidas num parque municipal com espaço para jogos e exercícios. Comprar a casa tinha sido uma ascensão no mundo. Enquanto seu pai examinava a mulher, uma expressão de fúria satisfeita se acomodou nas feições dele.

— Os ciganos estão aqui há muito mais tempo do que essas casas — disse ele.

A mulher se remexeu, desconfortável, como se sua roupa de baixo estivesse apertada demais e ela não se sentisse à vontade para ajeitá-la.

— Mas por que eles não podem ser *limpos*? — protestou ela, numa rejeição ultrajada por ter sido posta com tanta firmeza, e tão inesperadamente, do lado errado.

— Desculpe — disse o pai de Lizzie, já fechando a porta. — A senhora trouxe essa petição à casa errada.

Lizzie olhou para o menino fantasiado de urso, parado no corredor. O que tudo isso teria a ver com ele? De repente ele disse “Mamãe” e levantou os braços. Enquanto Carrie pegava seu ursinho calorento, como o sol sendo

revelado por um sopro de ar, de súbito Lizzie viu a coisa de modo diferente e sentiu vergonha. Como essa mulher estava amedrontada com o ódio aleatório e inexplicado de seu vizinho! Por acaso a coisa não era complicada. O homem morava ao lado. Carrie Stewart estava em casa com uma criança pequena: era um alvo fácil. E não era nenhuma invasora — tinha mais probabilidade de ter nascido em Londres do que o homem que a perseguia. Só queria proteger sua família — o menino fantasiado de urso — de um ódio misterioso. Era a sua casa e ela tinha todo o direito de viver nela sem medo.

— A senhora ligou para a polícia — disse Lizzie. — Na verdade, a senhora não quer mediação. Quer que isso pare. Não quer ficar sentada conversando com o infrator: não quer ter mais nada a ver com ele. Quer que ele a deixe em paz e deixe sua família em paz. É por isso que ligou para a polícia e é para isso que estamos aqui. Vamos fazer algumas diligências e procurar uma forma de prendê-lo. Vou mantê-la informada.

Carrie sorriu com alívio. Era um sorriso que prometia confiança e convicção.

— É, a senhora está certa. Claro que está. Muito obrigada.

— Mediação — tinha murmurado Hadley com desprezo enquanto deslizava para trás do volante e ligava o motor. — Ela podia ter tentado conversar com o vizinho antes de procurar a porcaria do administrador habitacional do bairro. Ela não sabe nada?

— É, mas acho que ela disse que tentou falar com ele...

— Sabe de uma coisa, Lizzie? No fim das contas, quem se importa? Não precisamos complicar as coisas: dano ao patrimônio, prisão e acusação. — Ele fez uma pausa, depois riu alto. — Mediação! Você vai ver. No fim, Carrie Stewart não vai ficar satisfeita nem se ele for enforcado. Vai ficar feliz em ela própria chutar o banquinho.

9

O crepúsculo era de um laranja urbano manchado. Sarah Collins prendeu a sirene azul no teto do veículo e saiu do pátio. Faróis a iluminavam enquanto ela fazia um progresso constante através de Londres.

O desaparecimento da policial Griffiths devia ser a oportunidade que Baillie estava esperando. Isso lhe dava uma vantagem.

— Pelo amor de Deus, Sarah, você não podia ter ficado grudada nela? O que você estava pensando?

E, apesar de Sarah saber que poderia ter tentado se defender — afinal de contas, Shaw, e não ela, tinha mandado Lizzie para casa —, um lugar calmo dentro dela aceitava que Baillie tinha alguma razão. Todo policial que ela conhecia iria concordar que Sarah havia afastado os olhos da bola. Não tinha ficado grudada em Lizzie Griffiths, o que — olhando para trás — agora parecia a coisa mais importante a se fazer. Esta havia sido a ordem de Baillie: encontrar a maldita policial antes que mais alguma coisa desse errado. Ele havia se permitido perder um pouco as estribeiras. Talvez fosse só da boca para fora, talvez não.

— E enquanto estiver com a mão na massa, descubra o que aquele policial gordo, coitado, estava fazendo na cobertura do prédio. Não me entenda mal, Sarah. Faça um bom trabalho. Mas mesmo assim eu gostaria que você não demorasse muito. Logo, logo vamos ter que organizar o enterro e todo mundo vai estar ansioso para saber se a polícia fez tudo que devia. Da minha parte, eu gostaria de poder ficar na frente da placa giratória da Scotland Yard e dizer alguma coisa boa e à prova de questionamentos. Caso não tenha percebido, os

jornalistas também estão muito ansiosos para saber o que está acontecendo. Só estão fazendo o trabalho deles, claro. Mas, para ser sincero, não creio que a sua estratégia de não dar informações a eles vá funcionar por muito tempo. O único comunicado que posso oferecer neste momento é que, depois dos acontecimentos trágicos de hoje na Portland Tower, nossa única testemunha, que por sinal é uma policial em serviço, se extraviou. Isso não é bom, Sarah. Não é bom.

A rua do lado de fora do apartamento de Lizzie Griffith estava engarrafada com carros policiais não caracterizados. A porta estava só encostada e Sarah entrou sem se anunciar.

No interior do imóvel, todas as luzes estavam acesas. Era um apartamento pequeno, mas bem-arrumado. O mandado e o livro de registro de busca domiciliar estavam no sofá. Todo mundo trabalhava em silêncio, os policiais, todos com macacões forenses, procuravam sistematicamente. Gavetas e armários estavam sendo revirados. O laptop de Lizzie tinha sido posto numa escrivaninha com prateleira retrátil e havia um técnico na frente dele. Um detetive examinava a correspondência. Outro, segurava uma camisola de seda cor de damasco e uma calcinha combinando.

— Bonita — comentou ele.

Alguém tossiu. O rosto do detetive congelou: ele não tinha percebido que Sarah estava no apartamento.

Ela falou como se estivesse conversando com uma criança:

— Não, Jez, isso não vai caber em você. Agora guarde de volta.

Houve um riso curto vindo de outro policial. Steve disse:

— Vou lá fora fumar um cigarro.

Sarah o acompanhou. Acendeu dois cigarros e entregou um a ele.

— Vício imundo — comentou Steve, tragando com satisfação.

Sarah concordou, tragando também:

— É mesmo.

À luz da lâmpada do poste, o rosto de Steve tinha a aparência de uma sacola de papel usada. Ele fedia a cigarro. O dedo médio da mão direita estava

manchado de amarelo. O sujeito era uma ruína, física e emocional: divorciado e devidamente obrigado a pagar pensão alimentícia. Tinha desistido, muito tempo atrás, de qualquer forma de otimismo com relação à raça humana. E, de um modo curioso, Sarah admitia que o amava. Não o tipo de amor que ia parar na cama ou num passeio de mãos dadas na praia. Não, era puro amor de detetive. Uma variação do tipo de reconhecimento que os donos de fuscas experimentavam ao piscar os faróis uns para os outros.

— Ela não atendeu quando bati na porta — disse ele. — Olhei pela fenda da caixa de correio. Quando vi que ela estava fugindo, arrombei a porta. Achei que poderia dar um jeito de justificar isso. Senti um medo genuíno pela segurança dela, sei lá. Melhor do que perdê-la, de qualquer modo. Quando finalmente consegui entrar, ela tinha ido embora. A porta do quintal estava aberta. Rodei de carro por aí, mas não a encontrei. — Ele inclinou a cabeça em direção à cerca alta de madeira que bloqueava a entrada lateral do quintal. — Há alguns anos, eu poderia ter pulado isso, mas agora essa coisa é alta demais para mim. Estou ficando velho. Não fui suficientemente rápido.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Sinto muito, Sarah.

As palavras de Baillie ainda ressoavam nos ouvidos dela.

— Não se preocupe — disse. — A culpa é minha.

Houve silêncio por um momento.

— O carro dela está ali. — Steve apontou para um pequeno Golf bem-cuidado, com cinco anos, mas em boas condições.

— Então ela deixou o carro. Isso é alguma coisa, acho. Talvez não esteja planejando sair de Londres. Você tentou ligar para ela, claro.

— Umas duas vezes antes de dar a volta. Agora o telefone está desligado. A ligação cai direto na caixa de mensagens.

Sarah suspirou.

— Porra.

— Porra mesmo. Como foi com o Baillie?

— Como era de se esperar.

Steve deu mais uma tragada.

— Pois é. — O cigarro se enrugou, vermelho. Estava queimado quase até o filtro. — Pode não ser nada, Sarah. Ela pode ter ido fazer compras.

— Compras?

Ele gargalhou.

— Certo, é improvável...

— Mas pode ser um desaparecimento temporário, sim. Talvez ela só tenha ido dar uma caminhada para arejar a cabeça. Mas, se não for temporário, nós sabemos que tipo de risco ela está correndo? Por que ela sumiu? Alguma chance de ela se matar? O que a gente sabe sobre essa mulher?

— Não muita coisa, por enquanto. Ela é nova no serviço: acabou de sair do período de testes.

— Algum problema relacionado a ela?

— Não no trabalho. Foi a melhor aluna da turma. Não tem nada na ficha, a não ser um elogio da administração regional pelas ações quando foi a primeira a chegar numa cena de agressão sexual. Na época ela só tinha seis meses na função. E parece que vai receber mais um elogio. Assassinato doméstico.

Sarah soltou o ar.

— Certo. E a família dela?

— Uns policiais do condado foram falar com a mãe. Ela não teve notícias. Tentou ligar, mas Lizzie não atendeu. Disse que a filha, na melhor das hipóteses, não é boa em manter contato. Parece que as duas não são tão próximas.

— E o pai?

— Morreu.

Sarah se pegou inexplicavelmente furiosa. Tinham se passado apenas algumas horas e um dos principais elementos da investigação havia desaparecido.

— Temos as informações bancárias dela? Podemos fazer uma busca de cartão de crédito?

— O pessoal do financeiro está cuidando disso. Teremos um pacote de informações completo amanhã cedo.

— É tarde demais para começar a verificar câmeras de circuito fechado? Alguém já tentou?

— Já, o Carl foi até lá. Eles já fecharam. Neste distrito o serviço não funciona vinte e quatro horas.

— Certo, precisamos decidir quem fica e quem vai embora. Você deveria ir. Não faz sentido trabalhar de barriga vazia. O chefe nos quer alegres e radiantes às oito para uma reunião.

— Vou ficar bem. Eu ia dormir na Victoria House, mas se você vai comandar a busca, vou para casa.

Steve ofereceu outro cigarro. Sarah balançou a cabeça.

— Não existe substituto para a comida, você sabe.

Steve acendeu o dele.

— Eu consegui *ver* a Lizzie pela fenda da caixa de correio. Não consigo acreditar, porra.

— Esqueça isso. Olha, vou ficar e supervisionar a busca. Mas você poderia trocar uma palavrinha com o Jez antes de sair. Diga para ele não se comportar feito um escroto.

10

Dirigir havia se tornado um consolo. Lizzie seguiu as placas em direção à estrada. Não tinha nenhum destino específico, mas mesmo assim queria dirigir depressa, como se pudesse escapar da própria mente. Por um momento, pensou em ir para Dover e atravessar o canal da Mancha, onde não haveria limite para a viagem nem um mar para contê-la. Mas o controle de passaportes, com suas possibilidades de identificação, a fez mudar de ideia. Pensou em como aquilo devia funcionar. Será que eles adicionariam um sinal de alerta em seu nome? Por enquanto, parecia mais importante ganhar alguma distância em relação às pessoas que, ela sabia, já estavam procurando uma solução rápida. A questão se comprimia dentro dela, causando desconforto. Mudava de forma, aparecendo numa hora de um jeito e em outra de outro, mas principalmente condensada em imagens: um rosto, uma sombra num corredor. E aquela citação de *Os intocáveis*, terrível, idiota, catastrófica, que ressoava nos seus ouvidos:

É que nem um carcamano — traz uma faca para um tiroteio.

Pegou a pista de acesso e pisou fundo. O carro rugiu com a aceleração. Campos e florestas passavam a toda velocidade. Ela queria fechar os olhos. Depois de cerca de uma hora, pegou uma saída para uma estrada secundária. Rotatórias. Uma revendedora de veículos. Cavalos, formas escuras movendo-se no breu de um pasto. Tinha encontrado o caminho até uma cidade à beira-mar e serpenteou pelo tráfego. Estacionou em paralelo ao litoral. O mar negro batia contra o cascalho. Uma mulher empurrava um carrinho de compras cheio de sacolas de plástico pelo caminho de concreto. Lizzie a deixou passar e depois

foi andando pelo cascalho barulhento em direção ao mar inquieto. Um tênis de corrida balançava para trás e para a frente na borda espumosa da maré.

Ela fechou os olhos e viu, como se num ciclo constante, um fundo repetitivo de janelas quadradas, céu azul e concreto, girando e passando, passando, passando. Não conseguia escapar daquele horror: caindo sem parar, de maneira irreversível, até que o concreto duro chegava.

O último vislumbre deles na borda.

Abriu os olhos e sentiu o vento frio neles. Viu o mar escuro e brilhante. Engoliu em seco e desejou que fosse o sonho de sempre: aquele que terminava com um solavanco e o despertar.

Havia perda, claro, mas também raiva. Admitia isso. Uma raiva avassaladora, sem sentido, procurando algo em que se apegar. Uma raiva amarga no final, principalmente contra ela própria, como se pudesse ter evitado facilmente a coisa que a havia desfeito. Parecia uma espécie monstruosa do tipo de desatenção que deixava um copo escorregar entre os dedos e o via se despedaçar num piso de pedras. A memória da cobertura voltou sem amarras e ela se encolheu, incapaz de suportá-la. Não era desatenção; isso não estava totalmente correto.

Bom, as vidas das pessoas se extraviavam. As ações tinham consequências não intencionais.

Lembrou-se de uma colisão fatal, à qual tinha atendido. O carro nem estava em movimento. A motorista era uma mãe com os olhos remelentos, distraída pelo longo período de privação de sono. Tinha acabado de prender seu bebê de um ano no banco de trás do carro e pensado em lhe dar um pouco de leite para a viagem. Tinha aberto a porta do lado do motorista. Nada. Além. Disso. A ciclista era jovem. Uma estudante numa bicicleta com livros no cesto de vime preso embaixo do guidom. Estava bem-arrumada, com um vestido de bolinhas azuis: saia ampla, um cinto largo de couro em volta da cintura estreita. *Arrumada* era a palavra certa, como se já estivesse preparada para o caixão. Afora o ferimento na cabeça, não havia nenhuma marca da batida. Tinha sardas no nariz pequeno e nos braços pálidos.

Lizzie ainda podia ver aqueles símbolos do futuro brilhante da ciclista espalhados na rua. *A crítica da razão pura*, de Kant, era um deles. Também se lembrava do rosto da motorista, uma jovem mãe parada com uma expressão vazia como novembro. Distração fatal: foi como Lizzie rotulou aquilo em sua lista interna de coisas inesquecíveis já encontradas em seu breve serviço como policial. Será que ela cobriria sua própria conduta com a mesma ênfase? Esse pensamento doeu. Tentou se afastar do que havia acontecido, lutando para manter aquilo enfiado no fundo da mente. Era absurdo. Havia se juntado às legiões de pessoas que não tinham como fazer o relógio voltar.

A água fria penetrava nos tênis de Lizzie. A maré tinha subido sem que ela notasse. Havia um cheiro forte de sal e algas. O vento era cortante e o frio do mar atravessava os ossos dela. Suas mãos estavam congeladas. Afastou o olhar da água e se virou para a rua diante do mar. Havia luzes acesas nas janelas e faróis de carro varriam a praia. Imaginou os cafés da cidade, as pensões apinhadas de gente entediada em busca de abrigo, olhando o oceano escuro através das janelas sujas.

Tirou o celular do casaco e ficou com ele nas mãos. Era uma tentação. Não tinha certeza de como os telefones eram usados para rastrear pessoas — isso era da alçada do departamento de investigação criminal, e não dos policiais uniformizados. Será que a polícia podia localizá-la só porque o telefone estava ligado, ou será que ela precisaria fazer uma ligação? E até que ponto a localização seria exata? Será que isso iria iluminá-la em algum mapa eletrônico, um ponto de luz ali, naquela praia solitária? Sabia que não devia ser como nos filmes, onde os policiais apareciam minutos depois de um celular ser ligado em qualquer parte do mundo. Só podia supor qual seria a realidade de tentar fazer com que a polícia local reagisse rapidamente à descoberta de um telefone em St Leonards.

O celular estava frio e escuro nas suas mãos. Lizzie sentiu uma vontade louca de ligá-lo. Era como se a tela acesa lhe oferecesse algum calor primal, algum elo com outras pessoas. As mensagens de voz, de texto, até as listas de contatos poderiam colocá-la em algum lugar num mundo que tinha uma

matriz de conexões. Parada junto ao mar, imaginou-se escorregando para fora do mapa, como a *Voyager* viajando para o espaço muito profundo.

18 DE ABRIL

Sarah virou o carro para a rampa de concreto que descia até o estacionamento subterrâneo da Victoria House, mostrando seu distintivo junto ao portão e digitando sua senha. A construção era separada dos outros prédios da polícia, afastada, anônima. Não era um local de atendimento ao público, na verdade, não era um endereço para ninguém, a não ser as pessoas que trabalhavam ali. Ela não conseguia pensar em ninguém, em nenhum grupo, que gostasse dos policiais que investigavam policiais.

Seu despertador havia tocado às seis da manhã. Do lado de fora da janela ainda estava escuro, e tinha sido desesperadamente difícil ser lançada para fora do sono pelo toque insistente do alarme. Tomou uma chuveirada curta e quente. Quando saiu, o leite para o café tinha fervido e derramado em cima do fogão. Havia algumas vantagens em morar sozinha: lançou mão de uma tentativa ineficaz de limpar o fogão e depois desistiu. No caminho, pegou o que provavelmente acabou sendo o café com bolinho mais caro do mundo ocidental — tinha parado num local proibido e sido fotografada por uma câmera móvel num carro.

Um cheiro forte de torrada com manteiga a recebeu enquanto seguia pelo corredor até sua sala. Alguém manteve a porta aberta com uma colher na dobradiça. A janela também tinha sido aberta, e Steve estava de pé no telhado baixo, fumando. Um corvo saltitava cauteloso a uns trinta centímetros dele. Mais de um ano antes, Sarah tinha dado o nome de Sid ao pássaro e começado a domesticá-lo — ou talvez, admitiu, o pássaro é que a havia domesticado. Às vezes, Steve jogava coisas no bicho: o telhado estava cheio de maços de cigarro

e canetas velhas, que haviam sido seus projéteis. Em outras ocasiões, ela o vira jogar uma migalha de sanduíche para o pássaro. Ele parecia tratar Sid como um informante de baixo nível, com desprezo e amizade em proporções equivalentes.

Sarah colocou as chaves do carro na mesa e o corvo veio saltitando para a janela, com a cabeça de lado. Ela gritou para Steve:

— É a minha colher que está na porta, é?

— Sem comentários.

— A que horas você foi para casa?

— Não muito tarde. Por volta da meia-noite. Cheguei aqui há uma hora. Esbocei um documento informando em que pé estamos com a srta. Griffiths.

— Obrigada. Tenho tempo para um cigarro antes de subir?

— Desculpe. Ele já veio aqui, perguntando por você. Vamos tomar um café decente e fumar um cigarro quando você voltar. Você parece em frangalhos.

Sarah sorriu.

— Obrigada. Dizer a verdade, Steve, é sempre a melhor política. Eu te levo para o café e o cigarro, desde que não esteja a ponto de ser internada no hospital quando ele terminar comigo.

Baillie tinha se mudado para uma sala grande no sexto andar. Seu paletó estava num cabideiro de madeira. Ele usava uma camisa branca muitíssimo bem passada e uma gravata listrada de creme e azul-marinho. Sarah notou que os sapatos também eram muito bons.

O inspetor-chefe só havia ocupado o cargo recentemente, mas a sala, com sua visão grandiosa do Tâmis, já mostrava sua marca pessoal. Esperando enquanto ele lia o documento de Steve, Sarah olhou para a estante atrás da mesa, onde a foto emoldurada de um menininho louro, com uns oito anos, tinha recebido o lugar de honra. O garoto olhava para ela com uma expressão solene e segurava um peixe muito grande nas mãos pequenas e tensas. Somos pessoas normais, era o que a foto parecia anunciar: compartilhamos suas preocupações. Como poderíamos ser outra coisa que não normais, já que *aqui está o meu filho com um peixe grande*? Na mesa propriamente dita havia um

botão com a instrução para apertar em caso de pânico: o botão devia ser destinado aos outros.

Baillie largou o documento e levantou os olhos.

— E então, Sarah, nenhum uso do telefone, nenhuma movimentação financeira, nenhum veículo.

— Isso mesmo, senhor. Ela sacou trezentas libras num caixa eletrônico na Kilsby High Street às 19h32. Desde então, nada.

— E o telefone?

— Fizemos verificações urgentes. Nada. Deve estar desligado. Ela pode até ter se livrado dele.

— Ela está sob algum contrato?

— Sim, senhor.

— E a família? Amigos?

— A mãe não tem notícias. Por enquanto, não tivemos tempo para detalhar o estilo de vida dela. Estamos trabalhando nisso.

— E ela deixou o carro para trás?

— Sim, senhor.

— Vocês começaram a verificar as câmeras de circuito fechado?

— Jez está lá, com Alice. Eles só abriram às oito.

— Certo. Então ela não está usando o próprio carro nem o telefone. Não está com nenhum parente, pelo que sabemos. — Ele parou e olhou para Sarah.

— Correto?

— Infelizmente sim, senhor.

Baillie foi até a janela, olhando para o Tâmis. Sarah podia ver, atrás dele, o rio cinza e opaco, sinuoso e frio.

— Senhor, andei pensando na publicidade... Talvez devêssemos divulgar a notícia de que Lizzie está desaparecida. Ela é uma garota bonita, fácil de reconhecer.

Esperou enquanto Baillie estudava o rio. Por fim ele disse:

— Não, acho que não. Pelo menos por enquanto. Não sabemos o suficiente.

— Está bem, senhor.

Baillie se virou e observou Sarah com interesse, o fantasma de um sorriso surgindo no canto dos lábios.

— Você fica satisfeita com isso?

— Claro, senhor.

Ele sorriu.

— Você não *parece* satisfeita.

— Certo, bom. Olha, eu assumo toda a responsabilidade por...

— Mas essa não é a questão, Sarah. Já deixamos isso para trás.

— Obrigada, senhor.

Houve silêncio. Baillie esperou que Sarah continuasse. Ela falou com cuidado:

— A questão é que não sei o que está acontecendo com Lizzie nem quanto tempo temos. Eu não gostaria que ela sofresse alguma coisa nem que perdêssemos alguma prova. E prefiro não esperar até ela cometer um erro, porque ela é policial e podemos ficar esperando um bom tempo até isso acontecer. Ela provavelmente sabe muito bem como desaparecer sem deixar rastros.

— Sarah, Sarah, Sarah, espera, espera um minuto. Não precisamos que Lizzie Griffiths *cometa um erro*. Somos melhores do que isso. Vamos usar nossos recursos e vamos encontrá-la. Eu confio muito em você. Você não vai me procurar daqui a dois dias e dizer que ela ainda está desaparecida.

— Bom, obrigada pela confiança, senhor.

Ele sorriu de novo, mas mesmo assim, havia algo inegavelmente irritado em seus olhos.

— Você vai acompanhar a autópsia de Farah Mehenni hoje de manhã?

— Sim, senhor. Na verdade, sinto muito, mas o Steve e eu precisamos ir para lá agora mesmo.

— É melhor irem. Quando voltarem, quero uma atualização sobre o que estão fazendo para localizar Lizzie.

12

Lizzie se remexeu na estreita cama de solteiro e puxou os pés frios para junto do calor do corpo. Perturbada por lembranças súbitas, tinha dormido um sono entrecortado. Durante toda a noite, havia se encolhido para longe das bordas geladas da cama enquanto se esforçava para caber embaixo do cobertor pequeno demais. A luz da rua havia ganhado um tom arroxado ao atravessar as cortinas, e ela podia sentir as marcas de outras pessoas que tinham dormido antes naquele colchão. Acordara com uma sensação claustrofóbica: um dia, seu coração pararia de bater; o sangue não circularia mais.

Pôs as pernas fora da cama e os pés descalços evitaram o carpete pegajoso. No banheiro, a água do chuveiro de plástico vinha em um jato irritante que se alternava entre escaldante e gelado. O cheiro do ralo era maldisfarçado pelo desinfetante.

Tremendo, ela vestiu uma calça limpa e uma camiseta lavada.

Não havia outros hóspedes na sala de jantar. Caixas individuais de flocos de arroz e de milho estavam enfileiradas na toalha de papel lustroso como soldados de papelão num serviço de sentinela. Uma tigela de vidro abrigava pedaços murchos de toranja num líquido amarelo. Uma adolescente com pele manchada e esmalte descascado nas unhas se aproximou e perguntou se ela gostaria de um desjejum frito ou mingau.

Lizzie recusou os dois e pediu café.

— Quente, por favor — enfatizou. — E forte.

Para casa. A maioria das pessoas iria para casa.

A garota pôs um bule na mesa diante dela e sorriu.

— Fiz o mais forte que pude.

Lizzie não conseguia olhá-la diretamente. A garota a fazia lembrar a primeira vez que tinha visto Farah, a figura num corredor escuro. Baixou os olhos.

— Sim, obrigada. Muito obrigada.

Através da janela suja, registrou, sem enxergar, o tráfego passando na rodovia litorânea.

Kenley Villas, número 7; a casa ao lado da de Carrie Stewart. Hadley tinha insistido que parassem o carro da polícia virando a esquina, mas Lizzie achava que isso não fazia sentido. Afinal, os dois estavam uniformizados, de modo que os Mehenni saberiam que eram policiais. Poderia abrir a porta ou não.

Ela havia se ajoelhado e aberto a fenda da caixa de correio. Ainda podia sentir, como tinha sentido na ocasião, a pedra da soleira contra seus joelhos ossudos — dura e fria através da calça do uniforme. Pela abertura estreita e incômoda, podia ver o corredor vazio e escuro. Hadley, de pé ao lado, pôs a mão no seu ombro e a puxou um pouco para trás.

— Nunca ouviu falar do cão que não ladrava?

Ela se levantou e limpou os joelhos. Os dois se olharam. Lizzie imaginou um cachorro enorme batendo a cabeça contra a porta e riu pensando nisso e na citação de Hadley, intencionalmente errada, da fala de Sherlock Holmes. Com um sorriso contido, Hadley fingiu não saber por que ela estava rindo.

— E então? — perguntou ele. — O quê?

Lizzie forçou um rosto sério e bateu de novo.

— Polícia. Tem alguém em casa?

A porta se entreabriu. Olhos redondos e escuros, alertas como os de um camundongo, espiaram os dois. Lizzie se esticou em volta da porta meio fechada para ver. A mulher devia ter uns sessenta anos. Tinha lábios finos e escuros e pele marrom-clara. Usava um casaco de tricô verde e um lenço de cabeça com estampa verde e rosa. Hadley passou em volta de Lizzie,

empurrando-a delicadamente de lado. Pôs seu sapato, um grande Doc Martens preto, na soleira.

— O seu filho está? — perguntou. — O Younes?

A mulher balançou a cabeça e começou a falar numa língua que Lizzie não conhecia, mas achou que era árabe ou algo do gênero.

— Podemos entrar?

— Sim, sim — respondeu a mulher, mas não estava claro se tinha entendido a pergunta.

Hadley passou rapidamente, de lado, para o corredor. Ele era tão grande que a mulher foi praticamente comprimida contra a parede. Lizzie o acompanhou pelo corredor escuro e estreito. Hadley já havia empurrado a porta na parede lateral. Desapareceu na sala, deixando-a com a mulher. Ela era pequena e magra, usava uma saia escura e chinelos cor-de-rosa. Continuou falando, movendo a mão com tapinhas no ar, como se estivesse alisando alguma coisa. Era um movimento tranquilizador, sugerindo que estava acostumada a apaziguar os ânimos. Os ânimos de quem? Homens? Pessoas brancas? Policiais?

A mãe de Younes Mehenni estava perplexa, mas ao mesmo tempo estranhamente tenaz. Lizzie a acompanhou enquanto ela se virava e andava pelo corredor até a cozinha. A mulher ainda falava, mas agora também digitava um número em seu telefone. Lizzie ficou inquieta. Olhou em volta. A casa era estranha: seguia o mesmo projeto básico da de Carrie Stewart, que ficava ao lado, no entanto, provocava um sentimento totalmente diferente em Lizzie. Parecia que essa mulher só vivia na superfície do lugar e de jeito nenhum havia penetrado no cerne. Era uma coisa mútua: a casa também não tinha nenhum efeito sobre ela. Ela parecia se mover pelos cômodos como se transportada de sua cidade no norte da África por uma tela verde de chroma key.

A cozinha, como o corredor, era escura. Tinha cheiro de comida estrangeira. Apesar da roupa para lavar que estava no chão e dos pratos sujos na pia, o cômodo não parecia realmente habitado. Era como se a família pudesse ir embora em questão de minutos e jamais ser encontrada de novo. O piso era de linóleo barato, um padrão floral amarelo, resquício dos anos 1960. As superfícies de trabalho eram de fórmica com acabamento em laminado de

pinho. Otimismo de outra pessoa, permanecendo muito depois de seus autores terem desaparecido. Não havia quadros nas paredes, nem livros, nem pistas da vida interior do lugar.

A sra. Mehenni entregou o telefone a Lizzie.

— Sim, quem é você? — A voz era feminina, com sotaque forte, e raivosa.

— Sou policial.

— Eu *sei* disso. Qual é o seu nome?

— Policial Griffiths.

— E seu número?

— 611DW.

— Anotei isso, policial Griffiths. Agora diga o que está fazendo aí.

— Quem é você?

— Você está na casa da minha mãe. Quero que saia.

— Sua mãe é a sra. Mehenni?

Silêncio.

— Precisamos falar com seu irmão, Younes.

— Sobre o quê?

— Não sei se posso discutir isso...

A sra. Mehenni estava falando alto e gesticulando para o telefone. Lizzie entregou o aparelho para ela. Houve um toque da campainha e ela se virou para ver quem estava ali. Mas a sra. Mehenni estava devolvendo o telefone a Lizzie quando foi contida pela voz raivosa do outro lado da linha.

— Minha mãe disse que Younes não está aí. Pode procurar no quintal, se quiser.

A sra. Mehenni tinha aberto a porta dos fundos e estava sinalizando para Lizzie sair. Do outro lado do corredor, Lizzie escutou o estalo da porta da frente se abrindo. Olhou por cima do ombro. Hadley estava parado junto à porta. Logo depois do corpanzil dele dava para ver a figura magra de uma garota vestida com uniforme escolar. Lizzie não conseguia se concentrar na recém-chegada: a sra. Mehenni estava falando, e, pelo telefone, Lizzie escutava a outra voz distante, imperiosa e borbulhando de desdém.

— Você já foi lá fora?

Lizzie saiu para o quintal. Era um lugar abandonado, úmido e frio sob um céu nublado. Lajes de concreto no pavimento, que dava para ver que já haviam sido amarelas e cor-de-rosa, estavam manchadas de verde-acinzentado pelo líquen e pela chuva. No canto havia uma caixa de areia abandonada cheia de água da chuva. Por cima da cerca dava para ver o triciclo vermelho de Ben Stewart tombado. Uma gota de chuva caiu no romance largado ao lado do banco de Carrie. Outra gota caiu na mão de Lizzie.

— Não tem ninguém aí? — Pelo telefone, Lizzie escutou de novo a voz cheia de escárnio. — Agora que já olhou tudo, por favor, vá embora. Você está incomodando minha mãe.

— Será que você pode dizer à sua mãe que precisamos falar com seu irmão? Ela sabe onde ele está?

Subitamente, houve o som pesado da chuva caindo. Lizzie recuou para a cozinha. A voz do outro lado do telefone continuou:

— Me deixa falar de novo com minha mãe.

A sra. Mehenni falou com a filha numa torrente, antes de entregar o telefone de volta a Lizzie, com alguma urgência. A inundação de palavras trocadas entre mãe e filha foi traduzida por uma declaração breve:

— Minha mãe não sabe onde meu irmão está.

— Alguma de vocês pode dizer ao Younes que precisamos falar com ele? Será que ele pode ir até a delegacia?

— Nenhuma de nós fala com ele há mais de uma semana. Não sabemos onde ele está. Se você não sair imediatamente, pode esperar uma acusação formal.

Hadley estava parado na porta da cozinha. Olhava com um ar de ceticismo, e Lizzie sentiu uma irritação súbita. Não se sentia no controle e achava que não tinha nenhum entrosamento com Hadley. Qual era o plano? Por que continuavam ali, quando era óbvio que Mehenni não estava presente?

Atrás de Hadley estava a figura da garota, vista pela metade.

Lizzie tentou recuperar a lembrança daquele primeiro encontro. Era uma imagem através de uma lente escura, fragmentada — uma sombra móvel no corredor. E no entanto, de algum modo, era algo assombrosamente inteiro.

Uma coisa completa em si. Talvez Lizzie é que fosse a imagem fragmentada no espelho com a prata descascada. A voz raivosa continuava sem parar pelo telefone:

— O que você ainda está fazendo na casa da minha mãe? Já disse para ir embora. Por que continua aí?

Naquela altura, Hadley estava totalmente na cozinha e a figura atrás dele havia avançado para a luz. Nesse ponto, Lizzie tinha percebido que era a garota das fotos de Carrie Stewart, subitamente ali, parada junto à porta da cozinha em seu uniforme escolar — agasalho de moletom largo, saia xadrez verde e lenço de cabeça de um verde mais claro. Era magra, com olhos escuros reluzentes e perspicazes. Lizzie se lembrou do nome: Farah.

O corpanzil de Hadley, a vulnerabilidade da mãe, a hostilidade irritante da adolescente: o lugar parecia apinhado. Mas Hadley, como sempre, aparentava estar à vontade, talvez sem perceber o perigo, ou acostumado a olhá-lo de cima para baixo. Um ar de perplexidade benigna pairava ao redor dele. Era a capa que o disfarçava ou o escudo que o protegia.

Agora a voz do outro lado da linha estava tão alta que Lizzie afastou o telefone do ouvido. Era audível na cozinha:

— Você tem um mandado?

Hadley falou alto e com animação:

— Não precisamos de mandado. Sua mãe nos convidou a entrar. — Ele sinalizou para Lizzie lhe entregar o telefone. Pegou-o rapidamente e falou por cima da voz esganiçada: — É, ouvi tudo isso. Será que você pode dizer ao Younes, quando se encontrar com ele, que é melhor ele ir até a delegacia? Vamos ter que voltar aqui de novo até falarmos com ele.

O volume dos gritos do outro lado da linha aumentou. Houve o som de um estalo no corredor. Hadley disse:

— Preciso desligar agora. Tchauzinho.

Hadley desligou e devolveu o telefone à mãe. Em seguida, se virou para o corredor, mas Farah estava à sua frente, já correndo para a porta. Ela gritou alguma coisa na outra língua. Lizzie foi atrás, percebendo subitamente o que acontecia.

Na cozinha, o telefone tocava incessantemente, mas ninguém atendia. A sra. Mehenni estava puxando o braço de Lizzie, tentando impedi-la. Lizzie se soltou. Foi atrás de Farah e Hadley pelo corredor, saindo pela porta agora aberta. A rua estava molhada da chuva recente, mas o céu era subitamente de um azul luminoso. Olhando à direita, Lizzie viu um homem correndo para longe: Younes Mehenni. Hadley o estava perseguindo — um gordo tentando correr. Lizzie transmitiu:

— Suspeito indo para o leste pela Kenley Villas, Código 2, sexo masculino, jeans, camiseta escura, aproximadamente quarenta anos.

Começou a correr. À sua frente, Hadley virou para a rua lateral onde tinham deixado o carro. Lizzie era rápida. Estava se aproximando de Farah e do pai dela. Olhou em frente e depois à direita; viu Hadley entrando no carro. Mas Farah tinha recuado alguns passos e também estava entrando na rua lateral.

Lizzie diminuiu a velocidade e olhou pela rua. O motor do carro tinha sido ligado e ela podia ver as rodas da frente girando, mas Farah estava na rua, ao lado do veículo, obstruindo a saída. Lizzie correu pela rua. Farah estava subindo no capô e Hadley abrindo a porta do carro.

— Desça da porcaria do carro.

Lizzie gritou:

— Tudo bem, Hadley, eu pego a garota.

Mas Hadley já estava fora do carro. Farah tentava se agarrar nas bordas do capô, embaixo do para-brisa, os dedos apertando, brancos com o esforço, mas Hadley tinha estendido a mão e a segurava com firmeza. Puxou-a do capô e a carregou para a calçada, mesmo ela esperneando feito uma criança num acesso de birra. Largou-a no chão e estendeu a mão, impedindo-a de chegar mais perto. A garota estava gritando furiosamente com ele naquela língua desconhecida. Lizzie se colocou entre os dois, levantando a mão esquerda.

— Farah, para trás. — Sua mão direita tateava em busca das algemas. — Tudo bem, Hadley. Eu cuido dela.

Mas alguma coisa estava acontecendo com Farah: tinha começado a puxar o ar e segurava as costelas, os braços apertando o peito como se sentisse dor. Atrás

dela, Lizzie ouviu a sirene uivar enquanto o carro dava meia-volta e partia em busca de Mehenni. Farah tombou para a frente, de joelhos, respirando fundo.

— Você está bem? — Lizzie avançou, sem pensar mais nas algemas. — Está machucada? O que aconteceu?

Farah não respondeu. De repente, houve um grito longo e profundo que parecia vir da menina. Ela estremeceu e embolou a voz. Seu rosto estava contorcido, como se sentisse dor. Em seguida, começou a soluçar e a uivar, balançando-se para trás e para a frente, cravando as unhas nos braços. Mais adiante na rua, alguém saiu por uma porta e ficou olhando. Lizzie se agachou ao lado da garota. Ela parecia inalcançável, em algum outro lugar, e não ali na rua.

— Farah, o que está acontecendo? O que está acontecendo? Você está bem?
— Lizzie passou o braço em volta dela. — Você precisa de um médico?

Farah empurrou-a, abrindo os braços. Tinha parado de uivar e apertou os punhos com força.

— Não. Nada de médico.

Ela se levantou e deu as costas para Lizzie, começando a voltar para a Kenley Villas. Lizzie pôs a mão em seu ombro.

— Espera aí, Farah. Você está bem? Está machucada? Precisa de uma ambulância?

Farah se virou para ela.

— Não toque em mim. — Seus olhos eram contas escuras, hostis, o rosto, um pequeno círculo fechado, como se tivesse sido apertado com um barbante. Ela passou as costas da mão na boca. — Não, não preciso de ambulância. Me deixe em paz.

Houve o som de outra sirene. Uma viatura se aproximou deles. Arif estava no banco do carona e baixou a janela.

— Tudo bem, Lizzie?

— Acho que sim.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Então vamos indo. Tem mais uns dois carros fazendo uma busca na área.

O carro partiu. Farah tinha parado para ouvir.

— Por que vocês puseram carros atrás do meu pai? Ele não é criminoso.

— Farah, me deixe levá-la de volta para casa. Podemos conversar sobre isso.

— Não quero você perto da minha casa. Vocês não deveriam ter vindo. Vão embora.

— Mas, Farah, você não está entendendo. Precisamos falar com o seu pai, não é uma coisa tão...

— É VOCÊ que não está entendendo. Vá embora. Vá embora. Vá embora.

Ela começou a andar depressa.

— Farah, espera aí...

Uma sirene se aproximou uivando e o carro de Hadley chegou perto delas. Ele parou no meio da rua e saiu. Desligou a sirene, mas deixou as luzes azuis piscando. Farah ficou paralisada. Estava pálida e o rímel havia escorrido pelo rosto em riscas pretas e tristes. Hadley foi para perto dela.

— Que diabo você achou que estava fazendo, mocinha?

Farah inclinou a cabeça para trás. Não poderia parecer mais distante da perturbação anterior. Ele era um adulto ignorante: ela estava indiferente, até mesmo entediada.

— Repito, o que você acha que estava fazendo? Você podia ter se machucado.

Lizzie tentou intervir:

— Hadley...

Ele a encarou.

— Você prendeu ela?

Prendi? Isso não tinha lhe passado pela mente.

— Não.

Farah estava parada diante do corpanzil de Hadley, feroz como uma doninha. Ele se agigantava ao lado dela.

— Você teve muita sorte porque minha colega decidiu não te prender. Aquele negócio que você fez se chama obstrução da polícia. Nunca mais faça isso. — Ele se virou de novo para o carro, com as chaves já na mão. — Venha, Lizzie, vamos continuar procurando por ele.

Imediatamente, Farah foi se afastando em direção à casa dela. Estava de novo com os braços apertando o peito. Hadley diminuiu a velocidade do carro e baixou a janela, acompanhando-a.

— Tem quatro carros procurando o seu pai, e se a gente não o pegar agora, só significa que vamos continuar procurando, até que ele seja achado. É melhor você dizer a ele para se entregar. Isso não vai acabar aqui.

Ele ligou a sirene e o carro acelerou. Viraram para a rua principal e passaram por uma fileira de lojas, depois seguiram por uma rua residencial a alguns quilômetros da Kenley Villas. Hadley desligou a sirene e entrou num estacionamento. Empurrou o banco para trás, esticando os pés grandes. Depois de um breve silêncio, pegou um tubo de chocolates Rolo e jogou alguns na boca. Começou a mastigar ruidosamente. Lizzie se preparou. Sem dúvida ia receber uma lição.

— Você está bem? — perguntou Hadley, ainda mastigando.

— Estou.

— Vaca maluca.

Lizzie assentiu. Sentia-se impotente, ineficaz.

— Achei que estávamos procurando o Mehenni.

— Aquilo foi só um teatro para a garota. Sabe, tipo, só pra irritar? Mehenni sumiu há muito tempo. — Ele lhe ofereceu o tubo de chocolates. — Quer um?

— Não, obrigada.

— Vamos ter que fazer um relatório na volta para a delegacia, aquela novela toda no capô do carro. Uso da força e coisa e tal.

— O que foi aquilo? Lei comum ou seção 117 do PACE?

— Não tenho a mínima ideia. Ela estava impedindo a gente de efetuar uma prisão, me pareceu a coisa certa.

Lizzie não sabia se ele estava falando sério. Disse:

— Acho que era PACE 117.

Hadley deu de ombros.

— Você vai ter que colocar uma notificação sobre ela no sistema também. Toda criança importa, afinal de contas. Não se esqueça de mencionar que ela é

totalmente maluca. E diga que você pensou em prendê-la, mas usou seu próprio critério: não era do interesse público e coisa e tal.

— Nem me passou pela cabeça prendê-la.

— Bom, mas deveria ter passado.

Ele estava certo, é claro. Farah havia obstruído o trabalho da polícia, literalmente. A coisa deveria pelo menos ter lhe passado pela cabeça. Seria perfeitamente legítimo prendê-la. O sofrimento da garota a havia deixado abalada. A policial ainda estava abalada.

Hadley pegou mais uns dois chocolates. Pareciam pequenos em sua mão enorme e já estavam começando a derreter.

— Tem certeza de que não quer um?

Lizzie assentiu.

— Tenho.

— Como quiser. — Ele jogou os chocolates na boca. — Prender a garota teria sido um saco. — Ele estalou a língua contra o céu da boca. — Ela te deu um susto e tanto, não foi?

— Deu, sim. Um pouco.

— Ela não é importante, ponha isso na cabeça. Vamos indicá-la para algum atendimento especial, mas não esqueça que somos policiais, e não assistentes sociais, graças a Deus. Precisamos prender o Mehenni, isso é o mais importante. Boa parte daquela gritaria não passa de cortina de fumaça. Tudo bem fazer o showzinho na rua, mas aquela garota impediu que a gente pegasse o cara, e era isso que ela queria. Farah Mehenni precisa saber que a gente está falando sério. Eles não podem zombar da nossa cara, Lizzie.

13

Luz fluorescente. Aço inoxidável. Ladrilhos brancos. Primeiro cuidaram da mochila da escola. Na cena do crime, ela estava virada para baixo, mas agora Sarah viu que na frente havia um desenho estilizado do rosto de um gato. Além de um livro de matemática e um estojo de lápis manchado, a mochila também continha um lenço de cabeça amarrotado com estampa indiana em azul, brilho labial cor-de-rosa, uma bolsinha bordada contendo 79 pence, uma embalagem amassada de tiras para limpar os poros do nariz e, no bolso da frente, um cavalinho de plástico azul com crina de nylon prateado. Steve colocou cada item num saco separado e fez uma anotação no livro de provas.

O rosto da garota estava sujo de sangue seco, que descia até o pescoço. Eles limparam a pele. Estava gelada e rígida após ficar no freezer do necrotério. A camiseta, com a cara do gato, estava encharcada de sangue nas costas e ainda úmida. O tecido se descolou da pele fria como se fosse uma espécie de massa de pastel muito fina. Lentamente foram despindo a garota, ensacando cada objeto e fazendo anotações. Os jeans justos de Farah foram cortados, as tesouras médicas usadas com cuidado para não causar danos. Steve revistou os bolsos. Um cartão de transporte público. No outro bolso, um pedaço de uma folha de caderno. O papel estava manchado de sangue, mas as marcas de algo escrito com caneta preta ainda eram visíveis: um número de telefone.

Finalmente, Farah estava nua na mesa. Sarah sentiu uma ânsia de proteger a garota contra o seu olhar, que reduzia o corpo a meramente uma prova. A pele de Farah tinha a palidez cinza-azulada da morte. O sangue havia empoçado nas

costas. Mesmo assim, ela permanecia como uma efígie de feminilidade começando. No lado esquerdo da barriga lisa, logo acima do volume da pélvis, havia uma pequena verruga escura.

Steve levantou a mão esquerda de Farah e girou o pulso. No interior do antebraço havia cinco minúsculas cicatrizes prateadas e paralelas. Ao lado delas, três cortes novos.

Sarah e Steve fumavam em silêncio do lado de fora do necrotério.

Recentemente, o médico de Sarah tinha lhe mostrado um cubo de plástico transparente contendo um líquido marrom viscoso que deslizava como um melaço tóxico.

— Essa é a quantidade de alcatrão que você está pondo nos pulmões todo mês — disse o médico.

Na parede havia fotos dos filhos dele. Sarah não tinha filhos para levar em consideração, e nenhuma das mortes que tinha visto servia de incentivo para tê-los. Um câncer era provavelmente tão bom quanto qualquer coisa, concluiu.

Por fim, Steve lembrou algo engraçado que um dos policiais tinha feito e os dois riram. Sarah enxugou uma lágrima no olho. Qualquer um que os observasse acharia que estavam indiferentes ao desmantelamento sistemático do corpo adolescente que tinham acabado de presenciar.

Lizzie fechou o zíper do casaco e foi andando pela rua à beira-mar. Uma névoa havia baixado sobre a cidade e a vista do mar era um lençol cinza. Não era possível discernir onde a água terminava e o céu começava. Os seixos da praia eram azuis, cinza e marrons. A maré havia espalhado as pedras sobre o caminho de asfalto abaixo do quebra-mar. Na praia, Lizzie viu um peixe equilibrado em cima de uma pedra, como um cachorrinho adormecido. Foi na direção dele. A pedra era alisada e esculpida pela maré, com pequenos buracos vazios de vida. O peixe era de um cinza prateado, com manchas marrons ao longo da espinha. Parecia imperturbável, como se apenas descansasse ali. Do lado direito, uma substância vermelha brotava para a água, como coral. Lizzie se obrigou a olhar e viu que era onde o olho tinha sido bicado, um buraco que não piscava. Imaginou o peixe lançado para fora do seu ambiente natural, para a pedra súbita. Será que a morte teria sido instantânea? Empurrou para longe os pensamentos que vinham sem ser convidados, como uma náusea subindo: os corpos caindo, as tendas brancas da polícia que ela vira de relance enquanto a levavam para a ambulância, como eufemismos escondendo os corpos despedaçados de Hadley e Farah. E pensou na ambulância, em Shaw andando de um lado para o outro, fazendo o possível para que ela fosse para casa. Estendeu o pensamento a ele, como se tentasse conhecê-lo.

Lembrou-se de que, depois dos relatórios da diligência na casa de Mehenni, Shaw tinha mandado uma mensagem pedindo para falar com ela antes de sair do serviço. Subindo a escada rumo à sala do chefe, tinha escutado alguém

pedindo para falar com ele, parou nos degraus de pedra e inclinou a cabeça em direção ao rádio preso no colete, para escutar. Lembrou-se das transmissões movimentadas de um incidente com armas de fogo ao vivo, as atualizações dadas pelos oficiais no local, o Controle pedindo para o inspetor concordar com o ponto de encontro. Não querendo atrapalhar, não bateu na porta da sala, em vez disso, entrou silenciosamente. Ele estava de pé, inclinado sobre a tela do computador.

— Sim — disse ele ao rádio —, estou lendo agora mesmo.

Ela aproveitou a oportunidade para observá-lo. As mãos habilidosas com unhas limpas, a linha firme do maxilar, uma mecha grisalha no cabelo. O colarinho estava aberto, revelando a pele quente da nuca.

— Na frente do posto de gasolina, então.

Talvez percebendo que Lizzie estava esperando, ele levantou os olhos e ela ficou subitamente sem jeito, como se fosse apanhada espiando-o. Ela sinalizou sugerindo que talvez devesse sair e voltar em outra hora, mas ele sorriu e balançou a cabeça. Indicou a cadeira. A policial se sentou e esperou. O colete de Shaw estava aberto na mesa e seu rádio tagarelava com a chamada. No dedo anular da mão esquerda dele havia uma aliança de ouro: Lizzie sabia que ele tinha uma filha pequena.

Ele se levantou e desligou o computador. Sorriu de novo para ela.

— O senhor está ocupado. Volto mais tarde.

— Não é necessário. Vou ser rápido.

Ele deu a volta na mesa. Ela se levantou e lhe entregou o colete. Ele se pôs a vesti-lo.

— Você fez uma diligência de prisão malsucedida hoje, mais cedo?

— Sim, senhor. Younes Mehenni. Crime de dano. Ele fugiu.

O inspetor fixou o rádio no prendedor de plástico do colete tático.

— Foi um certo drama, não foi?

— Senhor...

Ele balançou a mão.

— Não, não se preocupe, Lizzie. Tudo bem. O Hadley disse que você anotou no relatório. De qualquer modo, duas coisas. Hoje cedo o advogado do

Mehenni veio aqui. Houve uma queixa.

— Ah. Certo. O que foi?

— Vamos dar uma volta.

Shaw estava fechando o zíper do colete enquanto saía rapidamente da sala e começava a descer a escada. Ela o acompanhou.

— Você estava lá quando Haley falou com a garota? — perguntou ele.

— O quê, com a garota? Farah? Eu fiquei lá na maior parte do tempo. Houve um momento em que eu estava no quintal, sozinha.

— Certo. Você colocou nas suas anotações o que foi dito?

— Bom, eu não escutei tudo.

Uma pausa.

— Mais alguma coisa, senhor?

Eles já estavam à porta do pátio.

— Não, só isso. Que pena. Eu esperava descartar isso, como se não passasse de uma besteira. A família está alegando que vocês entraram na casa ilegalmente e que Hadley disse alguma coisa racista à garota. Parece que ela ficou muito chateada e eles dizem que foi por isso que ela agiu daquele jeito. Para mim, não faz muito sentido. Pense um pouco, veja se consegue... é... lembrar exatamente o que aconteceu. Tenho muita confiança em você. Tenho certeza de que você pode lançar alguma luz sobre tudo isso.

Ela quase havia perdido o fio do que estava sendo dito. Seus pensamentos giravam, lutando para lembrar. O que exatamente *havia* acontecido? Lembrou-se de que houvera um momento em que ela e Hadley se separaram — ela estava no jardim, falando ao telefone, Hadley estava no corredor com Farah. Ou isso teria sido mais tarde? De qualquer modo, o que aconteceu depois — quando perseguiram o pai dela — tinha parecido muito mais importante. Esse tinha sido o foco do seu relatório. Haveria alguma explicação aqui? Sentiu vontade de perguntar exatamente o que o inspetor queria dizer — se ela não conseguisse lembrar, se não tivesse escutado nada, haveria algum problema? Mas ele precisava ir ao incidente com armas de fogo. Os dois não podiam conversar. Ela olharia o relatório para verificar o que tinha escrito.

Shaw parou com a mão na porta aberta do carro. Encarou-a e sorriu, e por um momento Lizzie se sentiu ridiculamente feliz. Apesar da aliança de casamento, ela não pôde deixar de se perguntar. Tinha ouvido dizer que a família dele morava em algum lugar perto do litoral sul: ele mantinha um apartamento em Londres, para quando estava de serviço.

— Não se preocupe — disse ele. — É uma tempestade num copo d'água. Quer ir nessa chamada, agora?

Houve um momento de pesar: no mínimo seria um prazer sentar-se ao lado dele no carro.

— Não, senhor, não posso. Preciso cuidar de um ladrão de loja.

— Ah, bom. Muito bem, você tem andado ocupada. Deixa para lá. Em outra ocasião.

Lizzie lembrou que tinha ficado parada olhando o carro dele sair do pátio com as luzes azuis acesas.

15

O telefone de Sarah Collins começou a tocar. Ela olhou para onde ele estava, no porta-trecos junto ao freio de mão, e viu o nome na tela. *Inspetor-Chefe Baillie*. Parou o carro.

— Chefe.

— Alguma novidade para mim?

— Liberamos o corpo da garota para a família.

— Bom. Muito bem.

Uma pausa.

— Não ficaram sabendo nada pela autópsia?

— Parece que ela se mutilava. Nada dramático. Só algumas cicatrizes no braço esquerdo e alguns cortes recentes.

— Faz sentido. Mais alguma coisa?

— Um número de telefone. Pode não ser nada. Ainda não sabemos de quem é.

— Certo. E a policial Griffiths? Alguma novidade sobre ela?

— Nada de novo desde a última vez que nos falamos, senhor.

Houve uma pausa. Baillie disse:

— Bom, vou deixar você com isso. Ligue se tiver alguma novidade.

— Sim, senhor.

Sarah mostrou seu distintivo junto ao portão. Passou por um grupo de novos recrutas marchando rapidamente para o prédio principal, com a respiração congelando no ar da manhã.

Escola de treinamento: ainda se encolhia ao lembrar. Ao sol do alvorecer, olhava para os campos esportivos, imaginando-se em outro local. Um jovem ex-militar, Ian, era o encarregado deles. Era um recruta como os outros, mas, devido aos seus dois anos no Exército, sabia marchar. Toda manhã ele gritava para ela:

— Retardada! Puta que o pariu, meu Deus!

Os abusos não representavam o principal sofrimento, como algumas pessoas poderiam imaginar, mas a experiência especialmente idiota de receber insultos enquanto era obrigada a ficar em posição de sentido. Tinha passado em primeiro lugar da turma nas provas e quase em último em termos de popularidade. Não gostava de marchar, ficava entediada com as bebedeiras e não fingia ser igual a eles. Assim que pôde, parou de usar o uniforme. Nada jamais iria convencê-la a vesti-lo de novo. Viveria e morreria na área de investigações, nem que isso significasse jamais passar do posto de sargento.

Seguiu pelo corredor e bateu na porta dos treinadores. Até mesmo a espera fazia parte da experiência, lembrou com amargura. Os policiais em treinamento não deveriam colocar as mãos nos bolsos nem se encostar na parede. Hoje ela abriu a porta sem esperar resposta à batida e entrou na sala. Três homens vestidos com uniformes estavam amontoados em volta de uma mesa, olhando uma tela de computador. Um deles clicou com o mouse. Os outros levantaram os olhos, prontos para dar uma bronca.

Ela deu mais um passo à frente e disse:

— Sargento detetive Collins.

Um dos homens — baixo e um tanto gordo, com a pele manchada de quem exagerava na carne vermelha — veio até ela. Não estendeu a mão.

— Sargento Hill — disse ele. — Alan.

Os bicos dos seus sapatos brilhavam com uma pátina aterrorizante. A camisa era engomada num branco luminoso. Ela supôs que ele devia ter sido do Exército, um daqueles paraquedistas que tinham passado todo o serviço policial de uniforme e para quem era questão de honra desprezar o Departamento de Investigações Criminais. Ele a encarou — provavelmente já a havia identificado como possível encrenqueira.

— Sarah, não é?

— Isso mesmo. Podemos conversar em particular?

Os outros dois se afastaram da mesa e saíram, enfiando as mãos nos bolsos. Ela notou um dos homens atraindo o olhar do sargento enquanto saía. A porta se fechou atrás deles.

— Obrigado pelo e-mail — disse Alan. — Eu fui o sargento instrutor dela. Ela não está encrocada, está? — Sarah não respondeu, satisfeita por ele estar conduzindo a conversa. — Vi no jornal — continuou ele, sugerindo com isso que já sabia tanto quanto ela sobre o incidente. — Terrível. Alguns caras daqui conheciam o Hadley. Dizem que era um policial decente.

Ele só estava marcando o território — nem um pouco diferente de um cachorro mijando num poste. Mesmo assim, depois de quinze anos no serviço, Sarah ainda lutava para esconder os sentimentos com relação a esses homens.

— Vocês já têm alguma ideia do que aconteceu exatamente? — perguntou ele.

— Ainda estamos investigando.

Ele a encarou e assentiu, como se tivesse previsto essa resposta. Houve uma pausa. Então ele disse:

— Realmente não sei como ajudar.

— Agradeço pelo seu tempo, Alan. Sei que você é ocupado. Não vou demorar. Estive pensando: Lizzie tinha algum amigo especial? Um namorado, talvez?

— Pergunta interessante. Você mesma não pode perguntar a ela?

Sarah se xingou por não ter mandado Steve fazer isso. Ele estaria com uma banda da bunda empoleirada na mesa, desonestamente sugerindo que também tinha servido dois anos no Exército e concordando que o serviço não era mais como antigamente.

— Alan, eu realmente agradeceria se você me ajudasse com isso.

— Vou pegar a listagem da turma.

Sarah ficou olhando enquanto ele abria a lista no terminal. Ele a imprimiu e começou a sublinhar alguns nomes.

— Essa era a turma dela. E era amiga dela, é...

Entregou o papel. Sarah percebeu que Alan a observava enquanto ela examinava a lista.

— Obrigada.

Ela pôs a folha na bolsa e cruzou os braços. Olhou para o sargento. Bom, não custava tentar.

— Você pode me dar mais alguma informação sobre ela? Não vou gravar isso em hipótese alguma. Não é para servir como prova. Só estou tentando sentir como ela é. Tenho certeza de que você entende. Lizzie era a única outra pessoa adulta na cobertura quando eles caíram, e ainda não falei com ela.

— Ainda não falou com ela?

— Isso mesmo.

Ele fez uma pausa.

— Ela está desaparecida?

Sarah não respondeu. Alan deu um sorriso, satisfeito consigo mesmo.

— Deve ser uma tremenda batata quente.

Sarah assentiu.

A informação sigilosa cumpriu com o objetivo. O sargento Alan Hill se tornou muito mais aberto. Ficou entusiasmado. Ele descreveu Lizzie Griffiths como uma idealista. Deu um exemplo: o grupo tinha passado a tarde aprendendo a preencher um relatório. Foi uma tarde arrastada na sala de aula calorosa. O sol jorrava pelas janelas. As persianas metálicas tinham sido baixadas, mas não fechavam direito: as lâminas estavam tortas. Os recrutas puxaram as mesas para longe do sol forte, tiraram a gravata. Esforçavam-se com os formulários horrendos: os quadradinhos que precisavam ser todos preenchidos. As linhas que precisavam ser desenhadas com uma régua. A liturgia da papelada. A total insensatez daquilo, os detalhes. Um recruta fez uma piada de mau gosto. Era meio esquisita, sem dúvida, mas ao mesmo tempo... Alan parou de falar.

Sarah instigou:

— Sim?

— Bom...

Ela esperou que o sargento entrasse em detalhes, mas ele não fez isso.

— E?

— Bom, Lizzie levantou a mão e repetiu o comentário. E reclamou. Era a coisa certa a se fazer, claro. Disse que não queria que sua objeção fosse mais longe. Só achava que o que ele tinha dito não estava certo e não queria deixar aquilo passar sem dizer alguma coisa. — Alan balançou a cabeça. — Ingênua.

— Ingênua?

— Você sabe, as coisas ditas em público sempre vão mais longe, em particular se alguém é contra. No trabalho é assim. Ela não entendia isso.

Percebendo o olhar de Sarah voltado para ele, Alan protegeu seu território. O estudante que tinha feito o comentário recebeu um aviso na ficha, e — ele falou com ênfase cautelosa — isso foi uma coisa boa, claro. O garoto precisava aprender.

— Mas esse estudante do... do comentário esquisito. Era o único que precisava aprender?

O rosto de Alan estava exatamente igual ao brilho dos seus sapatos: impenetrável.

— As coisas mudaram muito desde que eu entrei.

— Então... — Sarah fez uma pausa antes de encontrar a expressão: — Lizzie era totalmente verde.

— Idealista. — Ela notou a palavra repetida. Alan devia estar satisfeito. Sarah imaginou se ele achava a ambivalência do termo útil em muitas ocasiões desde que fora colocado na escola de formação.

Alan tinha parado de falar. Era como se estivesse observando se ela entendia o tamanho da sua prova. Sarah disse:

— Muito obrigada. Você ajudou muito.

Ele abriu a porta para ela.

— Não me entenda mal, Sarah. Eu achava que Lizzie Griffiths tinha tudo para ser uma boa policial. Só precisava ir lá fora e pôr a mão na massa. Ir para o mundo real e parar de se preocupar com coisas que realmente não importam. Bem, boa sorte com isso tudo. Vou querer saber como vocês estão se saindo. Vou ficar de olho no noticiário.

Na volta, Sarah decidiu fazer um desvio.

A Kilsby High Street não tinha surpresas. O saco de dormir enrolado na porta de uma instituição de caridade, as filiais de cadeias de lojas — Boots, Starbucks, Tesco —, as filas de pessoas encasacadas esperando ônibus.

Seguiu a rota que Steve tinha lhe dito que as câmeras mostravam Lizzie pegando, indo para o norte em direção ao metrô. Lizzie não aparecia na câmera que cobria a entrada da estação e não tinha chegado à câmera na outra ponta da rua. A câmera que cobria o meio não estava funcionando, mas ela havia desaparecido em algum lugar dessa rua. Sarah entrou no escritório de um serviço de táxis.

O homem atrás do balcão usava um colete de seda sujo por cima de uma camisa esgarçada. Tinha barba comprida e cabelos encaracolados presos num rabo de cavalo. Seus dentes eram amarelos.

— Não me lembro de ninguém assim, mas tem gente entrando e saindo o dia inteiro — disse. — Pode olhar os pedidos.

Ele tinha um caderno antiquado, escrito com caneta-tinteiro. Sua letra era inclinada. Provavelmente joga Dungeons and Dragons, pensou Sarah enquanto passava o dedo pelas anotações e escrevia em seu bloco os nomes e os trajetos das mulheres que tinham usado o serviço sozinhas desde o incidente.

— Lisa Gardener? — perguntou ela. — Você se lembra dela?

— Ah, é uma cliente regular. Não é a pessoa que você está procurando, com certeza. Deve ter pelo menos uns sessenta anos. Usa táxi porque tem problema nas pernas.

— E Helen Thompson?

— Não lembro. Ah, espera um minuto. Acho que ela estava com duas crianças. Essa mulher tem filhos?

Sarah entrou na Greggs e comprou um sanduíche de queijo com pickles. Comendo enquanto dirigia, com uma das mãos no volante, entrou numa rua lateral, após o serviço de táxis, indo na direção do viaduto. Depois de cerca de dois quilômetros, a rua estava ladeada com Volkswagens e BMWs. Escondendo os tijolos vitorianos havia uma grande placa de plástico laranja: *Quick Car*.

O homem atrás do balcão — um asiático magro com terno bem-cortado — se inclinou para trás, como se quisesse enxergá-la melhor. Sarah mostrou seu distintivo.

— Sargento detetive Sarah Collins. Polícia metropolitana.

Ele absorveu esse fato com prazer evidente.

— Vocês são iguais a ônibus — disse ele.

— É mesmo?

— É, toda hora aparece um. Ela estava usando um casaco laranja. Pagou em dinheiro. Disse que não conseguia lembrar a senha do cartão de crédito.

Sarah ligou para Steve.

— Ela alugou um carro ontem à noite. Verifiquei a câmera na locadora e, sem dúvida, é ela. Você pode fazer uma busca pelo número da placa?

16

Degraus subiam da praia. Uma mistura variada de construções — colunas caneladas, capitéis dóricos, ameias e empenas — afastava-se do mar e abrigava um parque vitoriano. Lizzie sentou-se num banco. Um pato e um marreco flutuavam, dormindo, num laguinho frio. As aves estavam com o pescoço curvado, a cabeça pousando improvavelmente nas costas, enfiadas entre as asas. Como um modelo de domesticidade, os pássaros adormecidos subiam e desciam junto com a respiração.

Lizzie pegou no bolso um bolinho em que havia passado manteiga e que tinha embrulhado num guardanapo de papel no café da manhã. Só precisava de tempo, disse a si mesma, tempo para pensar, para descobrir uma saída.

Dormiria esta noite no carro alugado — iria pegá-lo mais tarde no estacionamento do hotel e continuaria subindo o litoral. Ainda tinha bastante gasolina. Podia ligar o motor para permanecer aquecida. Iria se certificar de encontrar algum estacionamento fora da estrada, onde ninguém fosse incomodá-la. Estremeceu. Pressão; sempre havia pressão. Pressão para decidir, pressão para solucionar, pressão para agir.

O inspetor Shaw estivera de pé junto ao terminal de computador, examinando os informes matinais — fotos de ladrões, garotos em bicicletas roubando celulares, um veículo ligado ao tráfico de drogas, um membro de uma quadrilha supostamente armado. Os policiais mais novos, inclusive Lizzie, tinham feito anotações em seus blocos. Hadley estava reclinado em sua cadeira olhando a tela, interessado mas não o suficiente para encostar a caneta no papel. No final do PowerPoint, Shaw pediu para Hadley e Lizzie ficarem.

Enquanto os outros iam para o café da manhã, Hadley disse baixinho a Lizzie:

— Parece que a gente vai ficar de castigo. O que você fez?

Ela o encarou e ele piscou.

Shaw se sentou à mesa.

— Carrie Steward — disse. — Esse nome diz alguma coisa a vocês? — Lizzie respirou fundo para responder, mas um tapinha no seu joelho e um sorriso de Hadley disseram para não se incomodar com isso. Shaw estava continuando. — Bom, a sra. Stewart veio falar pessoalmente com o superintendente-chefe. Parece que Younes Mehenni ligou para ela ontem à noite e disse para ela parar com isso, ou então...

Hadley o interrompeu com um tom convincente de curiosidade na voz:

— Ou então o quê, chefe?

Mesmo contra a vontade, Shaw sorriu.

— Ah, você sabe, a bobagem de sempre. O telefonema foi posto como comunicação maliciosa. Pelo menos conseguimos não registrar como ameaça de morte.

— Certo, bom, já é alguma coisa — disse Hadley.

— A sra. Stewart não acha. Ela perguntou ao chefe o que, afinal, nós estávamos fazendo, e por que o sr. Mehenni não foi preso. Parece que ela estava bem chateada, e agora o superintendente-chefe também está chateado. — Shaw juntou os dedos das duas mãos. — Então, quem responder ganha um prêmio: quais são as características da merda?

Hadley levantou a mão lentamente.

— Ah, chefe, me escolha. Eu sei a resposta para essa.

— Sim, Hadley, então.

— A merda rola morro abaixo, chefe.

— Isso mesmo. Assim, tendo em mente essa lei da física, por favor, certifiquem-se de que o sr. Mehenni seja preso o quanto antes.

Hadley tinha estacionado o carro bem em frente do número 7 da Kenley Villas.

— Não vamos nos esconder no fim da rua hoje? — perguntou Lizzie.

— Não, hoje não vamos nos esconder porque nosso objetivo é diferente. Hoje vamos sacudir as jaulas. Vou ficar sentado dentro deste belo carro da polícia, identificável e quentinho, e você vai bater na porta e fazer uma tentativa de sacudir. Se tiver sucesso e o Mehenni se entregar nos próximos dois dias, eu lhe pago uma bebida na festa de despedida do sargento Thompson. E vice-versa, claro, de modo que a minha é uma garrafa de London Pride. Mas se o carinha surpreender a gente e estiver em casa, estarei aqui esperando por ele. Eu me enfió no portão. Ele não vai conseguir sair e você vai poder algemá-lo.

Farah abriu a porta antes de Lizzie bater. Usava o mesmo uniforme verde e feio da escola do bairro e sua mochila já estava pendurada no ombro. Era cor-de-rosa, estampada com bolinhas e estava pesada — volumosa e cheia de arestas dos livros escolares. A garota estava com fones de ouvido brancos e os deixou no lugar.

— Pode entrar.

— Não, tudo bem. Não quero te atrasar para a escola.

— Não, pode entrar.

Ela ficou de lado para deixar Lizzie entrar e começou a andar pelo corredor. Lizzie se virou brevemente e sinalizou para Hadley com o polegar para cima. Deixou a porta destrancada e foi atrás.

Farah tinha jogado a mochila na mesa da cozinha. Lizzie notou que, afinal de contas, a mochila não era toda de bolinhas. O bolso de trás era branco, com uma estampa da cara da Hello Kitty com um laço junto à orelha esquerda. Farah tinha soltado o lenço de cabeça e tirado os fones dos ouvidos. Seu cabelo era comprido e escuro, preso num rabo de cavalo. Pelos fones pendurados, Lizzie podia ouvir batidas minúsculas e uma voz feminina cantando algo estridente num lugar distante. A sra. Mehenni ficou parada junto à porta, mas Farah falou com ela naquela outra língua e a velha desapareceu rapidamente no corredor.

Farah disse com raiva:

— Ela telefonou de novo para o administrador habitacional.

— O quê?

A garota parecia totalmente envolvida em suas próprias preocupações; até mesmo parecia presumir que Lizzie as entendia e compartilhava.

— A vizinha aí do lado. Ela ligou de novo para o administrador habitacional do bairro. Nós recebemos uma carta. Eles querem vir ver a gente. Ela não vai se contentar enquanto não se livrar de nós.

Lizzie não sabia muito bem o que responder. Tinha a sensação de ter sido puxada para algo mais complicado do que uma simples alegação de crime de dano, algo que estava além da sua capacidade de desembaraçar. Mas era simples, não era?

— Farah, o seu pai precisa ir falar comigo. É o único modo de resolver isso.

— Mas a gente só mora aqui há uns meses. Aquela mulher nunca deixou a gente em paz.

Lizzie sentiu que tivera um vislumbre súbito do que havia dentro de um cômodo desesperado. Disse:

— É, eu entendo... — Mas não sabia se entendia mesmo. — Olha, dá para ver que você está chateada... — De novo, sentiu que era tirada do rumo. Ouviu a censura de Hadley: *Nós somos policiais, e não assistentes sociais*. Tentou voltar aos trilhos. — Isso não vai acabar, Farah, pelo menos até seu pai falar com a polícia. O seu pai não vai poder voltar para casa, pelo menos até isso se resolver. Mas isso é... como é que eu posso dizer?... É sério, mas não é o fim do mundo. O melhor que ele tem a fazer é se apresentar na delegacia. Então a gente pode dar um jeito. Eu posso falar com o administrador habitacional. Explicar a situação. Talvez o seu pai possa receber uma advertência.

Ali estava. A fala tinha parecido cair em terra seca.

— Uma advertência? Como assim?

— Uma advertência, um aviso. — Lizzie tateou nos bolsos de seu colete, mas soube, sem procurar, que tinha se esquecido de trazer um bloco. — Olha, me dê um pedaço de papel e eu anoto o número do meu telefone para você. Se o seu pai estiver preparado para comparecer, você pode me ligar e eu garanto que vou estar lá para cuidar disso.

Sarah bateu na porta de vidro. Caroline Wilson estava de pé em cima de uma mesa, estendendo a mão para prender um alfinete numa projeção de Mollweide da Terra. Seus jeans eram apertados demais e os braços levantados expunham o traseiro gorducho e bronzeado. Ela se virou e sorriu, sem graça por ser apanhada nessa posição embaraçosa. Tinha cabelo encaracolado e um rosto gentil e redondo; um rosto claramente moldado por anos de sorrisos de incentivo.

Sarah mostrou o distintivo.

— Sarah Collins, polícia metropolitana. Obrigada pelo seu tempo.

O sorriso da srta. Wilson se contraiu em algo menos receptivo. Ela estendeu a mão para ser ajudada a descer da mesa.

— É, a secretaria disse que a senhora vinha. — Ela espanou a poeira da roupa e foi até o computador, onde algo estava sendo impresso. Com as costas viradas, disse: — Infelizmente não tenho muito tempo. Estou de saída.

Sarah olhou a sala de aula ao redor. Um cartaz proclamava corajosamente: *A matemática faz diferença em sua futura carreira*. A srta. Wilson pôs uma pilha de papéis na mesa diante de Sarah.

— É uma cópia da última avaliação sobre ela. Farah era particularmente talentosa em matemática. Eu sou coordenadora dessa disciplina. Esperava que ela recebesse nota máxima no certificado secundário. Claro que agora isso parece ridículo. — Ela parou e pôs brevemente a mão na sobrancelha direita. Sua voz estava mais forçada quando falou de novo. — Isso é, à luz do que

aconteceu. Totalmente ridículo. — Ela abriu um sorriso inesperado, meio sem graça. — A senhora acha que eu sou um monstro?

Sarah balançou a cabeça.

— Um monstro? Por que eu acharia isso? — Ela olhou de novo o rosto gentil da professora. — Claro que não.

Sentou-se a uma das mesas e começou a ler a avaliação. *Farah está bem acima da média. Tem vontade de melhorar e ter sucesso... Farah se senta no fundo da sala, é tímida e participa pouco das aulas, mas seu trabalho escrito é de alto nível e ela demonstra um bom domínio de ideias e argumentação...* A sargento largou o papel na mesa e levantou os olhos. A srta. Wilson estivera examinando-a. Sarah disse:

— Ela estava se saindo bem.

— Muito bem, de fato.

— A senhora sentia orgulho dela.

— Sim.

Sarah hesitou.

— A senhora está com raiva. — Fez uma pausa. — E triste. É, claro que está. Eu também estaria.

A srta. Wilson soltou o ar.

— Bom... — murmurou ela, e em seguida se sentou diante de Sarah. Houve um breve silêncio. — O que não entendo é a parte sobre ela ter levado a criança. Foi o que li nos jornais. É verdade? A senhora tem certeza absoluta de que ela pegou o menino?

Sarah evitou a pergunta.

— Por que diz isso?

— Farah era solitária, até mesmo problemática, mas nunca considerei que fosse cruel. Pelo contrário. Na turma dela há uma garota com dificuldade de aprendizagem e Farah era uma das poucas pessoas gentis com ela. Simplesmente não consigo acreditar que ela sequestrou uma criança. Por que faria isso?

Sarah se permitiu um momento para pensar. Depois disse:

— Bom, acho que o meu trabalho é descobrir. Descobrir exatamente o que aconteceu e por quê. E ainda não tenho respostas.

A srta. Wilson a encarou.

— Certo.

— A senhora está decidindo se vai ajudar?

A srta. Wilson sorriu.

— Não, acho que já decidi. O que a senhora quer saber?

— Fale sobre Farah.

— Falar o quê?

— A senhora disse que ela era problemática?

— É, mas não quero que a senhora ache que isso explica...

Sarah estendeu a mão para interromper.

— Tudo bem. Não acho.

A srta. Wilson sorriu.

— Desculpe.

Sarah também sorriu.

— Sem problemas.

— Bom, certo. Farah era uma garota problemática. Isso é verdade, sim. Era tímida, ficava no fundo da sala, praticamente nunca falava. Eu tinha notado que ela andava se cortando. No pulso...

— É, também vi isso.

A sra. Wilson levantou os olhos, curiosa.

— Como?

— Na autópsia.

O rosto da srta. Wilson se fechou num horror súbito e Sarah se lembrou, tarde demais, de como sua profissão às vezes devia parecer estranha e desagradável.

— Sinto muito. Eu deveria ter pensado...

A srta. Wilson sorriu, amigável.

— Não, não. Tudo bem. Claro, sim. Claro que a senhora viu. Deve ter sido horrível.

— Tudo bem. É o meu trabalho.

Houve silêncio. Então a srta. Wilson disse:

— Eu tinha falado da Farah com a orientadora da escola, mas elas ainda não tinham se reunido. A mãe de Farah morreu, claro. Morreu no país dela, acho, antes de eles chegarem à Inglaterra.

— E o pai?

— Ele sempre vinha para as reuniões de pais, mas era um daqueles... como posso dizer? Eu nunca soube exatamente *por que* ele estava ali. Não havia diálogo. Ele não parecia entender nada, só ficava sentado. Era difícil sentir que a gente fazia o mínimo contato com ele.

— Farah tinha algum amigo?

— Nenhum em particular. Acho que era uma garota solitária.

O celular de Sarah começou a tocar. Ela o pegou no bolso e olhou a tela.

— Sinto muito, mesmo. Preciso atender.

Foi para o corredor. Um homem estava passando pano no chão, na outra ponta, e ela deu alguns passos para longe dele. Uma mulher jovem, com jeans boca de sino e camisa xadrez, vinha em sua direção. Cabelo afro, pele marrom-clara, bonita, com rosto largo. Pouco menos de trinta anos, provavelmente. Passou por Sarah e entrou na sala da srta. Wilson.

Sarah atendeu o telefone.

— Steve...

— O carro apareceu duas vezes ontem à noite em St Leonards — uma na chegada, a outra vez bem na beira da praia. Desde então, nada. Eles são bem servidos de câmeras com reconhecimento de placas. O carro provavelmente ainda está lá.

— Certo. Vamos até lá. Pego você em meia hora.

Sarah voltou para a sala. A srta. Wilson estava parada sob uma das altas janelas vitorianas. Sua amiga estava empoleirada numa mesa, folheando um caderno de exercícios. Sarah disse:

— Desculpe interromper.

— Não, não, entre — disse a srta. Wilson. — Essa é minha amiga Patti.

Patti se virou e sorriu, e Sarah sentiu uma pontada súbita. As duas pareciam muito felizes juntas, muito otimistas, acreditando no futuro e tornando o

mundo um lugar melhor, aquela coisa toda. E então disse a si mesma que esse modo de visualizá-las era apenas fantasia, claro. O que sabia sobre aquelas mulheres?

— Sinto muito, mesmo, mas preciso ir — disse ela. — Apareceu uma urgência. Posso voltar...

— Não, não, tudo bem, se você conseguiu tudo de que precisava... — A srta. Wilson sorriu. — Boa sorte, Sarah.

Tendo a vastidão do mar como único mapa, Lizzie caminhou. Sua mente e o terreno eram um vazio do qual apenas algum objeto ocasional emergia: uma boia salva-vidas num suporte, uma passagem de nível que a fazia mudar o passo. O sol estava subitamente baixo no horizonte e por um breve momento ela não soube o que fazer, ali sozinha numa estrada rural que ia escurecendo. Com algum esforço começou a voltar em direção ao carro. Esse era o seu plano, lembrou; era onde iria dormir. Revisitou as lembranças na mente, como se fosse uma tarefa difícil, evitada durante o dia inteiro. Carros passavam em alta velocidade, iluminando a figura solitária, os faróis altos e as buzinas tocando.

Seu celular havia tocado com um número desconhecido. A voz tinha um leve sotaque — uma daquelas vozes híbridas que só podiam ser de Londres.

— Alô. Policial Griffiths?

— Sim.

— É Farah Mehenni.

— Ah, Farah, sim...

— Falei com meu pai. Ele vai à delegacia daqui a uma hora, mais ou menos.

Você vai estar lá?

— Vou, claro, vou estar livre.

— Policial Griffiths?

— Sim.

— Lembra, você me prometeu. Lembra? Se o meu pai fosse aí, você ia cuidar dele. Você disse aquela coisa... uma advertência...

— Bom, vou estar lá para cuidar disso, mas não falei...
— Você falou que era um negócio sério, mas não era o fim do mundo.
— Isso mesmo.
— Que, se ele fosse, você daria um jeito.
— Bom, se ele for, a coisa vai ser resolvida, mas não prometi...
— Vamos chegar daqui a uma hora.
— Farah, espera...
A linha ficou muda.

Olhando pelo vidro do balcão da delegacia, ficou imediatamente óbvio quem era Mehenni: o homem de pele escura levantando a voz e cutucando o ar com o dedo.

— Vim para esse país porque gosto desse país. A polícia inglesa é famosa. Todo mundo me dizia: a polícia inglesa é *justa*. Eles nem andam armados. Agora esse cara, o policial Matthews. Ele abusou da minha filha. Como ele ousa? Não vou repetir o que ele disse a ela. E eu? Certamente não sou o Bin Laden. Ele não sabe nada sobre mim...

Farah estava parada atrás do pai e pôs a mão no braço dele, como se quisesse contê-lo. Parecia sem graça, sem jeito. As outras pessoas na delegacia encaravam descaradamente e trocavam olhares. Uma senhora idosa puxou a bolsa para perto do corpo. O policial de plantão levantou as sobrancelhas para Hadley e Lizzie. *É um daqueles.*

Lizzie se aproximou com cautela.

— Sr. Younes Mehenni?

Ele se virou para ela.

— Policial Griffiths?

— Sim. Obrigada por ter vindo...

O homem ficou imediatamente com tanta raiva que era difícil entender qualquer palavra.

— Como vocês ousam entrar na minha casa e falar com a minha mãe...

Lizzie o interrompeu:

— Sr. Mehenni, houve uma alegação...

Mas ele não estava escutando. Enquanto olhava para Hadley atrás dela, o rosto de Mehenni tinha aquela expressão distante de alguém que estava indisposto a ouvir qualquer argumentação. Ele avançou, dizendo algo gutural e ininteligível em sua própria língua. Hadley, movendo-se com graça surpreendente para um homem tão corpulento, deu um passo de lado. Mehenni perdeu o equilíbrio.

Sem dúvida alguém tinha pedido ajuda, porque outros policiais estavam entrando na sala da delegacia. A equipe dela estava lá: o inspetor Shaw, Arif e o sargento Thompson. Não havia espaço para se mover e aqueles outros policiais, usando pura força física, assumiam o controle. A urgência de contê-lo havia suplantado todas as outras considerações. Lizzie estava com as algemas na mão direita. Olhou à esquerda. Hadley permanecia bem recuado, olhando, e Lizzie pensou por um momento: *Isso não é do feitio dele*. E então viu, com o canto do olho, Farah olhando Hadley com ódio inconfundível.

A senhora idosa, ainda apertando a bolsa, foi espremida contra a parede. Mehenni estava no chão, de rosto para baixo. Com os braços sendo forçados às costas. Ele falava com dificuldade, mas quase nenhuma palavra era em inglês. A única coisa que ela ouviu com clareza foi *racistas*. Ajoelhada, pôs a primeira alema no pulso direito de Mehenni. O sargento Thompson empurrou o punho esquerdo dele na direção de Lizzie e ela prendeu a segunda alema. Shaw olhou para ela, instigando-a a dizer as palavras.

— Sr. Mehenni, eu o estou prendendo por suspeita de crime de dano e comunicações maliciosas.

Olhou para Farah, que estava grudada na parede. O rosto dela tinha se franzido numa carranca raivosa atrás da qual, Lizzie percebeu de repente, lágrimas estavam provavelmente sendo contidas.

Mehenni estava sentado na sala de interrogatórios, rosnando um discurso furioso sobre as falhas da polícia britânica em geral e do policial Hadley Matthews em particular. O intérprete traduzia num tom alto mas neutro, processando de modo automático e indiferente as palavras de uma língua para a outra, como um motorista trocando de pistas na rodovia.

— Eu gosto deste país...

Mehenni usava um terno cinza largo, camisa aberta no colarinho e sapatos de couro preto. Lizzie percebeu que ele tinha se arrumado com elegância para a prisão. Imaginou que na rua ele se fundiria anonimamente com o contingente usual de imigrantes em Londres. Em sua própria casa ele poderia ser um daqueles norte-africanos corteses e formais que ofereciam café e bolinhos doces. Mas, observando-o de perto, assim, pensou que ele também tinha a magreza de um homem que se devorava sistematicamente até virar um saco de ossos raivosos.

O advogado, um jovem branco e gorducho usando tênis, jeans e uma camiseta brilhante do time do Chelsea, atraiu o olhar de Lizzie. A policial passou a unha pela fenda onde a caixa plástica de fitas de gravação se abria. A embalagem de celofane era resistente.

Mehenni tinha começado a falar em inglês.

— Eu *gosto* deste país. Respeito este país. Este país me deu um lar.

Lizzie falou baixinho com o advogado:

— O senhor tem certeza de que o sr. Mehenni precisa de um intérprete?

— Acho que é melhor — respondeu o advogado.

Ele estendeu a mão por cima da mesa e ofereceu sua caneta a ela. Lizzie a usou para furar o celofane, que se franziu e rasgou como a casca fina de uma cebola. Mehenni, novamente usando sua língua materna, continuava a falar alto. Lizzie se virou para o intérprete, levantando a voz acima da diatribe constante.

— Poderia explicar ao sr. Mehenni que vou colocar as fitas agora? Só então a entrevista vai começar.

O interprete era um homem gordo, de pele escura, com barba e um crachá de plástico pendurado com barbante no pescoço. Tinha mãos gorduchas com pelos escuros na parte de trás dos dedos e unhas grossas e amareladas. Sorriu para Lizzie, satisfeito como o gato de Alice.

— Claro, policial.

Em seguida, mudou de língua, falando enfaticamente com Mehenni.

Mehenni parou de falar. Assentiu e cruzou os braços como se esperasse sem paciência que um empregado incompetente terminasse alguma tarefa necessária.

O gravador emitiu seu tom áspero e longo. Lizzie leu as orientações. *Esta entrevista está sendo gravada...*

Ele não fez questão alguma de permanecer em silêncio durante o interrogatório. Mehenni estava pegando fogo. Ficava interrompendo enquanto ela passava pelas formalidades, balançando a mão impaciente como um membro da aristocracia que quisesse ser poupado dos detalhes. Mal ela havia terminado a advertência, ele começou a falar de novo num fluxo incessante, como uma água furiosa espumando nas corredeiras. Seu tom era o de alguém que falava com lacaios que o irritaram demais e estavam prestes a ser demitidos.

— Minha vizinha vem pegando no meu pé desde que a gente se mudou. Ela não gosta de ter a gente morando ali. Nós esperamos um ano, um ano! Numa pensão. Agora ela vai à associação habitacional. Preciso assinar um contrato, um contrato de quê? De quê? Nós moramos em paz, ao lado. A gente só quer paz. Por que essa mulher...

Lizzie interrompeu:

— Sr. Mehenni...

Mehenni continuou, ignorando-a, e Lizzie o observou como se houvesse uma parede de vidro entre eles. Tinha revelado tudo ao advogado, tinha mostrado as fotos, dito que pediria uma advertência se Mehenni fizesse uma admissão total e franca. O advogado olhou para ela e deu de ombros. Mehenni continuava a falar, num jato ininterrupto de insultos. Agora partiu contra Hadley.

— E meu nome também não é Maomé, nem Bin Laden...

Sem que Lizzie desejasse, uma imagem das acusações lhe veio à mente, real como se ela própria tivesse visto os acontecimentos: não era possível ouvir o que aconteceu, no quintal com a mãe de Mehenni, enquanto Hadley permanecia com a garota no corredor, cedendo ao que ele provavelmente consideraria uma franqueza inofensiva. Quase podia vê-lo, que inferno. Farah

em seu uniforme escolar, menor do que Hadley, sem jeito e espremida pelo corpanzil dele no espaço estreito. Hadley levantando aquela pança e dizendo: “Está bem, srta. Jihadista, pode dizer ao seu pai... Qual é mesmo o nome dele? Esqueci. Maomé, não é? Otário Bin Laden?”. Obviamente não o tinha ouvido dizer, mas isso não significava que ele não tivesse dito. Do mesmo modo, lembrou, eram palavras que alguém poderia facilmente inventar e colocar na boca de um policial. A narrativa em que a pessoa estaria inclinada a acreditar dependia principalmente do seu ponto de vista. A acusação era comum. Era igualmente plausível acreditar no relato de Hadley: a alegação de Farah era maliciosa, feita simplesmente para afastar a atenção para longe da verdade, que, afinal, não passava de uma averiguação de rotina relacionada a uma acusação certa de um delito insignificante.

A policial precisava se distanciar da queixa. Não era problema dela. Não era da sua alçada. Seu trabalho era investigar a alegação da sra. Stewart, de crime de dano. Levantou a voz outra vez.

— Sr. Mehenni, se não me deixar falar, vou ser obrigada a parar com a entrevista.

Houve um momento de silêncio. Mehenni cruzou os braços e lhe lançou um olhar de fúria, como se esperasse uma explicação.

— Sr. Mehenni, *eu* estou entrevistando *o senhor*. Sei que o senhor prestou uma queixa. O senhor tem um advogado. Essa questão será abordada, posso garantir, mas em outro momento, não por mim.

Mehenni negou todos os delitos. Lizzie não podia adverti-lo nem acusá-lo — precisava pegar os dados do telefonema ameaçador para Carrie Stewart. Não tinha opção, a não ser soltá-lo sob fiança. Trocou uma palavra com o advogado dele no corredor.

— Por favor, tente explicar a ele. A melhor coisa para ele é ficar longe de Carrie Stewart. Diga para pensar na própria família.

A soltura de Mehenni sob fiança tinha feito com que ela se atrasasse. Quando entrou no bar, o sargento Thompson, usando uma peruca vermelha e uma

cueca do Super Homem por cima da calça, estava discursando. Outras pessoas bebiam lançando olhares nervosos para ele.

— Lizzie! — Thompson gritou, como se ela fosse a pessoa mais ardorosamente desejada, como se a chegada dela finalmente completasse a comemoração. Ela sorriu diante das boas-vindas.

— Bebida, alguém?

Foi um pedido grande: ela pagou com cartão. O bar estava apinhado e escuro. À mesa estavam recitando esquetes do Monty Python. Lizzie bebeu sem parar, entrando decididamente no espírito da coisa. Thompson estava discursando. Agora iria para novas pastagens, onde as mulheres eram mais bonitas e — o mais importante — ninguém o conhecia. Levantou as fotos Polaroid da equipe numa moldura que tinham lhe dado, e balançou a garrafa de uísque.

— Sério, agradeço a vocês por isso. Foi ótimo. Sair foi uma decisão muito difícil. Se vocês acreditarem nisso, vão acreditar em qualquer coisa.

A coleção de fotos chegou às mãos de Lizzie. Entre as imagens havia uma dela com duas outras garotas esparramadas no capô de um carro da polícia.

— Então é assim que você passa o seu tempo — comentou Arif, por cima do ombro dela.

— Ninguém sabe exatamente o que *você* faz o dia inteiro — contrapôs ela.
— Fica escondido nos armários, é?

— Não me escondo em armário nenhum.

— É, isso é verdade.

Os dois fizeram um brinde com seus copos. Numa mesa distante, Hadley bebia, impassível. Indicou um copo alto na mesa e sinalizou para ela ir até lá.

— Você ganhou a aposta, no fim das contas. Me surpreendeu, muito bem. O seu veneno é Bloody Mary, não é?

Era possível que, apesar de todo o breve entusiasmo do sargento Thompson, Hadley fosse de fato seu companheiro natural nesse evento. Lizzie se sentou ao lado dele.

— Desculpe se não pude te ajudar com o Mehenni — disse ele. — O chefe disse que eu não deveria me meter. Quer dizer, em vista da queixa.

— Tudo bem.

— O que ele disse?

— Negou.

— Você fez a acusação?

— Não, soltei sob fiança.

— Não é boa ideia, é?

— Preciso pegar os dados do telefonema. Desde que Carrie Stewart se intrometeu, o superintendente vem se interessando. Disse que eu não podia retirar a acusação de comunicação maliciosa porque Mehenni não aceitaria a responsabilidade pelo crime de dano.

Outro Bloody Mary tinha aparecido à frente dela. Furtivamente, alguém passou o cartão de despedida para o sargento Thompson por baixo da mesa, para ela assinar. Lizzie viu escrito *Nunca gostei de você*, e acrescentou seu insulto inevitável: *Já vai tarde, seu saco de lixo*.

Olhou os outros policiais. Thompson tinha ganhado um consolo de plástico, que estava sendo passado de mão em mão, entrando e saindo de braguilhas. A equipe era como uma matilha de cães, cada um se encaixando da melhor forma possível, nenhum com doçura nem maldoso, apenas um membro do grupo. Ela ansiava por se fundir nessa identidade e puxar o trenó com os outros. Eram uma raça à parte, misteriosamente, mas de algum modo inevitavelmente manchados pelo trabalho. Se você fosse um deles, era melhor ser de fato um deles.

Hadley estava falando:

— Eu queria conversar com você sobre a queixa.

Era um assunto delicado e ela não queria ser atraída para isso, mas estava cansada e era mais fácil ficar ali do que fazer o esforço de se juntar aos outros. Todo aquele negócio com o consolo de plástico seria realmente penoso. Sua fadiga era aumentada pelo efeito cada vez maior do álcool. Talvez devesse parar e ir para casa dormir. Mas ficaria feio sair tão cedo, disse a si mesma. Além disso, como mal admitia, mesmo sendo idiotice, não conseguia deixar de esperar, de ter esperança. Olhou em volta. Não viu Shaw.

Hadley murmurou com o copo de cerveja na boca:

— Eu tenho uma entrevista com o comitê.

— É?

— É para a escola de formação. Se eu conseguir, isso vai me tirar da rua.

— Pra ficar com a bunda grudada numa cadeira?

— Certo, Cagney, me dá um tempo. Estou velho demais para acordar cedo e ficar congelando nas cenas de crimes. Só mais três anos e estou fora.

Lizzie olhou seu relógio. Se Shaw não aparecesse, ela desistiria e iria embora em cinco minutos. Então o viu, parado junto ao balcão. Ele estava afastado do grupo principal, falando com um comandante. Olhou para ela e fez um gesto de beber. Ela bateu em seu copo e levantou o polegar. Ali, mesmo sem intenção, estava outra vez a esperança involuntária, a empolgação quase física que não tinha nada a ver com qualquer coisa que ela sequer ousara pensar.

Hadley ainda estava falando.

— Se você pudesse dizer que estava na sala o tempo todo... Que não é verdade o que ela está dizendo.

Arif a chamou para dançar. De algum modo ele tinha arranjado um boá de plumas. Ela acenou de volta. *Mais tarde*. As perspectivas para a noite estavam melhorando.

— Mas, Hadley, eu não *estava* lá...

— O que a menina está dizendo não é verdade. Vou lhe dizer exatamente o que aconteceu e basta você repetir num relatório. Assim a coisa fica resolvida entre a gente. Caso contrário, vai demorar séculos. A porcaria do inspetor podia ter encerrado o negócio de vez, mas ele está de olho na promoção.

— Não parece coisa do chefe.

— Não estou falando do *nosso* chefe. Estou falando do inspetor Grosz. A queixa não foi passada para o Shaw, foi? Ele não pôde cuidar disso.

Lizzie se lembrou vagamente da fala de um advogado no balcão de recepção. Talvez ele tivesse insistido em um inspetor diferente, independente.

— Hadley, tudo vai se resolver...

— Mas vai ser tarde demais para o comitê.

Ela não entendia o motivo de tanto rebuliço. Hadley podia sobreviver a mais três anos indo a cenas de crimes, não podia? Essa era a parte em que os

policiais deviam ficar de cabeça baixa e dar um tempo, prevendo o aperto de mão.

Um Bloody Mary foi posto na mesa à frente de Lizzie. O chefe se juntou aos dois, sentando-se de frente para ela. Ela tomou um gole, tentando não revelar o prazer que sentia com a chegada dele. Precisava deduzir como desfrutar, e não sofrer naqueles cinco minutos na companhia dele.

— Tudo certo? — perguntou ele a Hadley.

— Tudo, chefe. Na verdade, eu estava indo embora. — Hadley se levantou.

— Vejo você amanhã, Lizzie.

— Até amanhã, Hadley.

Com isso, eles ficaram a sós por um momento. Lizzie decidiu controlar os sentimentos. Por sorte, no bar, vozes se exaltaram.

— Que agitação é aquela? — perguntou.

— Arif acabou pedindo bebidas na conta de outra pessoa.

Ela levantou as sobrancelhas.

— De quem?

— Do sargento Thompson.

Ela gargalhou.

— Isso, sem dúvida, não foi a coisa mais sensata que ele poderia fazer.

— Pois é.

— Mesmo assim, é preciso admirar a coragem do sujeito.

— Verdade.

Ficaram em silêncio. Lizzie se conteve para não forçar a conversa. Seu nervosismo arriscava se transformar numa falação desgovernada. Sabia que a agitação não era por causa do posto do inspetor. Sentia um desprezo entranhado por qualquer tipo de categorização. Mesmo assim, estava com um sentimento de que podia estar sendo seduzida por uma variedade diferente de papo furado profissional. Havia boatos de que, antes de ser promovido a inspetor, Shaw tinha feito coisas interessantes, confidenciais. Outro homem poderia cantar vantagem, mas ele não. Ele podia ter histórias, mas não iria contá-las.

O silêncio havia se estendido por tempo demais e ela começou a sentir a necessidade de falar alguma coisa. Tomou outro gole da bebida e pensou em pedir licença para ir embora, mas dessa vez ele rompeu o silêncio.

— Está se divertindo?

Em geral, esse tipo de pergunta era uma espécie de exigência do grupo. *Você está se divertindo? Todos nós estamos nos divertindo?* Mas dessa vez teve um ar genuíno. Ela notou que o chefe estava bebendo suco de laranja. Estava completamente sóbrio. Para sua surpresa, ele devolveu o olhar com firmeza. Ela riu nervosa ao se imaginar subitamente beijando-o, e disse com certa sinceridade:

— Estou.

— Nunca achei que isso fosse tão simples assim para você.

— Bom, admito que em geral não curto as despedidas na polícia, mas estou gostando dessa. — Ela quase disse *agora*. Queria ficar, mas decidiu ir, antes de passar vergonha completa. Pegou sua bolsa. — Preciso acordar cedo. É melhor ir embora.

Ele tocou as costas da mão dela.

— Fica mais um pouco.

O toque — ela precisou admitir, por mais clichê que parecesse — foi como um choque elétrico. Lizzie ruborizou e depois não conseguiu parar de rir. Tinha se considerado totalmente imune aos encantos de qualquer homem com poder de prisão. Ficava completamente *entediada*. De súbito, especulou como ele seria sem roupa. Riu de novo e ele riu também.

— Ou, se você precisa ir, me deixe levá-la em casa. Você não mora longe de mim, não é?

Lizzie tentou afastar os pensamentos. Invocou a imagem da filha dele. Ele a havia levado à delegacia um dia: uma menina loura calçando Crocs cor-de-rosa.

— Posso ir de metrô, tudo bem. De verdade.

Ele sorriu.

— Mas é meio bobo, não é? Você ir de metrô quando eu também estou indo embora e moro pertinho de você.

Lizzie pegou a bolsa e o casaco. Os dois estavam saindo numa rapidez inesperada. Foi muito mais fácil do que ela imaginava. Seria efeito do álcool? Ela esperava não fazer papel de idiota. Enquanto passava pelos outros, Arif atraiu seu olhar e piscou. Ela balançou o dedo para ele, fingindo severidade.

Shaw tinha um Land Rover Discovery. Lizzie precisou se esforçar para subir no alto banco de couro. Com a escuridão da rua, Lizzie sentiu que o clima entre os dois havia mudado. Recostou-se no banco e olhou o laranja das luzes nos postes passando ritmicamente por cima do capô do carro.

Mas pelo jeito Shaw não havia captado o clima. Talvez ela tivesse entendido mal a carona para casa.

— Dei uma olhada no seu relatório — disse ele. — Aquele sobre o incidente na casa do Mehenni. Você praticamente não falou sobre o que aconteceu antes de o Mehenni aparecer, antes de toda a confusão. Talvez você só precise fazer mais um relatório curto, esclarecendo que ficou com o Hadley o tempo todo, quando estavam dentro de casa, e que ele não disse nada ofensivo. Bastam algumas linhas, não deve demorar muito.

A atenção de Lizzie mudou de maneira brusca, como um motorista ficando subitamente sóbrio ao ser parado por um carro da polícia.

— Mas eu não fiquei com ele o tempo todo. Estava no quintal dos fundos na maior parte do tempo em que ele ficou com Farah.

Shaw assentiu e suspirou.

— Ah. Tudo bem.

— O que foi?

— Hadley escreveu no relatório que você ficou com ele o tempo todo.

Por um breve momento Lizzie não conseguiu pensar. Então, de repente, ficou furiosa. De repente, tudo fazia sentido. Hadley tinha mentido em seu relatório e agora ela precisava mentir também! Por isso ele tinha falado tanto. Imediatamente, foi tomada por outra suspeita insidiosa. Seria por isso que ele tinha saído tão rápido quando o chefe se sentou? Será que os dois tinham conversado sobre essa questão? Seria por isso que Shaw tinha oferecido carona, de modo que pudessem conversar a respeito? Sentiu-se traída, idiota, humilhada.

— Por que diabos Hadley diria que eu estava lá? — perguntou com raiva.
— Se ele queria que eu mentisse, pelo menos deveria ter perguntado antes.

Shaw olhou pelo retrovisor e sinalizou à direita para ultrapassar um táxi velho que seguia a trinta por hora, aparentemente sem pressa de chegar a lugar nenhum. Sua voz era afável: parecia sugerir que ele estava concentrado na direção.

— Lizzie, calma aí, um momento. Não tire conclusões precipitadas. Você está no trabalho há tempo suficiente para saber que as pessoas se lembram das coisas de modo diferente. Talvez ele tenha achado que você estava perto o tempo todo. Talvez ele tenha esquecido que você foi para o quintal.

Lizzie se recostou no banco, irritada. Hadley tinha pensado que ela estava lá? Lentamente admitiu que sim, era possível. Sabia muito bem como duas pessoas podiam ter lembranças totalmente diferentes do mesmo acontecimento. Afinal, esse era o esporte cotidiano dos advogados de defesa. E os incidentes posteriores tinham parecido muito mais importantes. Mehenni fugindo. Farah pulando no capô do carro. Eram essas coisas que ela havia se certificado de abordar no relatório, as coisas que a preocupavam.

As ruas transbordavam de pessoas. Uma garota na calçada estava caindo de tão bêbada, ou fingindo. Era difícil dizer. O chefe precisou frear para deixar que um casal se apoiando nos braços um do outro atravessasse na frente do carro. Ele esperou os dois passarem.

— Não é grande coisa, Lizzie, de verdade. Não se preocupe, tudo vai ser resolvido de um jeito ou de outro.

Ela tentou parecer que concordava. Idiotice sua achar que seria grande coisa.

— É, o senhor está certo.

O carro avançou de novo e acelerou. Então ela disse baixinho o que estava pensando.

— Acho que todo mundo tem uma opinião sobre isso.

— Você não vai durar muito no serviço se ficar preocupada com o que dizem a seu respeito. Não ligue para isso. Fique firme.

— Ficar firme?

As luzes dos postes pulsavam sobre o rosto impassível de Shaw, alternando-se entre o branco e a escuridão.

— Bom, você sabe o que eu quero dizer.

Mas ela não sabia. Esse era o problema.

Shaw desacelerou ao se aproximar do semáforo. Então, enquanto as luzes ficavam verdes, partiu com velocidade para o vazio da rodovia. O carro desacelerou diante de um radar e depois acelerou até 140. Lizzie afundou no banco de couro e se entregou à velocidade, à noite. Uma viatura passou rapidamente com as luzes azuis piscando, sem sirene. Outra parte de Londres; outro drama. Saíram da estrada principal e serpentearam por rotatórias e cruzamentos antes que o carro reduzisse a velocidade até parar.

— Exatamente onde você mora? — perguntou ele.

— Algumas ruas ali na frente. Eu vou orientando. — Lizzie pegou suas coisas no piso do carro. — Ou posso andar o resto do caminho.

— Não seja boba. Eu moro aqui, à esquerda. Se você quiser beber alguma coisa primeiro...

Sarah e Steve foram andando sistematicamente a partir das extremidades opostas da beira-mar, procurando em cada hotel. O Sea Crest, que tinha um toldo sujo e janelas embaçadas de condensação, tinha um pequeno estacionamento próprio, de onde Steve saiu apertando sua jaqueta em volta do corpo e acendendo um cigarro. Ele ligou para Sarah pelo celular.

— Bingo.

Os dois pararam um pouco à frente, deixando o carro virado na direção de Hastings com uma boa visão da porta do hotel e da saída do estacionamento. Sarah pediu que mais policiais fossem até lá e os substituíssem. Jez e Alice disseram que podiam fazer a hora extra. Estavam a caminho — chegariam a tempo. Sarah precisava dormir um pouco. No mundo ideal, outra pessoa seria responsável por deter Lizzie, caso ela viesse pegar o carro.

Esperaram.

A noite havia caído e o mar era uma vastidão de negrume vítreo. Ao longe, Sarah podia vislumbrar o espectro do píer arruinado. Empurrou o banco para trás e fechou os olhos. Quando acordou, estava rígida e com frio.

— Graças a Deus você acordou — disse Steve. — Estou morrendo de fome.

— Por que diabos eles estão demorando?

— Recebi uma mensagem enquanto você dormia. Houve um acidente na A21. Eles estão presos no trânsito.

— Entendi. Compre umas batatas fritas para a gente. Muito sal...

— E sem vinagre. Serei rápido.

— Sem problemas.

Sarah saiu do carro e parou junto à balaustrada de ferro que circundava a praia. Acendeu um cigarro e imaginou sua casa vazia realizando suas atividades solitárias, o aquecimento central ligando.

Virou-se e se encostou na balaustrada, olhando à esquerda. Uma jovem andava na sua direção, uma figura magra usando capuz, jeans e tênis. Sarah pegou o telefone no bolso e selecionou Steve entre os favoritos, mas ele não atendeu. A jovem estava chegando mais perto. Sarah desligou o telefone e o enfiou de volta no bolso. Virou-se de novo para o mar e apoiou o peso no corrimão. Esperaria Lizzie passar. Com sorte, até lá Steve podia ter voltado. Mas os passos da jovem estavam diminuindo a velocidade, e então ela também parou e se apoiou na balaustrada.

O campo tinha dado lugar a luzes. A beira-mar era uma seminoite manchada de neon e sódio. Lizzie virou as costas para a cidade e olhou a escuridão do mar. Ouviu os suspiros e as pulsações, as pedras se mexendo interminavelmente.

Naquela noite ele havia se tornado Kieran para ela. Antes tinha sido inspetor, chefe, senhor, sr. Shaw. Agora, junto com o ato físico, vinha o nome: Kieran. Lizzie ainda podia senti-lo na boca, a consoante velar sem voz, a vogal parecendo um suspiro, o som viajando para a frente e se virando como o rolar de uma onda até acabar com o toque suave da língua batendo no *n*. Lembrou-se dele, inclinando-se para beijá-la. Os lábios, a língua. O gosto dele, a pressão do desejo dos dois, como se cada um quisesse engolir o outro por inteiro. A mão dela em volta do pescoço dele, o cabelo curto na nuca. A mão dele — tão suave — em suas costas. E, no entanto, apesar desse momento de ternura, o desespero, a pressa, como corredores disparando em direção à linha de chegada.

Não tinham se afastado do aparelho de som, como se fossem adolescentes; a mesinha de centro os apertava. De algum modo, ir à cama dele estava fora de questão. As roupas tinham sido arrancadas, descartadas, apenas meio removidas, e então, com uma impaciência final, os dois estavam nus. Houve uma imobilidade momentânea. Ela havia passado o dedo pela linha de bronzeado mais escuro onde a camisa de manga curta da polícia terminava.

Estava inclinada para trás. Havia uma cicatriz no braço dele, uma tatuagem no peito e outra no bíceps. E então, com o choque da intimidade, ele estava dentro dela. Inclinou-se para longe dela. Ele sorriu e disse o seu nome. *Lizzie*. Enquanto ele estendia a mão para ela, Lizzie viu com mais clareza a tatuagem no braço: uma rosa se abrindo e se retorcendo. Uma compaixão súbita brotou dentro dela: a confusão daquilo, a dor, a urgência, a beleza inesperada, a falta de jeito, a porcaria da mesinha de centro idiota.

Apoiou as mãos na balaustrada e sentiu o metal frio contra elas. A retidão incontestável daquilo: era o que ela lembrava. Mesmo agora, seu desejo tinha uma justificativa própria, um significado próprio.

O mar suspirava, ia e vinha. Lizzie olhou à esquerda. Havia uma mulher a poucos metros, também encostada na balaustrada, fumando, olhando o mar. Lizzie olhou para a mulher e imaginou que pensamentos estariam passando pela cabeça dela, que lembranças brincavam ali. O que a havia trazido, sozinha, para contemplar o mar? Era mais velha do que Lizzie, usava sapatos de couro baixos, bons, e o que parecia uma calça de terninho cinza, tudo isso sob uma jaqueta impermeável fechada com zíper e que não combinava muito com o resto. De repente, Lizzie percebeu que ela era, claro, uma policial. Então a mulher se virou ligeiramente e Lizzie a viu na cobertura do prédio, estendendo o distintivo.

Arrancada do devaneio, Lizzie se virou imediatamente e começou a andar na direção de onde tinha vindo. A sargento detetive foi atrás, chamando seu nome. Lizzie acelerou o passo e começou a correr.

Depois dos primeiros passos, Sarah se virou e correu para o carro. Desafiando as buzinas que protestavam, deu meia-volta com o veículo na rua litorânea. A beira-mar estava movimentada, com carros em alta velocidade. Viu Lizzie correndo à frente, os braços balançando com facilidade. Num segundo estaria ao lado dela. Iria ultrapassá-la, correr de volta e pegá-la. Mas Lizzie tinha olhado por cima do ombro em direção ao carro que se aproximava, e agora passou correndo pela frente dele, obrigando Sarah a frear com força. Sarah já estava saindo do banco do motorista, o pé direito na rua. O tráfego iria fazer

Lizzie parar. Ela poderia pegá-la. Mas então, para seu horror, viu Lizzie se virar no caminho de um carro que se aproximava. O carro buzinou e freou cantando pneus, evitando-a apenas por centímetros. Lizzie quase se desequilibrou. Pôs a mão esquerda no capô para se firmar e partiu de cabeça baixa, correndo rápido. O motorista estava saindo do carro, com raiva. Sarah viu Lizzie entrar numa rua lateral. O gordo gritava para ela e sacudia o punho.

— Que diabo?!

Sarah correu, deixando o carro na rua. Seu celular estava tocando. Podia ver as costas de Lizzie desaparecendo à direita, em direção à rua principal.

Tirou o telefone do bolso e atendeu enquanto se virava e corria de volta para o carro.

— Steve, ela fugiu. Acho que foi para a rua principal, na direção da estação. Está indo depressa demais para mim. Vou voltar e procurá-la de carro.

Quinze minutos depois de Sarah e Steve desistirem da perseguição, Jez e Alice chegaram a St Leonards. Agora todos estavam sentados juntos num bar no térreo de um hotel grande e branco à beira-mar, tomando suco de laranja e comendo amendoim salgado.

Sarah estava furiosa. Lizzie Griffiths a estava fazendo de idiota. Tinha uma imagem forte na mente — uma imagem que achou que sempre permaneceria com ela —, o corpo jovem e magro de Lizzie ultrapassando-a sem esforço, como se fosse a melhor competidora numa corrida cross country.

Nem Sarah nem Steve falaram. Jez quebrou o silêncio:

— Olha, não é a pior situação do mundo. Agora ela não tem carro e está ficando sem dinheiro. É uma cidade pequena e ela não tem veículo. Podemos verificar as câmeras do hotel. Descobrir que roupa ela está usando. Não podemos pedir ajuda à polícia local?

Steve balançou a cabeça.

— Baillie disse que não.

— Ligue para ele. Faça com que ele mude de ideia.

Sarah falou pela primeira vez:

— Ele não está atendendo a porcaria do telefone. Vou ter que falar com ele de manhã.

20

Lizzie não conseguia parar de tremer. Sabia como podia ser fácil deixar escapar suspeitos quando eles estavam a poucos metros, de modo que, por um longo tempo, simplesmente ficou agachada atrás de um barracão no canto escuro do quintal de alguém. Não sabia até que ponto eles seriam meticolosos procurando-a, nem quantos eram. Por fim, decidiu se arriscar e se movimentou. Talvez eles mandassem mais policiais, fizessem uma busca sistemática, até mesmo isolassem a área onde ela fora vista. Precisava ir embora, pelo menos se afastar do centro da cidade.

Caminhou rapidamente para longe do mar, passando por ruas com amplas propriedades vitorianas, chegando por fim a um estacionamento deserto. Oficinas e armazéns, estabelecimentos solitários com fotos de pastores-alemães nas vitrines. Havia uma fileira de garagens e ela viu que numa delas o cadeado parecia destrancado. Abriu-o. Dentro havia uma van branca, trancada, e atrás da van algumas latas de tinta grandes. Folhas de árvores tinham se juntado ao longo da parede.

Encostou-se na van e esperou que as coisas ficassem mais claras em sua mente. Morria de medo de terem identificado o carro alugado. Sentia os fatos se apertando ao redor dela, forçando-a a algum tipo de final que ela temia mais do que tudo. O frio estava penetrando no seu corpo. Agachou-se, tirou as camisetas da mochila e as vestiu uma em cima da outra, depois fechou de novo o zíper do casaco impermeável. Suas mãos tinham uma espécie de luminosidade no escuro, brancas e frias.

O carro alugado, com seu aquecedor forte, tinha sido uma espécie de refúgio e lhe dera uma fantasia de fuga, de dirigir por quilômetros e quilômetros, para sempre e sempre. Lembrou-se com amargura dos bancos de couro macios do Land Rover de Kieran. O luxo e a exuberância do carro. O som alto da música vinda do iPhone.

Naquela primeira manhã, ela ia para a casa dos pais, e o sexo a atrasou. Kieran a fez rolar de costas, como um leão brincando com um filhote submisso, e disse:

— Temos muito tempo. Eu te levo até a estação.

Parecia que cada um queria atravessar a pele e entrar no corpo do outro. O cheiro dele, o gosto — tinham sido uma confirmação do que ela suspeitara. Seu desejo tinha sido confirmado.

Depois a cidade passou em todo o seu cinza glorioso, o enorme céu nublado emoldurando o viaduto Westway com seus outdoors e prédios altos.

— Parece um carro de traficante — comentou ela.

— Isso mesmo. Não posso deixar que eles fiquem com todas as coisas boas.

Kieran olhou à esquerda e por um momento pôs a mão livre no joelho dela. Depois sinalizou à direita para ultrapassar um carro e mudou de marcha.

— Lizzie, por falar no Hadley. Está se sentindo melhor com relação a isso?

— Mmm.

Ela não queria falar sobre Hadley. Queria que a corrida durasse para sempre. Queria caminhar com Kieran numa praia de cascalho. Queria tomar o café da manhã com ele num hotelzinho antiquado. Queria saber tudo sobre ele, cada detalhe. Queria perguntar o que diabos os dois achavam que estavam fazendo, queria trepar de novo com ele, logo.

Ele disse:

— Certo, escuta. — Lizzie se virou para ele, mas Kieran estava concentrado na estrada. — Nós não estamos tendo essa conversa, entendeu?

Ela deu de ombros.

— Tudo bem.

— E essa é só a minha opinião. Não tem nada a ver com o fato de eu ser seu chefe. É só a minha opinião como seu, seu... — Ela franziu os olhos para ele e

pensou: *amante*. Ele sorriu brevemente e disse: — ... amigo.

— Ok. Tudo bem. Pode continuar.

— Lizzie, isso é o que eu faria com relação ao Hadley. Claro que apoio qualquer decisão sua.

Ali estava ele, vinte anos de experiência sem nenhum merda digna de nota. Ela disse:

— Certo, Kieran, chefe, sei lá. Vá em frente. Quero ouvir o que você realmente pensa.

E essa era a verdade. Ela não pretendia necessariamente fazer o que ele dissesse, mas queria que ele parasse de falar em código.

— No seu lugar... eu conversaria com o Hadley e descobriria o que aconteceu de verdade quando ele estava com Farah e você estava na cozinha. Precisa ser só você e ele, e vocês precisam ir ao fundo da questão. Então você saberá o que fazer.

— Então você ainda não entregou a pasta do caso.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu estava esperando você decidir o que fazer.

Decidir? Lizzie não tinha percebido que esperavam alguma decisão da parte dela.

— Esteja segura de si. Não se enfie na merda, Lizzie. Nem me enfie na merda, por sinal. Pense e me diga o que quer fazer. Se quiser conversar com o Hadley, garanto que vocês sejam colocados num carro num turno da noite. Até lá, vocês não vão trabalhar juntos.

Ele virou o carro para a pista de acesso da estação de Paddington. A mão dela já estava na maçaneta da porta. Ela corria o risco de perder o trem. Ele precisava pegar o turno da tarde e estava com pressa. Mas estendeu a mão e Lizzie sentiu-a no ombro.

— Não esqueceu alguma coisa?

Por um minuto ela se sentiu como se tivesse cometido algum erro de recruta, como deixar de acrescentar a transcrição de um interrogatório no registro de prisão. Mas Kieran estava sorrindo. Ele se inclinou para beijá-la, a mão acariciando sua nuca.

— Bico calado, hein? — disse ele.

O taxista asiático que pegou Lizzie na estação precisava se abrir sobre o sucesso do irmão que investiu no mercado imobiliário da região. Lizzie se desligou dele, fazendo sons baixos de aprovação. Era incrível como todo mundo precisava ser ouvido! Tinha lido em algum lugar que as pessoas passavam noventa por cento do tempo pensando em si mesmas. Seu telefone apitou e ela o pegou na bolsa. Era uma mensagem de texto de Kieran: *OK?*

Ela digitou de volta: *OK. E VC?*

Não houve resposta e ela pôs o telefone de volta na bolsa. Olhando as ruas suburbanas passar com suas janelas de PVC e camélias lustrosas em jardins bem-cuidados, lutou contra um impulso de pedir ao motorista para voltar à estação. Lembrou-se de ter espiado pela porta aberta da cozinha. A janela com riscos de vapor condensado escorrendo. Sua mãe sussurrando amarga com seu pai:

— Você se recusa a fazer o que é certo.

Cedo demais o táxi estava parando diante da casa dos pais de Lizzie. Ela pagou a corrida e entrou em casa silenciosamente, usando sua chave. Antes de pisar na sala, parou um momento no corredor como um mergulhador voltando lentamente à superfície, aclimatando-se com cuidado numa pressão atmosférica diferente.

O pai estava sentado na poltrona especial que a mãe havia comprado para ele. O estofamento de tapeçaria se esforçava para esconder a natureza da poltrona, mas um fio que ia de trás dela até a parede entregava o jogo. Uma almofada sustentava as costas do pai. A toda volta estavam os aparatos dos esforços da mãe para mantê-lo vivo. A porta dupla deslizante da sala de jantar estava fechada, escondendo a cama fornecida pelo hospital. Lizzie podia ouvir a mãe se movimentando na cozinha. Tentou esconder o horror diante da condição do pai. Disse: “Papai”, e tentou um sorriso que ela achou ter saído como uma careta.

— Não — disse ele, balançando a cabeça numa breve confusão. — Não, não, não se preocupe, Lizzie. — Em seguida, estendeu a mão. Estava

esquelética, já mumificada. — O que você tem feito?

A mãe entrou com um otimista chá com bolo.

— Lizzie. — Ela hesitou brevemente antes de pensar num abraço e depois decidindo que não. Começou a se movimentar em volta do marido, ajeitando a almofada nas costas dele. Ele era um ídolo tombado, rígido na poltrona, mas ainda exigindo tributo com seu rosto de caveira.

— Você vai poder passar a noite aqui?

— Eu disse, mamãe. Estou de serviço amanhã. No primeiro turno.

A campainha da porta soou.

— Deve ser o vigário — disse a mãe.

Lizzie não conseguiu se conter.

— Você precisava chamá-lo na única tarde em que estou aqui?

A mãe reagiu no mesmo tom. Falou com uma pressa raivosa:

— O seu pai pediu para vê-lo. Seja educada.

O vigário tinha um rosto magro e abatido e mãos com dedos longos. Com o colarinho clerical, o paletó escuro e os sapatos confortáveis com solas de borracha, não havia nada agradável no sujeito: não era nenhum anglicano sorridente com sobrepeliz das cores do arco-íris. Pelo contrário, havia nele — pelo que pareceu ao mau humor de Lizzie — uma complacência imerecida. Como um velho policial que conhecesse o trabalho de trás para a frente. Com o ar de um homem familiarizado com o preâmbulo da morte em casas com aquecimento central, ele se sentou numa poltrona e teceu elogios aos campos esportivos do outro lado da rua.

— Pois é, nós compramos a casa por causa da vista — disse a mãe dela, e Lizzie pensou em juncos e pântano, desaparecidos muito tempo atrás.

— O sol se põe sobre os campos — completou o pai.

— Com licença, vigário — disse Lizzie.

Enquanto ia se juntar à mãe na cozinha, seu telefone apitou de novo e ela viu, com um súbito clarão de alegria, que era outra mensagem de Kieran: *Tudo bem. OK?*

Bem. Volto para o primeiro turno amanhã.

Seu pai a havia convocado, fechando-a nessa eclusa de ar geminada, com vidros duplos e isolamento nas paredes, mas logo ela fugiria. Dentro de Lizzie havia um devaneio que a protegia, um canto em que algo germinava, como uma semente se desenrolando num porão escuro. Talvez aquilo se tornasse algo mais duradouro do que um encontro de uma noite só e a lembrança de uma rosa tatuada.

No aparador havia comprimidos enfileirados num recipiente de plástico com várias divisões. Amarelos, azul-claros, vermelhos vibrantes. Ocorreu a Lizzie que alguém tinha inventado o recipiente especial: que em algum lugar havia uma fábrica que produzia caixas de plástico destinadas apenas a abrigar diferentes dosagens de comprimidos de cores diferentes. A mãe estava arrumando uma cozinha já arrumada, passando pano nas bancadas limpas, arrastando um ressentimento borbulhante. A vida dos pais juntos parecia seguir as linhas de uma maldisfarçada competição pela superioridade moral. Lizzie ficava furiosa por dentro, porque nenhum dos dois estava preparado para assumir a culpa por Eva ter mordido a maçã. O ressentimento da mãe era ameaçador, como uma fagulha prestes a cair na palha seca. Lizzie tinha um monte, um celeiro de palha por dentro, pronto para pegar fogo. É isso que eu sou, pensou: um motor de combustão interna. Você poderia me ligar à Grade Nacional e reduzir as emissões de CO₂. Praticamente nenhuma palavra precisava ser dita, mas de algum modo ela e a mãe já estavam discutindo. Lizzie abafou as chamadas: não haveria briga. Seu pai estava morrendo.

— Vou dar uma volta, até o vigário ir embora — disse à mãe.

Foi até os campos esportivos. A grama estava dura e seca, firme embaixo dos pés, e ela se lembrou de um tempo diferente, quando havia pântano e os francelhos pairavam lá em cima. Uma vez achou uma cobra-d'água, verde-esmeralda, parecendo uma joia contra o asfalto novo da rua. Soava como uma visita a uma terra tão estranha quanto Nárnia. E, como um visitante desse tipo, não podia sobreviver muito na atmosfera do planeta alienígena. Uma das outras crianças a cutucou com um graveto e a cobra reagiu com uma ondulação cautelosa que viajou como eletricidade pelos nervos do corpo.

Sua irmã disse:

— Lizzie, vai correndo chamar o papai.

Ele chegou com um entendimento perfeito da urgência e levantou a cobra com as mãos. As crianças ficaram boquiabertas com a coragem daquele homem. As mãos dele pareciam fortes e capazes; agora certamente a cobra seria salva. Ele a virou e encontrou o ferimento.

— A coitadinha provavelmente foi atropelada por um carro — disse. — Não tem nada que a gente possa fazer.

Ele foi em direção ao capim mais alto, com as crianças atrás, sob a luz comprida da tarde. Abaixou-se e pôs a cobra num buraco no chão.

— Ela só vai ter alguma chance se ficar aqui quietinha, no capim comprido — disse. — Quero que vocês a deixem em paz.

Ele ficou de sentinela e as crianças se afastaram em busca de outras atividades. Foram bater na porta dos vizinhos pedindo jornais velhos para reciclagem, provocando a desconfiança nos adultos. Levaram os jornais para cima do morro atrás da casa e puseram fogo neles. Numa vala na floresta, as chamas gloriosas saltaram e subiram. O policial do povoado chegou e elas se agacharam nos arbustos, olhando-o apagar o fogo com os pés. Era o pai de Tracey; morava numa das antigas casas da polícia do outro lado da rua.

Mais tarde, enquanto o sol se punha, Lizzie olhou pela janela em direção ao pântano onde a cobra ainda estava. Os pais discutiam na cozinha, atrás da porta encostada. Nuvens subiam do fogão e se condensavam em riachos e poças nas janelas.

— Por que você faz isso? — sibilou a mãe.

— Isso mesmo, por quê, *Paki*?

— Certo, eles não deveriam usar palavras assim, mas... O que uma criança diz a outra não merece ser discutido por adultos. Há um modo de dizer as coisas, e o seu modo não vai fazer nenhuma diferença. Você não vai mudar a opinião de ninguém. A única diferença que você vai fazer é para a sua própria família.

Lizzie saiu correndo pela porta lateral.

A mãe gritou para ela:

— Não demore. Já vou servir.

Lizzie atravessou correndo a rua e foi pelo campo pantanoso até onde tinham deixado a cobra. Ali ela estava nos limites — a casa, com sua luz elétrica laranja, era um posto avançado remoto. Encontrou a cobra a cerca de um metro a frente, morta. Parecia um ato quase voluntário, como se, em desafio aos que tinham vindo e invadido o lugar anteriormente remoto, ela tivesse optado por morrer.

Nos dois anos seguintes, enquanto novas casas se estabeleciam na região, a terra havia jogado seus tesouros para cima como uma última oferenda. Tubos de cerâmica, fósseis, pássaros mortos; tudo foi posto para fora. A terra estava perdendo cor e variedade. Uma vez, Lizzie caminhou sozinha os três ou quatro quilômetros pela estrada e encontrou o acampamento cigano, enfiado numa curva entre as sebes. Só havia umas duas carroças. Ela parou no perímetro e observou. Flores de amento pendiam como rabos de cordeiros. Roupas lavadas balançavam à brisa fria. Uma criança cutucava uma poça de lama com um graveto.

Agora a casa lhe parecia curiosamente igual em todas as diferentes épocas, como se existisse fora do tempo. Empoleirada na borda de terra que já fora uma área agrícola cheia de touceiras, mas agora era um parque suburbano sem graça, tinha se destilado em algo menor, porém mais intenso em sua imaginação.

O crepúsculo já estava chegando. Contra o céu que escurecia, as nuvens eram lavadas por uma luz carmim. Ela se virou para examinar a casa, imaginou-a segurando o passado, como um globo de neve sacudido, com a neve ainda caindo. Mas era o presente, e seus pais estavam velhos e em declínio. Uma ambulância estava parando do lado de fora. No crepúsculo, as luzes eram de um azul sobrenatural, como estranhas celebrações.

Não conseguia correr tão rápido. Mesmo assim, tentou, porque isso seria sempre preferível a ceder à outra possibilidade: que havia passado longas horas no trem mas mesmo assim a mãe tinha conseguido afastá-la do momento em que o pai mais precisava. Ela era boa corredora e se concentrou na técnica. Cabeça alinhada com a coluna, o queixo abaixado. Ação suave dos braços. Mãos relaxadas, dedos dobrados. Sentiu seu poder, o impulso dos pés. Os

braços socando. Os pulmões puxando ar. O terreno subia em direção à casa. O corpo podia querer desistir, mas era aí que você cavava um pouco mais de força. A última parte de qualquer corrida tem a ver com ser mentalmente mais forte do que seu oponente. Você pensava que a corrida iria matá-la, mas não matava. E depois ficava sempre mais forte do que era antes.

Subiu a ladeira, ainda correndo, e viu a ambulância se afastando, as luzes piscantes desaparecendo na estrada escura.

Os pulmões doíam. Ela se curvou e cuspiu.

O pai estava morto antes de chegar ao hospital.

19 DE ABRIL

21

O homem era corpulento, aparentava ter uns trinta ou quarenta anos, usava um casaco com pele no capuz, calça manchada de tinta e tênis. Lizzie não sabia se tinha caído no sono apesar do frio, mas agora estava confusa e era difícil acordar. O homem estava parado junto dela, observando-a. Ele sacudiu seu ombro e falou com sotaque estrangeiro, provavelmente polonês:

— Você está bem?

— Mmm.

— O que está fazendo aqui?

Ela tentou se levantar, mas não era fácil.

— Nada — disse. — Já vou indo.

Ele estendeu a mão e a ajudou a ficar de pé.

— Você está com frio. Tudo bem. Eu te dou carona. Quer carona? Vou tomar café da manhã. Quer que eu te pague um café da manhã?

Na van, ele tirou o casaco e ligou o aquecimento no máximo. Disse:

— Se for dormir na garagem, precisa ficar aquecida.

— É, é. O senhor está certo.

— Sério — insistiu ele. — É sério.

Ela pediu um café da manhã inglês completo — feijão, salsicha, ovos fritos, bacon, carne com repolho, a coisa toda — e tentou esquentar as mãos com uma grande caneca de café com leite. A princípio os sons do lugar eram distantes, mas aos poucos Lizzie sentiu o volume voltando ao normal. Consequia perceber as fotos de jogadores de futebol nas paredes, a mulher de

seios grandes servindo atrás do balcão. O lugar estava quente e cheirando a carne frita.

O homem disse que se chamava Janusz, mas não falou muito mais que isso. Pegou um tabloide e o folheou como se ela não estivesse ali. Depois de uns vinte minutos, ele se recompôs e se levantou para ir embora.

— Quer dormir na garagem?

— Talvez.

Ele assentiu.

— Está bem. Mas você precisa ficar aquecida.

— Tudo bem, entendi. Olha, obrigada.

Ela não conseguia se obrigar a sair do calor e do conforto do café. Tirou o celular da bolsa e o examinou por um tempo. Reconheceu que ele representava outro tipo de calor, igualmente tentador. Será que podia simplesmente encostar o dedo no nome dele? *Kieran*. Imaginou-o pegando-a no Land Rover. Imaginou-se afundando no banco de couro e viajando, viajando para longe. Podia visualizar o campo, um chalé numa colina, talvez. Paredes de pedra sem argamassa. Mas sabia que isso não passava de uma fantasia. Seu telefone atrairia a polícia, ou Kieran informaria à sargento detetive Collins — não teria outra opção.

Ele tinha sido seu protetor, ou pelo menos era o que ela havia pensado.

Depois da morte do pai, quando descobriu que era difícil fazer qualquer coisa sozinha, Lizzie ficou no apartamento dele. Ele comprou comida para viagem e cozinhou para ela, como se ela estivesse doente. Foi trabalhar; ela ficou deitada na cama dele, usando suas camisetas velhas e assistindo a filmes em preto e branco no laptop dele.

Sozinha, enquanto ele estava no trabalho, ela andou pelo apartamento. Na parede da sala de estar havia uma foto emoldurada, em preto e branco, de uma menina de seis anos vestida com um tutu. Uma garota magricela com cabelo louro preso num coque. O pé direito, calçando uma sapatilha de balé, batia no chão como um cavalo antes de uma série de saltos.

O banheiro dele tinha o cheiro pungente de sabonete e desodorante masculino. A prateleira tinha duas escovas de dentes num copo, uma era de criança. O rosto de Lizzie estava pálido no espelho embaçado enquanto escovava os dentes com o dedo indicador.

Quando sua mãe tinha ido embora, não houve gritos nem batidas de porta. Lizzie desceu para o café da manhã. E em vez de ter ido para o trabalho, como sempre, o pai estava lá, no lugar da mãe, fazendo torradas douradas.

— Esse é sempre o meu café da manhã predileto — disse ele. — É impossível enjoar.

Lizzie estava colocando um prato na mesa, de costas para ele, quando ele falou:

— Mamãe vai ficar longe por um tempo. Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

Naquela tarde, o pai a levou ao seu lugar predileto: a tradicional loja de doces com a campainha na porta que batia contra a corda esticada. Lizzie parou junto ao balcão e olhou a variedade de opções. Banana com creme, sorvete de limão, maçãs rosadas. O pai lhe comprou um saco misto de balas listradas, balas de cevada e balas de frutas. Lizzie atravessou o campo de jogos e se sentou na margem lamacenta do riacho. As balas eram como bolinhas de vidro colorido e pegajoso, guardando um mistério de dissolução açucarada, mas o saco se derramou ao lado dela e as balas rolaram morro abaixo, sujando-se de terra. Ela as deixou ali, como um tesouro esparramado.

Era somente disso que ela realmente se lembrava daquela época. Era como um silêncio por dentro. E então a mãe voltou. Lizzie olhou de uma janela do andar de cima enquanto o pai ajudava a tirar as bagagens do porta-malas do carro. Havia uma pastinha executiva de couro cor-de-rosa com bordas arredondadas e um zíper.

Lembrou que Kieran tinha lhe trazido de presente edições antigas de livros da Penguin compradas num sebo, e quando as roupas que ela havia trazido acabaram, ele chegou com calças e camisas como se ela fosse uma criança que tivesse caído num riacho.

Kieran voltou do trabalho e tirou a camiseta, chutando-a para baixo da cama. Quando ele dormiu, Lizzie encostou a mão no músculo da lateral do pescoço dele, onde os dentes dela tinham deixado uma marca.

Ele havia tirado a aliança de casamento e a levou de carro ao enterro do pai. Ela não sabia o que significava estar com ele lá, a não ser que, pelo menos por esse tempo, ele estava ao seu lado. Kieran sentou-se junto dela na capela, segurando sua mão com força.

Antes do enterro, a mãe tinha lhe dado uma caixa de fotos. Lizzie tirou a tampa e folheou as imagens. O pai a ensinando a andar de bicicleta. A praia de Pagham num dia de verão, o céu de um azul luminoso e o sol brilhando no capô do Volkswagen da família. Na frente do folheto do serviço fúnebre havia uma foto do pai, jovem, vistoso no uniforme do Exército, com as datas de nascimento e morte em itálico na parte de baixo. Lizzie havia pesquisado o nome dele no Google, mas não encontrou nada. Ele não tinha deixado nenhuma marca. Mais obscuro do que uma amonita, tinha caído no leito do mar sem deixar traços.

A figura dele no caixão era um simulacro. O pai não estava mais ali, nem em qualquer outro lugar. A mãe havia lhe mostrado um filme em Super 8 com a imagem desbotada e saltada: crianças com casaco de lona num zoológico; o pai olhando para a câmera e depois apontando para os pinguins; a mãe e o pai saindo de uma casa, gargalhando na chuva e correndo para um carro.

Enquanto acompanhavam o caixão até a luz do sol, Kieran passou o braço pelos ombros dela. A sepultura era uma boca preta e funda. Os filhos da sua irmã correram até lá como se fosse uma festa e jogaram pétalas de rosas vermelhas no caixão que baixava.

Depois do enterro, eles atravessaram a área rural no Land Rover de Kieran. Tinha havido uma geada tardia. Os campos estavam brancos e os galhos das árvores pareciam cristalinos. As estradas mergulhavam entre barrancos fundos e serpenteavam entre sebes altas de onde pássaros disparavam como um tiroteio. O sinal do iPhone de Lizzie ficava desaparecendo. O Land Rover aparecia como um ponto azul pulsando, viajando por uma grade verde ilimitada, como

se o que ela via pelas janelas fosse uma miragem. Eles podiam estar num barco num oceano. Podiam estar viajando para a Lua.

Kieran levava jeito. Não precisava do GPS. De algum modo, conseguiu seguir o inútil mapa desenhado a lápis no verso do folheto do serviço fúnebre. Ele sempre parecia saber onde estava.

— Vocês concordaram numa acusação contra o Mehenni? — perguntou ele. Por que ele a estava incomodando com isso, agora?

— Concordamos. Vou acusá-lo quando ele vier sob fiança.

A M40 corria em alta velocidade, asfalto cinza e linhas brancas. Ela não tinha visto a paisagem passar em lampejos enquanto o sol começava a baixar no céu, e sim a lembrança de quando tinha aprendido a andar de bicicleta, do pai correndo atrás e segurando o selim.

22

Steve estava abrindo a janela da sala para sair no telhado baixo e fumar um cigarro, mas parou ao ver Sarah abrindo a porta.

— O que o Baillie disse?

— Ele concordou em divulgar que ela está desaparecida. Vai fazer um comunicado à imprensa daqui a uma hora, mais ou menos. Estamos usando imagens do circuito interno do hotel.

— Cigarro?

Ela olhou o relógio: 7h30. Se Arif fosse pontual, estaria com eles em meia hora.

— Não, tudo bem. Quero começar logo.

— Recebemos a verificação do número de telefone que estava no bolso de Farah.

— E?

— É de uma linha desativada. Pertencia a Lizzie Griffiths. Ela trocou de número no dia 13 de abril.

Uma pausa.

— E houve algum telefonema entre Farah e Lizzie?

— Joe está verificando agora.

— Certo.

Sarah olhou Steve sair pela janela. Ele se encostou na parede e começou a fumar. O corvo esperava a uma distância discreta, saltitando na beira do telhado.

Ela abriu a cópia de trabalho da fita e a enfiou no aparelho. Era a gravação das comunicações por rádio durante o incidente; o mais próximo que ela podia chegar da experiência dos policiais na ocasião. Fechou os olhos e ouviu, imaginando a cena. O tráfego de comunicações no canal principal estalou. Policiais o interrompiam com pedidos e recebiam ordem de mudar para outro canal. Chegou o chamado falando da pessoa na cobertura do prédio. *Unidades, atender.* O 751 apareceu no local. Informou que podia ver duas figuras na cobertura. Não, três figuras.

O rádio estava movimentado. Era difícil captar tudo. Ordens do inspetor de plantão. Atualizações do local. Paramédicos sendo chamados. Sarah notou a ausência: o contínuo silêncio de rádio da 611 e do 170. Griffiths e Matthews. O silêncio dos dois era um vazio, um espaço negativo onde as coisas importantes estavam acontecendo sem ser gravadas.

Ela pausou a fita e abriu a janela.

— Steve. Apague a porcaria desse cigarro e venha escutar comigo, está bem?

— Certo. A postos, polícia metropolitana. — Ele tragou fundo uma última vez, pisou no cigarro e entrou pela janela. Sarah rebobinou a fita e ouviu, com a transcrição na mão.

Confirmando duas pessoas na cobertura. Não, três pessoas.

Prossiga, 761. A informante disse duas pessoas. Confirme três.

Steve anotou num pedaço de papel: 761? Sarah pegou a caneta da mão dele e escreveu: *Arif.*

Uma terceira figura se juntou às outras. Repito: uma terceira figura se juntou às outras. De longe não dá para identificar. Eles estão perto da borda.

A transcrição mostrava o inspetor Shaw transmitindo.

Controle, me mostre indo. Chegada em cerca de um minuto. Vou subir a escada. 761 para Controle.

Diga, 761.

Uma das pessoas na cobertura parece ser um policial.

Confirme, por favor. Uma das pessoas na cobertura é um policial?

É. É.

Você pode identificar o policial? Repito, pode identificar o policial?

Acho que é o 170.

Steve escreveu: *170 — Hadley?* E Sarah rabiscou: *Sim.*

Controle para 170. Uma pausa. *Repetindo, Controle para 170.*

Steve murmurou, abaixo do som da fita:

— Ele já desligou o rádio?

Sarah assentiu. Fechou os olhos de novo, esforçando-se para ouvir. Não conseguia deixar de imaginar. As três figuras na cobertura, o menino fantasiado de urso junto à borda. O inspetor de serviço dando ordens pelo rádio. Não para pedir apoio aéreo. Para o Serviço de Ambulâncias de Londres estar a postos. Tudo correto, a linha de tempo de um incidente crítico se desenrolando. Ela conseguia visualizar os recursos sendo posicionados. Os policiais de outros distritos dando a volta com os carros e acendendo as luzes azuis. O centro da tempestade sugando o apoio como um tufão arrasando tudo que está em seu caminho, enquanto o distrito pedia ajuda ao resto de Londres. O incidente em pleno vapor e todo o poder disponível ao estado sendo usado para contê-lo e neutralizá-lo. E então, no meio desse tráfego de rádio, o 761 se intrometendo, claro e definitivo como sempre são as notícias ruins: uma dissipação súbita.

Eles caíram.

Controle para todas as unidades. Silêncio de rádio, por favor. 761, repita, repita.

Eles caíram.

761, confirme, por favor. Confirme quem caiu.

O telefone de Steve tocou. Sarah parou a fita e esperou enquanto ele atendia. Ele desligou.

— Arif está esperando lá embaixo. Vou trazê-lo.

O garoto — apesar do posto de policial, era isso que Arif Johar aparentava ser para os dois — era magro e ligeiramente musculoso. A pele era de um castanho-claro e uniforme, as bochechas marcadas por uma sugestão de barba. Usava jeans, camiseta justa e sapatos esportivos fechados com velcro na parte

de cima. O cabelo estava cheio de gel. Ele cheirava a loção pós-barba. Deu um sorriso tímido e suas mãos permaneceram nos bolsos.

Steve estendeu a mão com um caloroso entusiasmo masculino.

— Obrigado por ter vindo tão cedo.

Arif aceitou o cumprimento. Seus ombros relaxaram. Ele sorriu.

— Sem problemas.

Sarah se lembrou dele na cena: um jovem policial sentado num muro, pálido e trêmulo. Em meio a todo o choque, ele tinha escapado da rede de atendimento que envolvera a equipe de resposta. Ela havia direcionado os paramédicos para ele.

A sargento tirou o lacre de fitas virgens para gravar a entrevista e as colocou no gravador.

Arif ainda estava de pé.

— Na verdade, acho que não tenho muita informação para dar. Eu estava no chão. Vi tudo de longe.

— Tudo bem — disse Steve. — Sente-se. — Em seguida, deu um tapinha na mesa em frente à cadeira. — Só precisamos gravar seu relato. Você sabe como é, não sabe? Precisamos gravar porque você é uma testemunha importante.

Arif o interrompeu, ingenuamente ansioso para mostrar que não era tão novato assim:

— Sim, eu sei de tudo isso. — E então, continuou, com pressa: — Bom, obviamente eu mesmo nunca fiz um. O chefe explicou...

Sarah interrompeu:

— Sim?

Arif lançou um olhar súbito, atento, de um para o outro.

Steve interveio, casual:

— É, foi legal da parte dele. Ele disse mais alguma coisa sobre isso?

— Não. Nada. Só contou como é o procedimento.

Sarah evitou os olhos de Steve, que sorriu. Tinham tropeçado em algo que dava a aparência de dificuldade, mas que de fato não precisava incomodar ninguém.

— Arif, não precisa se preocupar. Sei que você é novo no serviço. Nunca passou por nada assim. Só precisamos de um relato do que você viu, só isso. Você não está sendo investigado. Não existem perguntas capciosas. Só precisamos gravar seu testemunho. Isso precisa ser feito do jeito certo. Entende? Você viu o pessoal da imprensa.

— Sim, sim. Claro. Entendo. Sem problemas.

Steve se recostou na cadeira e Sarah fez as perguntas. Foi clínica e rápida na obtenção do relato, como tinham combinado. Arif estava patrulhando a pé e recebeu ordem de verificar com a mulher que havia informado o incidente, que tinha visto as figuras na cobertura. O apartamento dela ficava no térreo do prédio do outro lado da rua. Muito bem-arrumado. Cortinas de renda. Gatos siameses de louça enfileirados no console da lareira perto de algumas fotos dos netos dela. A mulher era branca, com cinquenta e poucos anos, classe trabalhadora de Londres; uma habitante atenta do estado. Arif fora o mais rápido possível na captação dos detalhes. Depois, saiu para observar o que estava acontecendo. Foi quando começou a transmitir pelo canal principal.

Podia ver três figuras na beirada do prédio. Pensou ter visto o menino com fantasia de urso na beira. Mas não tinha certeza se realmente conseguiu identificar esse detalhe. Talvez estivesse confundindo as lembranças. De todo modo, sem dúvida tinha visto uma figura pequena e uma alta atrás, e a terceira mais distante. Talvez estivesse preenchendo a memória com o que sabia que havia acontecido. Eles precisariam verificar suas transmissões. Pessoas tinham começado a se juntar, queriam saber o que estava acontecendo. Curiosos. Ele tentou afastá-los. Estava sozinho e enfrentava dificuldade para controlar o número cada vez maior de pessoas. Algumas estavam sendo hostis. Estavam gostando da situação: ele só atrapalhava. Um rapaz — Arif se lembrava dele com clareza — tinha dito para ele ir se foder.

No meio de tudo isso, Arif levantou os olhos e falou pelo rádio sobre o policial na cobertura. Desde o início, tivera bastante certeza de que era Hadley. Mas fora distraído pelos curiosos, estava tentando levá-los para uma distância segura com relação ao prédio. Eles não o escutavam e ele não tinha certeza de quais eram seus poderes e do que devia fazer. Tinha pedido apoio pelo rádio,

feito uma transmissão de emergência. Foi quando se virou e viu Hadley. No momento da queda. A visão foi...

Arif parou. Bateu na mesa com o dedo médio. Não conseguia encontrar a palavra. Tinha se surpreendido por chegar a esse momento. Por fim, a palavra saiu como um segredo sombrio que ainda tinha o poder de chocá-lo.

— Engraçada.

Ele comprimiu os lábios, que formaram uma linha fina. Sarah ficou esperando.

Arif prosseguiu:

— Como é que eu posso explicar? Foi que nem numa história em quadrinhos. O Hadley estava tentando de qualquer jeito voltar para trás, para a laje.

Sarah reconheceu a sensação de incredulidade de numerosas cenas de crime e de anos vendo o improvável. Arif continuou, agora dominado pela lembrança:

— Sargento, foi... como é que eu posso dizer? — Ele fez uma pausa e então encontrou as palavras com uma espécie de satisfação. — Coisa de desenho animado: um homem gordo tentando desesperadamente não cair. Mas aí não era mais assim, porque era...

Ele parou, de novo sem palavras.

Sarah disse:

— É, claro. Era real.

Arif passou a mão na boca e fechou os olhos. Quando os abriu de novo, não parecia estar vendo a sala, mas outra coisa, algo mais compulsivo.

— O Hadley... se preparou antes de bater no concreto. Pôs as mãos na frente do rosto. De certa forma, isso foi o pior. Como se fosse possível se proteger. Daquela queda. Não tinha como voltar.

Sarah esperou. E então, quando Arif parecia ter se perdido, instigou:

— E a garota?

— A garota, sim. Acho que ela caiu um pouquinho antes do Hadley, mas não consigo visualizar exatamente. As pessoas caem na mesma velocidade, não é? Independentemente do peso. Não consigo lembrar. Não dá para ter certeza.

Acho que ela se inclinou para fora, quase como se pudesse voar. Lembro dela no céu parecendo um galho. E depois, de perto. Uma garota.

— Qual dos dois bateu primeiro no chão?

— Não sei. — Ele parou e esfregou os olhos. — A garota, acho. Sim. A garota.

Sarah disse as horas e parou a gravação. Steve perguntou:

— Você está bem?

Arif assentiu quase sem se mexer, só uma leve inclinação do nariz.

— Quer uma xícara de chá?

Arif balançou a cabeça, outro movimento discreto.

— Fumar?

— Não.

Steve tirou o maço do bolso da camisa.

— Vou sair pela janela para fumar um. A sargento detetive não se incomoda. Quer me acompanhar no telhado? Estamos bem longe da beirada. O único perigo é cair numa reunião da chefia.

Os dois passaram pela janela para o telhado plano coberto de musgo. Sid saltitava perto da borda. Steve indicou o corvo.

— Não se preocupe com esse filho da mãe. Ele *sabe* voar.

Arif deu um meio sorriso.

— Parabéns — disse Steve. — Você não deve ficar nesse serviço se não conseguir rir das piores coisas.

Arif pegou uma caixinha de chiclete no bolso e ofereceu.

— Não, obrigado.

Steve se virou para o jovem policial, usando as costas para proteger o isqueiro contra o vento. Arif enfiou o chiclete na boca. Os dois se encostaram na parede e olharam para o horizonte. Steve perguntou:

— Quanto tempo de serviço você tem?

— Estou no distrito há três meses.

— Meu Deus. Só três meses.

— Na verdade, eu estava adorando. Adoro a equipe. Eles me receberam muito bem. Achei que poderia ser um problema, eu, bom...

— Você ser gay?

Arif piscou.

— É tão óbvio assim?

Steve deu um riso.

— É.

Arif riu.

— Certo, deve ser. — Houve uma pausa. — De qualquer modo, não tem sido um problema. Nenhum. Até o Hadley. Ele era realmente das antigas, mas sempre me tratou bem. Tive que aguentar as piadas, claro, mas elas não me incomodam. É só um modo de as pessoas mostrarem que confiam que você não vai ser um babaca.

Steve deu um trago no cigarro.

— Parece piegas — disse Arif. — Mas eu realmente adorava todos eles. Os três.

— Não parece piegas.

— Não?

— De jeito nenhum.

— De qualquer modo, quem se importa, certo?

— Certo. — Steve deu uma última tragada no cigarro e o jogou no telhado. Pisou em cima. — Como assim, os três?

— Hadley, Lizzie e o chefe. Não quero que Lizzie nem o chefe fiquem na merda.

— Por que eles ficariam na merda?

— Não sei. Lizzie e o chefe estavam... bom, você sabe.

Arif sorriu, talvez meio sem graça.

— Eu não sabia. Ele é casado, não é?

— É. Provavelmente eu não deveria dizer mais nada.

— É, provavelmente não.

23

Lizzie sabia que precisava permanecer em movimento. Pôs o celular silencioso de volta na bolsa, depois abriu a carteira e contou o dinheiro. Saiu do café e foi andando pela rua. Dois policiais comunitários, de costas para ela, estavam colocando um cartaz na entrada de um supermercado Lidl. Enquanto passava, Lizzie olhou por cima do ombro e viu que era o seu próprio rosto, grudado com fita adesiva na porta de vidro. Reconheceu o Sea Crest Hotel, turvo ao fundo da imagem — a foto devia ter sido capturada pela câmera de circuito fechado no saguão.

À esquerda havia uma rua secundária e na extremidade dava para ver uma placa de cabeleireiro: *Hair Today*. Enquanto se aproximava, viu que o estabelecimento era uma farmácia convertida. As vitrines ainda mostravam os emblemas da farmácia no vitral: grandes vidros de boticário em verde, azul e vermelho. Havia uma TV na parede, mas estava sem som. Um rádio tocava. Uma mulher estava sentada atrás do balcão lendo um romance de John Grisham. O cabelo dela era tingido de louro e o bronzado falso brilhava sob as luzes de LED. Ela pousou o livro no balcão e olhou inexpressiva para Lizzie.

— Está com sorte. Posso encaixar você. O que quer fazer?

— Corte e tintura, por favor.

— Cabeça inteira ou luzes?

Lizzie queria um corte chanel. Disse que tinha decidido pintar de escuro. A mulher a fez se sentar e empurrou o carrinho de tinturas.

— Castanho vai ficar bem em você — disse ela, olhando-a pelo espelho. — Impactante.

— Quanto tempo vai demorar?

— Umas duas horas.

Os olhos da mulher se voltaram para os de Lizzie, o olhar percorrendo-a com indiferença profissional. Começou a pintar o cabelo com um creme denso e enrolá-lo em pedaços de papel-alumínio.

Sentada, Lizzie observava distraidamente a TV refletida no espelho do lado oposto. A tela mostrava uma imagem feita de um helicóptero: a noite caindo sobre Londres. Apenas aos poucos, Lizzie percebeu que a câmera estava focando a Portland Tower, circulando em volta do prédio e depois subindo e se afastando, fazendo com que a queda até o pátio parecesse mais vertiginosa do que lembrava.

O cabelo de Lizzie estava quase completamente coberto de papel-alumínio. Ela olhou na direção da cabeleireira que parecia absorvida no trabalho de colorir. Julgou que, pelo ângulo em que estava, ela não poderia enxergar a tela do televisor, mas não teve certeza.

Seu olhar voltou para a TV. A imagem tinha mudado para um homem magro com cabelo cor de palha e rosto sardento. Embaixo dele, uma barra com algo escrito passava correndo, mas Lizzie não conseguia ler — o texto estava de trás para a frente e ilegível. Então viu: a mesma imagem que os policiais comunitários tinham colado no Lidl, seu rosto imóvel.

Olhou de volta para a cabeleireira, que a viu pelo espelho e franziu a testa.

— Tudo bem?

— Tudo. Obrigada.

Lizzie não ousou olhar de volta para a TV. Continuou virada para a frente enquanto a cabeleireira dobrava os últimos pedaços de papel-alumínio.

— Vai levar 45 minutos. Está bem? — disse ela.

— Sim, tudo bem. — Lizzie virou os olhos de lado por um segundo. As imagens tinham mudado. Dois apresentadores arrumadinhos estavam sentados num sofá, segurando canecas e falando.

— Você se importa se eu tentar achar um filme na TV?

A cabeleireira estava arrumando seu carrinho. Deu de ombros.

— À vontade, mas, por favor, não aumente o som. Eu gosto de ouvir o rádio.

24

Alguém tinha deixado um buquê de flores numa jarra de vidro, do lado de fora do vestiário masculino dos policiais. Sarah colocou os cafés para viagem no chão e se curvou: campânulas, botões-de-ouro e salsa de vaca. Não havia nenhum bilhete.

Pegou o café, levantou-se e bateu na porta.

— Mulher entrando — gritou.

A sala era no subsolo e estava deserta. A luz penetrava por janelas pequenas acima da altura da cabeça. Um corredor estreito passava pelo lado direito do cômodo, deixando o espaço à esquerda para fileiras de armários de metal cinza. Ela foi até o fim e virou junto à fileira mais distante. Sentado no chão junto de um cordão de isolamento azul e branco estava Jez. Lendo um Jack Reacher. Ele largou o livro, balançando a cabeça sem graça, e começou a se levantar.

— Sarah.

— Trouxe café. Dois cubos de açúcar, certo?

— Sim. Quer que eu ajude?

— Não se preocupe. Beba o seu café.

Outro sargento detetive teria deixado que ele fosse à cantina enquanto ela continuava com a busca. Tudo bem. Sarah não queria nenhuma alegação. Fazia as coisas segundo as regras, de modo que ele precisaria ficar para corroborar qualquer coisa que ela descobrisse. Tinha trazido um café. Jez precisaria se contentar com isso.

Sarah iria se encontrar com Steve em uma hora e meia e precisava trabalhar depressa. Hadley tinha dois armários. Ela enfiou a chave na fechadura do

primeiro. A porta abriu para fora. Havia a foto de uma mulher de meia-idade colada com fita adesiva do lado de dentro, gorducha, sentada numa praia e cercada por quatro garotos queimados de sol. O mais velho devia ter uns treze anos. O mais novo estava obviamente na escola primária — sete anos, talvez. O mais velho abraçava uma prancha de surfe. O mais novo estava de pé entre as pernas da mulher, encostando a cabeça no peito dela. O braço esquerdo da mulher estava enrolado na cintura dele, a mão aberta sobre o peito. Na mão direita tinha um sorvete com um wafer enfiado. O cabelo dela era castanho encaracolado e ela ria para a câmera.

Sarah fotografou o armário com uma câmera digital e em seguida começou a esvaziá-lo sistematicamente. Iniciou pela prateleira de cima e foi até a base, anotando o conteúdo. Uma caixa de dragonas. Uma sobrecalça de plástico. Ainda no saco de celofane, a cobertura branca que permitia que um colete tático pudesse ser usado escondido. Um pote de Brylcreem. Desodorante. Gel de banho. Uma lata de canetas. Muitas camisas. Na parte de baixo, uma toalha fedorenta. Um pacote de balas de hortelã pela metade. Ela recolocou tudo no lugar e fechou a porta.

O segundo armário era bem parecido com o primeiro. Atulhado e desorganizado. Na porta havia uma foto desbotada de um time de futebol cortada de um jornal, presa com fita adesiva. Os jogadores usavam camisas vermelhas e shorts brancos antiquados, encantadoramente curtos. Ela reconheceu George Best na fila do meio. Outro rosto era familiar. Seria Bobby Charlton? Não tinha certeza; futebol não era sua praia. De qualquer modo, sem dúvida era um daqueles momentos importantes do futebol. Todos estavam sentados em fileiras atrás de uma taça e um escudo. De novo ela fotografou o armário e fez uma lista do conteúdo. Mais canetas. Uma chave de algema de reserva. Dois casacos da polícia. Calças gigantescas. Camisas em cabides de arame. Verificou os bolsos e em seguida pendurou todas de volta. Lenços de papel velho, uma caixa de chiclete. Uma farda formal num cabide de madeira. No chão, um cassetete de estilo antigo e, numa caixa, um apito de prata numa corrente.

Sarah fechou o armário e assinou as anotações no livro. Também pôs a assinatura em lacres de papel e colou nas duas portas.

— Tudo feito, então? — perguntou Jez.

— Sim.

— Quer que eu leve as chaves de volta?

— Não, obrigada. Eu faço isso.

A funcionária civil do almoxarifado tinha mais de cinquenta anos e estava acima do peso. Sua respiração era audível e ela se movia devagar. Usava óculos de aro de tartaruga, um cardigã verde estilo Tirol, blusa de gola alta, saia pregueada marrom.

Sarah mostrou seu distintivo.

— Queria devolver a chave dos armários do policial Hadley. Sou Sarah, por sinal. A sargento detetive que está investigando a morte dele.

— Sim, querida, tudo bem. Sei quem você é.

Mesmo assim, ela olhou para o distintivo e seus olhos pequenos se viraram brevemente para o rosto de Sarah. Não pegou imediatamente a chave mestra. Em vez disso, tirou uma chave da sua bolsa e a usou para abrir a gaveta da mesa. Nela havia outra chave que abria um armário de metal na parede. Ela destrancou o armário e estendeu a mão para pegar com Sarah a chave dos armários. Pendurou-a num gancho dentro do armário, rotulado com uma plaquinha laminada: *M3*. Depois trancou o armário e recolocou a chave na gaveta.

— Dá para ver que você faz um bom trabalho mantendo tudo em ordem — comentou Sarah.

— É preciso. — Isso foi dito com certa presunção.

Sarah soltou o ar, concordando.

— Principalmente quando se lida com policiais, imagino.

— Bom, com alguns deles a gente não pode contar. Eles sempre perdem alguma coisa.

— E depois culpam você.

— Isso mesmo.

— Por isso você precisa manter um registro das chaves. Quem está com elas, esse tipo de coisa, não é? Assim você pode provar que não foi você que esteve com ela por último.

A cabeça da funcionária civil se inclinou de lado, subitamente cautelosa. Sarah perguntou:

— E então?

— Eu faço isso, sim.

— Você se importa se eu der uma olhada nele?

A mulher hesitou por apenas um momento.

— Claro que não. — Ela voltou à sua mesa, abriu a gaveta e entregou a Sarah um caderno de capa dura indexado.

— Vou deixar você com isso — disse ela, indo para a porta.

— Será que você podia esperar só um minuto...

A civil olhou para ela, cautelosa, depois foi até a máquina de franquear. Virou as costas cobertas pelo cardigã verde: estava ocupada com a correspondência registrada.

Sarah abriu o caderno na página do dia da queda. Passou o dedo pelas anotações. A chave para a sala de secagem. A chave para o depósito de custódia. A chave mestra dos armários do vestiário masculino. Ali estava, a assinatura que ela meio que havia esperado encontrar.

O carro estava parado com o motor ligado e o aquecedor no máximo. O celular de Sarah tocava. Ela estava sentada com a cabeça inclinada para trás, encostada no apoio, e os olhos fechados. Com um suspiro, abriu-os e pescou o celular na bolsa. O nome do inspetor-chefe Baillie tinha aparecido na tela. Não queria falar com ele, pelo menos não agora. Pôs o telefone de volta na bolsa, deixando a ligação cair na caixa postal. Tirou um Marlboro do maço, acendeu-o e apertou o botão para baixar a janela. A fumaça se expandiu nos pulmões e a nicotina bateu.

Estava suportando a sensação de frio usual que precedia as autópsias. Assim que a coisa começasse, disse a si mesma, estaria bem. Estaria ocupada. A antecipação é que a enchia de medo. Odiava a redução de um ser humano às

suas partes constituintes, a sacos de músculos e um vidro com o cérebro. Isso sempre provocava uma sensação estranha. Calor, desejo, luta, tudo que interessava a um detetive sendo reduzido aos fatos frios da biologia. O coração que batia, o corpo que agia, a esponja cinza que desejava e planejava.

Ligou para Jez e pediu que ele desse um jeito de fazer o inspetor Shaw vir.

— No fim da tarde, por favor. Depois da autópsia.

Em seguida, se recostou de novo no apoio de cabeça, fechando os olhos e conjurando a memória da policial jovem e pálida tremendo na cobertura do prédio, o menino com fantasia de urso em seu colo. Reconheceu que tinha confundido as prioridades: deveria ter levado Lizzie Griffiths para longe naquela hora. Era nesses momentos que as pessoas falavam. Talvez o inspetor Kieran Shaw tivesse percebido isso antes dela.

Houve o som de um carro entrando no estacionamento. Sarah abriu os olhos. Steve estava estacionando paralelo a ela. A janela do carona baixou e ele se inclinou.

— Tenho tempo para um cigarro?

— Desculpe, não.

— Certo, me deixe terminar o seu.

Ela se juntou a ele no asfalto e lhe entregou o cigarro. Ele deu uma tragada longa e prendeu a fumaça nos pulmões enquanto falava.

— Eles espalharam os cartazes e o chefe fez um comunicado à imprensa. Temos alguns dos nossos agentes lá procurando, e a polícia local está ajudando.

— Ótimo.

— O chefe ligou para você?

— Acabou de tentar. Por quê?

— Porque ele ligou para mim, procurando você. Quer uma atualização.

— Certo. Falo com ele mais tarde. É melhor a gente ir logo. A patologista não vai ficar feliz. Nós a fizemos esperar. Devemos pedir desculpa.

Steve deu uma última tragada e jogou o cigarro no chão, pisando na guimba.

— Se vocês me ajudarem a virá-lo de lado... Richard, ponha as mãos no abdômen. Cuidado, não queremos que ele se rasgue.

O corpo era pesado e difícil de manipular. A dra. Graham foi até a cabeça, Steve foi até a parte superior das coxas. Sarah pôs as mãos atrás da pélvis para ajudar. Richard, o ajudante do necrotério, tinha o pior trabalho, segurando a barriga no lugar, mas parecia tão indiferente a isso quanto a todos os outros aspectos da autópsia.

A dra. Graham era uma mulher bem-arrumada, magra, de cinquenta e poucos anos. Seu cabelo, puxado para trás e preso num coque torcido na nuca, era riscado de cinza-aço. O motivo para ela ter escolhido aquela especialização sempre seria um mistério para Sarah, que simplesmente agradecia o fato de Graham ser não somente metódica e profissional, mas também moderada com as brincadeiras.

A sargento observou atentamente, esperando o inesperado, a coisa que se destacaria lhe dando algo com o qual prosseguir. Rolaram Hadley de costas. A frente do corpo estava horrível. O rosto fraturado, coberto de sangue seco. O casaco estava rasgado, encharcado de sangue e intestinos. Através da fenda surgia um pedaço de plástico amarelo volumoso.

Richard cortou o casaco com uma tesoura médica e Steve o guardou num saco. Por baixo, a camisa também estava suja e rasgada, molhada com o sangue que havia se espalhado como uma mancha de tinta pelas costas e embaixo das axilas. O distintivo de Hadley estava no bolso de cima. A dra. Graham o entregou a Steve. Ele olhou o conteúdo, fazendo anotações em seu bloco e ensacando cada item. Uma nota de dez libras. A qualificação para suporte de vida emergencial do policial Matthews. Entregou a carteira do distintivo a Sarah e ela a abriu. A foto era um retorno ao final dos anos 1980. Estava desbotada devido aos anos de manipulação, mas ela ainda podia vislumbrar o jovem Hadley: magro feito um graveto, o cabelo até os ombros, bigode. Ele devia ter pegado o final do período Thatcher, quando os policiais ainda patrulhavam usando túnicas. Ponderou o fato de que ele jamais tivera motivo para mudar a foto original do distintivo. Vinte e sete anos como policial uniformizado. Isso significava alguma coisa, mesmo segundo o manual dela:

pés doloridos, cenas de crimes frias, turnos da manhã, turnos da tarde, turnos da noite, brigas e assaltos, acidentes de trânsito fatais, notícias de que alguém morreu — todo o catálogo de sofrimento que compunha o trabalho de policial uniformizado.

Tinha estudado a ficha de Hadley. Ele havia recebido um elogio por um incidente alguns anos antes, quando um homem ameaçara se suicidar com uma lâmina de barbear. Havia outro, pendente, por um assassinato doméstico. Também tinha uns dois incidentes disciplinares na ficha. Dois anos antes, uma alegação por uso indevido de força. Mais atrás, outra alegação de racismo. Recebeu cartas de aviso sobre os dois incidentes, mas ambos tinham prescrito. E sua vida pessoal? Um divórcio, um segundo casamento bem-sucedido. Três filhos, ou quatro, se você contasse o que Hadley tinha criado e não era dele. Faltavam três anos para a aposentadoria e uma pensão integral, e então ele cai de cima de um prédio.

Os bolsos da calça estavam cheios de dinheiro trocado. Steve contou, colocando num saco de provas: oito libras e trinta centavos. Tirou o bloco do bolso de trás e o entregou a Sarah. Estava molhado de sangue. Ela virou as páginas coladas, com cuidado para não rasgá-las. Era um documento negligenciado; não havia nem mesmo uma data escrita no dia em que ele morreu. O ajudante cortou os restos da camisa. No local da queda, um saco amarelo para lixo hospitalar tinha sido grudado no corpo para manter a barriga no lugar. Por baixo o intestino se avolumava, precário, ameaçando se derramar. A cueca do policial Matthews era previsível: cômica ou trágica, Sarah não conseguia decidir qual opção: era grande, caída do lado.

Então essa parte terminou e o policial Hadley Matthews estava nu sobre a laje. O rosto machucado, esmagado. Os pelos nos braços estranhamente reais na carne com aparência de cera. A barriga volumosa ainda contida pelo plástico amarelo grudado, o peito branco e peludo. O pênis cinza e sem vida. Mãos brancas e grandes — os dedos rígidos parecendo garras na morte. Ali estava o enigma usual do cadáver. O homem propriamente dito, aqui e não aqui. Sarah sentiu uma necessidade estranha de estender a mão e tocar o braço dele. Um desejo fugaz de reconfortar.

A patologista se virou para ela.

— Policial, está preparada para eu começar o exame?

Sarah respirou fundo. Precisavam continuar, ainda que a causa da morte fosse bastante evidente.

— Sim, doutora. Por favor, prossiga.

25

— Família? — havia murmurado Hadley, com desprezo, enquanto mordia a torrada. — Quem ele acha que se livra das roupas depois de uma facada? É a mamãe usando a máquina de lavar ou o papai com os sacos de lixo.

Lizzie estava sentada com os pedaços de papel-alumínio no cabelo. Havia o cheiro pungente de produtos químicos e o rádio gorjeando sem parar. A cabeleireira tinha voltado ao seu romance e agora a televisão exibia, de modo seguro, um drama de época. Mulheres usando vestidos da era da regência caminhavam pelo campo. Homens andavam a cavalo. Havia dança: as mulheres fofocavam e usavam luvas.

A mente de Lizzie se movia à deriva: o primeiro turno depois do enterro do pai. Tinha sido um turno da noite. A equipe havia se reunido na cantina.

Os rádios estavam na mesa, canecas de chá e bolinhos. Chamadas chegavam. O noticiário se desdobrava, percebido apenas parcialmente na TV de plasma da cantina, que tinha sido tomada de alguns traficantes e reciclada como uma publicidade para a Lei de Produtos de Crimes. Um político estava exortando que o reforço da família era fundamental para reduzir os crimes com facas, e Hadley se manifestou.

Então veio pelo rádio um pedido para realizar uma verificação da assistência social sobre uma jovem que podia estar sofrendo de problemas mentais. Lizzie olhou para Hadley e ele interrompeu o discurso, dando de ombros.

— É, tudo bem. Coloca a gente nessa.

Kieran entrou, como sempre atrasado para o jantar. Tivera que ficar para trás na sala de reuniões e cuidar de alguma coisa. Sua camisa estava com o

colarinho aberto, a gravata da polícia passada através do prendedor de algodão costurado acima do bolso esquerdo do peito. Ele puxou uma cadeira e Arif empurrou uma xícara de chá na sua direção.

— Bolinho, senhor?

Todo mundo à mesa pareceu subitamente interessado. Arif riu baixinho.

Hadley pigarreou diante da interrupção e voltou ao seu tema.

— Fizemos uma busca com mandado numa casa de cracudos: cinco filhos, a mãe cigana algemada no quarto e o pai jamaicano algemado na sala. Uma tia apareceu para levar as crianças para a escola. A mãe disse para o menorzinho: “Você não pode ir para a escola com essa camisa. Não está passada.”

Houve um riso em volta da mesa. Kieran captou o olhar de Lizzie e sorriu brevemente. Ela se concentrou em sua torrada. Uma chamada doméstica veio pelo rádio e todos ignoraram.

Hadley retomou sua dissertação.

— Claro que eles *amam* os filhos. Meu Deus, a pessoa precisaria ser idiota para não ver isso. Dá para ver que é completamente genuíno. A questão não é o amor. Nem a família, por sinal. Políticos de merda. *Família*. Nesse momento as crianças são um doce, parecem a porra dos Jackson Five, mas se ficarem com a mãe e o pai, não diga que não vão traficar, roubar e trabalhar como mulas daqui a uns anos. Não diga que alguém tem um plano digno de crédito para enfrentar isso.

A chamada doméstica veio de novo. Ninguém queria pegar. Hadley empurrou sua cadeira para trás.

— Pode ser essa, Lizzie?

— Coloquei a gente na verificação da assistência social.

— Então tire de volta. Essa aí é uma emergência. — Ele se levantou e falou para o pessoal à mesa: — E nenhum desses preguiçosos de merda quer pegar.

— Vocês vão se arrepender — disse Arif.

Hadley balançou a cabeça.

— Você provavelmente só está querendo aparecer, Arif, por isso vou deixar você se livrar dessa vez. Mas, por favor, não aprenda maus hábitos com os outros.

Arif ficou ruborizado e começou a limpar a mesa. Lizzie, agora também de pé, apertou o botão de transmissão em seu rádio e aceitou a chamada. Outros despachos vinham densos e rápidos. Cadeiras se arrastaram no chão enquanto as pessoas se levantavam e vestiam os coletes da polícia metropolitana. Hadley já estava saindo pela porta e caminhando pelo corredor em direção ao pátio.

Lizzie se acomodou no banco do carona. O estofamento estava esgarçado, o encosto caído. Abriu o porta-luvas, mas ele estava atulhado de papéis. Jogou o bafômetro no banco de trás. Hadley empurrou o banco do motorista para trás e ligou o motor. Lizzie digitou seu código no computador do carro, abriu seu bloco e começou uma anotação nova. Escreveu a referência do chamado doméstico e ligou para o Controle, a fim de mandar o despacho para o computador. Hadley ligou a sirene e começou a sair do pátio.

— Você está em condições de trabalhar? — perguntou.

— Estou. Me sinto melhor trabalhando.

— Eu também me sentiria.

O portão do pátio se abriu. Um carro piscou os faróis para deixá-los sair. Hadley virou à direita e partiu rapidamente entre as faixas de trânsito. Os faróis que vinham no sentido contrário eram luminosos na noite fluorescente da cidade. Lizzie examinou o despacho no computador. O serviço de inteligência mostrava que a propriedade era ocupada por invasores. Uma mulher, Cosmina Baicu, teria sido vítima de uma situação doméstica não criminosa no endereço. Nenhum outro detalhe era conhecido.

— Nenhum risco conhecido — informou ela a Hadley. — Parece que é só uma propriedade invadida.

— Aham.

Hadley estava dirigindo rápido, disputando com o tráfego que vinha no sentido contrário, obrigando os outros a dar passagem. Lizzie se afundou no banco e tentou não sentir medo dos faróis que relampejavam e se afastavam deles.

— Essa porra desse trabalho me salvou, sabia... — disse ele.

— O quê?

— O trabalho me salvou.

— Como assim, salvou? Salvou de quê?

— Bom, não foi grande coisa, só... você sabe, da merda em geral. O trabalho e minha mulher.

— Sua mulher?

— Ela também me salvou. Eu fui casado antes, mas não deu certo. Ela ficou com a casa, me deixou sem nada. Mulheres. O que você pode esperar? Mas minha nova esposa, devo admitir que ela era exatamente o que eu precisava. Me colocou nos trilhos direitinho. Criamos quatro filhos juntos, um meu, um dela e dois nossos.

Lizzie estava passando a caneta acima da tela do computador, acompanhando o trajeto que eles estavam fazendo.

— Vire à esquerda.

Enquanto viravam, ela viu um rapaz negro usando jeans nos degraus de entrada de uma das casas. Ele viu o veículo, desceu correndo os degraus e veio pela calçada em direção ao carro. Hadley diminuiu a velocidade e o rapaz bateu na janela do carona. Lizzie a abriu. Apontando para trás, o homem disse:

— Ela está lá dentro.

— Foi você que ligou para nós?

— Foi. Sou Joe Macintyre. Ela está lá dentro. Vocês precisam entrar. Ela está muito mal.

Hadley desligou o motor. Lizzie, resistindo à pressão do civil para agir sem pensar, saiu do carro tentando não demonstrar uma pressa indevida, e perguntou:

— O que você viu?

— Nada... só um homem sair da casa e ir embora. Ele estava enxugando as mãos na calça. Parece ridículo, mas achei que era sangue. Mas não foi isso. Foram os gritos... — A testemunha estremeceu, como se voltasse ao presente. — Parecia que alguém estava sendo assassinado. — Ele fez uma pausa antes de continuar. — Desde então ninguém saiu. O lugar está totalmente silencioso. Ela ainda deve estar lá dentro. Por que vocês demoraram tanto...

Lizzie o interrompeu, descartando o pensamento de que a chamada tinha sido feita várias vezes pelo rádio. Ninguém queria ficar encalacrado com um incidente de violência doméstica.

— Desculpe, Joe — disse ela, resistindo à mentira instintiva —, não havia nenhum carro disponível, eram chamadas demais. — Seu nome é Joe, não é?

Ele assentiu.

— Joe, você sabe se tem mais alguém lá dentro?

— Não sei. Normalmente tem um monte de gente. São do leste da Europa, acho. Tem sempre encrenca.

Isso foi dito sem hostilidade. Ele ficou ao lado dela como um cachorro fazendo força contra uma coleira invisível. Hadley saiu do carro, murmurando algo sobre verificar a porta. Lizzie requisitou outra unidade pelo rádio, aproximação silenciosa. A DW27 se ofereceu. Lizzie contactou o apoio, para verificar se havia alguma ambulância vindo e requisitar o aríete para a porta. De volta ao canal principal, o rádio, subitamente movimentado, tagarelava com outras chamadas. Uma briga no parque. Um ladrão detido no shopping Arcadia.

Joe ficou parado em silêncio, insistindo que alguma coisa deveria ser feita *agora*. Era jovem, bonito. Cabelo curto muito encaracolado, jeans, camisa xadrez. Olhando pela janela do apartamento dele no porão, Lizzie viu a luz da tela do computador. Ele tinha sido distraído de alguma coisa.

— Você é estudante? — perguntou ela.

— Sou.

Ela o encarou, sabendo que, em meio à quantidade de obrigações, aquele homem era uma coisa incomum: uma pessoa preparada para se envolver. Ele não conseguia evitar. Estivera do lado de fora esperando por eles. Algo o havia impedido de voltar à tela do computador. Lizzie não conseguiu deixar de sentir pena, sabendo que essas pessoas eram sempre vistas com ambivalência pela polícia e, na verdade, por todo mundo. O que ele era? Um enxerido, um caçador de aventuras, ou aquela coisa muito mais rara e que quase sempre é motivo de desconfiança? Uma opção se destacava: os indivíduos aleatórios com códigos morais, que não conseguiam se conter. As pessoas — uma em cada

cem — que davam depoimento, compareciam aos tribunais. Podiam ser jovens, velhas, negras, brancas, magras, gordas: a única coisa que as unia era o senso de obrigação para com completos estranhos. Seus entes queridos diziam ter orgulho delas, mas sempre havia uma sensação incômoda de que ainda prefeririam que elas não fizessem isso, não se colocassem nesse papel que deixava todo mundo desconfortável e inquieto. Em outros lugares, ela e esse rapaz não teriam nada em comum, mas ao lado dele na rua, Lizzie sentiu uma ligação tão profunda e perturbadora quanto o DNA. Sentiu uma ânsia de tocá-lo, até mesmo de lhe agradecer, mas percebeu que não era o local adequado — qualquer coisa tão humana só causaria mais apreensão nele. Ela era da polícia. Ele precisava que ela parecesse inabalável, no controle.

— A outra unidade vai chegar a qualquer minuto.

— Você precisa ir até ela, depressa.

Lizzie olhou para a casa. Hadley estava enfiando um pedaço de plástico entre a fechadura e a porta.

— Porcaria — murmurou ele.

Lizzie se virou de volta para a testemunha.

— Não se preocupe. Vamos arrombar. Só estou esperando o aríete, você sabe, a coisa que a gente usa para abrir a porta, e mais alguns policiais.

Os olhos de Joe semicerraram, como se ele tivesse um vislumbre do mundo dela cheio de riscos calculados. Ela sorriu, sentindo-se uma fraude, mas esperando transmitir alguma coisa útil e tranquilizadora. Pensou que a situação era curiosamente parecida com a espera por um ônibus muito importante. Para passar o tempo, perguntou:

— Foi você que informou o nome dela para a gente?

— Foi. Eu falei com ela uma vez na entrada. Na ocasião ela também não parecia muito bem. Estava com um olho roxo. Olha, eu ouvi o que você disse, mas vocês deveriam se apressar...

— Você vai dar um depoimento para a gente?

— Claro.

— Não se preocupe. Vamos entrar assim que outra unidade chegar.

Lizzie anotou os dados dele. *Joe Macintyre. Data de nascimento 22/05/89.*
Continuaram a esperar. Ela apertou o botão de transmissão no rádio.

— DW27, está ouvindo?

Silêncio. Ela repetiu o chamado.

Percebeu que estava com a boca seca. Esse tal de Joe Macintyre tinha agitado sua adrenalina e ela também se sentia impaciente para entrar na casa. Quanta besteira, disse a si mesma. Não haveria ninguém lá dentro ou então ela vai estar bem: assistindo TV e tomando uma cerveja.

— Controle, está ouvindo?

— Unidade chamando, prossiga.

— É, desculpe, estamos tentando falar com a DW27.

— Você não ouviu? Os canais foram divididos. Tiroteio em Ludlam Court.

— DW27?

A ordem foi peremptória:

— Mude de canal.

Lizzie ficou sem graça. Mudou de canal, os dedos saltando sobre os botões.

— DW27, está ouvindo? DW27?

Joe disse:

— Policial...

— Espere um momento.

Lizzie se virou e subiu os degraus de pedra. Hadley estava com as mãos nos quadris.

— E então?

— A 27 não está respondendo. Provavelmente foi mandada para outro lugar. Houve um incidente grande com armas de fogo.

— Inferno!

Lizzie olhou para a testemunha.

— Ele disse que a vítima ainda está aí dentro. Acha que ela pode estar mal.

Hadley soltou uma tosse fraca. Claro, ela estava declarando o óbvio e certamente se agitando sem motivo.

Lizzie observou a residência: uma casa vitoriana com duas janelas salientes de cada lado da porta. A porta era típica de casa invadida; malpintada, tinta

cinza descascando, com uma fechadura de aço branco. Ela calçou luvas de látex, levantou a aba da fenda de correspondência e viu apenas um corredor de entrada silencioso, abandonado no escuro.

— Polícia! — gritou. — Polícia. Abra a porta!

— É uma porta de merda, mas com uma fechadura boa — comentou Hadley. — Para trás, Lizzie.

Ele chutou a porta, mirando abaixo da fechadura. Duas pancadas fortes. A porta estremeceu mas não cedeu. Hadley parou e, com as mãos nos joelhos, curvou-se, recuperando o fôlego e xingando baixinho.

— Não adianta. A porta é muito forte para mim. Estou gordo demais. — Ele sinalizou na direção da testemunha. — Qual é o nome dele?

— Joe.

Os dois olharam para o jovem, que os olhou de volta, agora menos confiante enquanto observava a polícia, nas condições mais precárias, fazendo seu trabalho.

— Joe, vem cá, meu chapa — chamou Hadley.

Lizzie disse baixinho:

— Você não pode pedir para ele...

— Claro que posso.

Joe Macintyre hesitou. Talvez, com um sexto sentido, estivesse percebendo que seu papel mudava de maneira imperceptível. Depois começou a subir devagar a escada, quase dando a impressão de que recuava. Inclinou a cabeça para trás, como se indagasse alguma coisa.

— Joe, você parece um cara forte — comentou Hadley. — Você malha, não é?

Ele fez uma careta, sem se convencer.

— Às vezes...

— Joe, os caras que vinham com o equipamento para arrombar foram mandados para outro lugar. Me faça o favor e dê um bom pontapé na porta.

— Não sei não...

— É perfeitamente legal. Você está ajudando um policial na execução da lei etc. Seção 17 da Lei de Provas Policiais e Criminais. É só isso que você precisa

fazer: dar um bom pontapé. Você é mais novo do que eu e está em melhor forma. É uma pena desperdiçar todo aquele tempo na academia, não acha? Você não está malhando só por causa da mulherada, não é? A porta vai ceder facilmente. E a Lizzie aqui vai ficar bastante impressionada, não vai?

Lizzie não conseguiu deixar de sorrir.

— Acho que sim, é, vou.

Joe não foi convencido pelo humor. Passou as mãos nas coxas como se quisesse secar o suor.

— Não sei...

Mas Hadley falou sério:

— Escuta, Joe, você parece um bom sujeito. Disse que parecia que ela estava sendo assassinada. Alguém levou um tiro em outro lugar, e, até chegar um carro de apoio, vai demorar um tempo. A polícia está com pouca gente e nós precisamos fazer o melhor possível. Não tem nenhum problema. Só dê um bom chute na porta e nós fazemos o resto. Como eu disse, você está auxiliando um policial na execução legítima do dever.

Joe examinava os próprios pés. Hadley pôs a mão no ombro dele.

— Anda, garoto. Não tem mais ninguém. Você mesmo disse que ela pode estar morrendo.

Joe sugou a parte interna das bochechas por um segundo.

— Quanto tempo eles vão demorar para vir?

— Não faço a mínima ideia.

Seu olhar foi de Hadley para Lizzie.

— O que você acha?

A boca de Lizzie estava seca — eles iriam entrar sozinhos, então? —, mas ela tentou parecer tranquila, como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo.

— Como o Hadley disse, nós fazemos o resto.

Hadley a interrompeu:

— Ele é um bom garoto. Só dê um pontapé aqui, meu chapa. Embaixo da maçaneta. Deve abrir com facilidade.

— Está bem...

Joe se virou para a porta. Hadley puxou Lizzie para a beira da escada e disse baixinho:

— Ligue de novo para o Controle. Diga que vamos entrar e precisamos de apoio urgente. Isso vai forçá-los a mandar outra unidade.

Como Hadley tinha dito, Joe Macintyre era um rapaz forte. A porta cedeu com dois pontapés. Hadley apertou o interruptor do corredor, mas não havia eletricidade. A casa estava absolutamente silenciosa, mas com um peso enorme da vida dos ocupantes ausentes. As lâmpadas da rua lançavam uma luz laranja sobre caixotes e caixas de papelão. Era um lugar improvisado, um acampamento. Os corrimãos tinham sido quebrados. Hadley e Lizzie pegaram suas lanternas e partiram atrás dos feixes estreitos de luz, cada um verificando um cômodo. Hadley pegou a sala de estar. Lizzie subiu pelas tábuas nuas da escada. Sua respiração parecia tão ruidosa no silêncio estranho que ela achou que estava usando um traje espacial. Quando chegou ao andar de cima, viu, por uma porta aberta, uma mulher imóvel num sofá. A cabeça estava inclinada para trás, o rosto captando a luz da rua que penetrava pela janela.

Por um breve momento, Lizzie ficou simplesmente parada. A pele da mulher estava verde, azul e laranja à luz artificial, os tons de tinta a óleo de uma obra-prima americana moderna. Não havia movimento. Meu Deus, ela está morta: esse foi o pensamento.

Lembrou-se de si mesma e gritou:

— Achei ela.

Em seguida, ligou para o Controle e requisitou uma ambulância imediatamente. Depois foi em direção à mulher.

— Sou policial. Está me ouvindo?

O lado esquerdo da cabeça da mulher estava terrivelmente inchado. Era um absurdo — o lado direito normal, o esquerdo gigantesco, como... como o quê? Como uma maquiagem de cinema, uma bola de basquete, um travesseiro, ao mesmo tempo dura e macia, a pele esticada sobre um inchaço tenso que chegava a um ponto ridículo, muito mais alto e para o lado do que uma cabeça deveria estar. Era uma visão estranhamente fascinante e Lizzie ficou olhando como se quisesse aceitar que aquilo era real. Como o corpo humano podia ficar

assim? Por que ele faria uma coisa dessas? Seria parte da defesa do corpo? E, nesse caso, que benefício poderia haver em tamanha monstruosidade?

À luz pálida da rua, era difícil avaliar o tom cinzento da pele da mulher. Lizzie não sabia se ela estava viva ou morta. A necessidade de saber era urgente, mas o respeito, o espanto reverente ou a pura inexperiência a impediam de agir com rapidez. Tocar essa mulher era como tocar um templo, um objeto sagrado, um santo de gesso rachado. A pele do peito da mulher estava exposta por uma camiseta de gola redonda, e Lizzie pôs a mão delicadamente nessa pele sem ferimentos. O corpo estava quente. Era uma sensação íntima — tocar essa estranha transformada em algo sobrenatural pelo quarto, pelo silêncio, pelo ferimento. Esse calor seria vitalidade ou apenas a impressão fugaz de uma vida indo embora?

Lembrou, com horror, como tinha ficado imóvel na cantina, sem atender à chamada. Como a maré subindo, sentiu uma súbita onda de compaixão pela mulher. E então um pesar imenso pelo fato de as pessoas fazerem essas coisas em casas escuras. Queria dizer: “Sinto muito que alguém tenha feito isso com você”, mas em vez disso falou:

— Sou policial. Estou aqui para ajudar. A ambulância está vindo.

De repente, percebeu que a testemunha, Joe, estava parada ao lado dela. Ele a havia seguido escada acima e perguntou baixinho:

— Ela está viva?

Lizzie sentiu vontade de segurar a mão dele. Em vez disso, tocou a lateral do pescoço da mulher, e ali, batendo, encontrou a pulsação da existência.

— Sim, está.

Os dois riram, como se isso fosse engraçado.

Lizzie percebeu que Hadley estava revistando a propriedade para o caso de haver alguém escondido nos cantos escuros. Agradeceu a Deus pela experiência do parceiro, que sabia que deveria garantir que estivessem em segurança antes de se preocupar com vítimas. Lizzie beliscou os lóbulos das orelhas da mulher. Como isso não deu resultado, passou o nó dos dedos sobre as clavículas, tentando reanimá-la. Lembrou-se do nome dela, posto no despacho.

— Cosmina. Cosmina. Você precisa acordar. — E tentou de novo, com mais violência. A mulher se mexeu e gemeu. — Cosmina, é a polícia. Uma ambulância está vindo.

A mulher se remexeu mais uma vez. Virou a cabeça ligeiramente na direção de Lizzie e seu olho direito se abriu. Ela grasnou alguma coisa.

Lizzie se inclinou para perto.

— Desculpe, Cosmina, não entendi o que você falou.

Ela grasnou de novo, mas dessa vez foi mais insistente e decifrável.

— Ele foi embora?

O impulso de tranquilizá-la foi avassalador.

— Foi. Foi embora. Nós somos da polícia. Você está em segurança agora.

— Polícia? — Ela se virou para o outro lado e gemeu. — Merda.

Lizzie ficou em silêncio.

Cosmina se virou de volta lentamente e olhou fixamente para Lizzie.

— Ele foi embora?

— Foi, sim.

Ela gemeu de novo.

— Merda. — E depois. — Eu amo ele.

De repente o pessoal da ambulância estava no quarto. Um homem e uma mulher. Uma bolsa grande. Uniformes verdes. Uma competência diferente que, de algum modo, fez Lizzie se sentir inadequada diante da diligência dos dois. Ela recuou para deixá-los trabalhar.

— O nome dela é Cosmina? — perguntou o paramédico.

Cosmina estava se reanimando e interrompeu:

— Sim, me chamo Cosmina. Me deixem em paz.

Lizzie se afastou mais ainda, em direção à janela. Agora vinha uma segunda onda de pensamentos e ela relaxou por um instante. Os paramédicos fariam o serviço deles. Ela não estava mais sozinha e não havia perigo. Ligou para o sargento da seção. Olhou momentaneamente em volta, lembrando-se do imperativo de investigar. O cômodo estava desarrumado. Latas de cerveja vazias. Um cinzeiro cheio de guimbas de uma centena de cigarros enrolados à

mão. Não havia cortinas nas janelas, mas o lugar estava quente. Notou um grande aquecedor de metal. Eles deviam estar roubando eletricidade.

Talvez fosse o choque, ou um sentimento geral de inutilidade, que a estava fazendo se desviar assim para coisas irrelevantes. Sua atenção foi atraída de volta para Cosmina, após notar uma agitação crescente. Demorou a entender: as coisas não estavam acontecendo como deveriam. Vozes se exaltavam. A maca estava no chão, intocada. Cosmina protestava. Não queria ir para o hospital. A paramédica se esforçava para convencê-la. Estava inclinada, segurando um espelho diante do rosto de Cosmina, de modo que ela própria visse o tamanho do estrago. Mas Lizzie ouviu os protestos.

— Não, não. Não quero ir. Vou ficar aqui.

— Você tem pelo menos dois ferimentos que representam risco de vida — interveio o paramédico. — Pode estar com traumatismo craniano e tenho quase certeza de que fraturou uma costela, que pode perfurar um pulmão.

— Não me importa. Não quero ir.

Joe interveio, falando alto:

— Não ouviu? Você pode morrer.

— Não me importa. Não quero ir. Quero ficar aqui. E quero que vocês vão embora. Vocês são invasores, por favor, saiam da minha casa.

Lizzie se aproximou e se agachou na frente de Cosmina.

— Por que você não quer ir?

— Você pode chamar ele para mim?

Ele, o homem que tinha feito isso com ela. Ali estava a prioridade da polícia, voltando subitamente à superfície: pegar o homem que tinha feito isso. Empolgada com a perspectiva de conseguir alguma prova, disse:

— Você tem o número dele?

— 007781 746341.

Lizzie repetiu o número.

— Qual é o nome dele?

— Stefan.

Ela anotou no bloco.

— Stefan fez isso com você?

— Fez.

Lizzie anotou o diálogo literalmente e assinou, de acordo com as regras. Cosmina pediu:

— Você pode ligar para ele, por mim?

O paramédico interrompeu, talvez irritado com as considerações policiais. Ele estava em posição superior: a prioridade era sempre a vida. Agachou-se junto de Lizzie, empurrando-a ligeiramente de lado.

— Cosmina, precisamos levar você ao hospital.

Cosmina balançou a cabeça de novo, enfaticamente, sem se convencer.

— Não, não quero ir. Vou ficar aqui.

Lizzie se surpreendeu com a súbita raiva que sentia daquela mulher patética espancada até quase a morte pelo namorado desprezível. Procurou na mente um modo de obrigá-la a ir para a ambulância antes de morrer.

— Imagine se fosse eu que estivesse aí deitada, com a cabeça desse jeito. O que você diria para eu fazer?

— Diria para você ir para o hospital.

Urra! Rufar de tambores. Euforia e entusiasmo a toda de volta: podemos fazer o serviço.

Hadley entrou no cômodo e se encostou na parede. As pessoas se prepararam para ajudar a levantar Cosmina. A paramédica disse:

— Vamos levar você para a ambulância.

Mas as comemorações eram prematuras. Ainda decidida e calma, Cosmina disse:

— Não. Eu diria para *você* ir, mas mesmo assim *eu* não quero ir.

Hadley foi até Lizzie, puxando-a discretamente de lado. Assentiu na direção de Joe, que estava perto dos paramédicos. Ela ouviu Joe dizendo:

— Olha, se você não for, vai morrer.

Hadley murmurou:

— Livre-se dele.

Lizzie teve a sensação de estar acordando de camadas de sono. Claro, Hadley estava certo: Joe não devia estar ali. Foi para perto dele e tocou seu braço.

— Desculpe, mas você precisa ir.

Joe olhou para ela de maneira impassível e ela disse, com o máximo de gentileza que pôde:

— Isso aqui é uma cena de crime.

Era verdade, claro, mas de repente as palavras distanciavam Joe e, desse modo, foram inesperadamente eficazes. Ele percebeu de súbito que tinha sido carregado pelos acontecimentos. Ficou incrivelmente submisso, como uma vítima de um acidente de carro. Lizzie o acompanhou descendo a escada, os dois saíram à rua e foram até a porta dele. Joe procurou as chaves no bolso.

— Você vai ficar bem? — perguntou ela.

— Vou.

— Faça uma xícara de chá. Talvez você devesse chamar um amigo. Vou manter contato.

— Você vai manter contato?

— Sim. Vou contar a você o que acontecer. E vamos precisar de um depoimento.

De repente a rua estava cheia de veículos com luzes azuis piscando na noite. A ambulância. Um carro de apoio dos paramédicos. Três viaturas da polícia. As coisas tinham passado de uma chamada à qual ninguém queria atender para um incidente crítico. Enquanto ela levava Joe de volta ao apartamento dele, a cena havia se enchido com outros policiais que tinham vindo apoiar Lizzie. Subindo a escada de novo, ela escutou vozes exaltadas.

Arif estava dizendo:

— Se você continuar se recusando a ir para a ambulância, vai ser presa.

Presa. Que negócio era esse? Lizzie entrou no cômodo. Cosmina estava falando, calma e doce, lúcida como um advogado.

— Vocês não podem me prender. Não fiz nada errado.

Lizzie percebeu que Arif estava entrando em pânico. Furioso com a passividade idiota de Cosmina, estava pisando fora da lei. Ele se afastou da mulher e sussurrou raivoso para Lizzie:

— Porra de *vítima*. Ela nem quer salvar a própria vida.

Lizzie foi na direção de Cosmina, dentro do círculo de paramédicos e policiais.

— Não — disse, pensando em segurança, em piedade, em fazer Cosmina concordar e não encenar ninguém, mesmo que tivessem as melhores intenções. — Não, Cosmina, não vamos prendê-la. Você é vítima de um crime. Vamos cuidar de você. — Ela lançou um olhar rápido e um sorriso para Arif e ele recuou. Mas nem mesmo toda a boa vontade de Lizzie a estava levando a algum lugar.

— Eu não vou e vocês não podem me obrigar. Esta é a minha casa e eu vou ficar.

Hadley estava olhando pela janela, para o outro lado da rua. Sem dar as costas para a vista, finalmente disse com a voz cansada:

— Não gosto muito daqui e estou a fim de uma xícara de chá.

Todo mundo, inclusive Cosmina, se virou para Hadley. Sua crueldade era curiosamente revigorante. Agora que tinha a atenção de todos, ele continuou com seu tom usual, despreocupado:

— Pense bem, Cosmina. Não posso deixá-la aqui. Isso significa que estou preso neste lugar até você concordar em ir para o hospital. O Arif aqui não pode prender você, mas eu tenho um poder derivado da Lei de Saúde Mental e vou usá-lo. Vou mandá-la compulsoriamente, porque acredito que você representa perigo para si mesma. Eu gostaria que você fosse voluntariamente para o hospital, mas, se não for, vou obrigá-la.

Cosmina olhou os outros em volta. Parecia atônita. Talvez até satisfeita. Essa sugestão de força, de obrigação, a aliviou de todos os seus protestos em uma única frase. Ela poderia ganhar pelos dois lados: recusar-se a ir para o hospital e ainda ser obrigada a ir.

Hadley olhou para Lizzie e um breve sorriso cruzou os lábios dele. Ele parecia sugerir que esse não era um uso legítimo do poder, mas quem, no cômodo, iria defender a lei naquele momento?

— Posso fumar um cigarro antes de ir?

Arif já estava com seu maço na mão: era impossível não gostar do rapaz.

Lizzie disse aos paramédicos:

— Pode ser?

O homem respondeu:

— Pode, tudo bem, mas vamos esperar até ela estar lá fora, perto da ambulância.

Cosmina tinha se recusado a deixar que os paramédicos a pusessem na maca. Ajudada pela paramédica, guardou em uma sacola alguns itens pessoais que estavam no quarto para levar ao hospital.

Lizzie ficou parada no patamar, observando-a ser ajudada a descer. Hadley se juntou a policial.

— Está satisfeita com isso?

— Como assim?

— Não foi exatamente um uso legal da Lei de Saúde Mental, foi? Para começo de conversa, nós estamos numa residência.

Ele esperou a resposta.

— Claro que estou satisfeita — disse ela, irritada.

— Achei que estaria — observou ele, afável, e desceu os degraus.

O incidente estava se resolvendo. O sargento da seção chegou e chamou um policial para se encarregar da cena do crime. Uma fita azul e branca foi estendida na entrada da casa; o coitado do Arif ficaria preso ali, provavelmente até o dia seguinte. Agora Cosmina estava sentada na mureta do lado de fora, fumando. Hadley sentou-se ao lado dela e ficou falando bobagens.

A paramédica aproveitou esse momento para puxar Lizzie discretamente de lado e levá-la de volta ao quarto onde tinha arrumado a bolsa de Cosmina. No piso havia uma estatueta do Oscar. Cosmina tinha dito à paramédica que fora com essa estatueta que Stefan a golpeou. Abaixando-se, Lizzie viu sangue nas mãos e no ombro de metal dourado do Oscar. Ela anotou os dados da paramédica para um depoimento breve.

O sargento da seção falou com Lizzie no corredor.

— Vá com ela na ambulância. Se ela não quiser dar um depoimento, anote algumas perguntas e respostas no seu bloco. Faça o melhor que puder. Hadley

vai se juntar a você para ensacar as roupas e tirar algumas fotos. Ele vai pegar alguns sacos de prova e a máquina fotográfica.

No hospital, Lizzie teve um senso renovado de objetividade — de estar fazendo uma coisa útil, eficaz. Escondeu a impaciência e buscou demonstrar neutralidade, desinteresse. Com apenas um vago sentimento de traição, anotou perguntas e respostas no bloco. Pensou que talvez estivesse enganando Cosmina para lhe dar informações, mas mesmo assim continuou, obtendo um relato que esperava ser suficientemente bom para mandar Stefan para a cadeia. Para ela, não ficou claro por que Cosmina contava a história de modo tão meticuloso, quando havia se recusado a prestar depoimento. Talvez só precisasse falar. Ou talvez alguma parte escondida da mulher quisesse que Stefan pagasse por tê-la quase matado.

Cosmina contou que ela e Stefan tinham bebido e depois fizeram sexo. Lizzie escrevia rapidamente, usando sua taquigrafia inventada, esforçando-se para captar palavra por palavra.

R: Quase imediatamente Stefan começou a fazer acusações. Eu gritei de volta com ele.

P: Por que você gritou?

R: Porque é ridículo demais ele sentir ciúme. Eu o amo. Nós estávamos de pé e ele me acertou várias vezes com o Oscar. Tinha sido uma brincadeira, um presente do Stefan. Quando ele me deu, disse que eu sou a estrela dele e que mereço um Oscar. Stefan faz isso às vezes: compra coisas legais para mim. Nunca dá para prever o que ele vai trazer para casa. Ele é tão atencioso, amoroso e gentil... Só fica assim quando bebe... Tentei me defender, mas, você sabe, ele é grande. Ele me acusou. Disse que eu sou um tipo de estrela diferente: que tenho um caso com o melhor amigo dele. Por isso me deu o Oscar de novo e de novo.

P: Quantas vezes?

R: Não lembro.

P: Tente adivinhar.

R: Umas cinco?

P: E depois?

R: Eu caí no chão e Stefan me chutou nas costelas.

P: Ele estava calçando o quê?

R: Botas.

P: Que tipo de botas?

R: Ele trabalha em construção.

P: Botas com biqueira de aço?

R: Não sei, do tipo que usam nas construções.

P: E depois?

R: Depois ele parou de me chutar e pegou o celular. Disse: “Estou indo agora”, e saiu. Fui atrás dele até o corredor, mas ele não quis ficar. Não me lembro de ter subido de volta, só que acordei no sofá.

Lizzie terminou de anotar e assinou embaixo, validando o registro. Ofereceu-o para Cosmina assinar, mas ela recusou. A mulher estava agitada, querendo saber o que aconteceria. A polícia ainda estava na casa? Lizzie guardou o bloco de anotações no bolso do colete.

— Cosmina, isso é sério. Você não pode se iludir achando que não vamos nos envolver.

— Mas onde eu vou morar? Para onde eu vou? Eles não vão me deixar voltar para a casa, agora que eu levei a polícia para lá.

— Você não levou a gente. Foi o Stefan.

Cosmina balançou a cabeça com impaciência: a lógica era irrelevante.

— Para onde eu vou?

— Você não tem amigos? Nem parentes?

— Não.

Hadley chegou carregando um monte de sacos de provas e uma câmera digital pendurada delicadamente no pulso enorme.

— Odeio essas coisas — reclamou enquanto lutava para deduzir como ligá-la. Suas mãos eram grandes demais para a rodinha e os botões minúsculos. Parecia um gorila num documentário sobre a natureza. Lizzie se pegou

sorrindo e precisou se lembrar de que, a despeito de todo o blefe, Hadley era o único policial que tinha aceitado a chamada, para começo de conversa.

— Sabe mexer nisso? — perguntou a Lizzie.

— Não.

Derramando desprezo pela incompetência deles, Cosmina pegou a câmera. Por acaso ela era boa com tecnologia e sentiu prazer em mostrar todos os botões a eles. Por fim, insistiu em tirar uma foto dos dois. Na tela minúscula, Hadley e Lizzie pareciam saídos de uma *Variety* antiga: o Gordo e o Magro se fingindo de policiais com casacos de lã azul. Os três riram da imagem. Cosmina, examinando a foto, balançou a cabeça incrédula.

— Deus me ajude.

Hadley disse:

— Acho que você vai descobrir que essa é a melhor polícia do mundo.

— O que não quer dizer muito, não é? — reagiu Cosmina.

— É a sua vez, gênio — disse Lizzie, e virou a lente da câmera para Cosmina.

Tinha se acostumado ao hematoma inchado que era o rosto de Cosmina, mas ver os ferimentos reduzidos ao registro digital renovou seu choque. Enquanto passava as imagens, Hadley disse baixinho, olhando por cima do seu ombro:

— Pegue os hematomas do braço também. Os ferimentos de defesa.

Só um idiota acharia que Hadley não era objetivo. Cosmina obedeceu, virando o braço direito de encontro à coberta amarela.

Enfermeiras e médicos entravam e saíam do cubículo, medindo temperaturas e pegando amostras de sangue. Um maqueiro do hospital apareceu — um rapaz asiático magricelo com listras raspadas na cabeça. Olhou os policiais cautelosamente e murmurou algo sobre raios X. Virou os freios da maca com o pé e habilmente levou Cosmina para fora do cubículo.

Hadley esperou até ela sumir de vista. Depois disse:

— Stefan foi preso. Ele apareceu na cena do crime e Arif o prendeu. Então, no fim das contas, Arif ganhou alguma coisa com a noite.

— Ele deve estar satisfeito. Qual foi o motivo que ele deu para a prisão?

— Tentativa de homicídio.

Os dois sorriram. Bom garoto: tinha mirado para as estrelas, mas os dois sabiam que ele não iria alcançá-las. O máximo que poderia esperar era provavelmente uma Lesão Corporal Grave Seção 20.

— Escroto — disse Hadley.

— Filho da puta — concordou Lizzie.

— Filho da puta escroto.

Ficaram em silêncio.

Então Hadley disse:

— É melhor ensacar as roupas. Outro trabalho que eu odeio. — Os dois realizaram a tarefa juntos colocando os jeans, a camiseta suja de sangue, o sutiã e a calcinha de Cosmina em sacos de papel pardo. Hadley continuou: — Você etiqueta as provas e eu levo para a custódia. Está bem? A camiseta precisa ir para a sala de secagem. Porra, que saco.

Lizzie se inclinou sobre a mesinha de canto e começou a escrever as etiquetas.

— Não é tarde demais para uma comida decente — comentou Hadley. — O que você quer?

— Não sei. Kebab não.

— Kebab não, certo. Loja de conveniência do posto de gasolina?

Lizzie imaginou as luzes fluorescentes, o indiano pálido atrás do balcão, os corredores de comida congelada. O macarrão com pesto. Os tomates cereja. Tudo numa luminosidade anormal atrás das caixas de plástico.

— Não, não da loja de conveniência.

— Curry?

— Pelo amor de Deus, curry não.

— Você está difícil, hein?

Ela aceitou o desafio.

— Sabe o que eu realmente queria?

— Diabos, Lizzie, salmão e caviar? Uma garrafa de champanhe? Como é que eu vou saber, meu Deus?

Ela o fez esperar.

— Peixe com fritas.

— Peixe com fritas! — Ele esfregou as mãos, concordando, como se aquele fosse um bom argumento, ao qual precisaria ceder. Depois se levantou entusiasmado, soltando a chave do carro do cinto. — Agora você mandou bem. Eu *adoro* peixe com fritas. Mas vou ter que correr para chegar antes que eles fechem.

Seu corpanzil uniformizado, desleixado, moveu-se entre as camas de hospital, entre as cortinas de plástico fechadas. A porta eletrônica se abriu para a noite com um chiado. Através das janelas altas acima do posto central dos médicos, Lizzie viu o reflexo das luzes azuis piscando. Talvez, naquelas circunstâncias, peixe com fritas fosse de fato uma emergência.

A emergência do hospital continuou com seu ritmo curiosamente relaxado mas objetivo. Os passos dos enfermeiros, o farfalhar das cortinas, marcavam o progresso de um trabalho que jamais terminaria. O inspetor-chefe ligou pedindo uma atualização. Lizzie foi até a recepção, mas relutou em incomodar a mulher gorda, com aparência de indonésia, sentada ali. *Sarwendah Wahid*, era o que estava escrito no crachá. *Enfermeira encarregada*. Ela respondeu a Lizzie com olhos plácidos e clicou no computador.

— Não, não tenho nenhuma atualização.

Lizzie voltou ao cubículo e ficou mexendo no seu iPhone. Esses eram os momentos de espera. Hadley voltaria em breve. Um enfermeiro gordo e amigoso sentiu pena dela.

— Pode pegar café ou chá no posto de enfermagem.

— Obrigada.

Ela se recostou na cadeira. Estava quente no hospital.

— Dormindo no serviço?

Hadley estava parado ao lado dela, segurando o peixe com fritas. Lizzie se sentia sonolenta e confusa. Ele lhe entregou um embrulho quente e puxou uma cadeira para se sentar.

— Espera aí — disse ela, pegando uma nota de cinco libras amassada e meio rasgada dentro da carteira do distintivo e estendendo-a.

Ele já estava com sua porção no colo e começando a desdobrar o papel com o cuidado de alguém que jamais deixava uma batata frita cair. Balançou a cabeça para a nota estendida.

— Não se preocupe — disse. — Mais tarde.

O vapor e o cheiro de fritura subiram no ar.

— Lizzie, lamento pelo seu pai.

Lizzie sentiu um nó súbito na garganta.

— Obrigada. Já era esperado. Ele estava doente há séculos.

Ela pigarreou. Hadley se demorou escolhendo uma batata particularmente grossa.

— Adoro peixe com fritas — disse ele. — Me lembro de quando comprava para a família inteira e ficava sentado na frente do Ford Anglia do meu pai. O papel quente queimava minhas pernas.

Desembrulhando sua porção, Lizzie invocou suas próprias lembranças de peixe com fritas. A fila na loja enquanto o pai esperava com o motor ligado. Os ladrilhos amarelos nas paredes, intercalados com fotos aqui e ali de barcos de pesca. Uma generosa camada de sal em cima de um saco de batatas quentes.

Comeram totalmente absortos. Lizzie chegou ao final do seu apetite. Embolou o papel ainda com algumas batatas dentro. Hadley também tinha acabado e limpou as mãos na calça.

— O chefe disse que você queria falar comigo sobre dar um depoimento.

Lizzie partiu o lacre da sua garrafa d'água e tomou um gole. Tentou parecer relaxada.

— Bom, achei que a gente deveria conversar sobre isso, de todo modo.

— É porque você está preocupada achando que pode se encrencar?

— Não, Hadley, não é isso. Só quero saber o que aconteceu.

Ele soltou o ar com força.

— O que aconteceu?

Apesar do esforço, ela se sentiu nauseada.

— Sim. Só isso.

— Com que objetivo, exatamente?

Ela pensou naqueles interrogatórios em que os suspeitos tentavam fazer as perguntas. Precisou admitir que ele tinha um argumento: com que objetivo, exatamente?

— É uma pergunta direta. Você me colocou nessa situação...

Ao mesmo tempo que as palavras emergiam, ela estava desejando não ter dito nada. A exasperação atravessou o rosto de Hadley.

— Coloquei você nessa situação?

Ele estava certo: se a acusação fosse infundada, Hadley é que tinha sido colocado em alguma situação. Talvez a irritação dele fosse genuína, mas Lizzie também suspeitou que ele estava satisfeito por ter provocado a conversa pegando-a no contrapé.

— Certo, talvez não. Não sei. É só me contar o que aconteceu, não pode fazer isso?

A exasperação de Hadley dificultava seus pensamentos. Kieran tinha dito para ela falar com ele, e na hora ela soubera o que fazer. Hadley se esticou contra o encosto da cadeira. Parecia entediado.

— Não quero ser grosso, Lizzie, mas preciso ser honesto. Nem sei *por que* estamos conversando. Ou você acredita no que eu disse ao chefe ou não. Ou me apoia ou não. Tenho vinte e sete anos de serviço. Não quero ser desrespeitoso, mas não vou começar a me justificar para você. O que você quer saber? O que vai te fazer se sentir melhor?

— Como assim, o que eu quero? Você dificultou para mim, dizendo que eu estava lá.

— Você *estava* lá.

— Não. Eu estava na cozinha. Não escutei nada.

— Sinto muito, então. Achei que você tinha escutado tudo.

Ela fez uma careta. Ele sugou entre os dentes, parecendo um marginal. Os dois riram.

Houve uma pausa. Hadley disse:

— Não achei que seria grande coisa.

— Não é grande coisa se você não se incomodar em me dizer a verdade.

— Eu *vou* lhe dizer a verdade, Lizzie. Preste atenção. Está ouvindo com atenção? A verdade é que aquela garota inventou coisas que eu teria dito, e enquanto a chefia anda de um lado para outro, morrendo de preocupação com absolutamente *nada*, preocupada com a hipótese de eu ser racista, meu Deus, eu estou perdendo minha indicação e alguns anos no quentinho antes de me aposentar.

Lizzie pensou: é realmente só dessa consequência que você tem medo? Não haveria repercussões mais sérias para um comentário racista feito a uma garota de catorze anos dentro da casa dela? Ele tinha parado de falar, como se esperasse o seu comentário, mas ela estava cautelosa com relação a verbalizar suspeitas, e não respondeu.

— Você se esqueceu de advertir aquele garoto negro no outro dia — continuou ele. — Qual era mesmo o nome dele? Isso mesmo: Jordan. Pensa que eu acharia difícil dizer que você o advertiu? Acha que isso ao menos *importaria*?

— Isso não é justo...

— É, certo, você lembrou. Mas esse não é o ponto. E se a coisa tivesse virado um problema?

Lizzie deu de ombros.

— Não sei.

Hadley assentiu como se tivesse vencido a discussão. Tomou um gole d'água e voltou a falar:

— Olha, todo mundo está a fim de pegar a gente. Os advogados, a mídia, para não falar de todos os outros escrotos que querem promoção. Acho que tem alguma coisa a ver com a mamãe e o papai desapontando eles, ou talvez eles simplesmente não consigam aceitar que o mundo é feito de pedra e sangue, e não de pó das fadas. Antigamente, o negócio era não espancar pessoas na parte de trás do camburão. Não fazer falsas acusações. Agora basta peidar contra o vento e você vai parar na corregedoria. Não conheço nenhum policial, bom ou ruim, que não tenha tido problema em algum momento. Como a gente pode aguentar se não apoiarmos uns aos outros? Você vai entender isso quando tiver mais tempo de serviço. Obviamente eu não vou apoiar você se

— você aceitar um suborno ou prender algum inocente. Mas as coisas do dia a dia, as merdas comuns? As merdas comuns? Claro que vou apoiar você. Se eu conheço você e confio em você, se você é basicamente confiável, eu apoio você porque é assim que a gente joga.

Lizzie fez menção de interromper, mas ele balançou as mãos enormes, com impaciência, falando por cima dela.

— Não, não, não, não, não é a gente *joga*, está errado. Desse jeito você vai me entender mal. Não é *joga*; é assim que a gente *sobrevive*. *Sobrevive*, porra, Lizzie. É como a gente paga a hipoteca e garante que vai para casa toda noite, e não para uma porcária de uma cela.

Ele parou de novo, esperando para ver se agora ela teria alguma resposta. Lizzie deu de ombros. Ele continuou, mais baixinho:

— E quando eu ameacei forçar Cosmina, usando aquela lei de incapacidade mental? Aquilo não estava na lei. Você vai botar aquilo no relatório? Mesmo se não botar, e se outra pessoa fizer isso? Você vai me apoiar ou vai me fazer enfrentar um comitê disciplinar por ter salvado a vida daquela mulher?

Sua impaciência, sua certeza, eram devastadoras. Os escrúpulos de Lizzie pareciam triviais, sua consciência imaculada era absurda. Lembrou-se da sua mãe sussurrando para seu pai: “É só uma *palavra*.” Não foi muita gente no enterro do pai dela. Ela se pegou numa situação difícil.

— Hadley, sinto muito. Se eu tivesse escutado o que aconteceu, é claro que apoiaria você.

Ele soltou uma fungada de desprezo.

— Nossa, que alívio. Se você tivesse me escutado, iria me apoiar.

Os dois ficaram sentados num silêncio raivoso, infeliz. A cortina de plástico se abriu com um chiado. O rapaz asiático empurrou a maca de volta. Cosmina estava dormindo pesadamente. Tinha o rosto inchado e azul. O braço direito, sobre a coberta, estava com uma bandagem.

Hadley se levantou. Estendeu a mão, pegou o papel do peixe com fritas de Lizzie e foi na direção da lixeira da emergência.

26

Lizzie estava na delegacia de Farlow, ligando um computador. O pessoal do turno da manhã tinha passado pela sala de reuniões para assumir o plantão, mas ela ainda precisava escrever o relatório sobre Cosmina antes de ir para casa. Kieran enfiou a cabeça pela porta e sorriu.

— Parabéns por esta noite. Você e o Hadley fizeram um bom trabalho.

— Obrigada.

Ela manteve o olhar firmemente na tela. Ele parou às suas costas e olhou em direção à porta antes de pôr a mão no seu ombro.

— Como foi com o Hadley?

Lizzie clicou no programa para abrir o formulário de relatórios.

— Tudo bem.

A mão dele ainda estava no ombro dela.

— Então não tem nenhuma novidade para mim sobre isso?

— Não, chefe.

— Certo.

Com o programa aberto, ela começou a digitar. *Na noite de quinta-feira, 9 de abril, eu estava de serviço...*

— Tudo bem, então. Nenhum problema. Registre as suas horas extras.

Kieran se curvou e beijou sua nuca. E, claro, ela quis ceder imediatamente, virar-se e se enterrar nele.

— Vou ver você mais tarde? — perguntou ele.

— Vai.

Ela o empurrou e voltou a digitar.

Estava sozinha, com o dia se abrindo pelas altas janelas da sala de reuniões. A noite logo foi se fechando na sua mente. Uma quantidade enorme de coisas podia acontecer em um turno. A visão de Cosmina através da porta, com a luz da lanterna batendo no rosto inclinado. A volta silenciosa e hostil à delegacia com Hadley.

Arif apareceu, finalmente livre do seu prisioneiro sob custódia. Puxou uma cadeira ao lado dela e abriu seu caderno de prisões para escrever um relatório.

— Boa prisão, Arif. Gostei da caracterização do crime.

— Você soube?

Ela confirmou com a cabeça.

— O Departamento de Investigação Criminal já trocou por Lesão Corporal Grave.

— Lesão corporal? — Era inacreditável. Porcaria de DIC. A última coisa que ela ficara sabendo é que Cosmina tinha sido levada de volta à sala de cirurgia. — Como ele era, o Stefan?

— Um babaca de merda.

— Ele simplesmente apareceu no endereço?

— Isso. Disse que ela vivia bebendo as coisas dele.

— Você o machucou?

— Na medida do possível. Ele tentou me dar uma cabeçada. Isso me deu a desculpa para colocar o sujeito no chão, pelo menos. Acho que o sargento Thompson gostaria de passar com o carro em cima dele.

Ela fungou, concordando.

— Foi algemado?

— De cara no chão. Mãos nas costas. Não tem outro jeito de pegar esses caras. Uma pena.

Para Lizzie foi um choque perceber que, pela primeira vez, estava desejando que tivessem a opção do trabalho policial no estilo antigo, as coisas que vazavam nas histórias dos mais velhos. Gostaria que Stefan levasse uns bons chutes na traseira de um camburão. Hoje em dia o melhor que podiam fazer era algemá-lo de rosto para baixo, com as mãos às costas. E então, na delegacia, vinha a Lei de Provas Policiais e Criminais e todos os direitos do sujeito eram

devolvidos. O desgraçado teria um intérprete, um advogado e o médico para verificar se ele estava bem. *E todas essas coisas estão certas, claro.* Ela balançou a cabeça e esfregou os olhos com as mãos. Viu seu eu anterior como se estivesse parada do outro lado de um abismo intransponível, fundo como o Grand Canyon. E preferia esse eu anterior ao que ainda tinha um relatório de crime para preencher antes de se arrastar para a cama em plena luz do dia.

Arif terminou seu relatório e foi embora para casa. Enquanto a luz da manhã ficava mais forte, Lizzie telefonou para o assistente social de serviço, tentando arranjar uma moradia de emergência para Cosmina.

A voz do outro lado da linha parecia cansada e irritada.

— Ela terá que comparecer à secretaria de habitação assim que ela abrir, às nove e meia, e entrar na fila.

— Ela não pode entrar na fila, está com um ferimento na cabeça.

— Tem certeza de que ela é moradora do distrito?

— Sim, tenho. — Lizzie repetiu, para o caso de o sujeito não ter captado sua compreensão do objetivo oculto na pergunta: — Tenho certeza absoluta de que ela é moradora deste distrito e fiz uma anotação sobre isso no meu relatório.

No silêncio do outro lado do telefone ela escutou o cansaço do universo paralelo do assistente social: o vórtice de almas perdidas precisando de moradia antes que Deus as reivindicasse. Nada poderia atender às necessidades do mundo, pensou. Viu barcos à deriva em oceanos cheios de populações perdidas. O sentimento de fazer alguma coisa eficaz minguou, como ela sabia que deveria acontecer. Inclinou-se por cima da mesa e esfregou de novo os olhos, até enxergar padrões.

Na volta para casa, presenciou a massa de londrinos indo para o trabalho por ruas sinuosas, apertando os casacos por causa do frio da manhã. Algumas pessoas faziam fila nos pontos de ônibus. Uma mulher andava atrás de dois meninos com uniformes escolares, ambos em microlambretas. Motoristas cortavam uns aos outros no ponto onde a rua se estreitava de duas pistas para uma. A narrativa de policial repassava em sua cabeça: os pequenos delitos, os

riscos idiotas. Essas pessoas estavam vivendo a vida, e ela percebeu que as olhava como se fosse uma observadora do espaço sideral, como se não fosse uma delas. Essa banalidade do início da manhã era o que Lizzie estava protegendo: a liberdade de viver a vida e cortar uns aos outros no trânsito, inutilmente.

Seu telefone tocou, arrancando-a de novo de chegar ao sono. Olhou para a tela. *Número oculto*. Colocou-o no banco do carona. O aparelho continuou a tocar, depois parou. Dois minutos mais tarde, a caixa postal apitou. Provavelmente aquilo poderia esperar até ela chegar em casa. Mas, só por via das dúvidas, pegou o celular e ouviu a mensagem.

Era Kieran. Ela precisava voltar à delegacia. Cosmina tinha morrido.

O esquadrão de assassinatos tinha tomado conta de uma sala dos inspetores. Havia uma mulher empoleirada na mesa, segurando um registro de decisões e um caderno de capa dura. Era magra, tinha por volta de trinta anos. Usava um terninho escuro e seu cabelo era louro com mechas. Pés de galinha já marcavam os cantos dos olhos. Lizzie avaliou brevemente todos os serviços noturnos e os turnos longos que aquela mulher havia feito para chegar tão longe tão depressa. Um homem negro de pele clara estava parado junto à janela. Usava o clássico terno de risca de giz do departamento, camisa branca, gravata de seda azul frouxa no colarinho. Estava claro que ele arranjava tempo para ir à academia. Não tinha filhos, provavelmente. Ou, se tivesse, eles não vinham em primeiro lugar.

Hadley tinha se aboletado numa das cadeiras minúsculas perto da estante de MDF. Ele atraiu o olhar de Lizzie. Sua mensagem era suficientemente clara: *Tome cuidado*. Kieran estava sentado à mesa, virado para a tela do computador. Ele olhou para ela e lhe deu um sorriso de incentivo.

— Chefe — disse Lizzie.

A mulher se inclinou para a frente e estendeu a mão.

— Lizzie?

— Sim.

— Sargento detetive Bradwell. Esquadrão de assassinatos. Este é o meu colega, o policial detetive O'Neil.

O'Neil olhou da janela e lhe deu seu riso matador.

— Jack.

Kieran olhou para ela com um leve ar de diversão. A sargento detetive continuou:

— Obrigada por ter voltado.

Lizzie olhou as pessoas na sala. Tentou abrir um sorriso e, com o máximo de entusiasmo que conseguiu, disse:

— Sem problemas.

— O hospital acha que Cosmina morreu de hemorragia cerebral — continuou a sargento detetive. — Teremos a confirmação da causa exata da morte com a autópsia. Enquanto isso, você deve saber que estamos com o tempo apertado. Temos alguém na cadeia e antes de fazermos o interrogatório, precisamos de mais informações sobre o caso. Vocês dois foram os primeiros a chegar ao local. Hadley, depois converso com você. Lizzie, soube que você foi a primeira a encontrá-la, não foi? Preciso que olhe o corpo, para a confirmação. Jack vai levar você ao necrotério. Precisamos que faça isso hoje de manhã, antes da autópsia. Tudo bem?

Lizzie afastou da mente a ideia de Cosmina viva e tentou antecipar a questão da autópsia tornando-a não uma pessoa, mas um objeto, um mero material para identificação.

— Sim — disse. — Sem problemas. Posso tomar um café antes?

Jack já estava segurando as chaves do carro.

— Vamos pegar um no caminho. Conheço um bom lugar.

Existem algumas lembranças que não gostamos de contemplar mesmo antes de acontecerem. Enquanto o portão de metal do necrotério se abria e o carro entrava no pequeno estacionamento, Lizzie já sabia, com um peso no peito, que essa experiência seria algo que ela desejaria apagar da memória. Se você quer ser policial, disse a si mesma, precisa fazer essas coisas. E a cada vez que fizer será mais fácil.

Um homem branco estava do lado de fora, encostado na parede, fumando. Usava um terno frouxo com listras largas. Estava desalinhado e exausto, o cabelo tinha ficado ralo — devia ter pelo menos uns cinquenta anos. Ao seu lado, no chão, havia uma caixa metálica do tipo usado para guardar máquinas fotográficas. Os dois estacionaram e saíram do carro. O homem cumprimentou Jack com um olá: sem dúvida os dois se conheciam. Ele também era do esquadrão de assassinatos. Então Lizzie sentiu o olhar dele examinando-a.

— Tudo bem? — perguntou ele, não sem gentileza. — É você quem vai fazer a identificação?

— Isso mesmo.

Ele jogou o cigarro fora, esmagou-o com o pé e estendeu a mão.

— Neal — disse. — Provas. Quer um cigarro antes de entrar?

Ela balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Estou bem.

— Muito sensato. Venha, então. Quanto antes, melhor.

Deixaram Jack do lado de fora e entraram numa sala externa.

— Você vai precisar se vestir. Sapatos, máscara, luvas duplas, a coisa toda.

— Tudo bem.

Lizzie abriu a embalagem de celofane que ele lhe entregou e vestiu com dificuldade o macacão branco. O zíper prendeu no tecido de papel lustroso.

— Aqui, me deixe ajudar — disse Neal. Suas mãos eram velhas, e, olhando-o enquanto ele lutava com o zíper, Lizzie se sentiu como uma criança sendo vestida para sair no frio. Ele a encarou e sorriu. — Não se preocupe, querida. Você precisa dar uma boa olhada e garantir que é a mesma mulher que você encontrou na casa invadida. Então vamos começar a autópsia. Ela morreu há pouco tempo, de modo que o cheiro não deve ser tão ruim. Você não precisa fazer nada. Fique afastada, não olhe se não quiser. Depois é só uma declaração rápida. Só isso.

Ela ficou afastada da mesa. Havia uma forma no saco fechado com zíper. Neal e Jack esperavam ao lado. Neal tinha aberto sua caixa metálica e estava preparado. Lizzie podia ver que tudo era muito bem-organizado. Etiquetas já

escritas em sacos para provas. Dois homens com jalecos brancos de prontidão. Um era alto, com cabelo grisalho. O outro era curvado e pequeno, com um piercing no nariz. Esse homem, o legista, disse:

— Todo mundo pronto?

E abriu o zíper do saco.

Lizzie tinha esperado ver Cosmina, mas o saco aberto revelou uma forma enrolada num lençol branco. Havia um pedaço de papel preso na frente da mortalha e alguém tinha escrito com pincel atômico o nome de Cosmina, a data de nascimento e o número do hospital. Neal disse:

— Lizzie.

Ela foi em direção à mesa. O homem com o piercing no nariz cortou o lençol.

Cosmina, ainda mais violentada pela assistência apressada dos médicos, estava brevemente irreconhecível. Sua cabeça tinha sido raspada de qualquer jeito e um parafuso tinha sido enfiado no crânio na parte de trás, logo abaixo da linha dos cabelos. Isso fez Lizzie pensar num torno, num pedaço de metal em uma oficina. Um tubo serpenteava saindo da nuca. O rosto estava com hematomas, lívido, preto, cinza e amarelo como a casca de uma banana podre. Um líquido amarelo e pegajoso escorria do nariz. Havia um tubo no pescoço e ali também florescia um hematoma. Outro tubo saía de entre as pernas. E por algum motivo havia uma incisão muito bem-costurada no abdômen. Lizzie ficou olhando. Tinha esquecido o que estava fazendo ali.

Neal repetiu:

— Lizzie?

Ela olhou de novo para o cadáver, como se fosse descortesia responder depressa demais. Depois disse:

— Sim, eu a reconheço como a mulher que encontrei antes na...

Não conseguia lembrar o nome da rua.

— Na Windermere Road? — perguntou Neal.

— Isso, na Windermere Road. Cosmina.

Ela recuou. Tinha consciência do sistema e da ordem. De fotografias e medições. Eles estavam ocupados. Ela estava passiva. Estava ali para

testemunhar. Viu o corpo de Cosmina, nu e com bandagem no braço direito. Por um instante, apenas isso ficou na sua memória, como se fosse um arremedo de recuperação. Pele inchada. Hematomas no peito e na pele visível dos braços. A pele ficava totalmente diferente na morte, um enigma sem solução, pensou Lizzie com frieza, olhando para o corpo. O patologista narrava os danos enquanto se movia ao redor do cadáver. *Mulher branca adulta. Unhas embranquecidas. Hematomas na parte interna dos braços.* Um dicionário de traumas. Ele examinou a cabeça com atenção, apertando os hematomas, tentando diferenciá-los.

— Não sei — disse. — Pode ser a marca do Oscar.

Neal avaliou as marcas como um especialista examinando pinceladas num quadro. Fotografou cuidadosamente, absorvido pelo trabalho.

Eles se moviam na frente de Lizzie como sombras ocupadas, entrando e saindo da atividade, cada um dando lugar ao outro, recuando. O legista enfiou um bloco embaixo das costas de Cosmina. Lizzie se lembrou de quando mergulhava no fundo da piscina da escola. Os ladrilhos azul-escuros e a pressão nos ouvidos enquanto agarrava os cantos do pesado tijolo de borracha. Chegando à superfície e ao cheiro de cloro.

O peito de Cosmina se projetou, a luz artificial caindo na pele esverdeada. Os braços e o pescoço tombaram para trás, os seios para os lados. O legista começou a abrir o corpo na altura das costelas usando um instrumento que parecia uma tesoura de poda. Os ossos foram triturados e quebrados. Lizzie viu a linha das costelas, a cartilagem e o tom de mármore da gordura branca, como uma vaca ou uma ovelha pendurada na geladeira de um açougue. Pelo lado de fora ainda era Cosmina. Os seios agora impossivelmente separados mas ainda humanos, ainda de Cosmina. Os rapazes no trabalho chamavam os seios de sacos de diversão. Ela pensou em seus próprios sacos de diversão e em como eles eram inconsequentes, apenas carne e gordura que um dia penderiam sem vida em seu próprio corpo. O legista estava enfiando a mão na cavidade, o braço erguido, uma linha de maré de sangue contrastando com o látex claro das luvas. Ele tirou os órgãos e Lizzie os viu. Miúdos volumosos, o tom de

vinho tinto, gordura e coisas escorregadias. Cada um era pesado, ensacado e rotulado.

Depois a cabeça. Passaram um tempo enorme com ela, mexendo e falando, considerando e comentando. O gemido da serra de ossos e o cheiro de queimado. As abas de pele puxadas para os lados. O rosto arrancado. Era um serviço de três homens. Neal pegando o peso do torno de metal de modo que não fosse causado mais nenhum dano, e o legista afastando a placa de osso com um cinzel. Lizzie se lembrou da mãe passando a lâmina de uma faca embaixo da placa de metal de um vidro de pickles. O torno foi erguido. O patologista se inclinou com uma pinça, examinando, sondando. A máquina fotográfica também, apontando e espiando. Finalmente, o cérebro: levantado do crânio pelo patologista, bolhas de alguma coisa parecida com geleia de groselha preta emergindo do cerebelo cinza. O corpo estava vazio. Uma casca oca. Sem propósito. Mas esse cadáver eviscerado, esse corpo, carne, osso e cartilagem, essa pele, cabelos e mãos, essa aparência, essa ausência: essa *coisa* ainda era, estranhamente, Cosmina. Lizzie estava ali para testemunhar isso.

Jack entrevistava Lizzie com um gravador. Tomava notas. Lizzie estava sentada com os cotovelos na mesa e o queixo apoiado nas mãos. Outro café para viagem esfriava na mesa, ao seu lado. Ela devia estar caindo de sono, porque Jack perguntou:

— Você está em condições de continuar?

Ela cobriu o rosto e bocejou.

— Estou.

— Então vocês arrombaram a porta?

— Bom, isto é, nós mandamos a testemunha fazer isso.

— Vocês mandaram a testemunha fazer?

Ela se lembrou do olhar de Hadley. *Cuidado.*

— Sim, não havia nenhuma outra unidade disponível e nenhum de nós conseguiu arrombar.

— Fale mais sobre isso.

Ele estava escrevendo no caderno.

Ela contou como tinha subido a escada. A primeira visão de Cosmina, banhada pela luz elétrica. O alívio da leve pulsação. O riso de Joe e o dela.

A lembrança de Cosmina, mal-humorada, discutindo, a fez pensar de novo, de maneira abrupta e implacável, naquela nova imagem recolhida na fluorescência do necrotério. Tinha sentido uma espécie de embaraço: a formalidade ridícula, a demora para confirmar que aquela era de fato Cosmina. Quase por uma questão de cortesia tinha olhado por mais tempo do que a identificação exigia, como se estivesse demonstrando o ato de olhar. Agora percebeu que na verdade era uma espécie de hipnose. O corpo tinha se gravado nela e de algum modo a acompanharia. Era um daqueles momentos dos bastidores que eram oferecidos à polícia. *Aqui, policial, olhe, veja.* O cadáver guardava um fascínio perplexo, como uma quantidade que jamais pudesse ser deduzida. *Continuidade.* Sim, essa era a essência da coisa: Cosmina viva, discutindo, rindo. O suéter da Gap e os jeans desbotados justos demais. E — a puxada da cortina do mágico — a progressão. Cosmina nua, morta, silenciosa, esvaziada. Cosmina sem ter mais nada a dizer sobre qualquer assunto e indiferente não apenas ao destino de Stefan, mas também aos instrumentos do patologista que a abriam. O gemido da serra de ossos, a mudança de tom enquanto o aparelho serrava. O cheiro de queimado.

— Espere um minuto — disse Jack. — Preciso esclarecer isso. A testemunha estava dentro da cena do crime?

Lizzie sentiu o rosto enrijecer. Essa era a essência do seu trabalho — preservar a cena, evitar contaminação. Não tinha somente deixado de salvar Cosmina, também tinha estragado a investigação.

— Estou realmente muito cansada.

— Já estamos quase acabando.

— A testemunha, Joe, tinha entrado por conta própria.

— Isso não é problema — disse Jack, confirmando para ela que era, sim. — E depois o que aconteceu?

Ela enxergou através dos olhos do detetive. Meu Deus, o bairro inteiro tinha estado lá em cima. Não havia desculpas. *Ninguém que não fosse essencial na cena.* Para onde seu treinamento havia ido? Quantos policiais tinham subido

lá? Quantos paramédicos? O detetive estava listando com paciência todos eles. Fazendo o seu serviço. Ela podia imaginá-lo falando por trás de portas fechadas sobre como as ações da equipe de resposta tinham sido inúteis. Porras de amadores.

— Fale sobre Cosmina.

— Ela não queria ir.

— Fale sobre isso.

— Ela disse que amava Stefan...

Dessa distância tudo parecia muito diferente. Na ocasião, Lizzie estivera ocupada salvando uma vida. Agora via todos os erros que tinha cometido.

— E como você a convenceu a ir?

Lizzie suspirou de exaustão e desespero. Não conseguia pensar em nada para dizer, a não ser a verdade.

— Foi o Hadley que conseguiu. Ele ameaçou levá-la à força argumentando problema mental.

— Ameaçou levá-la à força?

— Isso.

— Certo.

O detetive fez mais uma anotação.

Ela se lembrou das palavras de Hadley: *Não foi exatamente um uso legal da Lei de Saúde Mental, foi? Você vai me fazer enfrentar um comitê disciplinar por ter salvado a vida daquela mulher?*

Lizzie foi até a cantina pegar um último copo de café. O detetive tinha terminado a entrevista e saído para falar com sua chefe. O esquadrão de assassinatos havia feito download das imagens da câmera que ela e Hadley tinham usado no hospital. Lizzie recebeu a ordem de catalogar as fotos impressas como provas, antes de ir embora.

Outros policiais a cumprimentaram enquanto iam para as mesas com pratos de salsichas e ovos fritos.

— Tudo bem, Lizzie?

Ela estava experimentando a fama passageira que acompanhava o fato de ser testemunha importante de um assassinato. Lizzie dizia olá e agradecia pelo interesse e o apoio e fazia o que se esperava dela. Por dentro, havia uma desintegração oculta. Num minuto tinha achado que era uma coisa, no seguinte percebia que era outra completamente diferente. Subir a escada, encontrar Cosmina: em sua história sobre si mesma ela havia sido uma heroína. Depois, ficou claro que tinha feito tudo errado. Não tinha sido heroína. Tinha sido uma porra de uma amadora. Não somente não tinha salvado uma vida. Também não tinha protegido a cena do crime numa investigação de assassinato. Para que ela servia, afinal? Qual era o sentido?

Respirou fundo para conter as lágrimas que ameaçavam descer. Elas estavam transbordando, e Lizzie sentia um aperto enorme na garganta. A mulher atrás do balcão lhe entregou uma tigela de mingau e Lizzie se virou para encontrar uma cadeira. Hadley estava sentado no fundo da cantina. Tinha um café da manhã inglês completo e um tabloide na mesa. Atraiu o olhar dela e levantou o polegar, como se estivesse perguntando algo. Ela hesitou e foi até lá.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Lizzie sentiu vontade de chorar e por um momento não conseguiu dizer nada. Ele inclinou a cabeça para trás e se espreguiçou.

— Certo. Sente-se, então.

Lizzie se sentou. Sentia uma dor na garganta que parecia sufocá-la. Hadley estendeu a mãozona e segurou o braço dela. Não disse nada, e isso, de algum modo, foi a coisa mais gentil do mundo. Então, de repente, ele gargalhou. Foi uma risada alta, generosa, e maravilhosamente genuína. Ele não conseguia falar, de tanto que ria, e Lizzie se pegou sorrindo, mesmo sem saber o que era engraçado. Por fim Hadley falou, entre fungadas incontidas:

— Não acredito que a gente conseguiu convencer o pobre coitado a arrombar a porta.

De novo ele foi dominado pelo riso, e de repente ela também achou isso engraçado. Conseguiu dizer:

— A cara dele quando você pediu. — Ela fez uma pausa para rir, em seguida pôde continuar. — Você parece um cara forte!

— Aposto que agora a metropolitana gostaria ter mandado mais unidades — disse Hadley.

Os dois riram até chorar. Lizzie tossiu, liberando o aperto na garganta. Os dois secaram os olhos cansados. Houve um breve silêncio. Ela tomou um bocado de mingau e riu de novo.

— Pelo menos nós fizemos o melhor possível — disse Hadley.

— Uhum.

Enfiada em algum canto da sua mente, havia a imagem de Cosmina. A mulher era uma estranha. Lizzie não deveria ter o direito de vê-la morta numa maca.

— Hadley, contei ao detetive que você ameaçou levá-la à força argumentando doença mental.

Hadley balançou a cabeça.

— Sinceramente, você é uma...

— Eu sei, uma criatura inútil.

Ele deu um sorriso relutante.

— Não importa.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Sinceramente. Não vai fazer diferença. — Então, depois de uma pausa: — Eles fizeram você se sentir mal?

Lizzie começou a chorar. De repente a coisa a havia engolfado e ela conseguia ceder e admitir que estava exausta e incapaz de enfrentar a situação. Todos os erros que tinha cometido. E, depois de tudo, Cosmina simplesmente morta, morta, morta. O cheiro do necrotério. O saco com o fígado. O vidro com o cérebro. De que adiantava? De que adiantava, porra? Meu Deus, se não fosse o Hadley eles nem teriam entrado na casa. Nem teriam *ido* à casa. E ela não tinha conseguido manter Hadley fora da encrenca. O catarro escorria do seu nariz. Hadley lhe entregou um guardanapo de papel áspero da cantina.

— Pelo menos asse. Você está sujando o uniforme.

Ela verificou se ele estava falando sério e viu o rosto cético. Ele encostou a mãozona nela outra vez.

— Sabe o que você é?

Ela balançou a cabeça.

— Como eu disse, uma criatura inútil.

— Não, um ímã para merdas. — Ele riu de novo. Ela sentiu alívio, mas também alguma coisa indefinível, como se finalmente estivesse abrindo mão de algo ao qual sempre se agarrava com determinação.

— Desculpe — disse de novo.

— Você confessou tudo?

— Confessei.

— A testemunha na cena do crime?

— Sim.

Ele balançou a cabeça. Sua reação era ambivalente: ela a identificou como parte compaixão e parte frustração, mas não sabia qual era a relação entre os ingredientes.

— Escuta — disse ele. — Se você já se perguntou, aí vai o motivo para a gente chamar eles de babacas. Sempre sabem de tudo, mas nunca estão lá quando a gente precisa de alguém para arrombar a porta. Sua mãe e seu pai não te ensinaram nada?

Ela secou o nariz com as costas da mão. Aquele não era o lugar para tentar expressar a complexidade confusa do que a mãe e o pai tinham lhe ensinado. De algum modo o comentário de Hadley era outra refutação de tudo que ela achava que defendia. O mundo não era um lugar complexo: era simples.

— Não se preocupe — disse ele. — Fodam-se eles: os advogados, a mídia, todo mundo que não sabe de nada, lançando dúvidas e criticando, mas isso não vai fazer nenhuma diferença. Stefan matou aquela mulher. Nós fomos as últimas pessoas com quem ela falou e você está com tudo anotado no bloco. E aposto que fez um bom trabalho, Lizzie. Tenho certeza de que você escreveu um bom relatório. Pelo menos isso você consegue fazer. Depois de todos os subterfúgios e reclamações, o desgraçado vai em cana com certeza. Perpétua. É isso que importa. Não se preocupe. Você não acreditaria no tipo de merda a que já sobrevivi em quase trinta anos nesse trabalho. Seja fiel a si mesma, policial. Fizemos o melhor possível. E ponto-final.

Terminaram o café. Hadley se levantou. Abriu seus braços de urso e ela se permitiu ser abraçada. Ele a levantou do chão, apertou-a e depois a largou de volta. Deu um passo para trás e a encarou com um sorriso irônico.

— Se eu fosse você — disse — terminaria o que tem que fazer e iria para casa antes que confesse algum assassinato importante ou sei lá o quê.

Ela deveria ter escutado.

Ficou sentada na sala de reuniões esperando o terminal carregar. Demorou séculos, a tela azul teimosa. Enquanto esperava, repassou as fotos em tamanho A4 de Cosmina, que ela e Hadley tinham tirado no hospital. O rosto com hematomas e a pele amarelada provocavam uma sensação estranha. Era uma meia-irmã do horror e do sofrimento, uma emoção curiosamente alienada pelo fato de que Lizzie realmente não tinha conhecido Cosmina. Era ao mesmo tempo sentir e não sentir. Como assistir a um filme envolvente sem o som. Tudo que havia conhecido da vítima eram aqueles hematomas, a discussão sobre sair do apartamento, a desenvoltura surpreendente com uma câmera digital e depois o corpo de fato morto. E então tinha visto aquela outra coisa... Balançou a cabeça para afastar a lembrança. O peito aberto, quebrado... Claro que aquelas coisas eram verdadeiras, mas não queria vê-las nitidamente. Por mais cansada que estivesse, a imagem de Cosmina em cima da maca na sala muito iluminada e forrada de ladrilhos se apresentou de novo, inevitável e empática. Uma mulher transformada em prova, objeto de investigação.

Lizzie passou a mão no rosto. Virou-se para a foto de Hadley com ela, que Cosmina havia tirado no hospital. Os dois estavam rindo, pálidos sob a luz fluorescente.

“Deus me ajude”, tinha dito Cosmina.

“Acho que você vai descobrir que essa é a melhor polícia do mundo”, respondera Hadley.

Olhando a imagem, Lizzie sentiu um súbito respeito novo pela afirmação de Hadley. Sempre havia pensado nele de um determinado modo, como um tipo de policial. E que ela, com sua inteligência e sua educação, podia resumi-lo — como percebeu que sem dúvida tinha feito — como um aforismo. Ele era um dinossauro, um policial das antigas. Agora Lizzie havia atravessado um espelho

e Hadley surgia totalmente diferente, o herói sem máscara. Diante de um incidente com armas de fogo, um Controle que não ajudava, uma vítima que criava obstruções, tinha lutado de maneira objetiva para salvar Cosmina. Convencera aquele rapaz a arrombar a porta. Entrara numa casa abandonada sem equipe de apoio. Obrigara o Controle a mandar mais policiais, e quando Cosmina se recusou a ir para o hospital, ameaçou-a com um uso ilegal de seus poderes. E em tudo isso, qual havia sido a verdadeira ajuda de Lizzie? Tinha ido atrás, seguido o comando dele. Agora a disposição de Hadley para ignorar as regras não parecia algo dúbio, e sim um ato anônimo de coragem repetido interminavelmente, dia após dia, durante vinte e sete anos. Todas aquelas leis, todos aqueles procedimentos operacionais padronizados: sem Hadley, eles ainda estariam parados diante da porta. De repente parecia que a coragem estava em outro lugar, e não onde ela havia imaginado, e que a integridade também era uma coisa muito diferente.

No andar de baixo, Stefan estava esperando, sob custódia. Será que estaria deitado no colchão de plástico, tirando um cochilo? Talvez ele fosse um daqueles sacanas que faziam questão de ler a porra dos Códigos de Conduta. Ou será que estaria fazendo uma refeição numa bandeja de isopor? Café ou chá? *Eu pedi açúcar!* Será que estava sentado numa sala de interrogatório com um advogado o aconselhando e com a Lei de Provas Policiais e Criminais protegendo-o? Será que ele diria *Sem comentários* ou *Ela vive roubando minha cerveja?*

Lizzie catalogou as fotos como provas e depois escreveu outro relatório sobre um assunto não relacionado.

Este é um relatório relativo a uma diligência de prisão que fiz em companhia do policial Hadley Matthews no número 7 da Kenley Villas em 23 de março.

Mais tarde, quando finalmente saiu do serviço, Kieran abriu a porta para ela vestindo apenas cueca.

— Lizzie — disse ele, revelando naquela palavra toda a inconveniência e a exaustão de um homem de meia-idade encarando mais um turno da noite com tempo insuficiente para dormir. Estava morto de cansaço. Não queria essa

complicação agora, com o dia pleno no céu e as demandas novas do próximo turno já à vista. Lizzie, impaciente, empurrou a porta. Já estava farta de meias medidas. Era jovem, cheia de desejo, e seu corpo estaria — sabia disso com uma clareza enorme e súbita — irresistível. A barriga lisa, os seios jovens, eram uma vantagem injusta com relação à esposa que tinha carregado uma criança no corpo mais exausto. Mas a própria Lizzie estava exausta — exaurida pelo esforço constante de se sentir responsável. Queria finalmente jogar sem subterfúgios. Empurrou Kieran para trás, impaciente, na direção do quarto. Ele riu, subitamente revigorado e deliciado por aceitar o comportamento dela como o que realmente era. Riu para Lizzie como se reconhecesse que ela era de fato a coisa que acreditava ser nesse momento.

— Espera aí, espera aí — disse. — Você está imunda. Fedendo.

— Certo.

Ela admitiu que o turno que tinha acabado de encerrar — a casa invadida, o hospital, o necrotério — talvez não fosse algo a ser levado para os lençóis limpos. Puxou-o pela mão em direção ao banheiro. Jamais soltando-o, livrou-se das roupas. Deixando a calça azul da polícia embolada no chão, puxou-o para o chuveiro junto com ela. Sentia-se um fauno, despida e revelada como o que era. Beijou-o na água corrente e ele se encostou nela, levantando-a. A mão dela escorregou na parede molhada e sua boca se encheu de água, dos lábios e da língua dele. Suas mãos nas costas dele. A mão dele apertando seu seio pequeno. *Ah, vida...* Seu pescoço torcido meio sem jeito entre o painel do box e o canto do banheiro.

Ele a carregou para a cama e os dois fizeram de novo, espantando-se com a energia dos corpos diante de um turno de serviço tão longo. Ele a beijou e rolou de costas, dormindo quase imediatamente, um nadador atravessando o canal da Mancha e caindo exausto na praia. Com a mão esquerda ela envolveu o pescoço dele: o peso reconfortante daqueles músculos tão fortes, os cabelos escuros tão lindos, encaracolados na nuca. Os dedos da sua mão direita acompanharam o padrão da rosa sinuosa no braço.

Apesar do turno longo, não conseguiu dormir. Foi à cozinha e ficou olhando pela janela. Através da copa móvel da árvore podia ver a luz na janela

de água-furtada na casa vitoriana do outro lado da rua. Uma mulher estava de pé, lavando louça. A banalidade da figura solitária usando luvas de borracha amarelas deixou Lizzie inquieta. Talvez a realidade não pudesse ser enfrentada de modo tão simples. Mas ela havia se decidido horas atrás. Não iria ensaiar tudo de novo.

Não seria problema, disse a si mesma. Está tudo bem.

Voltou para a cama e se deitou ao lado de Kieran. Ele se virou no meio sono e passou o braço em volta dela. Por fim, os dois dormiram, os corpos jogados em diagonal na cama, braços estendidos como se juntos procurassem por terra.

O queixo de Sarah se apoiava, pesado, na parte interna da mão direita, e ela parecia estar olhando para a porta da sala. Na mesa havia um maço de cigarros, um molho de chaves, um café para viagem e um bolinho de mirtilo. Pegou as chaves e destrancou a gaveta da mesa. Tirou a pasta de trabalho e a examinou.

Brendan Cormican, da Cormican, Murphy e Khan, tinha esboçado a queixa inicial em nome de Younes Mehenni.

Segundo o advogado, o policial Matthews tinha entrado sem permissão no número 7 da Kenley Villas em 23 de março. A sra. Mehenni, mãe de Younes Mehenni, não falava inglês e não entendia os policiais que invadiram a residência sem mandado. Portanto, a entrada na casa era ilegal. Farah Mehenni havia chegado e encontrado o policial Matthews e a policial Griffiths já dentro da propriedade. Matthews tinha sugerido que toda a família poderia voltar para seu país — aqui o advogado começou a pegar pesado com as aspas — em vez de permanecer em Londres “enchendo o saco dos outros” e “dando trabalho” à polícia “britânica”. “Você acha que a polícia aceitaria esse tipo de merda no seu país?”, tinha perguntado o policial Matthews. Enquanto interrogava Farah Mehenni — uma garota de catorze anos, observou o sr. Cormican —, o policial Matthews chamou o pai dela de “Maomé” e “Bin Laden”. Farah Mehenni ficou muito perturbada. As ações do policial Matthews a deixaram com medo da polícia. E quando seu pai chegou em casa, ela estava tão traumatizada que tentou intervir fisicamente para protegê-lo. Isso provocou uma situação em que o policial Matthews recorreu à força para tirá-la do capô

da viatura. Essa situação perturbadora e potencialmente danosa seria evitada se o policial Matthews tivesse agido de modo correto. A família requisitava uma investigação policial sobre o incidente, com consequências disciplinares apropriadas para o policial.

Infelizmente, aquilo tudo era possível. Sarah sabia praticamente de cor a resposta do policial Matthews, mas mesmo assim, leu de novo sua escrita com letras redondas de escola pública. Era uma declaração curta e objetiva.

No dia 23 de março eu estava de serviço uniformizado. Compareci ao número 7 da Kenley Villas para uma diligência de prisão em companhia da policial Griffiths. Estávamos procurando o sr. Younes Mehenni, o suspeito citado numa investigação sobre alegação de crime de dano. Uma mulher, que acredito ser a mãe do sr. Mehenni, nos deu permissão de entrar na propriedade. Tentei falar com ela, mas seu inglês era limitado. Sendo assim, não consegui que ela assinasse uma anotação no meu bloco, dizendo que tinha nos permitido entrar. Mas ela sinalizou, chamando-nos para a propriedade, e ficou claro que estava dando permissão.

A filha do sr. Mehenni, Farah Mehenni, chegou em casa. Nós já estávamos a ponto de sair da casa. Ela falava um bom inglês e eu decidi lhe explicar o motivo para estarmos naquele endereço. Requisitei que ela pedisse para seu pai fazer contato. Ela não quis ajudar e disse que não sabia do paradeiro do pai. Quando o homem voltou para casa, Farah Mehenni obstruiu a prisão dele subindo no capô do meu carro policial. Era um carro com identificação policial, e as intenções de Farah para obstruir a ação da polícia eram claras. Portanto, eu a retirei do capô do carro não usando mais do que a força necessária e agindo com meus poderes segundo a Seção 117 da Lei de Evidência Policial e Criminal. Farah Mehenni resistiu a ser retirada do carro, mas como não é particularmente forte, foi bastante fácil tirá-la do capô e colocá-la na calçada, e foi isso que fiz. Essa foi a totalidade da força usada por mim. Minhas algemas, meu bastão ASP e a lata de gás permaneceram o tempo todo no cinto de utilidades.

Como eu ainda esperava deter o sr. Younes Mehenni, deixei Farah aos cuidados e sob o controle da policial Griffiths enquanto realizava uma busca na área. Não pude localizar o sr. Mehenni. Quando voltei à policial Griffiths, ela disse que tinha

decidido exercer seu critério e não prender a srta. Mehenni por obstruir o trabalho da polícia. Os relatórios usuais foram preenchidos pela policial Griffiths depois de retornar à delegacia de polícia de Farlow.

Sei que foi prestada uma queixa relativa a essa diligência. Nego que eu tenha dito qualquer coisa inaceitável ou que tenha sido grosseiro. Em nenhum momento usei linguagem racista ou depreciativa. A policial Griffiths permaneceu comigo durante todo o período em que estive com Farah Mehenni.

Na pasta havia dois depoimentos da policial Lizzie Griffiths. O primeiro abordava a entrada na propriedade e o uso de força contra Farah Mehenni. Esse depoimento era mais detalhado do que o de Hadley. Havia uma descrição maior a respeito do momento em que o pai tinha voltado a casa, da garota correndo, do ataque de pânico na calçada, a decisão compreensível de não prendê-la. A essência do depoimento não contradizia o de Hadley — havia um modo legal de entrar e um modo legal de usar a força —, mas permanecia uma ausência intrigante. Lizzie não tinha abordado a conversa de Hadley com Farah Mehenni.

Então, dezoito dias depois, houve um segundo depoimento.

Este é um depoimento relativo a uma diligência de prisão que fiz na companhia do policial Hadley Matthews no número 7 da Kenley Villas em 23 de março. Abordei essa questão num depoimento anterior, mas meu inspetor pediu que eu fizesse outro depoimento para esclarecer um aspecto dessa diligência. Não abordei isso no primeiro depoimento porque não sabia que poderia haver algum tipo de problema.

No decorrer da nossa diligência de prisão na casa de Younes Mehenni, a filha dele, Farah Mehenni, voltou para casa. Eu estava na cozinha durante todo esse período e pude ouvir o policial Matthews falando com Farah Mehenni no corredor. Ele fez perguntas genéricas a ela sobre o paradeiro do seu pai.

Ouvi toda a conversa entre Farah Mehenni e o policial Matthews. O policial Matthews foi educado o tempo todo. Jamais disse qualquer coisa inadequada e certamente nada de natureza racista.

Sarah largou a pasta. Apoiou os cotovelos na mesa e esfregou o rosto com as mãos. Vestiu o casaco, acendeu um cigarro e, pegando metade do bolinho largado, saiu pela janela para o telhado baixo. Sid se aproximou batendo as asas e ficou pulando devagar, a uma distância sensata. Sarah jogou para longe um pedaço decente do bolinho, na direção da beira do telhado. O corvo inclinou a cabeça para o lado e foi saltitando até a comida. Sarah apertou o casaco em volta do corpo e fumou, fechando os olhos e se recostando na parede.

Pensou numa criança apertando a mão contra uma janela embaçada. Até mesmo semanas depois, se você soprasse contra ela, ainda podia ver a marca da mão.

Abriu os olhos para o céu. Estava riscado por trilhas de jatos se dispersando, e na intensidade de cores havia uma sugestão do dia que começava a se esvaír. Pensou de novo nos depoimentos. Os fatos deviam deixar marcas no mundo real, assim como a luz gravava uma placa fotográfica. Um homem levanta o braço e bate na esposa com um martelo. O sangue espirra na parede de um modo específico. Ele abandona o local de carro. A câmera de circuito fechado capta o veículo atravessando o cruzamento. A prova era impessoal. Desenrolava-se de maneira interminável — tão indiferente ao significado quanto o papel marcado pela agulha do sismógrafo. Para ser um bom investigador, é preciso ter um interesse persistente e concentrado em descobrir o que aconteceu. Em algum momento, os fatos se submeteriam a essa determinação.

Sarah inclinou a cabeça para trás, espreguiçando-se, bocejando e cravando os dedos na parte de trás do pescoço. Era apenas um desejo. Até mesmo vaidade. O que havia? Algumas discrepâncias. Um incômodo persistente por não saber toda a verdade. Sentia que nem tinha chegado perto de responder à pergunta feita por Caroline Wilson em sua sala de aula vitoriana. O que poderia ter provocado Farah Mehenni a pegar a criança?

Sid veio saltitando até ela e inclinou a cabeça de lado.

— Você está certo — disse Sarah. — Não é boa ideia o inspetor Shaw chegar e me encontrar fumando nesse telhado. — O corvo deu outro passo na sua direção. — Que interesseiro — observou ela, curvando-se e oferecendo o

resto do bolinho. — Você não me engana. — O pássaro estendeu o bico e pegou a comida delicadamente na sua mão.

Steve tinha acompanhado os dois desde a entrada. O homem negro e magro ao lado do inspetor Kieran Shaw vestia terno escuro e sapatos oxford. Estendeu um cartão e a sargento detetive Collins o examinou rapidamente. *Mark Jacobs, Mestre em Direito, Krauss & Horne*. Ela o devolveu.

— Eu não guardo cartões, obrigada. Fiz uma anotação. — Em seguida, virou-se para o inspetor Shaw. — Você se importa se eu perguntar por que trouxe um advogado? Você não é suspeito.

O sr. Jacobs interveio com um sorriso rápido.

— Meu cliente vai responder a qualquer pergunta que a senhora fizer para ele com um gravador. Digamos apenas que ele está preocupado com a conduta desta investigação e pediu uma representação legal. A senhora se sente confortável com isso?

— Perfeitamente. Mas seria útil se tivesse sido informada antes.

Jacobs sorriu de novo. Era um homem que obviamente adorava o próprio trabalho.

— Útil? Em que sentido? Que diferença faria?

Era um jogo, claro, e ela precisaria pensar antes de falar.

— Acho que nenhuma, mas talvez fosse uma gentileza.

Jacobs estava puxando uma cadeira.

— Nesse caso, peço desculpas, sargento detetive. Certamente não foi minha intenção ser grosseiro. Posso?

— Sim, por favor.

O celular de Sarah estava tocando. Ela olhou para a tela. Inspetor-chefe Baillie. Não tinha dito a ele que ia entrevistar Shaw e não queria ter essa conversa agora. Rejeitou o telefonema, levantou os olhos e viu Shaw observando-a. Ele sorriu lentamente e Sarah se perguntou se Baillie já sabia sobre a entrevista.

Steve se ofereceu para preparar bebidas quentes para todos. Sarah aceitou: qualquer coisa que lhe desse um pouco de tempo para pensar. Olhou de volta

para o inspetor Shaw. Ele estava usando um terno cinza-escuro com camisa azul-clara, sem gravata. Era um homem bonito, com certeza, e confiante na própria aparência. Ele devolveu seu olhar tranquilamente.

— Já tem alguma notícia da policial Griffiths? — perguntou ele.

— Ainda não.

— Você está rastreando o celular dela, não é?

— Não posso discutir essa questão.

Esperaram enquanto a chaleira fervia.

Normalmente esse era um momento para conversar amenidades. Futebol. Para os suspeitos com mais formação, aquecimento global ou mesmo leis. Mas Sarah previa a rejeição de Shaw para qualquer dessas preliminares e concluiu que, dadas as circunstâncias, o silêncio seria melhor. Todos os outros na sala pareciam concordar, por isso ficaram sentados sem falar enquanto Steve cuidava do café instantâneo, dos saquinhos de chá e do leite.

— Todo mundo quer açúcar?

— Para mim só um cubo — disse Shaw.

Steve distribuiu a bebida.

— Obrigada por terem vindo tão tarde — falou Sarah.

O Sr. Jacobs assentiu.

— De nada, sargento.

— Podemos começar?

— Por favor.

— Certo. — Sarah colocou as fitas no gravador e apertou o botão de gravar.

— Esta é uma entrevista sobre as circunstâncias relacionadas à morte do policial Hadley Matthews e de Farah Mehenni. Inspetor, o senhor não é suspeito da morte dessas pessoas. Não está sob advertência...

Shaw interrompeu:

— Como eu seria suspeito? Qual seria o crime?

O advogado interveio com habilidade:

— Kieran, a sargento detetive só está explicando em nome da clareza.

Steve disse:

— Especificamente, senhor, acho que Sarah o está incentivando a ficar à vontade para falar conosco.

— E por que não ficaria?

Sarah sentiu a exasperação ganhar intensidade. Shaw continuou:

— Devo admitir que estou meio confuso com relação ao que, exatamente, vocês estão investigando e sobre o que precisam me perguntar. Para mim, tudo parece bastante claro.

— Certo — disse Sarah. — Então conte o que aconteceu.

— Não preciso fazer isso, com certeza. Você é a investigadora.

— Eu gostaria de saber como você enxerga o caso.

— É óbvio que Farah Mehenni era mentalmente instável. Como investigadora, você deve estar em posição melhor do que eu para estabelecer isso. E ela simplesmente não suportou ver o pai ser chamado para responder por seus atos. Ela obstruiu o trabalho da polícia, jogando-se no capô de uma viatura. Fez uma acusação de racismo, sem fundamento. Depois, quando nada disso funcionou, pegou o menino no quintal da vizinha. Só Deus sabe o que ela imaginou fazer. O policial Matthews e a policial Griffiths foram à cobertura do prédio para tentar salvar Ben e, claro, a própria Farah. O policial Matthews morreu tentando fazer isso, mas Griffiths conseguiu salvar o menino. E deve receber um elogio. Em vez disso, está sendo vítima de uma caça às bruxas. Portanto, não há surpresas aí.

Shaw terminou de falar. Tomou um gole do seu chá e ficou sentado, parecendo totalmente confortável com o silêncio.

Sarah examinou suas anotações.

— Bom. Vamos começar pela queixa. Fale sobre isso.

— Não sei muita coisa. A família prestou queixa através do advogado, disse que Matthews tinha usado linguagem racista contra Farah. Como eu fazia parte da cadeia de comando de Matthews, a questão foi passada para outro inspetor. É só isso que posso dizer.

— É?

— É, como acabei de falar.

— Creio que meu cliente respondeu à pergunta — interveio Jacobs. — A senhora tem algum motivo para acreditar que não?

O advogado só estava fazendo o trabalho dele, claro. E qual era esse trabalho, exatamente? Sarah se conteve. Precisaria ter cuidado para não ser tirada dos trilhos pela presença dele.

— Fale sobre o policial Matthews.

— Era um bom policial. Nada sofisticado. Nasceu para ser policial. A quantidade de merdas que ele resolveu em vinte e sete anos de serviço! Agora está morto, faltando apenas três anos para se aposentar, e a mulher dele precisará criar os filhos sozinha.

— Ele era racista?

— Não. Ele não discriminava. Odiava todas as pessoas igualmente.

Sarah fez uma anotação.

Shaw esperou que ela terminasse. Depois disse:

— Por sinal, isso foi uma *piada*, e uma piada velha, mas pode fazer o que quiser com ela. Faça uma anotação na minha ficha, se quiser.

Sarah levantou os olhos, recusando-se a ficar irritada.

— Então ele era desleixado? Um pouco descuidado com a linguagem?

— Não. Se fosse, eu o teria tirado do serviço.

Sarah fez uma pausa.

— Certo. Na autópsia, Farah Mehenni estava com o antigo número de telefone da policial Griffiths no bolso de trás.

Houve silêncio. Depois:

— Não, desculpe. Não posso ajudar com isso.

— Não faz ideia de alguma explicação possível? Nenhuma suposição que possa oferecer? Certamente isso torna a história um pouco mais complicada do que o seu resumo.

— É mesmo? Farah tinha o número de telefone de Lizzie. E daí?

Sarah não respondeu. Esperou. Shaw disse:

— Ela era louca a ponto de sequestrar uma criança. Por que não deveria ser louca a ponto de conseguir o número particular de uma policial?

— Farah deu um telefonema que foi atendido pela policial Griffiths no dia 26 de março. Então, em 13 de abril, Griffiths mudou o número. Alguma ideia sobre isso?

— Não. Você terá que perguntar a ela.

— Certo. Fale sobre a policial Griffiths.

— O que você quer saber? É uma boa policial, mas de um tipo diferente do de Hadley. Ela vai longe, se você a deixar em paz.

— Algum sentimento especial por ela?

O queixo de Shaw baixou e ele levantou as sobrancelhas. Recostou-se na cadeira e olhou Sarah com um certo desprezo. Depois de uma pausa disse baixinho:

— Já pensou em fazer uma investigação policial de verdade?

— Está disposto a responder à pergunta?

Outra pausa. Shaw suspirou.

— Certo. Bom, muito bem. — Ele empurrou a cadeira para longe da mesa.

— Parabéns. Você andou cavando e conseguiu que alguém falasse. Quem foi?

— Ele se inclinou para a frente e balançou as mãos, como se não desse importância. — Pensando bem, não diga. — Ele puxou o ar com força, impaciente, e pigarreou. — Sim, eu estava num relacionamento com Lizzie. Sim, eu tenho... como foi que você disse?... *sentimentos especiais* por ela.

— Não é o seu primeiro relacionamento com uma policial sob seu comando.

— Não, não é o meu primeiro *relacionamento*. Sim, houve outro, há vários anos.

Jacobs levantou a mão para protestar.

— Sargento, ter um relacionamento com uma colega não é crime. Nem mesmo uma questão disciplinar. A vida particular do inspetor Shaw só interessa a ele.

— Inspetor, o senhor é casado e dormiu com uma policial que está sob o seu comando?

— Sim, dormi. O que você está sugerindo?

— Fale sobre seus sentimentos pela policial Griffiths.

— O que você quer que eu diga? Eu *gostava* dela...

Jacobs interveio:

— Aconselho a senhora a não fazer mais perguntas sobre isso. Não é relevante...

— Você andou tentando ligar para ela.

— Sim. Cai sempre na caixa postal.

— Não deixa recado?

— Não.

— Por quê?

— Não sei o que dizer e não quero dizer a coisa errada. Sei que ela vai saber da chamada perdida. E me ligar de volta se quiser conversar. Eu lhe disse que estou preocupado com a segurança dela, mas parece que você não liga pra isso. Parece mais preocupada em incriminá-la do que em impedir que ela sofra algum mal. Você nem está perto de encontrá-la, não é?

Sarah ignorou a pergunta.

— Será que você não quis oferecer conselhos a ela com relação a como lidar com a investigação? Conselhos que não quer que sejam gravados?

Shaw pigarreou.

— Não vou me rebaixar nem rebaixar você com uma resposta para essa pergunta.

— Isso é um “sem comentários”?

Shaw disse com bastante ênfase:

— Eu não quis aconselhá-la sobre como lidar com a investigação.

— Foi por isso que providenciou todo o possível para que ela fosse levada para casa depois do incidente? Queria falar com ela antes de nós?

— Certamente não. Mais alguma coisa, sargento?

Sarah empurrou para longe a xícara de café não bebido.

— Inspetor, vou ser franca. O relato simples que você ofereceu não se sustenta. Estou tentando descobrir o que aconteceu e não creio que você esteja sendo particularmente solícito com relação aos detalhes.

— Eu me disponibilizei à sua investigação. Pergunte o que quer saber.

— Quero saber por que Farah deu um passo tão drástico.

— Como posso responder a essa pergunta?

— Se você sabe sobre as circunstâncias...

— Não faço ideia do motivo para ela ter feito o que fez. Como disse, ela devia ser instável. E, como tantas pessoas, não conseguiu aceitar que existem consequências...

— Sim, certo. Sr. Shaw, não terminei de fazer a pergunta.

O advogado fez um curto movimento para intervir.

— Sargento Collins...

Mas Shaw o descartou com um gesto.

— Não, não se preocupe, Mark. — Em seguida, se virou de volta para Sarah. — Pergunte o que quer saber.

— A policial Griffiths e o policial Matthews chegaram à cobertura extremamente rápido, rápido demais, na minha opinião. Alguma ideia de como eles saberiam...

— Não sei em quanto tempo eles chegaram. Não sei se eles chegaram lá *depressa demais*, como você diz. Mas, mesmo se foi o caso, eu não estava com eles. Como você sabe, sargento detetive, só posso responder a perguntas sobre o que sei.

— Então você não sabe sobre isso?

— Não.

— Matthews desligou o rádio, em vez de se comunicar com o Controle.

— De novo, como posso saber por que ele fez isso? Talvez ele tenha achado que um rádio da polícia iria perturbar Farah. Talvez não quisesse assustar a garota. Talvez não quisesse que o Controle começasse a interferir. Achou que poderia ser mais eficiente para neutralizá-la do que um superintendente. E provavelmente estava certo com relação a isso. Mas são apenas suposições, claro. Não sei por que ele desligou o rádio, porque eu não estava lá.

— Inspetor, meu trabalho é descobrir o que aconteceu. Você é policial. Se tem alguma informação que possa me ajudar, espero que opte por dá-la agora.

— Já contei tudo que sei.

— Não contou sobre seu relacionamento com Lizzie Griffiths.

— Porque não é relevante.

— Há mais alguma coisa que não me contou?

Shaw sorriu, mas um músculo estremeceu no seu maxilar.

— Diga você. Parece que você acha que sabe de alguma coisa.

Sarah pensou nisso por um momento, antes de falar sem nenhuma emoção óbvia:

— Inspetor, estou alertando-o de que tenho motivos razoáveis para acreditar que você cometeu um ato para obstruir uma investigação policial. Você foi abrir o armário do policial Matthew imediatamente depois da morte dele...

Jacobs interveio na mesma hora:

— Não vejo como isso se aplica. Se a senhora suspeita de algum delito, deveria ter alertado antes. A senhora disse especificamente ao sr. Shaw que ele não era suspeito.

Sarah se recusou a fisgar essa isca.

— Preciso lhe fazer perguntas sobre esse possível delito — continuou ela. — Você está com um advogado, mas não precisa responder a nenhuma das minhas perguntas e não está sendo preso. É livre para ir embora. Esta entrevista está sendo gravada. Você não precisa dizer nada, mas sua defesa pode se prejudicar se você não mencionar, ao ser questionado, algo que mais tarde vai responder num tribunal. Qualquer coisa que disser pode ser usada como prova.

Jacobs fez uma anotação. Shaw disse alguma coisa inaudível. Sarah perguntou:

— O quê?

Shaw a encarou e falou muito nitidamente, e sem dúvida em volume suficiente para a gravação:

— Não sei como você consegue se suportar.

Jacobs interveio:

— Estou aconselhando...

Shaw interrompeu:

— Mark, não adianta me aconselhar a não responder às perguntas. Isso só cria uma aparência de culpa. Estou nesse trabalho há vinte anos. Sei como é.

Jacobs olhou para seu bloco de anotações.

Shaw tossiu.

— Está bem, sargento detetive, eu fui até o armário do Matthews, sim. Parabéns por seu *trabalho de detetive*. Na *escola de detetives* devem estar orgulhosos de você. Pegou uma declaração da asmática sra. Bell do almoxarifado, não foi? Coitada, aposto que agora ela mal consegue dormir, de tanta preocupação.

— Obrigada por essa resposta.

Shaw não esperou que Sarah fizesse a próxima pergunta.

— Eu queria ver se tudo estava direito no armário dele.

— Certo.

— Está empolgada com isso?

Sarah deu de ombros.

— Interessada.

— Eu não deveria ter feito isso. Tudo bem. — Ele parou e olhou para Sarah. E num instante sua breve aparência de pesar tinha sido substituída por desprezo. — Você não está *interessada*, está *empolgada*. Dá para ver como está empolgada. Bom, sei como isso parece para você, mas a verdade é que eu só queria proteger a família do Hadley. Estava preocupado com a hipótese de haver alguma coisa que prejudicasse a memória dele, coisas que talvez pudessem perturbar a esposa dele. Canhotos de aposta no horário do serviço, algum material pornográfico, talvez. Você já viu as manchetes quantos milhares de vezes? Os pequenos maus comportamentos de homens comuns levados a parecer perversões. “Policial morto tinha mulheres nuas no armário.” Esse tipo de coisa.

— Certo. E o que encontrou?

Ele deu um sorriso sem humor.

— Absolutamente nada. Não havia nada lá, só um monte de canetas velhas e uma foto da família.

Lizzie tinha encontrado um brechó numa rua secundária. A porta se abriu para o cheiro de mofo de itens rejeitados. Louças com o esmalte rachado, facas com cabo de osso manchado, um gato de louça com uma orelha quebrada. Sentindo-se vagamente repelida pelo cheiro estranho de sabão em pó barato, Lizzie experimentou roupas de segunda mão atrás de uma cortina. Os sapatos eram o mais difícil. Havia um par, de saltos altos, que serviam bem, mas ela ficou preocupada em andar por aí com eles, por isso finalmente se decidiu por um par de escarpins pretos. Combinou-os com um vestido de tricô preto, um casaco com cinto e uma bolsa à tiracolo, de couro marrom.

Agora uma estranha devolveu seu olhar no espelho do provador: uma jovem mais conservadora, cabelo curto com um brilho metálico, uma mulher que gastava mais tempo e tinha mais cuidado com a aparência. Mudar de forma era uma coisa desorientadora. Essa mulher teria um temperamento diferente e tomaria decisões diferentes.

— É como se fosse novo — disse a atendente com cabelo azul atrás do balcão, enquanto colocava as compras numa sacola de plástico reutilizada. — E tudo por uma boa causa.

Quando Lizzie saiu, as luzes das ruas tinham se acendido. Precisava correr para pegar as lojas ainda abertas. Mais adiante encontrou uma pequena farmácia onde comprou dois pares de meia-calça. Mais em frente, e se afastando do centro da cidade em direção ao oeste, olhou em volta antes de

pular um muro baixo, entrando num quintal. Agachada ao abrigo de um barracão, colocou a meia-calça e o vestido.

As ruas estavam crepusculares, estampadas por poças de luz laranja e pela claridade branca das vitrines. Jogou as roupas velhas numa lixeira enquanto voltava em direção ao mar. Numa outra lata de lixo, jogou a pequena mochila. Seguiu pelas ruas secundárias, caminhando tranquila e sem pressa. Mal olhou para um carro prateado parado na direção do mar do lado oposto da rua. Um homem de cabeça raspada estava sentado no banco do motorista. No banco do carona, outro homem branco de cabelos curtos. Enquanto entrava na sombra do prédio, percebeu a silhueta deles — cabeça redonda, peito largo, ombros inclinados.

Não sabia o que fazer, como sobreviver à noite. Tinha apenas alguns trocados na carteira. Começou a andar pela beira-mar, indo para o leste na direção de Hastings. Na praia escura, viu três homens usando jeans desbotados bebendo cerveja. Um estava com os pés pousados numa mala com rodinhas. Continuou andando, passou pelo píer abandonado e por um campo de golfe maluco onde bandeiras de piratas pendiam imóveis no escuro. Os sapatos estavam machucando seus calcanhares e o vestido grudava nas coxas. À direita havia um fliperama e ela entrou para se abrigar. Era uma confusão só: luzes fortes, música alta. Elvis, um riso de Drácula, o zumbido de um helicóptero. Lizzie ficou parada, atônita, olhando a máquina de *shove-halfpenny* arrastando as moedas para um lado e para o outro, as peças de dois pence se inclinando cada vez mais para a borda.

As coisas tinham andado bem, era o que ela recordava.

Tinha sido o último turno noturno da programação e a equipe estava ansiosa pelos quatro dias de descanso que finalmente iam chegar. Todo mundo compartilhava o crescente apetite noturno por carboidratos e açúcar. Arif tinha feito torradas. Lizzie espalhou manteiga derretida na dela e derramou mel em cima. Hadley lhe entregou uma caneca de café com leite e espremeu o corpanzil numa cadeira pequena. Empurrou uma das outras para longe, com os pés e, reclinando-se, fez pose de traficante jamaicano.

— E aí? Qual é o barato?

Ela riu.

— Ah, beleza.

Kieran se juntou a eles, atrasado como sempre. Restava uma fatia de torrada para ele, que estendeu a mão por cima de Lizzie e a pegou.

— Só tem essa? — perguntou.

Arif já estava se levantando.

— Posso colocar outra na torradeira. Só vai levar dois minutos.

— Sente-se, Arif — disse Kieran.

Hadley captou o olhar de Lizzie e lhe deu a piscadela de sempre.

Kieran se dirigiu a todos:

— Bom, senhoras e senhores, acabei de falar com o sr. Reyes, no segundo andar. Ele está muito feliz. A Homicídios acabou de informar que Stefan pretende se declarar culpado de assassinato. Um resultado muito bom, realmente. Hadley e Lizzie foram indicados para elogios do comissário. Eles não foram ótimos?

Houve gestos de simpatia, risos, tapinhas nas costas. Hadley disse:

— Bichinho de pelúcia. Bichinho de pelúcia.

Arif captou o olhar de Lizzie e deu de ombros, já que nenhum dos dois tinha entendido a referência.

Quando os serviços foram alocados para aquela noite, Lizzie foi destacada para fazer dupla com Arif. Sabia que isso era um voto de confiança: pela primeira vez não era posta com alguém mais experiente. Era um evento significativo: sua iniciação na tarefa de policial mais experiente no carro, aquele que deveria tomar qualquer decisão difícil. Gostou da noite: os despachos foram simples e Arif era boa companhia. Os dois riram das chamadas ridículas e às três da manhã pararam à beira do Tâmis para comer chocolate. Lizzie estava feliz: uma dificuldade tinha sido deixada para trás.

Tinha sido um turno de apenas oito horas e o tempo passou rapidamente. Ela jogou sua bolsa no armário, já prevendo a ida para a cama. Enquanto saía, dois cavalos da polícia vinham do estábulo para o pátio. Ela recuou para deixá-los passar, sentindo o cheiro deles, o calor que subia dos flancos.

Tinha decidido correr antes de ir para a cama. Expulsaria a sujeira, o sofrimento, a ansiedade e depois desmoronaria em lençóis limpos para começar os dias de descanso. Vestiu uma calça de moletom, amarrou os tênis, enfiou o iPhone no bolso e saiu de casa. A luz estava se expandindo com velocidade espantosa numa manhã nublada mas luminosa. Virou no caminho de cascalho e acelerou o passo, correndo com facilidade, empolgada, voando através do cansaço. Cheiro de terra. Fones de ouvido enfiados, música alta. O ar cortado por fachos de luz, correndo como se através do obturador de uma câmera, verde fluorescente e sombra nítida. O chão começou a subir e ela sentiu, como a ação de um pistom, a pulsação forte no peito se aprofundando enquanto o sangue bombeava pelas câmaras do coração.

Foi então que o toque do celular soou nos ouvidos, interrompendo Millie Jackson. Ela pegou o aparelho e olhou a tela: *Número oculto*. Estava curvada sobre as pernas, puxando o ar. Provavelmente era uma ligação de alguém do turno da manhã, que havia substituído sua equipe, uma dúvida sobre algum despacho do qual ela teria cuidado durante a noite. Iria atender e depois poderia continuar correndo e dormir sem ser perturbada. Passou o dedo na tela.

— Não se preocupe. Eles não vão conseguir rastrear esta ligação até mim. Estou numa cabine telefônica.

O sotaque, a juventude da voz — a identidade da pessoa era inconfundível. O impulso imediato de Lizzie foi de desligar o telefone sem dizer nada. Não respondeu, apenas esperou.

— Por favor, não pense que quero fazer mal a você — disse Farah. — Não. Eu gosto de você.

— Você não deveria ligar para mim.

— Você me deu o seu número.

— Certo, mas isso foi...

— É, foi para ajudar *você*. Para você poder prender o meu pai.

— Você está com raiva.

— Nem começa. — A voz de Farah estava tremendo de fúria.

— O quê? Começar o quê?

— Deixa pra lá.

Houve silêncio do outro lado da linha. Então, como se fosse meramente uma observação, Farah disse:

— Você fez um depoimento. Meu pai disse que o advogado contou a ele. Você fez um depoimento.

— Isso mesmo.

— Você disse que estava lá o tempo todo. Que ouviu tudo entre mim e o outro policial. Foi o que me disseram.

— Sim. Eu fiz.

— Mas não foi assim, não é? Você não estava lá, não o tempo todo. Estava no quintal, com a minha avó.

— Bom... é como eu lembro. Preciso desligar...

Mas, claro, Lizzie não desligou. Estava fisgada como um peixe num anzol. Houve uma pausa. E, com um arrepio, ocorreu-lhe que Farah não estava com pressa para falar: ela sabia que Lizzie não desligaria.

— Não sei por que a prisão sob fiança do meu pai não foi cancelada.

— Não entendo.

— Nós tínhamos um acordo. Eu ia levar meu pai e ele ia receber uma advertência.

— Eu não prometi...

— Você disse...

Por um breve instante Lizzie, sentiu o conforto da raiva.

— Não. Para que o seu pai tivesse direito a uma advertência, ele deveria dizer a verdade. Precisaria admitir o delito e dizer que sentia muito. Deixei isso perfeitamente claro para ele, através do advogado. Mas ele não quis fazer isso.

Houve uma pausa do outro lado da linha. Então Farah disse mais baixinho, como se estivesse lamentando:

— Não quero ser má com você.

Lizzie sentiu seu papel mudando. Também sentia pena, pena dessa garota do outro lado da linha, que parecia ter tanto medo.

— Olha, vai dar tudo certo, Farah, de verdade. É só um delito pequeno.

Mas Farah a interrompeu, imediatamente com raiva de novo:

— Você não entende. Aquela vaca vai tirar a nossa casa.

— Farah, por favor. *Relaxa*. Eles não vão...

— Se você continuar, vou desligar o telefone.

Lizzie parou de falar. Esperou.

Farah disse com amargura:

— Você não sabe de nada. Você não sabe de nada.

Lizzie deveria ter desligado o telefone e lidado com as consequências; mesmo naquele momento, soube que deveria fazer isso, mas não fez. Depois de um curto silêncio, a voz continuou, não mais ameaçando, apenas realista e um tanto nervosa:

— Meu pai disse que você contou que ouviu o policial Matthews falando comigo e que ele não disse nada racista.

Lizzie não respondeu, apenas esperou o resto.

— Bom, acho que você cometeu um erro. Todo mundo faz isso de vez em quando. Meu pai fez. O seu colega fez. Acho que você fez, e coisa e tal.

— Eu cometi um erro?

— Cometeu, policial Griffiths. Pense nisso. O que você fez de errado?

Depois do telefonema, ela voltou a correr, obrigando-se a acelerar. A ladeira chegou ao topo e ficou plana, abrindo-se num gramado amplo. Lizzie continuou correndo, saindo da grama e voltando para a floresta. O chão era irregular e ela precisou tomar cuidado para não tropeçar nas raízes das árvores e nas tocas de coelhos. Diminuiu o ritmo, levantando a cabeça para o caminho sinuoso. Espinheiros se estendiam. Suas pernas pareceram parar por vontade própria. A música no iPod tinha se tornado apenas um barulho alto. Ela o desligou e se rendeu ao som da respiração que vinha em tragadas famintas. Havia um velho banco de madeira largado na floresta urbana malcuidada e ela se sentou pesadamente. Fechou os olhos, deixando a verdade do telefonema confrontá-la por inteiro. Tinha a sensação de que era natural estar abalada. Inclinou-se à frente, os cotovelos se apoiando tortos nos joelhos, a testa pressionando as mãos.

O bom policial não entra em pânico, disse a si mesma.

Foi para casa, tomou uma chuva e se deitou.

Mas depois de apenas duas horas aquilo a acordou: a voz da garota do outro lado da linha telefônica. Sua lembrança do telefonema era espantosa, extremamente vívida. Farah não tinha parecido maldosa — essa era uma das coisas que espantavam Lizzie. Ela estava com raiva, às vezes até mesmo desesperada, mas na maior parte do tempo o tom era de alguém que levantava a mão na sala de aula para dar uma opinião, alguém que não estava acostumada a fazer isso, alguém que sentia todos os olhares voltados para ela mas mesmo assim faria uma tentativa.

Lizzie não conseguia ficar parada. Levantou-se e foi à cozinha. Começou a encher a chaleira. Estava assombrada por um estranho sentimento de déjà-vu, como se sempre soubesse que isso iria acontecer. Logo em seguida, veio um sentimento aflitivo de medo e vergonha — uma vergonha tão profunda que ela imaginou que jamais seria possível contar a alguém o que havia acontecido. Pensou, numa constatação repentina, naqueles momentos nas entrevistas em que revelava calmamente alguma prova da qual o suspeito não fazia ideia. Podia ser qualquer coisa — uma imagem de câmera de circuito fechado, a localização de um telefone, uma voz baixa no fundo de uma ligação para a emergência. O que quer que fosse, era o momento em que a pessoa era apanhada numa mentira. O momento em que o coelho era tirado da cartola. Sim sim salabim, aqui está a porra do coelho que você não esperava. Um sentimento de poder total, até mesmo de justiça — ainda que fugaz — sempre acompanhava esse momento. Talvez ela tivesse reconhecido esse mesmo tom brevemente na voz de Farah. A língua de Lizzie se comprimiu contra o céu da boca. Ela sentiu enjoo.

A chaleira estava transbordando na pia. Lizzie fechou a torneira e esvaziou metade, depois colocou para ferver.

Como tinha chegado a esse ponto? A esse... erro de avaliação? Foi como tentou definir a princípio. Seria cansaço? Falta de coragem de não fazer nada? Querer demais que gostassem dela? Seria realmente um motivo tão fraco assim? O que Hadley era para ela, a ponto de ela ter feito uma coisa tão... tão *idiota* por ele? Essa era a palavra que agora ela repetia de novo e de novo. Não imoral,

não errada; não, pior do que isso: idiota. Idiota, idiota, idiota. Débil. Desnecessária. Tudo aquilo era *desnecessário*.

Somente mais tarde as outras palavras — as palavras morais que ela evitou nesse momento — vieram como cães latindo para ser escutados.

Pense nisso. O que você fez de errado?

Eu... menti.

Não tinha respondido à pergunta, claro. De qualquer modo, não era à mentira que Farah estava se referindo. Era a algo mais prático, um lapso. De repente, elas estavam falando de coisas práticas.

— E o que você quer? — tinha perguntado Lizzie.

— O que é tão difícil de entender? Por que você não saca?

— Como assim?

A voz de Farah, fraca do outro lado da linha cheia de estalos, tinha um ar de desculpas, era hesitante, até mesmo infantil.

— O que o meu pai fez não é grande coisa, não é? Você sabe que não é. Você já deve ter visto coisas muito piores do que isso. O que aquele policial gordo falou comigo também não é grande coisa. Eu protejo meu pai e você protege o seu colega. É normal, não é? É só o que as pessoas *fazem*. Uma defende a outra. Você e eu somos iguais, policial Griffiths. Não acha? Não somos pessoas ruins. Somos pessoas *boas*. Aposto que nós podíamos ser amigas. Nenhuma de nós quer que ninguém fique encrencado. Por que a gente não dá uma segunda chance a todo mundo? Todo mundo podendo começar de novo, o que tem de errado nisso? Pode confiar em mim, policial Griffiths.

O vapor estava saindo da chaleira. Lizzie apagou o fogo e voltou para a cama sem fazer a bebida. Enrolou-se de lado, esperando que o fingimento de sono a fizesse dormir de fato. Mas o problema ficou girando e girando na sua cabeça, como uma mosca presa num vidro.

Sem acusação, sem prestar queixa. Era como Farah queria resolver a situação. *Lições aprendidas por todo mundo*. Tinha parecido uma coisa persuasiva por uns cinco segundos.

O Serviço de Promotoria da Coroa já havia concordado em acusar Mehenni. Como explicar a eles que de repente a acusação não era mais necessária? Além disso, o superintendente-chefe tinha se interessado. Carrie Stewart havia cuidado direitinho disso. Ele tinha falado pessoalmente com Lizzie: queria partir com tudo para cima de Mehenni.

— Muito bem, Lizzie. Certifique-se de ameaçá-lo com a lei de imigração também. Não que isso faça alguma diferença, mas coloca o temor a Deus em alguns deles. E peça prisão preventiva, claro. Depois me avise como está indo.

Não havia nenhuma chance de perder a prova, também. As fotos ainda estavam no disco rígido de Carrie Stewart, e ela não era do tipo que largaria o osso.

Não, aquilo iria até o fim.

Tentou uma defesa. Tinha se enganado com a lembrança. É, era possível. Ela estava na cozinha com a sra. Mehenni. Talvez pudesse ter perdido alguma parte da conversa entre Hadley e Farah. Mas seu depoimento tinha sido muito categórico nesse aspecto. Ela estivera na cozinha o tempo todo e escutado toda a conversa.

Tentou limpar a mente, contando as respirações.

Depois estendeu a mão para o lado da cama e ligou para Kieran.

— Claro — disse ele. — Sim, estou acordando. Venha. Vou fazer macarrão para nós dois.

No apartamento de Kieran, ela virou as costas para a janela e foi até a parede oposta. Incapaz de se conter, tinha pegado a moldura e levado até o sofá, onde podia examinar mais atentamente a iridescência da foto. A menina tinha um rosto sério. Kieran, inclinado atrás da divisória, viu-a examinando a foto, o brilho do vidro lançando uma linha de luz que atravessava o rosto dela.

— Por favor.

Lizzie se virou para ele.

— Desculpe, Lizzie. Pode colocar isso de volta?

Certo, ok, ok, colocar de volta. Ela o encarou brevemente, deixando que ele captasse seu humor, antes de se levantar e pendurar a foto de novo na parede.

Como podia ter confiado nele?

— A massa está pronta — disse ele.

Os pratos eram de louça branca, os vidros gravados em verde com algum desenho elaborado da IKEA. Kieran estendeu a mão por cima da mesa e segurou a dela, mas agora seu toque era desconfortável, irritante, muito diferente de como havia sido. Ela puxou a mão e comeu um bocado de massa. Tinha manjerição demais. Havia uma salada de tomates-cereja e rúcula. Lizzie estava com a boca seca e era difícil engolir. Ele disse:

— Quer saber sobre a minha filha?

— Não, não. Tudo bem. Conte quando você achar que deve.

Lizzie tomou um gole de vinho tinto. Houve um breve silêncio. Então ela disse:

— Certo, por que não? Vá em frente. Fale da sua filha.

— Ela mora com a mãe. Eu a vejo nos fins de semana, quando não estou de serviço.

— A mãe ou a filha?

— O quê?

Lizzie falou devagar, explicitando o que sabia que tinha sido óbvio para ele desde a primeira vez:

— Você vê a mãe ou a filha nos fins de semana, quando não está de serviço?

Ele a encarou com atenção.

— Vejo as duas.

Ei, por que o drama? Onde estava a surpresa? Ela sabia disso o tempo todo. Respirou com indiferença e disse:

— Certo.

— Estamos passando por problemas. Ela se mudou de Londres. Tem sido difícil. Estamos tentando fazer com que dê certo.

— Esse não é o melhor jeito de tentar.

— Concordo.

Ela empurrou o prato.

— Não está sendo uma noite muito boa. Desculpe. É melhor eu ir.

— O que está acontecendo, Lizzie?

Lizzie ficou em silêncio, contemplando com algum pânico a onda de consciência que sairia da sua boca se ao menos ela a libertasse.

— Quer que eu leve você para casa?

— Não. Tudo bem.

O casaco com capuz estava no sofá e ela foi pegá-lo. Kieran a segurou delicadamente pelo braço. Disse o nome dela e Lizzie achou que ele iria beijá-la, mas ela balançou a cabeça e se afastou.

— Não. — Ele recuou e a olhou em silêncio enquanto ela vestia o casaco e fechava o zíper. Não conseguia se conter.

— Eu sou apenas uma de muitas? — perguntou.

— O quê?

— Bom. Eu sou?

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Não. — E, depois de uma pausa, com mais firmeza: — Não. Não seja ridícula.

Ela verificou os bolsos. Carteira. Distintivo.

— Sou só uma de duas.

— Isso mesmo.

Ela riu.

— Entendi.

Ele também riu.

— É uma situação problemática. Admito.

— Problemática — Lizzie se limitou a repetir.

Era uma idiota. Claro que essa coisa toda tinha sido muito mais importante para ela do que para ele. Idiota. Depois de pensar um momento, concluiu que Kieran podia pelo menos saber o que ela achava da coleção de músicas dele.

— Odeio Pavarotti, por sinal — disse.

— Isso parece importantíssimo.

Lizzie se arrependeu imediatamente do que havia dito e pôde ver como era uma coisa infantil. Mas o rosto de Kieran tinha se aberto num sorriso, e ele disse:

— Então ponha outra música.

Ela pegou seu telefone na mesa de centro e o enfiou no bolso.

— Não. Preciso ir agora.

Ele se aproximou e a segurou gentilmente pelos braços.

— Lizzie, o que houve?

Ela balançou a cabeça, mas dessa vez não se afastou. Ele se curvou e lhe deu um beijo na testa.

— Não fique assim. Fale sobre isso, o que quer que seja.

— Não, desculpe. Preciso ir.

Mas ela não se mexeu. Ele acariciou seu rosto.

— Anda, põe pra fora.

— Aquela conversa no corredor, sobre a qual eu fiz um depoimento, dizendo que estava lá. — Ela riu, mesmo contra a vontade. — Que nada de ruim foi dito. Sabe?

— Sei. Qual é o problema?

— Bom, Farah gravou no celular.

Kieran a empurrou ligeiramente. Ainda segurando os braços dela, encarou-a.

— Certo. Continue. Como você descobriu isso?

— Ela me ligou.

— Como ela conseguiu o seu número?

— Eu dei quando fui convencê-la a fazer o pai se entregar.

Ele assentiu.

— Certo. O que, exatamente, ela disse?

— Que existe um lugar aonde a gente pode ir. A cobertura do edifício Portland Tower. Se eu retirar as acusações, ela me entrega o telefone lá. Disse que eu posso confiar nela.

Ele soltou o ar e sorriu.

— Certo.

— É.

Ele assentiu.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Vou falar com o Hadley sobre isso. Descubra se é problema. Enquanto isso, pelo amor de Deus, mude o número do seu celular. O que você estava pensando quando deu o número a ela? Você não vai querer receber mais nenhum telefonema de Farah Mehenni.

29

— Sarah, espero ser avisado antes que você entreviste um oficial sob advertência...

O inspetor-chefe Baillie estava recebendo Steve e Sarah em sua sala. A vista da janela era uma cidade noturna alaranjada, um tabuleiro de xadrez de luzes que se derramavam no negrume oleoso do rio. Baillie indicou rapidamente as cadeiras baixas viradas para sua mesa.

— Deixei vários recados na sua caixa postal, pedindo para você me ligar. Queria uma atualização. Qual é a sua explicação para não falar comigo?

Sarah relutava em se sentar, sentia a desvantagem disso, mas não tinha como evitar. Baillie permanecera em pé, as mãos pousadas na mesa.

— Desculpe, chefe. Estive tentando avançar com a investigação. Ninguém dormiu muito.

— Não dormiu muito?

— Desculpe...

— É sério, Sarah?

Sarah resistiu a um impulso de coçar o pescoço.

— Eu deveria ter ligado para o senhor. Claro que deveria. Não tem desculpa. Lamento, totalmente.

— Não tem desculpa. Isso está certíssimo. — Ele a encarou por um momento, como se tivesse uma súbita curiosidade profissional. — O que você acha que isso parece, quando fico sabendo por outra pessoa?

— Senhor, ele chegou com um advogado. Eu não pretendia...

— Você deveria ter me informado antes. Teríamos pensado numa estratégia.

— Claro que deveria. Peço desculpas.

— Você conhece a ficha do inspetor Shaw, Sarah? Sabe que trabalhos ele já fez?

— Sim, senhor.

— E sabe que eu poderia ter concordado que você o entrevistasse sob advertência; não é o fato de não ter falado comigo que me incomoda.

— Sim, senhor. Claro. Lamento muito.

Ela se perguntou quantas vezes precisaria se desculpar e se as desculpas seriam aceitas. Baillie a avaliava com um meio sorriso furioso, e então se afastou, indo em direção à janela.

— Você tem alguma ideia do tipo de pressão que estou sofrendo?

Ela não respondeu. Steve estava olhando para baixo, investigando alguma marca na calça. Baillie estendeu o braço para o lado e juntou o polegar e o indicador.

— Estou perto assim de tirar você da investigação.

O olhar de Sarah foi momentaneamente atraído para o botão de pânico na mesa de Baillie. Por um instante — e daquele jeito cômico que acontecia na infância —, sentiu vontade de estender a mão e apertá-lo. Baillie perguntou:

— O que, exatamente, você conseguiu descobrir sobre o Shaw?

— Ele limpou o armário de Matthews uma hora depois de Matthews morrer.

— E o que ele disse sobre isso?

— Que podia haver coisas lá. Coisas que causariam embaraço. Nada criminoso; canhotos de apostas ou material pornográfico, talvez.

— É bem plausível. O que você acha?

— É possível, sim.

— Possível — Baillie balançou a cabeça como se não conseguisse acreditar no que estava escutando. — Fale sobre a policial Griffiths, então. Fizemos algum avanço para encontrá-la?

Sarah não sabia se Baillie estava tentando genuinamente se conter ao não olhar para ela ou se estava se dando corda para ficar mais furioso. Passou pela

sua mente que ele poderia mesmo tirá-la da investigação. Olhou a foto do menino com o peixe.

Somos pessoas normais: aqui está o meu filho com um peixe grande.

— Senhor, nós distribuímos imagens de Lizzie captadas pelo circuito interno do hotel, mas até agora ninguém a viu desde que ela escapou de mim ontem à noite. Dois policiais estão vigiando o carro alugado, mas não viram sinal dela. Estou pensando em dispensá-los. Depois daquela perseguição a pé, não creio que ela vá se arriscar a voltar ao veículo. Não houve nenhum uso do telefone nem do cartão de crédito. Não sabemos onde ela passou a noite de ontem, mas deve estar ficando sem dinheiro.

— E St Leonards? Alguma coisa útil lá?

— Tentamos o óbvio: parentes e amigos. Parece que ninguém mora naquela direção. A mãe se dispõe a ajudar, mas disse que a filha não fez contato.

Baillie se virou para Steve. Obviamente ainda estava sem paciência para olhar para sua sargento detetive, mas para o policial seu tom foi notavelmente amistoso: pelo menos alguém na sala não era idiota.

— Steve, quero que você escreva um resumo do que, exatamente, estamos fazendo agora e qualquer possível investigação local que nos ajude a encontrar Lizzie. Quero uma estratégia: uma pesquisa decente de câmeras de circuito fechado, visitas de porta em porta, perguntas em empresas da cidade, cafés, hotéis. Na minha mesa em uma hora, por favor.

Steve fez uma anotação em seu bloco. Sarah esperou um momento antes de dizer baixinho:

— Entendido.

Baillie a olhou como se estivesse ligeiramente surpreso por ela ainda estar na sala. Sarah tentou não revelar o nervosismo que sentia.

— Senhor, na autópsia, a garota estava com o número do telefone de Lizzie Griffiths no bolso de trás.

— É, eu sei disso.

— O inspetor Shaw disse que foi até o armário para proteger a memória do policial Matthews, mas isso é só o relato dele. Ele podia estar procurando uma coisa mais específica.

— Sim, certo. Então o que ele estava procurando?

Sarah sorriu.

— Sinto muito, não sei. Mas não acredito no depoimento dele.

Baillie balançou a cabeça, incrédulo, depois sinalizou para ela continuar.

— Não estou dizendo que tenho as respostas, chefe, longe disso. Mas tenho certeza de que o senhor concordará comigo que, com o que temos até agora, esta investigação ainda não está completa.

Baillie inclinou a cabeça, esperando.

— E o senhor sempre esteve à minha frente ao reconhecer que praticamente tudo se relaciona com Lizzie Griffiths.

Baillie franziu a testa, sem se impressionar.

— Aonde você quer chegar?

— Encontrar Lizzie Griffiths precisa ser nossa prioridade. Não somente para a investigação, mas também pela segurança dela. Acho que ela corre grande risco de causar dano a si mesma. Creio que o senhor concorda, não é?

— Continue.

— A única pessoa chegada a Lizzie que vive perto de St Leonards é o inspetor Shaw. Ele tem uma casa perto de Lewes. Shaw e Lizzie estavam num relacionamento. É bem provável que ela o procure. Imaginei se o senhor consideraria colocar o inspetor Shaw sob vigilância.

As mãos de Baillie se fecharam diante do seu esterno. Ele cruzou os dedos, afastando os braços do corpo, e se espreguiçou. Soltou o ar de maneira ruidosa.

— Foi um dia longo.

Em seguida, virou-se para Steve, como se esperasse que o policial tivesse algo interessante a dizer, e Sarah se arrependeu por não ter alertado Steve sobre sua sugestão.

— Alguma opinião, Steve?

Steve — de um modo cômico, devido ao rosto cansado e gasto — lançou para o inspetor-chefe um olhar de aparente neutralidade atenta, como um cachorro esperando um comando. Sua expressão parecia sugerir que Sarah tinha realmente feito uma sugestão intrigante, algo que ainda não havia lhe ocorrido, mas que poderia merecer consideração.

— O senhor é quem sabe, chefe.

Baillie se virou de novo para Sarah.

— É um tremendo pedido, colocar um dos nossos policiais sob vigilância.

— Sei disso, senhor.

— Certo, vamos pensar nisso. Concordo que Lizzie pode mesmo procurar Shaw, mas não temos motivo para achar que ele não nos avisará caso ela entre em contato. E esse é o ponto, Sarah: não temos motivo para tratar Shaw como suspeito, nem mesmo para acreditar que ele não esteja cooperando com a investigação, e isso significa que não temos o suficiente para colocá-lo sob vigilância.

Sarah foi enfática, mesmo contra a vontade.

— Alguma coisa não está certa, senhor. Houve uma demora antes de Lizzie fazer o segundo depoimento. Ainda não terminamos o trabalho com o telefone, mas...

— Certo, o trabalho não está completo, aceito isso. O que você tem realmente, até agora?

Sarah hesitou.

— Só um telefonema de Farah para Lizzie, em 26 de março, cerca de uma hora antes de Mehenni se entregar para ser interrogado. Há outro telefonema para o celular de Lizzie em 17 de abril, provavelmente um pouco antes de Farah pegar a criança. É da linha fixa dos Mehenni. O telefonema não foi atendido porque Lizzie mudou de número no dia 13.

Baillie deu de ombros.

— Lizzie podia ter motivos perfeitamente legítimos para mudar o número, especialmente se tivesse cometido o erro de, na condição de policial, dar seu número pessoal.

— Não sabemos disso...

— Mesmo assim, tudo que temos é um telefonema atendido, de Farah para Lizzie, e esse telefonema parece perfeitamente explicável.

— Sim, senhor.

Houve uma pausa. Sarah ficou esperando. Baillie pigarreou. Parecia estar fazendo um enorme esforço para ser razoável.

— Então o que temos? O número do celular de Lizzie Griffiths no bolso de trás de Farah? E daí? Shaw examinando o armário de Hadley, coisa para a qual deu uma explicação plausível. E um relacionamento entre Lizzie e Shaw que não é impróprio mas deixa você um pouco desconfortável?

Sarah sentiu que estava com dificuldade para explicar, mas foi em frente, esforçando-se em busca de uma conexão com Baillie, de uma linguagem que ele entendesse.

— Certo, senhor, mas considere o contexto: o interesse público é enorme. O que acontece se não vigiarmos Shaw, se não seguirmos cada pista possível? E se mais tarde, talvez muito mais tarde, até mesmo daqui a vinte anos, e Deus sabe que não seria a primeira vez, descobrirem que deixamos passar alguma coisa ou simplesmente formos jogados por não termos nos esforçado o suficiente? Como isso seria visto? Tenho certeza de que podemos concordar que nem o senhor nem eu queremos que isso volte para nos pegar desprevenidos.

— Não, Sarah, não. — Baillie balançou a cabeça. — Isso está simplesmente errado. Não estou protegendo o rabo de ninguém. Uso meus poderes dentro da lei. Eu não colocaria um civil sob vigilância nessas circunstâncias e não faria isso com um policial.

Sarah começou a falar:

— Senhor...

Mas Baillie levantou a mão.

— Não. Ouça, Sarah. Não gosto do que você está dizendo. Nem um pouco. Shaw tem esposa e filha, lembre-se disso. Você está pedindo uma vigilância direta na casa dele, com todos os danos colaterais que isso implica. É realmente justificável, considerando o pouco que você tem? Precisamos fazer as coisas pelos motivos certos, e não porque achamos... o que foi que você disse?, porque achamos que algo vai voltar e nos pegar desprevenidos.

Sarah se encolheu. Sua tentativa mal-avaliada de conexão com Baillie tinha sido um tiro que saiu pela culatra.

O inspetor-chefe continuou:

— Não estou falando de moralidade, de ser bonzinho ou mau com os policiais. Estou falando da lei, Sarah. A Lei de Regulamentação de Poderes de

Inteligência. Mas vá em frente, me convença do contrário. Diga que tem alguma coisa a mais do que já me contou.

Sarah respirou fundo. Definitivamente tinha perdido essa batalha. E nesse caso era melhor sair com elegância.

— Certo, senhor. Aceito o que está dizendo. Peço desculpas se minha linguagem não foi bem-escolhida. O senhor é o chefe.

— Obrigado, Sarah. Tenho certeza de que você está agindo com as melhores intenções possíveis. Você não disse que estava cansada? Por que não vai dormir um pouco? Vá para casa. Amanhã será outro dia.

30

Lizzie se viu refletida em múltiplos fragmentos na máquina prateada de *shove-halfpenny* — uma estranha de rosto branco com um cabelo chanel escuro. O homem estava fechando o fliperama e ela se apressou para sair antes que atraísse a atenção. Um vento frio soprava na beira-mar e ela foi para o centro da cidade. Dois táxis esperavam na fila diante da estação. Lizzie entrou no primeiro. O taxista era um branco gordo, provavelmente com cinquenta e poucos anos, o crachá pendurado no pescoço com um barbante. Ela pediu que ele fosse para Rye.

— Exatamente onde, querida?

— Dois segundos, por favor, eu perdi o endereço.

Ela ligou o celular, procurando rapidamente um hotelzinho simples na internet. Leu o endereço de um deles ao acaso e depois desligou o aparelho.

— Por favor, poderia parar num caixa eletrônico?

Ele olhou pelo retrovisor.

— Está bem, minha cara.

O caixa eletrônico lhe deu 300 libras. Vinte minutos depois o táxi a deixou diante do hotelzinho em Rye.

— Não tem bagagem, querida?

Não tinha sido exatamente uma pergunta, mas Lizzie percebeu.

— Não. Meu namorado vai trazer.

O corredor estava escuro. Instigadas pelo movimento, as luzes se acenderam para a figura solitária de Sarah voltando para sua sala. As mesas estavam cheias de caixas vazias, como se a tripulação do *Mary Celeste* estivesse comendo pizza quando o misterioso evento aconteceu.

Sarah sentou-se sozinha e se obrigou a pensar friamente no ponto de vista de Baillie, como se o argumento tivesse sido defendido por alguém que ela respeitasse — por Steve, talvez — e não por um inspetor-chefe agressivo, de olho em alguma baita promoção. Visto sob essa luz, ela precisava admitir que Baillie tinha certa razão. A prova que possuía era circunstancial, na melhor das hipóteses, feita de fragmentos, especulações. E Farah, aquela figura envolta em sombras, a garota com cortes no antebraço e mochila da Hello Kitty, tinha sido uma criança perturbada. Talvez fosse exatamente como Kieran Shaw dissera: Hadley Matthews tivera muito azar em se encontrar com ela.

Acendeu o fogo sob a chaleira e pegou a pasta do caso. Pensou em sua casa abandonada: graças a Deus não tinha um bicho de estimação! Curvou-se sobre a mesa e começou a procurar de novo um lugar onde a agulha do sismógrafo pudesse ter deixado algum traço útil na página.

O celular que ela havia deixado na mesa tocou inesperadamente.

Sarah abriu a janela para a noite de Londres. Acendeu um cigarro e saiu para o telhado. Depois de apenas dois toques, Steve atendeu.

— Tudo bem, Sarah?

— Oi, é, desculpe incomodar...

— Não se preocupe. Vá em frente. O que houve?

— A polícia de Sussex acabou de ligar. Um taxista entrou na delegacia de Rye. Acha que acabou de transportar Lizzie.

20 DE ABRIL

Sarah se remexeu na cama de armar que tinha arrumado em sua sala do trabalho. Tivera um cuidado redobrado para dormir, uma percepção de que a cama era irregular e que, enquanto ela relaxava, suas vértebras se deslocavam. Também teve cuidado ao se levantar: a última coisa de que precisava era machucar as costas. Enquanto seguia pelo corredor até o banheiro, foi incomodada por uma onda de irritação intensa, um sentimento maligno de ineficiência e oportunidades perdidas.

A maldita trilha estava fria, claro. O taxista tinha demorado muito tempo antes de se apresentar à polícia. O dono do hotelzinho em Rye havia dito à equipe de vigilância que uma jovem combinando com a descrição do taxista havia perguntado sobre quartos, mas depois decidiu procurar outro local. Sim, isso tinha parecido estranho, disse ele aos policiais, mas as pessoas não telefonam para a polícia só porque alguém quer alugar um quarto. Sarah e Steve ainda procuraram por mais de três horas antes de desistir. Steve, que tinha dirigido o carro até Rye, pegou um quarto de hotel em Hastings para continuar de manhã. Sarah, supervisionando do escritório, decidiu que não fazia sentido ir para casa e montou a cama que ficava guardada no depósito não oficial, na sala da copiadora.

Pegou uma caixa de cereal na gaveta de baixo e roubou leite do clube do chá. Seus pensamentos estavam em outro lugar. Não era só o fato de ter perdido Lizzie; era a sensação de que não conseguia tecer a investigação até chegar a alguma conclusão. Durante toda a noite, enquanto supervisionava a busca, tinha repassado as provas, com certeza de que devia existir alguma coisa, algo

que rompesse o impasse. Enquanto comia o cereal, pegou a fita de vídeo em cima da mesa e a enfiou no aparelho que ficava no canto da sala.

Fez uma anotação em seu bloco. *Relatório inicial em 23 de março, foi acusado e teve pedido de prisão preventiva em 17 de abril.* Não era um período longo demais para uma investigação desse tipo, mas o pedido de prisão preventiva talvez fosse incomum para um delito tão pequeno. Mesmo assim, olharia de novo a linha de tempo. Largou a caneta. Depois de abandonar o café da manhã pela metade, pousou a cabeça na palma da mão e assistiu.

A gravação era de má qualidade, as imagens indistintas e o som inaudível. De todo modo, a gravação na sala de custódia a partir das 14h de 17 de abril não tinha nada de notável. O contador de tempo no canto superior direito da tela girava enquanto o dia se desdobrava.

Era a rotina de acusação usual. Lizzie Griffiths inclinada sobre a mesa com Mehenni ao lado. A sargento encarregada da custódia, uma mulher negra, levava adiante o procedimento vagaroso. O advogado se aproximava e se afastava da mesa de vez em quando, fazendo anotações em seu bloco. Policiais passavam, ocupados com outros casos. Outros suspeitos vinham e iam. Um faxineiro passava pano no corredor.

Sarah olhou a papelada da custódia em sua mão esquerda. Havia duas acusações: crime de dano e comunicações maliciosas. Olhou de novo para a tela e viu Mehenni inclinado para assinar no pad do computador. Olhou os papéis de novo. Lizzie Griffiths tinha pedido prisão preventiva para impedir outros delitos e a intimidação de testemunhas, o que foi concedido. Younes Mehenni seria mantido na cela durante a noite para se apresentar ao tribunal no dia seguinte. O formulário rotineiro de imigração também tinha sido preenchido. Não passava de papelada — para um delito tão pequeno, as questões de imigração jamais teriam qualquer importância. Mehenni precisaria fazer algo muito pior do que um dano ao patrimônio para enfrentar um tribunal de imigração. No registro de custódia havia mais uma observação, e Sarah a anotou em seu bloco: a sargento encarregada da custódia tinha deixado Mehenni sair e explicar à filha o que estava acontecendo.

Sarah ejetou a fita de vídeo e pôs outra no aparelho. Esta mostrava a recepção da delegacia, indicando a mesma data, às 14h28.

Farah estava sentada, esperando, com seu uniforme escolar. Pessoas faziam fila diante do balcão. Um homem entrou com um staffordshire bull terrier na guia e três crianças a reboque. Então, na parte inferior esquerda da tela, Younes Mehenni, na companhia de um policial uniformizado, entrou na recepção da delegacia vindo da sala de custódia. Farah se levantou e Mehenni foi até ela. Havia pequenas figuras no fundo da imagem, parcialmente escondidas pelo homem parado junto ao balcão. Mehenni sinalizou com a mão direita e entregou alguns papéis a Farah. Então o policial uniformizado se aproximou e tocou no cotovelo dele. Mehenni se virou e deixou a filha sozinha. Farah se levantou por um momento e depois foi embora, de cabeça baixa, examinando os papéis.

Menos de duas horas depois estaria morta.

O quarto tinha uma vista distante do mar. Havia uma bandeja numa mesa junto à janela, com um jogo de chá floral e uma chaleira sem fio. Lizzie tinha preparado uma xícara de café e feito uma pilha com os biscoitos amanteigados embrulhados individualmente ao seu lado, na cama. Enquanto comia um atrás do outro, ficou deitada com a roupa de baixo e o roupão atalhado do hotel, vendo o telejornal.

O mesmo homem magro que Lizzie tinha visto na TV no salão de cabeleireiro em St Leonards estava sendo entrevistado de novo.

— ... As imagens das câmeras de circuito fechado que temos dela são recentes, mas temos motivos para acreditar que ela pode ter mudado de aparência desde que elas foram feitas. As imagens que vocês verão são desenhos de como ela pode estar agora.

A tela mudou para um desenho a carvão de uma jovem com cabelo chanel castanho usando casaco escuro sobre um vestido escuro.

A imagem era razoavelmente parecida com ela e confirmava as suspeitas de Lizzie com relação ao taxista da noite anterior. Ele devia tê-la observado muito bem. Ela se lembrava de ter ficado no saguão do hotel esperando que o táxi fosse embora antes de se desculpar e, com o coração batendo forte, caminhar até a fila de táxis em Rye. Na volta pelo litoral em direção a Eastbourne, um carro não caracterizado da polícia tinha passado por ela na direção oposta, com as luzes azuis piscando.

O noticiário da TV voltou para o homem de terno, e agora uma linha de texto dava o nome do entrevistado: inspetor-chefe Robert Baillie.

— ... Eu gostaria de enfatizar que no momento a policial Lizzie Griffiths não é suspeita na investigação que está acontecendo. Ela testemunhou um incidente horrível e estamos preocupados com sua segurança. Pedimos que qualquer pessoa que a identifique faça contato com a polícia. E eu gostaria de dizer a Lizzie: ligue para nós ou simplesmente vá a uma delegacia. Sua família e seus colegas querem vê-la de volta em segurança.

Em segurança: Lizzie tentou imaginar como seria isso. Parecia algo extraterrestre, inalcançável por qualquer método óbvio.

Alguém estava andando pelo corredor do lado de fora do quarto. Portas eram abertas. Lizzie desligou a televisão e puxou o capuz do roupão. Abriu uma fresta da porta e olhou para fora. Uma loura gorda, usando jeans e camiseta, estava empurrando um carrinho pelo corredor, batendo nas portas.

— Quer que limpe?

— Poderia entrar no meu quarto um minuto? Quero pedir uma coisa.

Ficou diante do espelho do banheiro e cortou cuidadosamente o cabelo descolorido, jogando-o no saco plástico da lixeira. Depois o enxugou e passou gel, num estilo arrepiado. Vestiu os jeans e a camiseta, enfiando o vestido na sacola plástica e colocando-a na bolsa.

A camareira tinha dito que se chamava Joanna, mas Lizzie não sabia se isso era verdade. Era como se as duas tivessem concordado tacitamente que acreditariam uma na outra e não fariam perguntas. Joanna disse que ajudaria, mesmo sem nada em troca: também já tivera que evitar um marido raivoso. Mesmo assim, ao voltar com a sacola plástica da farmácia e as roupas de segunda mão, aceitou de imediato o dinheiro, enfiando-o no bolso de trás e saindo rapidamente.

Lizzie avaliou a si mesma no espelho. Imaginou se perderia o cabelo depois de duas tinturas em dois dias. Ele tinha ficado meio amarelo, mas isso não importava; na verdade, quase colaborava com o estilo. Era sua segunda transformação e causava outra desassociação: uma estudante de artes, talvez, ou a integrante de uma banda grunge sonhando com a fama. Completou com um

pouco de rímel e batom vermelho que Joana tinha oferecido da sua própria bolsa. *Não, não, pode pegar. O prazer é meu. Boa sorte.*

Lizzie só tinha visto câmeras de circuito fechado no saguão e na área do bar do hotel, e eram fáceis de ser evitadas. Seguiu rapidamente pelo corredor do primeiro andar e saiu pela porta de incêndio, nos fundos.

34

Alice tinha ligado para a sala: o sr. Mehenni estava esperando Sarah na recepção.

— Desço em um minuto. Só preciso terminar esse telefonema.

Ela voltou ao celular.

— Certo, Steve, desculpe.

— Bom, o telefone dela foi ligado por pouco tempo em Hastings, às 22h34, mas desde então está desligado. Ela não fez nenhuma ligação, só acessou a internet. O motorista de táxi que acha que a levou é ex-policia! Eu gostaria que ele tivesse ligado para a gente imediatamente, em vez de procurar uma delegacia. Ele disse que na hora não teve certeza, mas, depois de ver as fotos, passou a ter. Estamos indagando em empresas de táxi, para saber se alguém a trouxe de Rye, mas por enquanto não temos nada. Existem muitas empresas de táxi aqui, além dos independentes. Há uma fila em frente à estação, de modo que, se ela pegou um táxi, pode ter sido qualquer um. Não existe câmara de circuito fechado no hotelzinho em Rye, por isso não temos nenhuma imagem. A outra má notícia é que ela sacou mais dinheiro. Tirou trezentas libras em Hastings.

— Certo. Baillie acabou de fazer mais um apelo com a nova descrição. Ela parece estar se orientando ao longo do litoral. Será que você pode garantir que todas as estações de trem recebam visitas pessoais e cartazes? Preciso desligar. O Mehenni está me esperando.

Antes de descer para se encontrar com Mehenni, Sarah destrancou a gaveta da mesa e tirou um saquinho de provas. Cortou-o e derramou o conteúdo no

bolso do casaco.

Ele estava esperando-a de pé na recepção, junto com Alice. Sarah ficou longe da porta de vidro e olhou.

Alice era uma distração. Pintava o cabelo com luzes louras e gostava de saias justas. Hoje os sapatos de salto agulha eram de um vermelho brilhante. Ela era tremendamente perspicaz — isso era preciso admitir —, mas parecia não ter ideia da impressão que suas escolhas de moda causavam no público. Todo o seu peso estava no pé esquerdo, o direito torcido à frente dele. De repente Sarah se pegou com um senso de proteção em relação à jovem e otimista Alice. Em alguns anos o otimismo daria lugar a outra coisa e os turnos iriam envelhecer prematuramente aquela pele jovem e rechonchuda.

Alice se virou e viu a sargento detetive pela porta de vidro. Um sorriso de alívio se estendeu em seu rosto: Mehenni era obviamente um sujeito difícil. Sarah desejara ter um momento antes de falar com ele, mas agora, escondendo a decepção, saiu para a recepção da delegacia. Mehenni se virou para ela. Sarah viu um homem magro e baixo, barbeado, com pele escura e olhos castanhos ferozes. Claro, ela não o conhecia quando a filha dele estava viva. Mas era difícil imaginar que o jeito duro da boca, o franzido nas bordas, as rugas verticais entre as sobrancelhas, tudo isso tivesse chegado da noite para o dia. Estendeu a mão, mas ele balançou a cabeça, recusando. Sarah puxou a mão de volta, sem comentar.

— Sr. Mehenni, obrigada por ter vindo. Lamento sua perda.

Ele tinha o ar rígido e formal de alguém que não se enganava com a cortesia da sargento, e ela soube que não conseguiria ultrapassar com facilidade aquela raiva.

— Posso pedir para me acompanhar? — Sarah estava voltando pela porta de vidro. — Normalmente os policiais que servem como ligação com a família não ficam presentes durante a entrevista. Tudo bem para o senhor?

Mehenni não reagiu à pergunta.

Sarah foi em frente.

— Bom. Então Alice vai esperar e levá-lo para casa quando terminarmos. Alice, chamo você quando acabar.

Alice, ansiosa para ser dispensada, afastou-se rapidamente. Em segundos estava conversando com um policial de outra equipe que começou a flertar com ela. Isso não dava uma boa impressão. Sarah precisaria trocar uma palavrinha com ela. Estava apertando seu crachá contra o elevador.

— Peço desculpas por trazê-lo até aqui. Nós somos separados da polícia em geral, de modo que é uma coisa mais segura, mais independente. Temos instalações para gravação. É importante que eu grave o que o senhor tem a dizer.

A raiva de Younes Mehenni era uma enchente num rio caudaloso. Sarah trocou de fitas, mas ela não diminuiu. Ele denunciou o povo inglês, a polícia inglesa, a sua vizinha. Foi mais virulento contra a policial, Lizzie Griffiths. Nunca, nunca havia pensado, nunca havia *imaginado* que aquela mulher pudesse lhe causar tanto mal. Passou a usar sua própria língua e depois voltou ao inglês. Como poderia ter imaginado?

Através de toda aquela fúria, Sarah não conseguia ouvir nada de útil, nenhuma informação valiosa. Havia angústia escondida por trás de tanta raiva, ela sabia disso, mas Mehenni não deu nenhum vislumbre dessa angústia. Como um operador de rádio com fones de ouvidos, Sarah fechou os olhos para a fúria do sujeito e em vez disso tentou escutar através do falatório afitivo, em busca de algum sinal útil. Esperou que as fitas terminassem e depois as lacrou, deixando as novas sem ser abertas em cima da mesa. Parecia não haver sentido em continuar com a entrevista desse modo. Mehenni ainda estava falando. Mais raiva, mais culpa sem forma. Sarah se inclinou para a frente, sinalizando gentil e firmemente com a palma da mão, pedindo um momento de silêncio.

— Sr. Mehenni.

Ele a encarou.

— Sr. Mehenni, sua filha morreu e eu lamento, de verdade.

O rosto de Mehenni endureceu. Ele trincou o maxilar. Não estava interessado na sua simpatia. Não queria falar sobre a filha morta. Sarah esperou. Na verdade, não estava oferecendo simpatia.

— O senhor fuma?

Ele balançou a cabeça. Ela abriu a janela para o telhado. Talvez lá fora as coisas ficassem mais claras para ele.

— O senhor se importaria em sair ali fora comigo enquanto eu fumo um cigarro?

O vento soprava forte e as nuvens se moviam constantemente pelo céu, como se tivessem pressa de estar em outro local. Mehenni se recostou na parede e tremeu dentro do paletó. Sid ficou saltitando nas bordas do espaço deles, a cabeça inclinada de lado. Sarah fumou em silêncio. Depois de alguns minutos, Mehenni sinalizou em direção ao pássaro.

— A senhora deu comida para ele?

— Dei.

— Agora nunca vai se livrar dele.

— É, acho que não. — Ela tragou, prendendo a fumaça nos pulmões. — Não sei se quero.

Ele estendeu a mão aberta.

— Pode me dar um cigarro, por favor?

Ela tirou a cigarreira do bolso, abrindo-a com o polegar e oferecendo-a. Em seguida, entregou o isqueiro. Ele virou o ombro para acender o cigarro e depois se recostou de novo na parede. Devolveu o isqueiro sem olhar para ela.

— Obrigado.

— De nada.

Fumaram em silêncio por um tempo, nenhum dos dois olhando para o outro.

— O senhor não confia em mim — disse Sarah.

Mehenni soltou a fumaça com escárnio.

— Claro que não.

— O senhor entende o meu papel?

Ele não respondeu.

Ela foi em frente:

— Sou a investigadora. Isso significa que meu trabalho é descobrir o que aconteceu. O senhor não precisa gostar de mim nem me respeitar, mas se quer

justiça, terá que me ajudar, porque sou tudo que o senhor tem.

Mehenni tossiu como se estivesse limpando a garganta.

— Eu vi o corpo da sua filha — continuou Sarah. — Vi no asfalto embaixo da Portland Tower e estava presente durante a autópsia. Sei que ela era só uma criança. Catorze anos. Apenas uma menina.

Mehenni não falou.

Sarah enfiou a mão no bolso do casaco e pegou o cavalinho azul com crina de náilon prateada. Segurou-o na palma da mão.

— Isso estava no bolso dela.

Mehenni estendeu a mão e ela entregou o brinquedo. Viu o cavalinho rapidamente aninhado na palma da mão magra. Mehenni soltou um gemido baixo, involuntário, enquanto seus dedos se fechavam em volta do brinquedo.

— Sinto muito, sr. Mehenni.

Ele riu. Depois inclinou a cabeça de modo a estar com as costas apoiadas na parede e olhando o céu. Engoliu em seco, e Sarah viu que lágrimas silenciosas lhe escorriam pelas bochechas. Ele mantinha a boca fechada com força. Secou as lágrimas com as costas da mão.

Ela se inclinou para trás e acendeu outro cigarro. Esperou. Depois disse:

— Quer que eu descubra como Farah acabou morrendo?

Mehenni se virou para ela com um foco subitamente nítido.

— Moça, não vai adiantar. Eu *nunca* vou confiar na polícia inglesa.

Ela assentiu.

— O senhor podia ter recebido uma advertência — disse. — Se tivesse aceitado uma advertência, seria o fim. Só precisava admitir o que tinha feito e dizer que lamentava. Mas não pôde fazer isso, não é? O senhor levou Farah à delegacia, quando foi acusado. Eu o vi pela câmera de circuito interno; entregando a papelada a ela depois de ser preso preventivamente para se apresentar ao tribunal. Por que fez isso? Levá-la à delegacia? A pobre menina solitária. O senhor a aterrorizou, não foi?

Mehenni não disse nada.

— Então é isso, não é? Realmente é simples. O senhor colocou toda aquela pressão na sua filha e, sem surpresa, ela desmoronou. O senhor é o motivo para

Farah estar morta. É responsável e sua filha também foi responsável: ninguém mais.

Sarah jogou o cigarro no telhado e o esmagou com o sapato. Surpreendeu-se por também estar com raiva.

— É o orgulho que o impede de falar comigo?

A voz de Mehenni saiu como se ele estivesse lutando contra uma doença terrível, talvez câncer:

— Não é orgulho, não.

— Então o que é? Diga, por favor, porque não consigo entender.

De repente ele parecia torturado. Dobrou-se ao meio, as mãos nos joelhos, como se estivesse numa pista de atletismo depois de uma prova longa e difícil. Solto um ruído gutural, engasgado. Sarah sentiu sua própria crueldade e isso a deixou nauseada. Jamais deveria tê-lo trazido para o telhado, jamais deveria tê-lo pressionado assim.

Então Mehenni começou a falar, mas ela não conseguia entender. Era a própria língua dele misturada com inglês. Achou ter ouvido a palavra *culpa*, jogada brevemente e carregada na correnteza como refugio desaparecendo rio abaixo. Aproveitou isso, pondo a mão no braço dele e falando com clareza, alto, de maneira decidida:

— Culpa de quem? Sua, talvez, sim, talvez em parte culpa sua, mas não somente sua?

Ele ainda estava dobrado, puxando o ar como se tivesse sido salvo daquela corredeira terrível.

— Sr. Mehenni, eu ainda não sei toda a história. Serei honesta com o senhor: não tenho certeza nem mesmo se algum dia saberei. Mas o senhor pode ter certeza de que estou empenhada tentando descobrir. O que fez sua filha pegar o menino, Ben, e levá-lo para a cobertura da Portland Tower?

A mão direita de Mehenni ainda apertava com força o cavalo. Os nós dos dedos estavam brancos. Seu maxilar estava trincado, o rosto franzido e molhado de lágrimas.

— Sr. Mehenni, o pior aconteceu. O que o senhor tem a perder agora? Vamos entrar de novo. O senhor precisa falar comigo, contar tudo. Precisamos

gravar tudo. Vamos voltar lá para dentro.

Mehenni falou durante mais de uma hora. Depois de ter lacrado as fitas, Sarah pediu que ele assinasse a retirada do cavaleiro azul que ela havia lhe dado no telhado. Ficou perto enquanto ele se inclinava sobre a mesa e punha a assinatura ao lado da anotação que Steve havia feito durante a autópsia.

— Vou chamar Alice para levá-lo para casa — disse ela.

Ele levantou a mão.

— Espera... — Em seguida, tirou uma foto da carteira. — Eu confiei na senhora, sargento detetive Collins. Quero que entenda isso. Somos ensinados que toda alma deve sentir o gosto da morte...

Ele não conseguia falar. Sarah esperou. Então ele entregou a foto.

— Minha filha.

35

Aloja estava vazia e não tinha ninguém atrás do balcão. Lizzie parou diante do brilhante mostruário de capas de celular e fones de ouvido. Era como uma fileira de barras de chocolate das mais diversas cores, verde e azul metálicos, rosa, cinza. Como um telefone podia ser divertido! Um homem negro alto surgiu de uma porta atrás do balcão e foi até ela. Um sujeito descolado — era o que sua postura sugeria. Esse trabalho era só para pagar as contas e ninguém deveria levá-lo muito a sério. Ele sorriu para a policial.

— O que você está procurando hoje?

Ela queria ser honesta, finalmente. As palavras poderiam sair com facilidade: “Só me dê um telefone impossível de ser rastreado, por favor.” Em vez disso, se obrigou a demonstrar algum interesse nos diferentes planos, na quantidade de dados e de torpedos grátis.

— Um pré-pago, por favor. Sou estudante, estou tentando economizar.

Ele a encarou por um momento, como se sentisse algo errado, mas depois pareceu descartar isso. Enfim, não era da sua conta. Pegou um telefone no mostruário e começou a falar. Lizzie não conseguia se concentrar nas palavras; só queria chegar na parte em que comprava o telefone. Disse:

— É, parece ótimo. Quanto tempo demora para ser ativado?

— Ah, é rápido. Uns dez minutos.

Lizzie sentou-se no cascalho frio comendo batata frita e esperando o telefone funcionar.

Estava exausta, lutando com o esforço de se manter escondida e consciente de que o fim estava se aproximando. Este seria o último capítulo, a última

enganação. Então veria o que acontecia. Por um momento, pensou que queria que fosse em seus próprios termos, mas depois percebeu como essa frase combinava com uma existência diferente. Agora estava em outro lugar. Tinha se perdido.

Pense nisso. O que você fez de errado?

Eu... menti.

Era isso: tinha mentido. Podia tentar relativizar o fato como uma mentira pequena, mas mesmo assim parecia irrefutável que, com essa mentira, tinha aberto mão de sua soberania. Que estivera sob o controle dos outros. Tinha tentado sem parar tirar isso do pensamento. E houve o tempo depois, depois de ter contado a Kieran sobre o telefonema de Farah. Pensou nele como um hiato, um intervalo, um espaço negativo em que a coisa havia acontecido na surdina, a coisa com que ela talvez tivesse consentido, mas para a qual tinha dado as costas.

Kieran insistira que não era problema — tinha falado com Hadley, que por sua vez foi inflexível ao dizer que nenhuma gravação poderia prejudicá-lo porque ele não tinha dito nada de errado para Farah. Hadley havia encurralado Lizzie e, numa conversa em voz baixa e raivosa na sala de relatórios, insistiu que tudo era um ardil de Farah, apenas outra tentativa de fazer com que a policial abandonasse as acusações.

Lizzie não conseguira encará-lo nem encarar a si mesma. Seu relacionamento com Kieran também tinha ficado tenso. Sentia que ele estava se cansando dela. Ou talvez isso só fizesse parte da sua paranoia, uma faceta da inquietação em que tinha vivido desde o telefonema de Farah. Trocara de número e de telefone e fora trabalhar. Tinha evitado Hadley e Kieran. E devia ter sido nesse hiato, nessa ausência, que a coisa aconteceu.

Lizzie pegou o celular novo na bolsa e o ligou. O aparelho procurou o satélite e se conectou. Kieran atendeu depois de dois toques.

— Sim?

— Sou eu.

— Onde você está?

— Chegando em Lewes. No próximo trem de Eastbourne.

— Não.

— Não?

— Desça em Polegate. É a parada logo antes. Vire na rua de cima, continue pela Wannock Road. Encontro você lá. Vou estar estacionado logo depois da placa. São uns três quilômetros desde a estação. Meu telefone vai estar desligado. Você deve fazer o mesmo.

36

Baillie estava falando ao telefone, mas sinalizou para Sarah entrar e encerrou rapidamente a ligação.

— Certo, Sarah, o que você tem de tão urgente?

Ele sorriu e Sarah engoliu em seco, sem querer. Sua mão direita apertava os dados que tinha acabado de tirar da impressora, ainda quentes.

— Senhor, interroguei Younes Mehenni e posso ter uma resposta para o que o inspetor Shaw estava procurando no armário de Hadley.

Baillie levantou as sobrancelhas.

— É?

— Mehenni disse que Farah usou o celular para gravar Hadley proferindo xingamentos racistas contra ela. Depois de Lizzie escrever um relatório que confirmava o relato de Hadley sobre o incidente, Farah fez contato com ela e tentou usar a gravação para chantageá-la e obrigá-la a retirar as acusações contra o pai dela. Younes alega que então Hadley tomou o telefone da menina. Se ele está dizendo a verdade, talvez fosse isso que Shaw estava procurando.

Baillie assentiu.

— Certo, então Farah ameaça Lizzie, depois Matthew pega o telefone dela e esconde no armário? E era isso que o inspetor Shaw estava procurando?

— Sim, talvez.

— É uma pista boa, muito melhor do que qualquer coisa que tínhamos ontem. Mas ainda não é um pouco forçada? Um policial obstrui o caminho da justiça e depois esconde a prova no próprio armário?

— Concordo. Seria de uma idiotice colossal...

— Seria mesmo.

— ... mas não seria a primeira vez que um policial foi idiota a ponto de guardar provas no próprio armário. — Sarah estendeu a mão e mostrou um maço de papéis. — Senhor, o Jez avançou mais um pouco com os telefones.

Baillie pegou os papéis, mas não olhou para eles. Estava observando Sarah.

— Vou contextualizar, senhor. No dia 10 de abril, Lizzie escreveu um depoimento corroborando o relato do policial Matthews sobre a conversa dele com Farah Mehenni. Dois dias depois ela recebe um telefonema de um número que não está na sua lista de contatos. Jez rastreou o número, que vem a ser de uma cabine na Shorefield Street, pertinho da Kenley Villas e no caminho da escola de Farah. No dia seguinte, Lizzie troca o celular por um melhor e muda de número. Quando Farah tenta falar com ela antes de pegar Ben, não consegue completar a ligação. A linha já tinha sido desativada.

O rosto de Baillie tinha uma seriedade que Sarah não vira antes.

— Certo. Mais alguma coisa? — perguntou ele.

— Só mais uma. Há outro telefonema que parece interessante. Às 15h52 do dia 17 de abril, Shaw recebe uma ligação de Hadley Matthews no celular particular. Assim, logo antes de Ben desaparecer e enquanto o incidente ainda estava acontecendo a todo vapor, Matthew tirou um tempo para ligar para o chefe. O que quer que ele precisava dizer, devia ser importante.

Baillie avaliou Sarah por um momento. Seus olhos estavam duros como bolinhas de gude azul.

— Bom trabalho, Sarah. Muito bom.

Na volta para o escritório, Sarah recebeu uma ligação.

— Steve...

— O inspetor Shaw acaba de receber um telefonema curto de um celular pré-pago. Ele ligou avisando, disse que era Lizzie e que falou para ela fazer contato. Disse que não tem ideia do lugar de onde ela está ligando.

— Ele está se protegendo. Nós sabemos mais alguma coisa sobre o telefonema?

— Estou fazendo um rastreamento urgente. O celular foi comprado em Eastbourne hoje cedo e a ligação foi feita de lá. Shaw atendeu em Lewes.

— Certo. Talvez ela tenha combinado de se encontrar com ele. O chefe acabou de concordar com a vigilância e um mandado de busca para o endereço de Shaw.

— Maldição. Acabei de voltar para Londres.

— Não se preocupe. Vou o mais rápido possível, com a sirene ligada, até a casa do Shaw em Lewes, e vou tentar ficar de olho nele. Acho que posso chegar em pouco mais de uma hora, se pisar fundo. Ponha policiais na estação em Lewes o quanto antes e em qualquer trem que vá de Eastbourne para Lewes. Acho que, com a pressão do tempo, a gente deveria ficar de olho em táxis também.

— Quer que eu vá com você?

— Adoraria, mas preciso de você aqui para resolver tudo isso. Certo? E diga à vigilância para andar depressa, por favor. Quero apoio o mais rápido possível.

Uma mulher jovem, usando hijab, estava empurrando o carrinho pelo corredor do trem. Ela parou perto de Lizzie e sorriu.
— Café? Chá?

Lizzie comprou uma garrafa d'água e um pacote de salgadinhos. O carrinho foi em frente. Um grupo de quatro mulheres tinha posto as maquiagens na mesa, alguns bancos adiante. Estavam experimentando batons e diferentes esmaltes de unha. Uma estava reclamando.

— Pocahontas — disse, examinando a mão esquerda recém-pintada. — Era uma cor bonita nas fotos, mas, quando chegou, achei muito malfeito. É daquelas que cola com velcro.

Havia alguém cantando mais adiante no corredor. Voz de mulher, uma cantiga de ninar, cadenciada. *O sapo queria namorar...* Lizzie olhou ao longo do trem. Junto da porta, uma mulher com cabelo tingido de vermelho balançava uma criança. Ao seu lado havia um carrinho de bebê e uma grande coleção de sacolas. O nariz dela tinha um piercing de bolinha.

Lizzie olhou pela janela do trem. A área rural de Sussex passava rapidamente, subindo e descendo.

Seus desgraçados, acham que podem se livrar de qualquer coisa.

Mehenni tinha sussurrado isso para ela. Ela o levava à sala de custódia, para acusá-lo. Decidida a acabar logo com o processo de acusação, nem tinha olhado para ele.

— O senhor prestou sua queixa. Isso será considerado. Enquanto isso, preciso fazer uma acusação formal.

Depois ele ficou ostensivamente calmo, até mesmo cortês. A acusação propriamente dita aconteceu sem incidentes. Mehenni pediu para sair e ver a filha, para explicar a ela o que estava acontecendo. Lizzie se lembrava de como tinha ficado incomodada. Disse que estava ocupada demais para acompanhá-lo, por isso um policial da detenção concordou em fazer isso.

Havia um canto da delegacia onde era possível observar as câmeras de circuito fechado da área pública sem ser visto através do vidro do balcão. Lizzie ficou ali e viu Younes Mehenni indo até a filha. Enquanto se lembrava dos gestos raivosos de Younes, Farah pegando os papéis e balançando a cabeça, Lizzie se imaginou saindo para a recepção da delegacia, interrompendo a cadeia de acontecimentos que tinha sido acionada. Precisaria dizer a verdade. Mesmo agora, depois de tudo que acontecera, esse ainda era um pensamento assustador.

O trem estava parando na estação de Polegate. A mãe na extremidade do vagão tinha prendido a criança no carrinho e estava lutando para pegar todas as sacolas e empurrar o carrinho com uma das mãos. A mulher combinava exatamente com a nova aparência de Lizzie. Lizzie se levantou e foi até ela.

— Me deixe ajudar. Também vou descer aqui.

A mulher abriu um sorriso largo.

— Obrigada. Pode levar o carrinho?

Lizzie perguntou o nome do bebê.

— Megan.

— Que nome lindo!

Conversando com a nova amiga, caminhou pela plataforma e saiu da estação.

Sarah dirigia numa pressa desesperada. Saiu da A26 e seguiu por estradas rurais antes de virar à direita numa estradinha. Existia um vau à frente e ela diminuiu a velocidade para atravessá-lo, enfiando-se num riacho com bastante correnteza. A estrada subiu de novo. Um trator à frente seguia vagaroso, carregando feno na garra erguida acima da altura do teto. Sarah sinalizou para ultrapassar, mas precisou se conter: na direção contrária vinha um Land Rover Discovery sujo de lama. Enquanto o carro se aproximava, ela reconheceu Shaw dirigindo. Ele também a viu. Sarah teve certeza disso e acenou com a mão direita sinalizando para ele diminuir a velocidade, mas ele continuou do mesmo jeito, mal olhando à direita enquanto passava por ela.

Depois de hesitar apenas um momento, Sarah ligou a sirene. O motorista do trator se aproximou lentamente da cerca viva para deixá-la passar, a cabine balançando enquanto as rodas enormes subiam no pequeno barranco. Sarah viu rapidamente um collie no banco do carona, e quando ela passou, o motorista acenou.

Deu meia-volta num acostamento adiante e acelerou de volta pela pista estreita, a sirene uivando e as luzes azuis piscando. Não tinha planejado essa eventualidade, e enquanto seguia tentou pensar no que faria se alcançasse o inspetor Shaw. Não tinha pretendido prendê-lo; apenas estacionar e esperar, executar o mandado quando ele fosse concedido. Mesmo assim, era possível que Shaw estivesse agora mesmo indo se encontrar com Lizzie. Faria sentido: ele tinha recebido o telefonema. Provavelmente não concordaria em

acompanhar Sarah de volta para casa e certamente não permitiria que ela o revistasse. Ela não teria opção, a não ser prendê-lo.

Freou com força para atravessar o vau e em seguida acelerou enquanto a estradinha subia de volta em direção à estrada principal. Pássaros se espalharam de cercas vivas como se perseguidos por um exército de batedores fanáticos. A estrada fazia uma curva fechada. À frente e à esquerda, ela viu o Discovery, o teto aparecendo logo acima da sebe. Em seguida o carro sumiu de vista. Sarah acelerou para além dos instintos, esperando pegá-lo antes do entroncamento com a rodovia. Para fazer a curva, ela reduziu a marcha, fazendo o motor rugir enquanto o carro aderiu à pista e fazia a curva.

Logo adiante havia uma garota de colete fluorescente montada num cavalo marrom. Sarah freou com força. Os pneus derraparam por um momento antes que o ABS atuasse, e o carro parou.

A adolescente era alta e magra. Uma mecha de cabelos ruivos escapava por baixo do capacete de montaria. Ela estava contendo o cavalo com força e ele protestava contra o freio apertado na boca, arqueando o pescoço e batendo o casco dianteiro direito no asfalto.

Sarah levou as mãos ao rosto. Tinha parado a menos de cinco metros do cavalo e da cavaleira.

Quando tirou as mãos do rosto, a garota tinha levado o cavalo para a beirada e estava sinalizando para ela passar. Sarah passou lentamente e depois acelerou em direção ao entroncamento. Não havia sinal do Land Rover.

Polegate era um lugar de passagem. Havia árvores de copas amplas e um toque de antiguidade nos nomes — Wannock e Weald —, algo saxão, perdido, que jamais seria identificado. Mas o passado era coberto por ruas largas, ricas, bangalôs com janelas de águas-furtadas, tetos inclinados e imponentes casas geminadas da década de 1930 com janelas novas.

Lizzie comprou uma caixa de curativos para as bolhas dos pés numa farmácia da rua principal. Caminhou uns três quilômetros, os sapatos ainda esfregando de maneira aflitiva nos calcanhares, antes de ver o Land Rover. Havia um cachorro atrás: dava para ver o focinho escuro e amistososo colado na janela. Kieran desceu do banco do motorista e abriu a traseira do carro. O cachorro, um labrador chocolate, saltou na calçada.

Kieran e o cachorro foram andando na frente, o animal balançando o rabo e pulando de um lado para outro. Pegaram uma trilha que entrava num pequeno bosque de carvalhos e faias. O terreno tinha uma subida íngreme, seguindo a ondulação do calcário embaixo. Lizzie os perdeu de vista, mas quando virou uma curva, Kieran a esperava perto de uma pequena ponte de pedra sobre um riacho. O cachorro focinhava no mato baixo.

Kieran estava usando um velho casaco impermeável e botas de borracha enlameadas. Olhou sua roupa nova, seu cabelo arrepiado e descolorido. Balançou a cabeça e disse:

— Lizzie, francamente.

Por sua vez, ela se perguntou o que era real: o homem do interior com seu cachorro ou o policial londrino. Tinha chegado perto dele, mas nenhum dos

dois sabia o que fazer. Ele abriu os braços para ela, mas com algo interrogativo no gesto. Ela hesitou e ele reagiu com rapidez à sua incerteza, inclinando ligeiramente a cabeça e dizendo:

— Ok.

Em seguida, bateu na perna e o cachorro veio correndo. Ele começou a andar.

— Desculpe pelo cachorro.

— Você precisava de um motivo para sair de casa.

— Pois é. — E então, depois de uma pausa: — E o cachorro precisava passear.

Atravessaram a ponte lado a lado, o labrador correndo na frente. O caminho ficou mais lamacento. Havia um cocho de alimentação de faisões, e as aves se espalharam enquanto eles se aproximavam. Kieran chamou o cachorro:

— Pebbles, Pebbles.

O labrador voltou com o rabo balançando. O riacho fazia uma curva e eles chegaram a outra ponte. Kieran parou e pegou algo enrolado num pano de prato. Entregou a Lizzie. Ela o abriu. Era um croissant esquentado, brilhando de óleo.

— Achei que você podia estar com fome.

— Obrigada. — Ela deu uma mordida, mas achou difícil engolir. Guardou o resto no bolso do casaco.

Um campo se abria do outro lado da ponte. O sol estava baixando, e as ovelhas, movendo-se no pasto, pareciam quase reluzir contra a escuridão que se aproximava. Kieran parou de andar, e sob o abrigo das árvores Lizzie pensou nos demônios que a atormentavam: a polícia a procurando e a menina dançando balé com rosto sério, em algum lugar próximo esperando que o pai voltasse para casa. Claro que Kieran não se arriscaria a ser visto com ela. Imaginou-o pegando a coleira num gancho do corredor e gritando: *Só vou dar uma volta com o cachorro*. Depois pensou em Farah, de peito liso, esperando a tesoura do patologista. Kieran disse:

— Tem sido difícil para você.

Ela respondeu numa espécie de espanto.

— Difícil?

— Sinto muito, Lizzie. — Ele fez uma pausa. — Eu queria te abraçar, mas parece que é a última coisa que você quer.

A última coisa que ela queria? Imaginou se ele tinha dito isso como uma espécie de truque. De repente se sentiu com muito frio de novo, e incrivelmente solitária. Queria apertar o casaco em volta do corpo, mas resistiu ao impulso.

— Onde você estava? — perguntou ele.

— Em St Leonards.

Houve uma pausa antes de ele falar de novo.

— Você tem algum plano?

Ela balançou a cabeça.

— Não exatamente. — Em seguida, baixou os olhos para o chão e o esfregou com o bico do sapato.

Kieran se remexeu, mudando o peso do corpo de um pé para o outro. Havia algo de impaciente no movimento. Ele enfiou a mão no bolso e pegou um velho Nokia preto. Parecia pequeno na palma da mão aberta. Lizzie notou que a parte de trás estava presa com um elástico. Ela absorveu isso: o telefone tornado sólido.

— Como você conseguiu?

— Recebi um telefonema do Hadley. Ele disse que estava indo para a Portland Tower. Pediu para eu ir até o armário dele e pegar o telefone. Fiquei com raiva de Hadley, perguntei que diabos ele achava que estava fazendo. Eu tinha acreditado quando ele disse que uma gravação não seria problema, porque nunca tinha dito nada que pudesse causar vergonha. Agora dizia que estava com o telefone de Farah no armário. Disse que só estava tentando proteger você e que tinha sido uma porcaria de um erro idiota.

Lizzie sentiu a fina capa de racionalidade abandonando-a.

— Ele estava tentando me proteger?

— Foi o que ele disse.

Kieran tinha a expressão de indulgência que Lizzie conhecia a partir de incidentes no trabalho. Tinha-o visto usando aquilo com vítimas pouco

realistas, mães de jovens suspeitos, policiais que não estavam à altura do padrão exigido. Era isso que ela havia se tornado? Uma dificuldade a ser contornada?

— Ele disse o que tinha feito? Exatamente como conseguiu o telefone?

— Ele estava com pressa quando falou comigo, Lizzie, e depois estava morto, de modo que não chegamos a entrar nesses detalhes.

Ela olhou o telefone. Estava arranhado, os números gastos devido ao uso.

— Tem alguma coisa nele?

— Ah, sim. — Shaw virou-o e tirou a tampa de trás, habilmente retirando o chip SIM com a unha. Em seguida, virou o telefone de frente para cima e disse: — Olha, não tem senha.

Kieran ligou o aparelho e o entregou a Lizzie, para ela ouvir. Houve um chiado e estalos encobrendo vozes distantes. Então Lizzie ouviu Hadley nitidamente, um fantasma se materializando nas colinas de calcário de Sussex.

“*É, ele está...*” em seguida nada nítido. “... *ah, melhor...*” Inaudível de novo, um estalo na gravação. “... *precisa...*” O som da voz de Farah, mais fraca ainda. “*Não... Não...*” Algo raspando contra o microfone. Hadley de novo: “... *deveria... se você, se você...*” E então, fracamente, mas nítido no meio dos estalos, uma única palavra: “*Laden.*”

A gravação parou.

Lizzie segurou o telefone perto do ouvido e apertou o play de novo. Esforçou-se para ouvir, avançando e recuando, mas não conseguiu captar mais do que na primeira vez.

Laden. Só uma palavra. Era isso? Era só isso que havia no telefone?

A policial se sentiu furiosa, dominada pela trivialidade daquilo. Não conseguia superar, não conseguia entender os pensamentos desesperados que disparavam na sua cabeça.

Sentou-se no muro baixo que se estendia da ponte. Virou o telefone de frente para cima na palma da mão e olhou as fotos armazenadas. Shaw sentou-se ao lado, olhando por cima do ombro dela. Havia uma foto de um gatinho malhado com olhos verde-claros. Algumas garotas com uniforme escolar em um ônibus. Uma foto da própria Farah tirada pelo espelho, com o telefone na mão direita, o cabelo escuro e comprido caindo em volta dos ombros.

Shaw interrompeu seus pensamentos.

— Você se sente culpada? Responsável?

Lizzie assentiu sem levantar os olhos.

— Bom, não há motivo para isso. A garota fez as próprias escolhas. Hadley também.

Silêncio.

Então Lizzie disse:

— Ele diz “Laden” na gravação.

— É. Não é exatamente uma fala racista, é?

— Era o suficiente para ele se encrencar.

— E você acha isso certo?

Lizzie não respondeu.

— Lizzie, você acha certo que depois de vinte e sete anos de serviço, Hadley pudesse ser dispensado só por chamar o pai de Farah de Bin Laden?

Lizzie se levantou ligeiramente para enfiar o celular no bolso da frente. Não queria responder, mas Shaw estava obviamente esperando.

— Ele sabia das coisas — disse. — Ele não deveria ter dito isso. Não estava me protegendo quando pegou o telefone; estava *se* protegendo.

— Se isso faz você se sentir melhor...

Lizzie se levantou e se afastou, parando na beira do campo.

— Não faz com que eu me sinta melhor, Kieran. Nada faz.

Shaw permaneceu sentado. O cachorro se aproximou e esfregou o focinho na mão dele. Ele acariciou a cabeça do animal.

— Lizzie, você está pensando o pior sobre o Hadley porque está chateada, mas eu acreditei quando ele disse que pegou o telefone para proteger você. Acho que, se não fosse por você, ele simplesmente teria deixado a coisa andar...

— E isso é para eu me sentir melhor?

— Não, não estou tentando fazer você se sentir melhor agora. — O cachorro se comprimiu contra a perna de Shaw, que o empurrou, impaciente.

— Afinal, você praticamente não ajudou em nada, não foi?

— O que você quer dizer com isso?

— Depois da ameaçazinha da Farah, você mal falava com o Hadley. Entende o que isso significou para ele? O Hadley *gostava* de você, Lizzie; acreditava que você tinha tudo para ser uma boa policial. Ele se sentiu mal, até mesmo com vergonha, porque você o tinha apoiado. Ele sabia do perrengue que você iria passar se Farah mostrasse essa gravação patética. Acho que foi por isso que ele pegou o telefone.

Lizzie pegou um pedaço de pau e começou a arrancar a casca.

Depois de uma pausa, Shaw disse:

— Bom, eu sempre vou acreditar nisso, mas a verdade é que nenhum de nós jamais saberá o que ele estava pensando.

Lizzie avaliou as palavras dele.

— Ele provavelmente disse mais do que Bin Laden. Provavelmente achou que o telefone teria gravado tudo que ele disse, e foi por isso que ficou tão ansioso para pegá-lo. Mas o aparelho não gravou tudo, porque Farah estava com ele escondido no bolso.

Kieran suspirou.

— Perfeito, como quiser. Foi uma torrente de agressões racistas. É isso que você lembra do Hadley?

Lizzie deu de ombros.

— Você não se lembra do Hadley? — insistiu Kieran. — Você realmente não confia na lembrança que tem dele? Ele não era racista, você sabe. Era simplesmente um homem da rua e falava como gente da rua. Você sabe como ele fazia as pessoas entenderem as coisas. Um pouco de pressão aqui, uma piada, às vezes uma ameaça vã. Nada que ele dizia jamais significava muita coisa para ele. Tudo se destinava a levar as pessoas a fazerem o que era certo. Não significou nada para Farah também. Para ela, qualquer coisa que Hadley tenha dito era apenas uma moeda de troca, um modo de proteger o pai.

Lizzie reagiu raivosa:

— Bom, sem dúvida essa história toda foi mais longe do que isso para ela, no final. Ela devia estar bem desesperada para fazer o que fez.

— Ou louca.

— Não, louca, não — insistiu Lizzie. — Hadley ultrapassou um limite, você precisa entender isso.

— Claro que entendo...

— Ele tomou um telefone de uma adolescente vulnerável, à força. É por isso que ela está morta. Não porque ele chamou o pai dela de Bin Laden.

— A coisa toda é uma confusão, sim. Claro que é.

As emoções de Lizzie eram demasiadas para ela. Trincou os dentes e voltou a arrancar a casca do pedaço de pau. A casca estava molhada e se soltando, deixando a madeira embaixo branca como osso.

O labrador estava cavando no mato abaixo. Kieran caminhou impaciente até ele. O cachorro havia pegado alguma coisa nojenta e estava mordendo, girando o pescoço. Kieran puxou-o pela coleira e o arrastou até o córrego. Empurrou o focinho e o pescoço do animal na água.

Enquanto Lizzie olhava, foi como se acabasse de lembrar como tinha se apaixonado por ele tão perdidamente. Tinha caído de quatro: todos os clichês. Pensou no calor e no peso do corpo dele, no movimento do quadril contra ela, na sinuosa tatuagem da rosa no braço.

Kieran soltou o cachorro e recuou enquanto o labrador se sacudia para se secar. Ele olhou para Lizzie.

— Hadley não era santo, claro que não... Mas era um policial decente, que fez muita coisa boa em vinte e sete anos. Ele cometeu um erro terrível, sim, e pagou um preço terrível.

Kieran se agachou e lavou as mãos no riacho, depois as enxugou num grande lenço de algodão que tirou do bolso. Lizzie não conseguiu pensar em nada para dizer. Kieran foi até ela. Parou à sua frente.

— Se o mundo não fosse tão maluco, absolutamente nada disso teria acontecido. E a garota era louca, totalmente louca. Você precisa entender isso. Ela pegou o menino. Ela matou o Hadley, pelo amor de Deus.

Lizzie balançou a cabeça.

— Não, não. Ela não o matou... — Sentia uma dor intensa na garganta.

Kieran estendeu as mãos para ela. Lizzie quis resistir, mas também queria o conforto dele. Então ele a estava abraçando. As mãos estavam frias da água do

riacho. Ela as sentia geladas no pescoço. Seu rosto estava encostado no peito dele. Sentiu o cheiro campestre do tecido impermeável.

— Não sei como viver com isso — disse baixinho.

Ele acariciou seu cabelo.

— Querida. — Houve uma pausa. Ela sentiu a voz dele reverberando através do casaco. — Você fez a coisa certa, Lizzie. Você tirou a criança da beirada do prédio. Nós todos fizemos merda, mas você salvou a criança.

Ele a empurrou delicadamente, segurando-a com o braço esticado e examinando-a. Deu um sorriso breve.

— Você parece tremendamente ridícula com essa roupa. E esse cabelo, meu Deus! Parece que acabou de sair de um protesto contra o G8.

Ela riu, mesmo contra a vontade.

— É, eu sei.

O rosto dele assumiu rapidamente um ar mais solene.

— Sabe de uma coisa, Lizzie? A única questão realmente importante agora é se você vai se permitir sobreviver.

Lizzie afastou o olhar.

— O que você vai fazer?

Era a pergunta mais importante, e Lizzie se sentiu hesitante mais uma vez.

— Não sei.

— Você vai ser entrevistada pela sargento detetive.

— É.

— O que vai dizer?

Ela abriu as mãos como se quisesse mostrar que não havia nada nelas. Ele disse:

— Espero que você não se encrenque. O Hadley ficaria chateado se isso acontecesse, você sabe. Se puder aprender uma coisa com ele, que seja o seguinte: nunca entregue nada aos filhos da mãe.

Ela deu um passo atrás. Será que nenhum deles tinha realmente feito nada de errado? Nada que tivesse importância, pelo menos?

— Não, não vou me encrencar. — E depois de uma pausa: — Nem encrencar você.

Ele soltou o ar.

— Como assim?

Lizzie não conseguiu parar.

— Suas ações não foram as melhores, foram? Você era meu inspetor. Eu busquei sua orientação. Você nunca disse para eu simplesmente contar a verdade. Não disse simplesmente para eu não escrever o relatório.

— Não, eu não disse para você não escrever o relatório. Está certa. Mas eu disse para você ter *certeza*, certeza absoluta antes de apoiar o Hadley, e você não fez isso. Você não chegou a esclarecer com ele o que havia sido dito naquela cozinha. Ainda não sabe exatamente o que ele disse, nem mesmo agora. Você só foi em frente e escreveu o relatório. O erro foi seu e a decisão ruim foi sua, não minha.

Lizzie sentiu lágrimas raivosas brotando e as engoliu.

— Bom, esse conselho pode parecer ótimo para você, mas como acha que ele seria visto pelo mundo lá fora?

Ele deu um passo na direção dela, subitamente lívido. Lizzie ficou espantada com a raiva e se afastou, mas Kieran agarrou seus braços. Doeu. Ela ficaria com hematomas.

— O mundo lá fora — disse ele. — O que é o mundo lá fora?

Segurando-a com a mão esquerda, o inspetor enfiou a direita no bolso dos jeans de Lizzie e pegou o telefone de Farah. Ela se retorceu e ele a soltou. Ela viu a mão dele se fechar com firmeza em volta do aparelho, e depois ele o guardou no bolso do casaco.

Lizzie não sabia o que fazer da vida. Não tinha planejado isso e não sabia o que dizer. A terra era lamacenta. Sua respiração congelava no ar. Não conseguia mais ver o telefone. As mãos de Kieran estavam nos bolsos, como se ele precisasse mantê-las ali para não bater nela.

— Por você — disse ele. — Fui procurar o telefone para proteger você. Não consegue ver isso? Desde o início, eu só pensava em você. A única coisa que pude fazer quando algo terrível tinha acontecido foi garantir que a situação não piorasse. Eu me apresentei e fui entrevistado pela sargento detetive. Eles me

entrevistaram sob advertência, pelo amor de Deus. Eu não precisava fazer isso por você. O problema sempre foi *seu*, Lizzie, nunca meu.

Lizzie achou que ia sufocar. Respirou de modo convulsivo e percebeu que estava soluçando.

Kieran levantou a voz.

— Você não é criança, então por favor pare de agir como uma. Se eles encontrassem o telefone, acha que você seria a mulher preparada para correr todos os riscos para salvar a vida de um menininho ou seria a policial corrupta que mentiu num depoimento?

Ela balançou a cabeça e mordeu o lábio. Kieran segurou seu rosto e o forçou de modo que ela fosse obrigada a olhar para ele.

— Escuta.

— Está bem.

Ele a soltou.

— Sei que é uma merda: eu tenho uma esposa e uma filha, e nada disso parece um conto de fadas. Mas você sempre soube, desde o início. Eu *nunca* menti para você. Eu gostava de você, até mesmo amava, e queria garantir que você não sofresse nenhum mal. Nunca fui desonesto. Quanto ao Hadley e aquela garota? Não sou responsável por nada disso. De jeito nenhum.

Lizzie passou a mão no rosto. Sua garganta doía com o esforço de tentar conter o choro. Cuspiu no chão. De algum modo, parecia estar com terra na boca. Devia ser aquele estúpido pedaço de pau.

Kieran continuava. Agora parecia mais urgente, mais insistente.

— Você diz que não pode viver com isso. Bom, qual é a alternativa? Vai morrer por isso? Acho que não. Mas vá em frente, prove que estou errado. Você vai ser presa? É sério? Vão colocar um monte de merda na sua comida porque você é policial. Aquele pessoal do programa *Question Time* vai deitar e rolar com as opiniões e... e a porra dos aplausos, e você vai ser posta na ala das criminosas sexuais.

Ele fez uma pausa. Lizzie vinha escutando com uma espécie de horror e agora estremeceu de verdade. Ele pareceu tratar isso como uma confirmação. Continuou:

— É, por acaso a vida é complicada e suja, e você cometeu um erro. Talvez *eu* tenha cometido um erro. — Ele engoliu em seco e a olhou com frieza. — Talvez mais de um. Talvez eu tenha feito isso, sim.

O cachorro captou um cheiro e saiu trotando pela beira do rio. Kieran assobiou, o labrador parou e começou a voltar para ele, com o rabo balançando, obediente. Ele se virou para Lizzie.

— E o que você vai fazer agora? Vai falar ou ficar em silêncio? Vai permitir que isso te ferre pelo resto da vida ou vai encarar, deixar tudo para trás e aprender a ser uma boa policial?

Ela trincou o maxilar e olhou para dele.

— Uma boa policial, Kieran? Que porra é uma boa policial?

Ele a avaliou brevemente, incrédulo, como se ela fosse tão estranha quanto um explorador vitoriano com capacete de safári fazendo perguntas aos nativos.

— Você realmente não sabe? Bom, apesar de todos os defeitos, Hadley era um bom policial. E eu também sou. Essa gente piegas acha que quer algo diferente, mas na verdade não quer, principalmente quando o negócio é importante. Quando a merda bate no ventilador e seus entes queridos correm perigo, elas não querem você, Lizzie. Não querem alguém que se preocupe, duvide e hesite. E não querem aquela cafona da sargento detetive Collins. Elas querem alguém com colhões. Querem policiais como eu e o Hadley.

Ele tirou o telefone do bolso e o estendeu.

— Eu me arrisquei a ficar com isso para você saber como a coisa toda era papo furado. Bin Laden, porra! Vou me livrar dele no caminho para casa. Se, e quando, você for entrevistada pela corregedoria, nós não nos encontramos hoje. Você ligou para mim e eu disse para você se entregar.

O labrador estava balançando o rabo, esperando. Kieran se curvou e prendeu a guia na coleira, depois se levantou.

— Espero que você tome a decisão certa. Não quero que sofra nenhum mal. Eu gostava de você... não, eu *gosto* de você. *Ainda* gosto de você, Lizzie... — Ela sentiu outro soluço subindo no peito. Fechou a garganta com força contra aquilo, mas ele escapou numa espécie de latido áspero. Kieran ainda estava falando. — ... Mas quero ser absolutamente claro: você é responsável por si

mesma. Se decidir se destruir, não creio, nem por um momento, que você possa me arrastar junto, porque não pode.

Ele se afastou com o cachorro trotando ao lado, passou pela ponte e foi na direção da colina aberta.

Sarah tinha parado a alguns metros da casa. Ninguém poderia sair ou entrar sem que ela visse.

A estrela vespertina estava brilhando no roxo-escuro do crepúsculo. Uma luz quente se derramava das janelas do chalé. Havia um cheiro de fumaça de madeira no ar. Uma mulher veio à janela e puxou a cortina contra a noite. Sarah teve apenas um vislumbre dela, mas esse vislumbre fez bastante sentido. Era esbelta, de cabelo escuro que, preso numa trança grossa, mostrava o pescoço comprido e esguio.

O Land Rover parou e o inspetor Shaw deixou um cachorro marrom sair da parte de trás.

Sarah o observou aproximando-se da porta da frente. A mulher que ela vira antes veio recebê-lo. Ela parou junto à porta, vestindo jeans e uma camiseta. Uma garota de pés descalços saiu correndo. Shaw a levantou nos braços.

Cinco minutos depois ele saiu da casa segurando uma caneca, com o cachorro atrás. Aproximou-se e bateu na janela do carro.

Sarah saiu. Shaw era mais alto do que ela e Sarah sentiu a própria desvantagem.

— Você não parou para mim antes — disse ela.

A expressão dele não se alterou.

— Não sei do que você está falando. — Ele lhe entregou a caneca. — Acho que acertei. Você não toma com açúcar?

Sarah sentiu a humilhação. Shaw disse:

— O que você está fazendo aqui, por sinal?

— Vamos receber um mandado para revistar sua casa. Estou esperando o resto da equipe.

Shaw balançou a cabeça.

— Você perdeu um pouco do elemento surpresa, detetive. — De qualquer modo, a condescendência dele não escondia a irritação. — Agora você está trazendo isso para a minha casa. Qual é o sentido? Mesmo se eu tivesse alguma coisa, ela já não estaria mais aqui.

— Pois é, peço desculpas por incomodar sua família. É inevitável.

— Inevitável. — Ele tinha praticamente rosnado a palavra, mas pigarreou e controlou a irritação. Até conseguiu dar um sorriso. — Só deixe a caneca do lado de fora do carro quando terminar.

O tempo esfriou.

Sarah ligou o motor e deslizou o banco para trás.

Tirou da carteira a foto em preto e branco que Mehenni tinha lhe dado. Era uma foto de uma garota de cabelos escuros de cerca de oito anos, com uma faixa de cabelo estilo Alice, sorrindo. Usava uma blusa franzida e jeans. Estava sentada num muro e suas pernas balançavam. Sarah tentou imaginar onde a foto havia sido tirada: alguma cidade no norte da África, com o calor queimando o concreto.

Uma névoa se acomodava no vale. Sarah estava rígida e gelada. O inspetor Shaw parou junto à janela de um cômodo no primeiro andar. Olhou para ela. Depois fechou a cortina.

Na Caxton Street, alguns rapazes negros estavam sentados numa BMW estacionada, tomada por uma luz laranja. A princípio não quiseram abrir a janela para Lizzie, mas, quando o fizeram, ela comprou uma trouxinha de maconha por 15 libras. Lizzie caminhou com suas roupas estranhas pela noite fluorescente de Londres. Na Oak Road, uma raposa trotou ao seu lado pela rua.

Alguém tinha deixado um colchão e uma geladeira encostados na parede. Um homem branco e magro, de jeans e casaco com capuz cinza, estava atravessando a rua em direção ao prédio, e Lizzie o acompanhou, entrando na Portland Tower. Ele mal olhou para ela, caminhando à frente, as mãos nos bolsos, o capuz na cabeça. O saguão de entrada estava mal-iluminado. Alguém tinha quebrado duas lâmpadas em forma de globo, de modo que só restava uma. A sala do zelador tinha sido abandonada muito tempo antes, vítima de cortes antigos que nem faziam mais parte da memória. Lizzie apertou o interruptor das luzes da escada e elas se acenderam. Subiu até o patamar.

A escada de concreto, confinada e fedendo a urina, tinha as manchas de sempre e marcas que iam escurecendo. Lizzie sentou-se no segundo degrau do segundo lance, fora das vistas do saguão. Enrolou desajeitadamente um baseado. Não fumava maconha desde a faculdade, e mesmo na época só fumava de vez em quando. Não gostava. Mas agora ansiava pelo senso de desconexão que a droga lhe daria. Precisava de algum tipo de anestésico, e o álcool não serviria.

Na universidade havia uma garota que lia tarô, arrumando as cartas numa cruz celta sobre a mesa e virando-as com um estalo satisfatório. Os Amantes, o Louco, a Carruagem, o Enforcado. Com incenso aceso e um baseado na mão, gostava de pedir que o consulente fizesse uma interpretação. Cercada pela fumaça de maconha, insistia que cada arcano fosse entendido no sentido mais amplo. A Morte, dizia num tom despreocupado, simbolizava um final, e portanto um novo começo.

Lizzie enfiou a mão no bolso e pegou o cartão de visitas que tinha recebido quando estava sentada na ambulância e que carregava desde então. Passou o dedo sobre o nome impresso. *Detetive Steve Bradshaw*. Lembrou-se do momento em meio ao caos. O paramédico medindo sua pulsação e o sargento da seção do lado de fora da porta, falando pelo rádio. O policial detetive com o rosto parecendo uma sacola de papel usada, entregando o cartão. *Esse celular fica ligado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana*, tinha dito ele, *pode me telefonar quando quiser*.

Estava começando a ficar tonta. Enrolou outro baseado e o acendeu, tragando profundamente. A droga se expandiu dentro dela.

Hadley tinha sido um baralho de tarô inteiro. O Louco, a Justiça, o Imperador. Ou o Mago, talvez: o manipulador, o guia às vezes benéfico, com uma varinha na mão e moedas espalhadas na mesa. Lembrou-se de que ele havia dito que teve uma tartaruga.

Uma luz se acendeu. Uma mulher com a filha vestindo casaco e luvas subiu a escada. Viu Lizzie e desviou o olhar.

Lizzie imaginou como Kieran teria se desfeito do celular. Será que ele estaria esmagado embaixo do carro, queimado numa fogueira, no leito de um rio ou mesmo no fundo do mar, empurrado para lá e para cá, incansavelmente, pela maré?

Pensou na gravação, as vozes indistintas das quais tanta coisa havia resultado. Talvez a gravação pudesse ter sido trabalhada, revelando aquilo que Farah tinha dito que era. Talvez pudesse ter sido melhorada. Imaginou algum técnico arrancando sílabas do silêncio e, em meio aos estalos, palavras. Mas suspeitou que não. Isso era coisa de séries de TV. Hadley tinha ficado com o

celular. Nas ausências e presenças, o aparelho talvez tivesse representado algum tipo de comprovação para ele.

Pensou na tartaruga dele procurando comida no mato baixo. Pensou naquelas cartas do tarô com suas ingênuas imagens art déco. O Sol. A Lua. A Torre golpeada por um raio, com duas pessoas caindo.

Começou a subir. Era um longo caminho e ela parou para respirar. A luz da escada acendia e apagava. Nos corredores, muitas portas eram protegidas por grades de metal. Melhor morrer pegando fogo do que ser roubado, parecia ser a conclusão dos moradores. Um corredor era trancado no final, e um cachorro feio, de cabeça quadrada, andava de um lado para o outro junto a um portão de ferro.

Lizzie sentou-se de novo sob um fecho de luz da escada. Pegou o celular novo e o cartão do detetive Bradshaw. Digitou o número. O aparelho tocou três vezes. Ela escutou a voz.

— Lizzie? Lizzie?

Desligou. Em menos de um minuto o telefone estava tocando. Segurou-o com força, sentindo-o vibrar na mão até que a ligação caiu na caixa postal. Desligou-o. Deu as costas para o patamar e subiu mais alto. Do lado de fora de uma porta, um capacho sujo e gasto tinha as palavras “Lar Feliz”.

Passou pelo último andar e continuou subindo para a pesada porta de metal. Um resto de fita de isolamento policial azul e branco balançava na maçaneta. A porta estava trancada, mas Lizzie tirou do bolso do casaco a chave da porta corta-fogo usada por Hadley. Tinha-a encontrado caída na escada quando subiu correndo, uma eternidade atrás, e ficado com ela. Virou a chave na mão. Era como um talismã de Hadley, um símbolo do seu domínio sobre as habilidades menos conhecidas do trabalho policial. O cordão marrom que ele tinha usado para prendê-la no cinto de utilidades ainda estava amarrado. Lizzie enfiou a chave na fechadura, que estalou.

Imaginou Farah à sua frente e hesitou. Depois, com medo de estar seguindo um fantasma, saiu para a cobertura.

De cima do prédio, uma vista ampla se abria. Lizzie foi em direção à borda cercada por um parapeito baixo. Para além do complexo de prédios e pequenos

trechos de grama, as luzes de Londres brilhavam no horizonte. Ao longe podia ver a lagarta faminta de um trem iluminado arrastando-se pela paisagem. Imaginou as pessoas dentro, segurando celulares e tablets, fones nos ouvidos.

O bairro era iluminado por feixes retalhados das lâmpadas dos postes. As folhas nas árvores refletiam a luz como se fossem feitas de metal batido. Mais adiante, havia um playground. Um grupo de rapazes usando o uniforme da área — casacos com capuz e jeans — tinha se reunido. Aquele era o feudo deles: um lugar de rivalidade e quadrilhas, de território, fortificação e tributos. O bairro era como um labirinto, e os traficantes e ladrões conheciam suas muitas reentrâncias, seus becos elisabetanos e interseções, muito melhor do que a polícia. Lizzie percebeu como aquele havia sido um lugar adequado para Farah trazê-los. Parecia dizer: será que já fomos tão ruins quanto isso? Mas num momento de folga, Lizzie havia procurado o bairro no Google e encontrado um site cheio de boas memórias: fotos em preto e branco de uma festa de rua, operários usando ternos de lã com coletes e bonés, mulheres com aventais floridos e chapéus de domingo.

Um vento forte soprava na cobertura. Firmando-se contra ele, Lizzie olhou por cima das luzes da cidade, na direção das artérias principais e dos pontos de referência. Sempre havia pensado naquele lugar como o seu território, uma parte de Londres que lhe fora confiada.

Viu Ben de novo na memória, aterrorizado. O rosto pálido. A voz fraca:

— Eu confio em você.

Farah tinha enxugado as bochechas dele com a mão livre.

Gaivotas giravam no céu.

Passou por cima do parapeito baixo, segurando-se com firmeza. Estava tremendo. Sentou-se com as costas apoiadas nele. A queda à sua frente dava a sensação de um vazio por dentro. Um mergulho na escuridão e na luz. Um clarão de lembrança do menino fantasiado de urso, da garota de cabelo comprido e do policial gordo tentando atrair o olhar dela.

Vozes chegavam fracas do playground.

Farah tinha dado as costas para ela, se virado para a queda. Estava segurando a mão de Ben com força e ele também estava virado para fora, como se pudesse

voar.

Lizzie se levantou. Era isso: a borda. Examinou o horizonte brilhante de Londres. Então se obrigou a olhar pela beirada, para o concreto escuro lá embaixo.

21 DE ABRIL

Pancadas reverberavam, não somente através das celas da delegacia de Northleach, mas até mesmo nas salas do andar de cima e ao longo dos corredores vazios. Era uma delegacia da década de 1970, a apenas seis quilômetros e meio da área de comando onde Hadley tinha servido.

Sarah se inclinou para o monitor.

A tela era dividida num xadrez monocromático que saltava a intervalos de poucos minutos para um restabelecimento da mesma coisa, a única variação era o conteúdo dos quadrados desbotados. Alguns estavam vazios, guardando apenas blocos de escuridão e cinza. Em outros, havia uma pessoa de pé, sentada ou deitada, esperando. No quadrado onde estava escrito *Cela Masculina 3*, havia um rapaz de pé, os dois braços encostados na parede. Um movimento na parte de baixo do quadro mostrava que ele estava chutando repetidamente a porta da cela. O padrão se atualizou de novo e Sarah olhou com atenção para a cela onde estava escrito *Feminina 1*. Ali havia uma jovem deitada imóvel no retângulo cinza-escuro do colchão. Sarah examinou a imagem e depois, enquanto os quadros mudavam novamente, deu as costas para a tela e se virou para o agente de custódia.

— Você a colocou em vigilância a cada meia hora?

— Coloquei. Mas mesmo assim não acho legal mantê-la numa cela.

O hálito dele estava rançoso depois de uma longa noite de serviço. Eram cinco da manhã e ele provavelmente podia sentir o turno acabando, a chegada iminente da equipe de rendição como a virada da maré. Logo entregaria seus encarregados e os bens deles. Logo atravessaria a cidade que acordava

lentamente, indo para o calor da sua cama. Mas, num desafio ao turno longo, sua camisa ainda estava impecável: branquíssima e bem-passada. Ele tinha costeletas aparadas e um grande relógio de ouro com ponteiros e mostradores que sugeriam que era o capitão de um navio equipado para mares violentos. Dez anos de serviço, no mínimo, supôs Sarah. Não era de espantar que não tivesse gostado de Steve ter trazido essa prisioneira específica.

— Sinto muito — disse Sarah. — Não vejo outro jeito.

Seu telefone apitou e ela olhou para a tela. Era uma mensagem de Baillie. Ele pretendia chegar à Victoria House em menos de uma hora. Sentindo a pressão do tempo de custódia da prisioneira, ela se virou de novo para o telefone e escreveu uma mensagem para Steve, pedindo que ele a encontrasse no portão da frente. Eles voltariam a toda velocidade para o escritório. Mas o sargento a retinha. A responsabilidade dele pela prisioneira na cela Feminina 1 podia estar a ponto de terminar, mas ele não deixaria o assunto de lado com tanta facilidade.

— Eu gostaria de uma atualização o mais depressa possível. Quero ter certeza de que a detenção dela continua sendo necessária. Anotei isso no registro de custódia.

— Vou falar com você o mais rápido que puder. Vou lhe dar o número do meu celular.

Uma lasca de alvorecer cinzento começava a rasgar o céu escuro e nublado. Sarah estava no pátio da delegacia, fumando. O asfalto preto era lentamente escondido pelos carros que estacionavam. As sacolas do turno da manhã esperavam empilhadas atrás da porta, prontas para serem carregadas quando o turno mudasse. O turno da noite tirava suas próprias sacolas dos porta-malas e assinava a entrega dos veículos. Geralmente os policiais pareciam desalinhados e cansados, indo obstinadamente para seus armários e para a transformação no anonimato. Imaginou-os correndo escada abaixo até os vestiários, perguntando, enquanto tiravam os uniformes e jogavam as merdas nos armários: *Alguém sabe quem é ela?* As notícias da prisioneira na cela Feminina 1 teriam se espalhado.

As fofocas animariam até mesmo o policial mais exausto. Sarah estava acostumada com isso. Da sua parte, era questão de honra não dar a mínima.

Deu uma tragada com força no Marlboro. O calor queimou o cigarro e a fumaça penetrou violentamente nos seus pulmões. Steve fez o carro girar, parando na frente dela. Sarah jogou o cigarro no chão e o esmagou com o pé. Sentou-se no banco do carona. Steve prendeu a sirene no teto. O portão do pátio deslizou para o lado e o tráfego abriu caminho para eles enquanto se viravam em direção à base. Sarah apertou a cabeça contra o encosto e fechou os olhos. Num instante havia caído num sono profundo do qual acordou com um solavanco súbito. Abriu os olhos. O carro tinha freado com força. Steve estava ultrapassando pela faixa oposta e um carro não tinha dado passagem. Ele não xingou, só esperou sem qualquer emoção evidente que o carro se movesse. O tráfego se espremeu para a beira da rua, e enquanto o carro passava, ele acelerou entrando na abertura.

Sarah passou as mãos pelos cabelos, comprimindo os dedos contra o crânio. Espreguiçou-se de encontro ao banco e bocejou. Lambeu os lábios e passou a língua sobre os dentes.

— Você a encontrou mais uma vez na cobertura? — perguntou.

— Encontrei. Estava parada na beirada. Achei que ela poderia pular.

— Meu Deus.

Sarah sentiu uma breve onda de alívio porque o pior não havia acontecido. Mesmo assim, era desconfortável ter chegado tão perto do desastre. Respirou fundo e tentou desfrutar da corrida em alta velocidade. Steve era um bom motorista e quase nunca precisava parar. Ele rodeava os pontos de tráfego, diminuía a velocidade nos semáforos vermelhos. Ficaram presos momentaneamente atrás de um Allegro geriátrico marrom. O motorista havia congelado atrás do volante e não ousava avançar o sinal vermelho para deixá-los passar. Steve esperou: buzinar só pioraria as coisas.

— Anda, vovô — disse baixinho. — Viva um pouco.

Os dois suspiraram. Collins disse:

— E como você conseguiu tirá-la da beirada?

— Perguntei se ela queria arruinar minha vida como Farah e Matthews fizeram.

— E ela se convenceu?

— Bom, falei um pouco mais do que isso. De qualquer modo, parece que deu certo.

Sarah soltou o ar. Depois de uma pausa, disse:

— Digno de um elogio oficial.

Steve soltou um grunhido depreciativo.

— Você acha que ela ia mesmo pular?

— Não sei. Sempre acho que os suicidas de verdade são encontrados mortos. Mas nunca se sabe. É uma coisa bem maluca para se fazer.

O semáforo mudou. O Allegro se moveu para o lado. Steve virou o volante para a direita e ultrapassou o carro. Sarah olhou à esquerda e viu uma mulher idosa com cabelos grisalhos desgrehados apertando o volante. Então era vovó, e não vovô.

— O que ela disse?

— Evitou falar qualquer coisa significativa. Estava mal. Foi a St Leonards pôr a cabeça no lugar. Dado o estado mental dela e as circunstâncias, concluí que era melhor deixar tudo para a entrevista.

Estavam de novo em velocidade máxima, os carros se desviando à esquerda para deixá-los passar.

— Você não ficou tentado, nem por um segundo, a dar um bom empurrão nela? — perguntou Sarah.

Steve gargalhou.

— Certo, fiquei, admito. Mas só por um instante.

— Reação normal. Não se preocupe com isso. O sistema de justiça criminal não é a Igreja católica, graças a Deus. Ninguém é condenado só por pensamentos. Se fosse, eu já estaria em cana há anos.

— Eu também. Mas no final, a condenação foi o excesso de papelada para preencher.

— A velha piada.

Steve buzinou para alertar uma mulher que estava pensando em pisar numa faixa de pedestres. Ela pulou recuando e pôs a mão no peito, depois foi deixada para trás. Sarah suspirou. Sentiu o alívio baixando como um peso tranquilizador. Ela e Steve podiam buscar por puro instinto algum consolo obscuro em piadas, agora que tinham encontrado Lizzie — e do lado certo da laje. Mas em silêncio, admitia que as palavras dos dois estavam distantes da verdade e que a alternativa teria sido terrível.

Steve acelerou de novo. Sarah disse:

— Não consigo deduzir se o chefe ficaria com raiva ou satisfeito se ela tivesse pulado.

— Acho que depende de como vão ser as próximas vinte e quatro horas. A que horas você vai encontrar o sacana?

— Ele disse que estaria lá às seis.

Sarah estava parada na cantina deserta, observando o café sair da máquina. Olhou seu relógio: 5h27. Tinha deixado Steve dormindo na sala dos dois. Ele havia se esparramado na cadeira dela, inclinando-a para trás, as pernas em cima da mesa, a cabeça apoiada no encosto. O equilíbrio parecia precário, mas ele estava apagado. Ela olhou para a TV de tela plana. Younes Mehenni falava para a câmera. O homem que Sarah tinha visto pela última vez abatido e exausto pelo sofrimento estava agora furioso. Revivido talvez pela perspectiva da vingança, parecia quase exultante. Na parte de baixo da imagem corria uma tira de texto. *Queda mortal do edifício Portland Tower: policial foi presa.* As câmeras estavam adorando, empurrando umas às outras, fazendo pressão contra o rosto de Mehenni.

Sarah balançou a cabeça. Segurando o copo descartável, foi em direção à TV. O inglês de Mehenni, pressionado pela emoção, era difícil de entender, gutural e entrecortado. Ouvindo atentamente, ela conseguiu decifrar: “*Eu vim para esse país... uma vida melhor. Nunca pensei... minha filha... morta.*” A imagem mudou para a porta fechada de uma casa geminada em algum lugar fora de Londres. Os dois policiais que a vigiavam pareciam impecavelmente desligados. Estavam de pé — usando os capacetes pontudos, claro — com

expressões cautelosas de neutralidade irrepreensível. A mulher de Hadley evidentemente sabia que não deveria falar com a imprensa, mas os jornalistas continuavam acampados do lado de fora, tomando suas bebidas para viagem. No primeiro plano, um jornalista meio careca e de orelhas grandes começou a falar para a câmera. A faixa de texto na base da tela tinha mudado. Supostas notícias de última hora sobre um jogador de futebol da Premier League que tinha traído a mulher.

Sarah se inclinou para perto da TV e a desligou. Levou o café para o banheiro. Tirou a escova da bolsa e escovou os dentes, depois lavou o rosto na pia.

Baillie estava sentado, folheando uma cópia do dossiê Matthews/Mehenni. As fotos do policial morto e da garota morta estavam espalhadas na mesa. Ele tirou os óculos de leitura sem aro e sinalizou para ela entrar.

— Tudo certo? — perguntou.

— Acho que sim.

— Bom. Passei a porra da noite inteira trocando fralda.

— Lamento saber, chefe.

— E você, dormiu bem?

— O suficiente. Mais ou menos.

— Steve a encontrou na torre?

— Sim. De pé na beirada.

— Que inferno.

— Foi exatamente o que eu pensei.

Mesmo contra a vontade, Baillie sorriu. Houve uma pausa.

— Algum detalhe sobre o que ela andou aprontando nos últimos quatro dias?

— Ela disse que foi a St Leonards para pôr a cabeça no lugar. Como foi encontrada de pé na borda da Portland Tower, parece que estava bem mal. Mas sabemos que ela passou por Eastbourne e Rye, pelo menos, e estamos fazendo uma verificação de câmeras de circuito fechado de outras estações no caminho.

— E o Shaw?

— Trombei com ele quando ia para lá. Quem pode dizer que ele não estava indo se encontrar com ela? Tentei fazer com que ele parasse, mas ele me evitou, tenho certeza.

— Certeza mesmo?

— Eu cruzei com ele numa estrada rural. Nós dois tivemos que diminuir a velocidade e a estrada era estreita. Ficamos a pouco mais de um metro um do outro. Havia um trator na frente. Pus a sirene para fora, mas precisei dar meia-volta no carro e não consegui alcançá-lo.

— Certo. Então é bastante certeza, mas não serve como prova.

— Sim, senhor.

Baillie anotou alguma coisa no seu caderno. Sarah esperou, antes de falar de novo.

— A equipe de busca está no endereço dele agora, mas ele teve tempo suficiente para se livrar de qualquer coisa.

Houve um tremor brevíssimo no rosto de Baillie, mas ele falou com paciência:

— Se é que havia alguma coisa.

— Sim, senhor, se é que havia alguma coisa.

Por um momento, Baillie olhou para Sarah de um jeito astuto, e ela sentiu que ele a estava avaliando. Mas ela também tinha feito seus cálculos e estimado que, se conseguisse alguma prova firme contra Shaw, poderia contar com que Baillie fosse absolutamente implacável, largando-o como uma batata quente.

— E como Steve a encontrou? — perguntou Baillie

— Ela telefonou da Portland Tower para o celular dele.

— Ele localizou o celular dela?

— Não. Não esperou por isso. Pura intuição. Foi a toda velocidade para lá. Tirou-a da beirada. Disse que um número suficiente de policiais já havia pulado da cobertura daquela torre.

— Ainda bem, porra. — Baillie se espreguiçou em sua cadeira. — Steve é um tremendo policial.

— É, sim.

Pelo menos eles concordavam em alguma coisa.

— Onde ele está?

— Tirando um cochilo. Não dormiu nada.

— E você?

— Dormi uma hora, mais ou menos, no carro, na frente da casa do Shaw.

— Certo.

Ele indicou uma cadeira. Sarah se sentou.

— Você vai abrir a sala de interrogatório na Victoria House?

— Com sua permissão, senhor. Quando estivermos prontos, Alice e Steve vão trazê-la: não adianta fazer isso antes. O detetive Halford, da equipe 4, concordou em servir como agente de custódia.

Baillie assentiu.

— Parece um bom plano. — Ele fez uma pausa rápida. — Olha, Sarah, aprecio o excelente trabalho investigativo que você está fazendo, mas não quero nenhum mal-entendido entre nós.

— Sim, senhor.

— Quero que isso seja resolvido nas primeiras vinte e quatro horas. Está claro? Não quero que você venha me pedir adiamentos. Você já deve ter tudo de que precisa.

Sarah não queria fazer nenhuma promessa que não pudesse cumprir.

— Tenho algumas pontas soltas para amarrar. E precisamos dos resultados da busca, obviamente. Mas acho que dá para fazer tudo nas vinte e quatro horas seguintes. A entrevista é fundamental.

— Claro. E você vai levar o Steve?

— Sim, senhor.

— Bem, boa sorte. Se conseguir alguma prova concreta de má conduta, pode ter certeza de que vou te apoiar até o final.

— Muito obrigada, senhor.

43

Lizzie virou a cabeça, olhando as quatro paredes da cela. A porta pesada que só se abria por fora. A laje de concreto marmorizado onde havia um fino colchonete coberto de plástico. O toalete baixo com o fio constante de desinfetante azul escorrendo.

Olhou para o teto de concreto. A placa usual grudada ali entrou em foco como um *fade-in* de cinema: *Não quer que nada volte para morder você? Aproveite a oportunidade para um recomeço. Fale com um policial sobre quaisquer outros delitos, de modo que possam ser levados em consideração o quanto antes.*

Um recomeço: quem, deitado nesse colchonete, poderia acreditar que isso era possível?

Ainda assim, tinha algo tranquilizador na natureza claustrofóbica do lugar. Não havia escolhas, apenas espera. Ela gostou de estar na horizontal e sozinha. Tinha a sensação de que tudo a havia levado inexoravelmente até esse lugar.

Tinha ouvido muitas histórias de outros policiais que haviam sido presos: histórias que pareciam evocar uma admiração relutante pela inutilidade e pela pura idiotice daquilo tudo. Até mesmo um prazer em contemplar a possível queda, o precipício a ser evitado a todo custo. Tinha ouvido um policial antigo que havia passado o tempo sob custódia com seu distintivo escondido desesperadamente entre as nádegas. Provavelmente tinha sido culpado pelas transgressões usuais resultantes do excesso de álcool: ordem pública, dano ao patrimônio. E havia as alegações domésticas. E, claro, os delitos acima de qualquer dúvida que tornavam o policial um alvo justo: crimes sexuais, pornografia infantil. Os policiais não conseguiam se distanciar suficientemente

rápido dessa imundície. Ela seria diferente. Faria parte da categoria final: policiais presos por delitos ocorridos no cumprimento do dever: violência, corrupção, prevaricação, perversão. Seria uma figura ambivalente, mudando de forma. Sua associação com a morte de Hadley iria manchá-la de modo irreversível. Ela seria um espelho quebrado, alguém que trazia azar à equipe de rendição.

Hadley tinha sido do tipo de policial que parecia ter nascido de uniforme. Aquela vida era uma segunda natureza para ele. Os dois tinham sido postos juntos e Lizzie deveria aprender com o parceiro aquele ofício misterioso. Ele a havia abrigado sob suas asas. Todo mundo sabia que isso era sinal de favorecimento. A expectativa não verbalizada era que o estilo antigo dele acabaria passando para ela. Em vez disso, ele estava morto e ela sob investigação.

O plástico duro e preto da janelinha na porta da cela deslizou para baixo. Devia ser a verificação da meia hora. Uma policial apareceu na abertura de acrílico. Era asiática e bonita. Tinha cabelo escuro preso num coque. Por volta de vinte e poucos anos. Deu um sorriso de desculpas, como se tivesse trancado uma amiga por acidente.

— Você está bem?

— Estou, obrigada.

— O chefe perguntou se você fuma. Se sim, ele disse que podemos levá-la para fumar um cigarro no pátio.

— Não, estou bem. Obrigada.

— Uma xícara de chá? Eu faço um decente.

— Não. Obrigada. Estou bem. De verdade.

— Certo. Bom, se precisar de alguma coisa, é só tocar a sineta.

— Pode deixar. Obrigada.

A janelinha se fechou de novo.

Sarah parou algumas casas à frente do número 5 da Kenley Villas. Desligou o motor, mas não se mexeu.

— Bom, qual é a orientação, Jez?

— Não ser um babaca.

Sarah riu.

— Isso mesmo. Não falar a não ser que falem com você. E acima de tudo...

Ele pareceu genuinamente irritado.

— Eu sei, não ser um babaca.

— Certo de novo. — Ela se virou para ele e lhe deu um sorriso raro. — Obrigada, Jez.

Ele sorriu de volta, mesmo contra a vontade.

— Beleza. Não se preocupe.

Jez pegou o kit na traseira do carro e os dois caminharam juntos pela rua. A maioria dos jornalistas tinha se dispersado, mas um fotógrafo solitário, percebendo que eles eram policiais, correu até eles e tirou algumas fotos, com o obturador automático zumbindo. Depois de eles passarem, Jez murmurou alguma coisa.

Havia policiais uniformizados na frente das portas do número 5 e do número 7. Tinham posto uma placa de *Vende-se* no quintal da frente da casa de Carrie Stewart. Sarah mostrou seu distintivo ao policial junto ao portão. Enquanto ia pelo caminho até a porta da frente, a cortina na janela do número 7 estremeceu. Uma mulher usando hijab a observava, e Sarah a reconheceu imediatamente como a mulher que tinha ficado imóvel e sozinha junto ao

cordão de isolamento da cena do crime. Devia ser a avó de Farah Mehenni. Sarah desejou não tê-la visto: não conseguiu deixar de imaginar brevemente a inquietação dentro da casa, o vazio desesperado que nenhuma justiça jamais aplacaria.

Soaram latidos agudos e o spaniel dos Stewarts apareceu de maneira intermitente no topo do vitral da porta, pulando. Olhando para baixo, Sarah também viu a cabeça de Ben, depois Carrie Stewart repreendendo o menino:

— Eu já disse, Ben...

E então a porta se abriu.

Sarah mostrou seu distintivo. Jez estava parado logo atrás, com um tripé e uma bolsa pendurados no ombro, mas também segurava o distintivo na mão direita. Carrie Stewart puxou o cachorro pela coleira e recuou para o corredor.

— Sim, entrem.

Sarah notou na mesma hora a qualidade discreta das roupas supostamente casuais da mulher — o cardigã verde era provavelmente misto de cashmere — e os bons dentes perolados. Os dentes entregavam tudo. Ela podia se vestir com a casualidade que quisesse, mas desde o início dera atenção às coisas importantes. Carrie Stewart era geneticamente favorecida ou tivera um bom tratamento dentário em uma época que isso não era tão comum.

Sarah acompanhou Carrie pelo corredor até a cozinha, no fundo da casa. O cachorro pulava, balançando o rabo. Carrie disse:

— Quietto, Charlie. Quietto. Na caminha.

O cachorro se enrolou obedientemente perto da janela. Sarah notou a bela mesa de pinho rústico. Como é que chamavam aquilo no eBay? *Shabby chic*? Havia uma mulher mais velha, vestida de tweed, sentada ali, e Carrie disse:

— Minha mãe, Jane. Mamãe, esta é a sargento detetive Collins.

— Me chame de Sarah, por favor.

— Sarah, sim, obrigada. Estou com minha filha desde que aquilo aconteceu. Ela está triste demais.

— Sim, claro — disse Sarah, sentando-se à mesa. — Sua presença deve ser reconfortante para ela.

Jez se sentou ao lado da sargento. Só falou ao aceitar o café. Estava levando a orientação a sério, e Sarah notou com um sorriso que as duas mulheres pareciam ter decidido que ele não tinha importância suficiente para merecer uma apresentação adequada. Ou isso ou os bons modos delas estavam falhando.

Ben se aproximou e pôs a cabeça no colo da avó, dizendo:

— Vovozinha.

Ela bagunçou o cabelo do menino e ele aproveitou a oportunidade para examinar Sarah furtivamente.

Carrie estava na cozinha. Tinha uma daquelas cafeteiras que precisavam ser esquentadas no fogão. Abriu a torneira e jogou o pó de café usado na pia. Suas costas estavam voltadas para os outros e ela disse bruscamente:

— Não sei como Ben pode ajudar vocês. Ele só tem cinco anos. Para ser sincera, eu preferiria deixar tudo isso para trás. Não consegui dormir, pensando. Fico repassando o que poderia ter acontecido e, claro, o que *aconteceu*. No momento em que olhei no quintal dos fundos e ele tinha sumido...

Sarah olhou para o quintal sombreado. Havia um banco, uma árvore, uma caixa de areia com tampa. Um triciclo de plástico vermelho caído de lado. A área era totalmente fechada, separada dos vizinhos por uma cerca feita de velhas ripas de madeira.

Carrie pôs um prato de biscoitos na mesa. Sarah olhou seu rosto pálido, as sardas castanhas, o cabelo louro meio enrolado. A mulher se afastou e se ocupou com a cafeteira. O cheiro de pó de café tomou conta da cozinha. Ela abriu a geladeira revelando uma garrafa de vinho, legumes, suco e iogurtes saudáveis para crianças.

— Eu tinha deixado ele lá, brincando. Estava no andar de cima, falando com uma amiga pelo telefone. De repente, senti que havia alguma coisa errada. Fazia tempo demais que não escutava ele. Em geral, isso significa que ele está aprontando alguma coisa. Olhei pela janela do quarto e não o vi. Claro que nesse ponto não fiquei tão preocupada. O que poderia ter acontecido? Ele estava em casa, pelo amor de Deus. Não desci a escada correndo nem nada. Fui

até o quintal, mas ele não estava lá. Só o cachorro andando de um lado para outro e balançando o rabo. Não pude acreditar. Não pude acreditar mesmo. Achei que ele devia estar escondido. Achei que devia ser uma brincadeira. Gritei o nome dele. Meu Deus, de repente comecei a ficar apavorada. Procurei em toda parte. Revirei a casa e...

O leite estava fervendo e houve um cheiro de queimado quando ele caiu no fogão. Carrie xingou baixinho, com veemência.

— Ah, porra.

Sarah olhou para a avó e viu as sobrancelhas dela subindo ligeiramente. Ela captou o olhar de Carrie e levantou Ben.

— Venha, Ben. Acho que está passando *Teletubbies*.

Esperaram Ben sair da cozinha com a avó.

Jez fez menção de levantar para ajudar Carrie, mas ela balançou a cabeça.

— Não, não, *por favor*. Não se preocupe. — Ele se sentou obedientemente e olhou para Sarah. Carrie estava segurando um pano embaixo da torneira por mais tempo do que o estritamente necessário. Ela o espremeu e passou no tampo do fogão. O pano soltou vapor e ela o deixou na bancada. Pôs as mãos nas têmporas.

— Então eu liguei para a polícia...

— Sim. — Sarah tinha ouvido a gravação da chamada para a emergência. Tinha ouvido a voz desesperada de Carrie, o atendente se esforçando para pegar detalhes úteis. Observou a mulher servindo o café com o que parecia uma concentração acima do normal. Carrie colocou as canequinhas de cerâmica na frente deles e se sentou. Tinha se servido um copo d'água que ficou brilhando na mesa, intocado.

— Bom, ainda não tenho certeza sobre vocês falarem com o Ben.

Sarah respirou para falar, mas Carrie balançou a cabeça.

— Não, antes que você interrompa... — Ela deixou uma pausa minúscula para se certificar de que tinha sido entendida. — Olhe do meu ponto de vista. Ben foi sequestrado em casa e levado ao topo de um edifício, bem na beirada. Quem sabe o que aquela garota pretendia fazer com ele? Imagine só, está bem? Além disso, ele viu duas pessoas caírem para a morte. Não suporto pensar

nisso, e você está pedindo que a gente incentive o menino a lembrar tudo de novo. Acho que seria melhor deixar isso para trás. Não imagino que tipo de informação vocês podem conseguir com ele. E se não se importam que eu diga, o que há para descobrir, afinal?

O que há para descobrir, afinal? Essa parecia ser a música tema da investigação. Sarah esperou. Carrie olhou para ela. Em seguida, empurrou os biscoitos em cima da mesa.

— Por favor, sirvam-se. Não parecem grande coisa, mas são ótimos.

Jez pegou um biscoito.

— Obrigado.

Carrie se levantou outra vez. Ficou junto da pia e começou a lavar a cafeteira.

— Aquela garota... desculpe, ainda não consigo dizer o nome dela. *Aquela garota* pegou o Ben no quintal e arriscou a vida dele. Isso não está sendo questionado, não é? Ainda não entendo por que aquela família desejava o meu mal, por que aquele homem odiava tanto a gente. Ela pegou o Ben no quintal, e o policial, Matthews, foi à cobertura encontrar meu filho, e o pobre coitado caiu e morreu...

Ela parou de falar, olhando para Sarah como se pedisse confirmação. Sarah sabia que outros policiais ofereceriam alguma palavra de raiva contra a família Mehenni e que isso seria um consolo, mas não conseguiu pensar em nada com que se sentisse confortável para dizer.

Carrie pareceu acordar de um sonho.

— Desculpe. Não perguntei se vocês queriam açúcar. Vocês querem açúcar?

— Não, tudo bem, obrigada.

Houve um breve silêncio. Jez disse:

— O café está ótimo, obrigado.

Carrie sorriu brevemente para ele.

— De nada.

Sarah se permitiu um momento de silêncio.

— Se eu pudesse falar com o Ben, isso ajudaria muito — disse, por fim. — Não duvido que Farah o tenha sequestrado do seu quintal, mas precisamos

descobrir mais sobre o que aconteceu na cobertura. Sei que é doloroso para você. Mesmo assim, duas pessoas morreram. Não posso deixar as coisas como estão. Vai haver um inquérito. Tenho certeza de que você entende que preciso descobrir *por que* eles morreram. A família de Farah Mehenni merece isso, assim como a família do policial Matthews, e você também.

Carrie os levou até a sala de estar. Ben e a avó estavam sentados com o cachorro, assistindo TV. Jane se levantou imediatamente para desligar o aparelho, mas Sarah ergueu a mão para impedi-la, e disse:

— Não, por favor. Não se preocupe.

Jane sorriu e alisou a saia.

— Vou deixá-los, então.

Sarah se lembrava de Ben na cobertura do prédio: a fantasia de urso e o rosto manchado de lágrimas. Agora o menino usava jeans e uma camisa xadrez. Ela se agachou ao lado dele, mas o menino não tirou os olhos da TV.

— Você gosta dos *Teletubbies*?

— Eu adoro os *Teletubbies*.

— Qual é o seu predileto?

— Po.

— Qual é o Po?

Ele apontou para a tela.

— O vermelho.

Sarah se sentou no sofá ao lado de Ben e olhou para a televisão. Coelhos saíam das tocas. Os Teletubbies dançaram. Ben olhou para ela.

— Quem é você?

— Meu nome é Sarah. Sou policial, como o policial Matthews e a policial Griffiths. Você se lembra deles?

— Lembro. O policial Matthews era um policial gordo.

Ben pareceu satisfeito com a ideia de que estava sendo malcriado. Sarah afastou a lembrança do policial Matthews gordo, nu, morto, que veio sem ser convidada.

— Era, sim.

— Se você é policial, cadê sua roupa?

— Meu uniforme?

— É, o seu uni-forme.

— Não uso uniforme porque sou um tipo especial de policial. Sou detetive, o que significa que meu trabalho é descobrir o que aconteceu. Os adultos ainda não sabem o que aconteceu de verdade. E, Ben, você é muito especial porque é a única pessoa que estava lá, em cima do prédio. Por isso, você sabe o que aconteceu e pode me ajudar a descobrir.

— A policial Griffiths sabe o que aconteceu. Ela também estava lá.

Com o canto do olho, Sarah captou brevemente Jez dando um risinho. Empurrou-o para fora dos pensamentos e continuou:

— Bom, é verdade. A policial Griffiths sabe o que aconteceu e você sabe o que aconteceu. Mas talvez você saiba algumas partes que a policial Griffiths não sabe. Preciso que você me conte o que aconteceu com Farah e os dois policiais.

Sarah entregou seu distintivo a ele. Ben o virou e passou os dedos nas reentrâncias do metal.

— Esse negócio é braille — disse Sarah. — Para as pessoas cegas. Se a gente apresenta o distintivo para elas, elas podem ler com os dedos e saber que nós somos da polícia.

Ben olhou para o distintivo e de volta para Sarah.

— O policial Matthews morreu. — Em seguida devolveu o distintivo. Sarah o guardou no bolso.

— Isso mesmo. O policial Matthews morreu.

— Morrer é quando a pessoa nunca mais acorda.

— É.

— Mamãe não me deixa mais usar a roupa de urso.

— Não?

— Eu gosto da minha roupa de urso.

— Eu lembro que você estava usando ela naquele dia. Você se lembra de mim em cima do prédio?

Ele a avaliou por um momento e disse:

— Não.

— Cheguei depois que o policial Matthews e a Farah caíram.

Ele franziu a testa, as feições suaves mal formando rugas.

— Não sei. Talvez.

Sarah tirou a câmera de vídeo da bolsa.

— Você sabe o que é isso?

— Uma câmera.

— Isso mesmo. O Jez aqui vai gravar o que você disser, porque é importante demais. Jez também é policial.

— Jez também é *detetive*?

Sarah sorriu para Jez. Ficou tentada a dizer “mais ou menos”, e Jez inclinou a cabeça para trás, como se a desafiasse, mas em vez disso ela disse, relutante:

— Sim, Jez também é detetive.

Jez estendeu a mão para pegar a câmera. Já havia montado o tripé e agora atarraxou a câmera no suporte.

A voz de Ben saiu impassível:

— Farah também morreu.

— Morreu.

— Ela me beliscou.

— Pode me falar sobre isso?

— Ela beliscou minha perna. Eu estava no ônibus com ela e queria ir para casa e tentei falar com uma moça, e Farah me beliscou.

De repente Sarah escutou a voz de Carrie.

— Ela *beliscou* você?

Sarah olhou por cima do ombro. Não tinha percebido que Carrie ainda estava ali, mas a viu agora, encostada no portal. Um franzido na testa, que lembrava curiosamente o do filho, havia se assentado em seu rosto bonito.

Sarah se virou de novo para o menino.

— Ben, daqui a pouco você pode me contar isso. Será que a gente pode desligar a televisão? Pode ser?

— Pode.

Jez disse baixinho:

— Tudo pronto, Sarah.

Sarah se inclinou e desligou a TV. Em seguida, se virou para Carrie.

— Sinto muito, você precisa sair enquanto eu faço a entrevista. É o padrão. Ben é uma criança. Se você estiver na sala, ele vai ser influenciado. Vai captar suas preocupações, tentar agradar você, mudar o que sabe. Você entende?

O rosto de Carrie estava congelado numa máscara rígida, ansiosa. Sarah perguntou:

— Tudo bem?

Carrie tentou sorrir. Olhou para o filho.

— Ben, nós vamos assistir aos *Teletubbies* quando você terminar, está certo? Vou fazer chocolate quente e a gente pode se sentar com a vovó no sofá.

Ben sorriu.

— Tudo bem, mamãe.

Ele é que parecia estar oferecendo conforto.

— Obrigada — disse Sarah. — Não vamos demorar.

Carrie saiu e fechou a porta silenciosamente. A sala respirou sua ausência. Sarah esperou até ver a luz da câmera se acender.

— Ben, você sabe o que significa verdade?

Ben fez uma pausa. Repuxou os lábios para um lado.

— Verdade é...

— Sim?

Ele inclinou a cabeça para trás e para o lado, como se a resposta estivesse escondida em algum lugar no canto do teto. Por fim disse:

— Não sei.

— Tudo bem. Você sabe o que é mentira?

Ele sorriu: essa era fácil.

— É quando a gente não diz a verdade.

— Isso mesmo. Você pode me dar um exemplo?

— Tipo se eu dissesse que o Charlie comeu um biscoito, mas na verdade fui eu que comi.

Sarah sorriu com o exemplo. Talvez Ben tivesse um motivo para tê-lo usado.

— Esse foi bom. E por que a gente não deve mentir?

— Porque aí a gente vai contar uma mentira depois da outra, e quando falar a verdade ninguém vai acreditar.

A resposta tinha saído quase no automático, e Sarah suspeitou que esse assunto tivesse sido explicado a Ben em mais de uma ocasião.

— Isso mesmo. Mais algum motivo?

— A gente pode ser descoberto a aí a mamãe ia ficar zangada.

Sarah sorriu.

— Também está certo, Ben. Muito bom. Mas também é importante dizer a verdade simplesmente porque é verdade. Porque dizer a verdade é a coisa certa.

Ben franziu a testa e Sarah se arrependeu desse último comentário. Não queria amedrontá-lo. Sorriu.

— Tudo certo, Ben?

Ele sorriu de volta.

— Tudo.

— E você não vai esconder nada? É importante me contar tudo que você lembra. Ninguém vai ficar zangado se você falar palavras feias, porque as palavras feias podem fazer parte do que aconteceu. Está entendendo? Não vou ficar zangada, sua mãe não vai ficar zangada, nem sua vovó.

— Está bem.

— Só a verdade, e ninguém vai se zangar com nada que você disser.

— Está bem.

— Então conte o que aconteceu desde quando você saiu com Farah.

O cachorro pulou do sofá e se espreguiçou no chão. Ben pegou-o de novo e as pernas de trás de Charlie ficaram penduradas. Ben sentou-se, aprisionando o sofrido animal no colo.

— Eu estava brincando no quintal com o Charlie. Farah entrou no quintal e disse que, se eu fosse com ela, ia ganhar doces.

Ele acariciou o cachorro.

— Drops de chocolate branco, o meu predileto. Não achei que mamãe ia ficar zangada, ela não gosta do pai dela, mas mamãe é sempre legal com a Farah, por isso eu disse que sim e fiz isso... — ele esticou os braços para cima e ficou na ponta dos pés. — E aí ela me levantou por cima da cerca, me levou

pro quintal dela e disse que a gente precisava ir na loja comprar os doces. A gente foi pelo corredor dela. É escuro, não é que nem o nosso. E não tem cachorro. A gente saiu pela porta e foi andando pela rua, na frente da nossa casa. Aí ela me levou no ônibus. No início eu gostei, porque gosto de andar de ônibus, mas depois fiquei com medo. Falei que mamãe ia ficar zangada. Falei: eu quero ir pra casa agora. Ela disse: não, Ben. Você não pode ir pra casa agora. Tem que ir comigo. Eu falei pra uma moça no ônibus: eu quero ir pra casa. Mas Farah disse que eu era malcriado e beliscou minha perna.

Ele continuou praticamente sem pausa:

— Eu estava chorando. Ela disse: não chora. Mas não foi legal quando ela falou isso. Parecia que ela estava me dando uma bronca. E eu estava preocupado com o Charlie porque tinha deixado ele no quintal. Aí a gente saiu do ônibus e a gente andou um montão. Eu disse que não estava gostando, mas ela me puxou pela mão. Disse que a gente ia pegar os doces logo, mas a gente não foi em loja nenhuma. A gente foi num prédio. Era fedorento e sujo. Ela me fez subir um monte de escada, depois me passou por cima do muro e eu comecei a chorar porque fiquei com medo.

— Está bem.

— Eu falei: quero ir pra casa agora. Por favor. Quero ir pra casa. E ela disse que não. Ficou dizendo que não e disse que eu era um menino mau. Depois o policial gordo chegou e disse olá.

— Olá?

Ben assentiu.

— Ele falou mais alguma coisa?

Ben olhou para ela, sério. Disse como se essa fosse a parte mais importante, como se ela não tivesse entendido:

— O policial caiu.

Sarah respirou fundo.

— Isso mesmo. O policial Matthews caiu.

— E Farah caiu.

— É, Farah também caiu. — Sarah esperou um momento, depois estendeu a mão e tocou delicadamente o braço de Ben. — Quero que você pense nessa

parte, a parte em que você estava em cima do prédio e o policial Matthews também estava. A parte antes de ele cair. Você está se concentrando, Ben?

Charlie estava olhando para o rosto dele, e Ben puxou as orelhas do cachorro. Sarah disse:

— Antes de o policial Matthews cair, o que aconteceu? Fale sobre isso, desde o momento em que o policial Matthews chegou e disse olá.

Houve uma pausa. Então Ben continuou:

— Eu estava segurando a mão dela com muita força. Não queria cair.

— É, era muito alto e você estava com medo. Estava segurando a mão de Farah com muita força. Me conta tudo que puder sobre o que aconteceu depois.

Ben franziu o rosto, irritado.

— Não sei. Eles ficaram falando.

— Falando?

— Não sei. Eu não estava escutando. Queria ir pra casa.

— Alguma coisa?

— O policial estava falando e Farah estava com raiva.

— Certo. Farah estava com raiva. O que ela disse?

— Eu estava com medo.

— Claro.

Ele balançou a cabeça. Agora estava mordendo o lábio. Sarah esperou.

— O policial disse pra eu segurar a mão dela. Eu podia ver os carros da polícia com luzes azuis e um monte de gente. Não dava para escutar o que eles estavam falando. Achei que mamãe ia ficar muito zangada comigo e estava com medo. Aí a moça boazinha da polícia veio. Ela disse: passa por cima do muro, vem comigo, bem agarradinho, que nem um urso. E aí eu subi até a policial boazinha, como ela mandou. Eu segurei com muita força.

— É, segurou sim. Muito bem.

— Aí eu fiquei em segurança, mas Farah e o policial caíram.

Ele começou a chorar. O cachorro lutou para sair dos seus braços e pulou no chão. Ben se agachou ao lado e fez cócegas na nuca de Charlie. O cachorro rolou de costas. Sarah esperou.

— A gente já está quase acabando. Tudo bem?

Ele continuou acariciando a barriga do cachorro.

— Tudo bem.

Sarah pôs a mão no ombro dele.

— Ben, sente-se no sofá de novo para mim, certo? Preciso que se concentre.

Ele obedeceu. Secou o rosto com a mão, mas ainda parecia à beira das lágrimas.

— Pode ficar com o Charlie no colo, se quiser. Ok?

Ele assentiu e ela lhe entregou o cachorro.

— Certo, está quase acabando. Só volte um pouco. Conte o que eles falaram. Isso é muito importante. O que o policial Matthews e Farah falaram?

— Ele disse para eu segurar a mão dela.

— Disse mais alguma coisa?

Ben balançou a cabeça.

— Não sei. Eu estava com medo. — Suas feições se franziram de novo numa carranca suave. — Você está zangada?

— Não estou zangada, não. Por que estaria?

— Bom, você pode perguntar à moça boazinha da polícia o que eles falaram, porque ela estava lá.

— Ben, eu sei que você está se esforçando e que é muito, muito difícil. Seria difícil para um adulto também. Eu gostaria que você tentasse só mais um pouquinho. Aí a gente termina. Conte tudo que lembrar, porque talvez surja alguma coisa importante. Pode fazer isso para mim?

O rosto dele se contraiu, como se alguém o tivesse franzido com um barbante. Sara se preocupou, achando que ele ia começar a chorar de novo.

— Sarah... — disse Jez, baixinho.

Ela o encarou de maneira incisiva, mas sua voz não revelou nada.

— Estamos quase terminando.

Ben disse:

— Não consigo lembrar.

— Tudo bem.

— A moça boazinha da polícia veio. Ela foi legal. Foi legal comigo. Foi legal com Farah.

— Legal?

Ele comprimiu os lábios.

— Não lembra o que a moça da polícia disse? O que ela disse?

— Ela disse para eu confiar na Farah. Farah disse que sabia voar. Ela disse: eu sei voar. Você acredita? A moça da polícia falou que eu devia confiar nela, por isso eu disse que sim, mas não acreditei de verdade. Ela não sabia voar, né? Aí a moça da polícia disse: segura firme que nem um urso. Ela disse para eu passar por cima, e eu passei. Segurei com muita força, com muita força.

— Farah disse que sabia voar?

— Aham.

— E aí a policial Griffiths disse para você passar por cima do muro?

— Aham.

— Bom, desculpe. Não entendi direito, Ben. Farah *deixou* você passar por cima do muro?

— Aham. No começo ela não queria deixar, e aí deixou, e eu passei.

— E o que mudou? Por que ela deixou você passar?

— Não sei.

Pausa.

— Está bem.

Outra pausa.

— Ben, você acha que Farah acreditava mesmo que podia voar?

Ben sorriu.

— Claro que não. Ela estava meio que se mostrando.

— Se mostrando?

— É. E ela disse: eu também sou inocente.

— Eu também sou inocente?

— Aham.

— O que ela queria dizer com isso?

— Não sei. Só lembro porque ela falou bem alto. — Ele levantou a voz. —
EU TAMBÉM SOU INOCENTE.

— Certo. Muito bom. Você consegue pensar em mais alguma coisa, Ben?
Qualquer coisa.

Ele balançou a cabeça.

— Não

— E depois que você passou por cima do muro, o que aconteceu?

— Eu estava agarrado na moça da polícia.

— E o policial Matthews e Farah? O que eles estavam fazendo?

— Não sei. A moça da polícia estava me abraçando. Depois ela fez um barulho esquisito e eu virei e o policial e Farah não estavam mais lá.

Jez tinha um pirulito no bolso da calça. Pegou-o e mostrou discretamente a Sarah.

— Acha que tudo bem?

— Provavelmente é melhor não. Não sem a permissão da mãe.

Sarah deixou Ben diante da televisão. Jez guardou o equipamento.

Carrie e a mãe, ambas usando aventais e luvas de borracha amarelas, estavam à mesa da cozinha limpando a prataria. Não havia muita coisa: um vaso de rosas, uma velha bandeja, castiçais. Jane levantou o olhar de um grande candelabro retorcido e disse:

— Desculpe, sargento detetive. Não sabíamos quanto tempo iria demorar e sempre gostamos de limpar a prataria juntas. Na verdade, é uma bobagem.

— Tudo bem. Liguei a TV de novo para o Ben. Espero que não seja problema.

Jane disse:

— Posso perguntar uma coisa, Sarah?

— Claro.

— Desculpe perguntar. Mas você pode imaginar que é difícil.

— O quê?

— A família vizinha, há alguma chance de eles se mudarem agora?

Sarah se lembrou da placa de *Vende-se* no quintal da frente e sentiu uma súbita pontada de simpatia. Sabia que a autoridade local tinha oferecido a Mehenni a chance de se mudar, mas ele havia recusado.

— Creio que não — respondeu ela. — Pelo menos num futuro próximo. A senhora sabe, é muito difícil conseguir imóveis em Londres.

Carrie empurrou uma mecha de cabelo para longe do rosto, distraidamente, e sujou a testa com a luva.

— Terminaram, então?

— Terminamos. Obrigada por deixar a gente falar com o Ben.

Houve uma pausa. Sarah disse:

— Jez trouxe um pirulito. Ele pode dar ao Ben?

Carrie sorriu, mas parecia exausta, pálida e desgastada.

— Pode. Por que não? Agora parece que o pirulito virou um vilão. — Ela estava descalçando as luvas. — Vou levar vocês até a porta.

Com Jez e o equipamento de vídeo, o corredor ficou apertado. O cachorro tinha ido junto e estava passando entre as pernas deles. Ben ficou para trás, chupando o pirulito.

Jez acenou para ele.

— Tchau, amigão.

E foi pelo caminho na direção do carro.

Carrie estendeu a mão para Sarah.

— Desculpe se fui grosseira antes. Fico feliz por você ter vindo.

— Você não foi grosseira.

— Conseguiu tudo de que precisava?

— Bom, o Ben se esforçou ao máximo...

Carrie a interrompeu. Seu rosto tinha se contraído e a voz saiu com o sussurro súbito e urgente de um segredo sendo contado.

— Simplesmente não acredito que ela deu um *beliscão* nele. É um detalhe, eu sei, não significa nada no todo, mas de algum modo... não acredito em pena de morte e sei que é uma coisa horrível, mas não consigo evitar. Fico satisfeita porque a garota morreu. Fico. Fico mesmo.

Jez e Sarah entraram no carro em silêncio. Sarah ligou o motor. Jez disse:

— Você fez uma boa entrevista, Sarah. Ele é novinho demais.

— Obrigada. E obrigada por me ajudar.

— Sem problema. Você está fazendo um bom trabalho. Não é fácil.

Sarah sinalizou à esquerda, mas mesmo assim não saiu da frente da casa. Achava difícil abrir mão da esperança de que os fatos daquela conversa na cobertura do prédio poderiam ser recuperados do emaranhado insolúvel da memória do menino.

45

A sala de interrogatório estava perfeitamente arrumada. Havia três copos d'água, lacres de fita de gravação previamente etiquetados, uma pilha de fitas novas, uma caixa de lenços de papel; nenhum pedaço de papel rasgado, nenhuma embalagem de fita descartada. Um fichário fechado esperava sobre a mesa.

Steve estava entrando com Lizzie, e enquanto eles se sentavam, Sarah tirou as fitas das caixas e as enfiou na máquina. Apertou o botão de gravar e o aparelho zumbiu.

— Estamos na Sala de Interrogatório 1, Victoria House. Sou a sargento detetive Sarah Collins. Também estão presentes... Apresentem-se, por favor.

— Policial detetive Steve Bradshaw.

Lizzie olhou para o detetive. Ele estava com seu caderno aberto à frente e esperou que ela falasse, com a caneta na mão.

— Policial Lizzie Griffiths.

Sarah retomou:

— Policial Griffiths, você foi presa por suspeita de perverter o curso da justiça e de má conduta no serviço público. Entende os delitos?

— Sim.

— Você não precisa dizer nada, mas sua defesa pode se prejudicar se você não mencionar, ao ser interrogada, algo que usar mais tarde no tribunal. Qualquer coisa que você disser pode ser usada como prova. Entende a advertência?

— Sim.

— Então você entende quando digo que não falar nada pode ser tão prejudicial quanto dar um depoimento.

— Sim.

— Quer dizer por que recusou a presença de um advogado?

— Porque não preciso.

— Você pode mudar de ideia a qualquer hora.

— Sim, sei disso.

A sargento se recostou na cadeira e parou por um momento, avaliando a policial Lizzie Griffiths. A aparência dela havia mudado significativamente desde que Sarah a tinha visto na cobertura da Portland Tower. Ela usava jeans desbotados e uma camiseta escura. O cabelo estava descolorido com água oxigenada, meio amarelado, curto e arrepiado. Parecia mais magra, pálida e cansada. No entanto, apesar de tudo, continuava bonita, um privilégio que só era possível aos jovens. Era um esplendor inconsciente, uma excelência saudável que tinha sobrevivido a todas as agressões e talvez fosse até adoçada pela fragilidade.

— Lizzie — disse Steve —, só queremos saber o que aconteceu.

Sarah continuou:

— Às vezes as pessoas fazem coisas erradas tendo as melhores intenções possíveis.

Lizzie não respondeu.

Sarah pegou um punhado de fotografias e as colocou na mesa. Lizzie segurou uma e olhou por um tempo. Farah estava caída no pavimento com o braço estendido. Lizzie a largou de volta na mesa. Sarah lhe entregou outra: Farah nua antes da autópsia. O corpo espantosamente sem marcas da queda. A pele sem máculas estava amarelada, os seios apenas brotando. Sarah disse:

— Assisti a muitas autópsias, mas nunca consegui me acostumar. — Procurou os olhos de Lizzie e fez uma pausa, mas Lizzie evitou seu olhar, voltada para a mesa. Sarah continuou, em tom casual: as duas eram profissionais. — O objetivo é estabelecer a causa da morte, como você sabe. No caso de Farah, não houve surpresas. Desaceleração súbita. Essa, de alguma forma, é sempre a causa da morte numa queda. O corpo humano batendo no

chão duro depressa demais. Por fora ela parece quase intocada. Por dentro é uma polpa. É como acertar os órgãos internos com um martelo.

De repente, Lizzie estremeceu, e num instante Sarah a viu como ela estivera na cobertura do prédio. Chocada, horrorizada. Sarah precisou suprimir um impulso inesperado de compaixão.

— Só queremos saber como isso acabou acontecendo — disse ela.

Lizzie levantou os olhos. Seu rosto parecia feito de pedra, duro e tenso.

— Poderia guardar as fotos, por favor? — pediu.

Steve pegou-as devagar e cuidadosamente, enfiando-as na pasta de plástico. Sarah esperou.

— Está bem — disse ela, respirando fundo. — Vamos voltar ao início. Você foi à casa de Farah para fazer uma diligência de prisão. Disso resultou uma queixa contra o policial Matthews. Farah disse que ele foi racista.

A mão direita de Lizzie balançou brevemente como uma borboleta contra uma janela fechada.

— Não.

— Não?

Ela prendeu a mão desgarrada embaixo da esquerda, mais firme, e pousou as duas na mesa.

— Não creio que Farah tenha dito que o policial Matthews foi racista.

— Não?

— Creio que a alegação não era de que Hadley foi racista, e sim de que ele tinha dito coisas racistas, coisas de uma natureza racista, algo assim, mas não tenho certeza.

Era uma objeção interessante, e talvez produtiva. Sarah olhou para as anotações de Steve.

— Coisas racistas ou coisas de natureza racista. O que você quer dizer com isso?

Lizzie hesitou, talvez sabendo que estava sendo atraída para uma conversa que não lhe seria benéfica.

— Eu não vi a queixa.

— Mas será que poderia explicar sua fala, por favor? O que você quis dizer?

O espaço entre as sobrancelhas de Lizzie se franziu numa ruga pequena.

— Nada, na verdade. Só que o Hadley, isto é, o policial Matthews, tinha um modo de falar as coisas que podia ser mal-interpretado.

— Mal-interpretado?

— Isso.

O impulso de compaixão havia desaparecido.

— Como assim?

— Ele pressionava as pessoas. Algumas pessoas podiam somar dois e dois e chegar a cinco, mas Hadley não era racista.

— Mas pode ter dito coisas racistas?

— Não. Ele pode ter sido malcompreendido.

— Mas como pode ter sido malcompreendido? No seu depoimento você diz...

Steve abriu o fichário, mostrando que o caso estava bem-organizado e dividido com códigos de cor. Entregou a Sarah uma folha datilografada. Sarah pôs os óculos e a examinou.

— Sim... Aqui está: *Ouvi toda a conversa entre Farah Mehenni e o policial Matthews... Ele jamais disse qualquer coisa inadequada e certamente nada de natureza racista.* — Ela fez uma pausa. — Se ele jamais disse qualquer coisa inadequada, quanto mais de natureza racista, como pode ter sido malcompreendido?

— Não sei.

Sarah podia ver que Lizzie estava ficando ansiosa.

— Talvez pudéssemos esclarecer isso se você me contasse exatamente o que ele disse.

— Não me lembro de muitos detalhes, mas se ele tivesse dito algo racista eu teria lembrado. O que estou dizendo é que isso teria ficado gravado na minha memória, sem dúvida. Eu ficaria chocada. Ele disse que precisava falar com o pai dela. Que nós iríamos voltar várias vezes até falarmos com ele. É só disso que me lembro agora. Está no meu depoimento.

— Certo.

Havia algo ali que incomodava Lizzie, algum detalhe que a irritava, e Sarah esperou que ela falasse. Lizzie disse:

— Mas...

Sarah não pôde deixar de sorrir por um breve segundo.

— Sim? — instigou gentilmente.

— Bom, os modos dele...

— Os modos? — Sarah examinou o depoimento outra vez. — *O policial Matthews foi educado o tempo todo.*

Lizzie deu de ombros.

— Educado, sim, mas...

— Mas?

— Mas firme.

Era hora de ir em frente. Isso podia ser útil, mas no final das contas era apenas evasivo, material circunstancial que só ajudaria se fosse sustentado por algo mais concreto, algum fato prejudicial ou alguma omissão. Sarah precisava manter a entrevista fluindo.

— Bom, voltaremos mais tarde aos modos do policial Matthews. Mas no seu depoimento não há nada indicando que Farah Mehenni pudesse tê-lo entendido mal. A outra explicação, claro, é que Farah estivesse mentindo no depoimento *dela*.

Lizzie franziu a testa.

— Não quero dizer que ela estava mentindo.

— Ah, por que não?

Lizzie tossiu e passou a mão na boca.

— Porque ela está morta, sargento Collins. Porque ela era apenas uma criança.

Houve uma pausa. Lizzie apoiou a cabeça nas mãos e agarrou o cabelo com força. Steve perguntou:

— Você está em condições de continuar?

Lizzie não levantou os olhos. Sua voz saiu tensa.

— Estou. Pelo amor de Deus. Vamos acabar logo com isso.

— Tem certeza? — perguntou Sarah.

Lizzie soltou os cabelos e levantou a cabeça. Respirou fundo.

— Tenho.

Sarah olhou para Steve, por um momento preocupada com a ideia de que poderia perder toda a entrevista se julgassem que ela havia passado do ponto ou continuado quando a pessoa não estava em condições de responder.

Steve disse gentilmente:

— Lizzie, tem certeza de que quer continuar?

Lizzie respondeu com impaciência:

— Estou bem. Já fui avaliada. Estou em condições para a entrevista.

— Certo — disse Sarah. — Vamos continuar. O seu depoimento... Hadley disse que você iria corroborar o relato dele. Mas você só prestou depoimento quase três semanas depois.

— Eu fiz um relato da diligência de prisão...

— Sim, e nele não mencionou nada sobre essa conversa que você escutou.

— Me pediram que eu fizesse um depoimento esclarecedor, por causa da queixa.

— Quem pediu?

— O inspetor Shaw.

Lizzie olhou para o outro lado da mesa. Steve estava fazendo uma anotação no caderno.

— Eu não tinha percebido que a conversa no corredor era importante — disse Lizzie. — Estava mais ansiosa para falar da perseguição de Younes Mehenni e da tentativa de Farah para nos obstruir; quando ela subiu no carro. Essas eram as coisas que pareceram preocupantes quando escrevi o depoimento.

— Dezoito dias. Dezoito dias entre a diligência de prisão e a data do seu segundo depoimento.

— Quando recebi o pedido, demorei um tempo para conseguir fazer.

— Para conseguir fazer?

— É.

— Por quê?

Lizzie abriu as mãos ligeiramente.

— Eu estava ocupada. Na equipe nós estamos sempre ocupados.

— Não acredito.

Lizzie entrecruzou os dedos e juntou as palmas das mãos. Não respondeu.

— Você foi a primeira da turma na escola de formação. Com apenas seis meses de serviço já tinha recebido um elogio oficial. Não parece o tipo de pessoa que demora para fazer as coisas.

Lizzie olhou para Steve como se procurasse ajuda, mas o rosto dele estava impassível. Sarah continuou:

— Todos descrevem o seu relacionamento com o policial Matthews como se ele fosse uma espécie de mentor, alguém que colocou você embaixo das asas, mas você demorou dezoito dias para escrever um relatório o apoiando.

Lizzie assentiu. A sargento Collins se inclinou para a frente.

— Você precisa falar. A fita não grava nada que eu não possa ouvir.

— Sim. Demorei dezoito dias para escrever o relatório.

— Qual é a explicação para isso? O que você é? Preguiçosa? Egoísta?

— Nem uma coisa nem outra.

— Pois é, acho que não. Pelo contrário.

O olhar de Lizzie foi até Steve outra vez. Ele estava olhando para baixo, escrevendo. Sarah disse:

— Acho que você demorou tanto para escrever o depoimento porque não conseguia se obrigar a mentir, mas também não conseguia se obrigar a dizer a verdade. Ou você escutou Hadley dizer as coisas das quais Farah o acusou ou simplesmente não ouviu a conversa. Por isso não fez nada durante dezoito dias.

— Não.

— Lembre-se de falar para o gravador.

— Eu respondi à sua pergunta.

— Acho que não. Uma policial que em geral é diligente...

— Eu simplesmente não consegui fazer. E, certo, não tenho desculpas para não ter escrito o depoimento mais cedo.

— Lizzie, não é uma questão de desculpas. Estou procurando uma explicação. Temos uma policial diligente que deixa de escrever um depoimento. E não era um depoimento qualquer. O seu colega, o policial Matthews,

precisava que você desse esse depoimento. Mas durante dezoito dias você ficou em silêncio.

Sarah esperou. Lizzie falou tão baixo que não pôde ser ouvida.

Steve levantou os olhos do caderno.

— Como?

Ela balançou a cabeça.

— Nada.

Sarah bateu na mesa, impaciente.

— Qual é, Lizzie, diga a verdade. Todos nós sabemos que não é certo chamar as pessoas de Bin Laden. Esse tempo já passou. Hadley já tinha uma advertência na ficha por um incidente parecido. Se a queixa fosse aceita, ele seria dispensado do serviço. Falha grosseira de conduta. Toda a desgraça resultante disso e, faltando apenas três anos para a aposentadoria, a perda da pensão. Não era uma boa perspectiva depois de trinta anos. Esse é o ponto crucial, não é? Ele pediu seu apoio?

— Não.

— Ele pediu seu apoio e você recusou, com razão.

Lizzie se pegou mordendo o interior da bochecha. Balançou a cabeça e depois se lembrou de que precisava falar.

— Não.

— E então, depois de dezoito dias, alguma coisa mudou, não foi? O que mudou?

— Nada.

Lizzie tomou um gole de água. Houve silêncio.

Sarah estava lendo de novo, o dedo acompanhando a linha de texto.

— Ele fez *perguntas genéricas*. — Ela levantou os olhos. — Perguntas genéricas? O que *exatamente* ele disse?

— Não lembro, não lembro exatamente. Faz muito tempo. Ele perguntou onde o pai dela estava. O Hadley tinha um certo jeito. Tenho certeza de que outros policiais já devem ter lhe dito. Um modo de... de conseguir o que queria. É por isso que creio que a garota pode ter achado que ele disse alguma

coisa racista. Mas não disse. Ele tratou Farah do mesmo jeito que tratava todo mundo...

— É, e ele tinha uma advertência na ficha pelo modo de conseguir o que queria, como já mencionei.

— Não o ouvi falar nada repreensível.

— Talvez você não o tenha ouvido falar nada. Você estava com a avó.

Lizzie se lembrou de ter estado do lado de fora, no quintal frio. A budleia podada brotando do concreto. A voz raivosa e persistente pelo telefone. Depois, quando tinha voltado para a cozinha, a figura de Farah na sombra do corredor.

— Não. Eu estava na cozinha. Pude ouvir o que foi dito.

— Lizzie, eu li seus outros depoimentos e eles costumam ter várias páginas. Normalmente você não generaliza. Não existe explicação para esse ser tão curto.

— Eu estava cansada. Tinha sido um turno longo.

Sarah tirou os óculos, segurando-os na mão direita.

— Eu sei sobre aquele turno longo. Cosmina foi o seu primeiro caso de assassinato? Você agiu bem, você e o Hadley. No final, vocês dois foram indicados para elogios. Mas num minuto você estava falando com Cosmina e no outro ela estava sendo aberta. Era a sua primeira autópsia. Como falei, ainda não estou acostumada com elas. Foi bem angustiante, não foi? E depois de uma noite longa assim, você encontrou tempo para escrever um relatório sobre um assunto não relacionado. Impressionante.

— Tem alguma pergunta para mim aí?

— Foi uma noite longa e difícil, e no fim você decidiu apoiar o Hadley. É um erro compreensível, Lizzie. Você era inexperiente e estava sofrendo uma pressão enorme.

— Não.

— Fale sobre quando escreveu o depoimento. Você o escreveu dezesseis horas depois de ter entrado de serviço. Ele tinha esperado quase três semanas. Por que não podia esperar mais um dia?

— Eu me lembrei de que não tinha feito. Nesse ponto já estava para lá de exausta. Por que não ficar sentada mais uns trinta minutos? E, sim, pareceu mais importante escrever aquela porcaria. O Hadley fez um civil arrombar a porta e nós entramos na casa. Depois disso, percebi como era importante apoiá-lo, que ele era um bom policial e que nós precisávamos ficar juntos. Mas isso não significa que eu menti, só que finalmente me sentei para escrever. Talvez por isso o depoimento seja tão curto. Eu estava exausta e queria escrever logo e ir para a cama depois de um turno muito longo. Ou talvez tenha sido curto simplesmente porque não havia muita coisa a dizer.

— Um turno muito longo e difícil. Você estava angustiada. Cometeu um erro.

— Não. — Lizzie cruzou os braços, como uma criança: não diria mais nada sobre o assunto. Mas como Sarah não fez mais nenhuma pergunta, ela disse bruscamente: — Aquela conversa no corredor: foi o maior não acontecimento de todos os tempos.

Sarah levantou a cabeça.

— Resultou em duas pessoas mortas. Não é um não acontecimento.

Ela pegou na bolsa um pacote de balas de hortelã. Ofereceu-o por cima da mesa. Disse:

— Para o gravador: estou oferecendo balas de hortelã à policial Griffiths.

— Não, obrigada.

Sarah tirou uma bala com o polegar e a colocou na boca. A entrevista estava correndo bem. Lizzie estava irritada. Sarah precisava manter a pressão, continuar manipulando o ritmo e a revelação de provas. Steve também pegou uma bala. Ele inclinou o caderno na direção de Sarah, que pôs os óculos de novo, para ler.

— *Precisávamos ficar juntos?* Poderia esclarecer?

Lizzie olhou para Steve. Ele disse:

— E então, Lizzie?

— É, nós precisávamos ficar juntos. Defender um ao outro. Mas apenas até certo ponto.

Sarah interrompeu:

— Até certo ponto? Qual é o limite, então?

Lizzie se permitiu ficar exasperada.

— A lei, obviamente. Esse é o limite. Diabos, por que outro motivo eu estou aqui? Apoiar um ao outro, sim, mas não para além do ponto em que estamos violando a lei.

— Então a lei é o limite?

— O que você quer que eu diga? Certo, a integridade também é um limite.

— Mas será que pode haver um conflito entre a integridade e obedecer à lei? Ou talvez... — Sarah procurou o significado exato. — Talvez às vezes a integridade seja mais parecida com defender as pessoas do que dizer a verdade... e aí a lei parece... bom, como posso dizer, não tão importante? É compreensível. Talvez, dizer que escutou uma conversa que não tinha escutado não parecesse grande coisa depois de você ter visto recentemente a cavidade torácica de uma pessoa ser aberta. Na dimensão dos acontecimentos isso pode ter parecido... bom, como você descreveu a conversa no corredor: um não acontecimento.

Lizzie se lembrou do esforço e do objetivo da desconstrução do corpo sob a nítida luz fluorescente do necrotério. O gemido e o cheiro da serra. O corpo parecendo um amontoado de peças de carne, de osso, cartilagem e cérebro. Os sacos plásticos e os frascos. As luvas sujas de sangue até a altura dos cotovelos.

Sarah instigou delicadamente:

— Foi, Lizzie?

— Não.

— Não?

Lizzie levantou os olhos. Foi enfática, a voz alta pela primeira vez na entrevista:

— Eu não menti.

Talvez tivesse sido a ênfase de uma pessoa decidida a acabar com a entrevista, mas mesmo assim não era uma confissão. Sarah tinha sentido como se quase pudesse estender a mão e pegá-la, mas era como um peixe se retorcendo na água, que só oferecia a sensação de movimento, uma imitação da coisa propriamente dita.

— O sr. Shaw tinha um ponto de vista nisso tudo? Ele é um policial experiente. Ele falou com você, talvez, sobre *ficar juntos*?

— Não, ele pediu que eu escrevesse um depoimento esclarecedor. Só isso.

— Você estava num relacionamento com o inspetor Shaw.

Houve uma pausa.

— Sim.

— Você estava apaixonada?

Lizzie deu de ombros.

Sarah se recostou na cadeira. Permitiu que a relutância de Lizzie em usar a palavra *apaixonada* se assentasse, e a desconfiança de Lizzie, digna da juventude, se expandiu por dentro como um sabor. Ela era muito nova, nova demais para ter tanta coisa acontecendo.

— Bom, você estava apaixonada por ele?

Lizzie deu de ombros.

— Não sei. Acho que sim. Eu achava que sim.

Havia alguma coisa ali, e Sarah se concedeu um momento para pensar. Depois disse:

— Alguma coisa mudou entre vocês?

Lizzie a encarou e seus olhos se estreitaram.

— Muita coisa mudou, sargento.

Talvez a pergunta tivesse sido um erro. O tom desafiador de Lizzie sugeria que a pergunta havia lhe dado força. Sarah se virou para Steve.

— Pode pegar as imagens de circuito fechado, por favor?

Steve soltou uma pasta de plástico do fichário e tirou algumas fotos coloridas. Entregou-as por cima da mesa. Eram imagens de Lizzie na estação de Polegate, andando ao lado da mulher de cabelo tingido de vermelho e empurrando um carrinho.

Steve leu os números das provas:

— SJB/5, SJB/6, SJB/7...

Sarah perguntou:

— Você se encontrou com o sr. Shaw ontem?

Lizzie devolveu as imagens.

— Não.
— Você ligou para ele?
— Liguei.
— Você usou um celular pré-pago. Por quê?
— Não queria ser encontrada.
— Sobre o que vocês falaram?
— Não muita coisa. Ele disse para eu me entregar à polícia.
— E o que você estava fazendo em Polegate ontem?
— Andando por aí.
— Andando por aí?
— É, eu fiquei rodando. St Leonards, Hastings, Rye, Eastbourne...
— Vamos falar sobre a sua vontade de não querer ser encontrada. Depois de Hadley e Farah morrerem, você faltou ao trabalho sem autorização.
— Faltei.
— E terminou de pé, no escuro, na beirada da cobertura do edifício Portland Tower.

Silêncio.

— Você pensou, talvez, em pular?

Não houve resposta.

— Fale sobre isso.

Silêncio de novo. Em seguida, Lizzie disse:

— Não posso.

— Não pode? Por quê?

Lizzie fechou os olhos. Finalmente havia alguma coisa ali: a escuridão. Sarah procurou a pergunta que penetraria nela. Esperou. Lizzie abriu os olhos, como se estivesse se controlando, mas não disse nada.

— Por que você entraria em desespero? — perguntou Sarah.

Lizzie se curvou sobre a mesa e apertou a testa contra a palma das mãos.

— Só quero a verdade — disse Sarah. — Só quero saber o que aconteceu.

Lizzie continuou imóvel.

Sarah esperou. O tempo se estendeu e ficou vivo. E então, de modo inquestionável, ficou sem vida. Lizzie não iria falar. Sarah disse:

— Dezessete horas e vinte e cinco minutos. Estou interrompendo a entrevista.

Steve se ofereceu para colocar Lizzie em sua cela nova e assinar a entrega enquanto Sarah atualizava o chefe.

Os dois se encontraram na cantina e se sentaram frente a frente, com xícaras de café. Sarah tinha pegado um bolinho, mas não comeu.

— Essa entrevista é a única coisa que nós temos — comentou ela.

— Você está chegando muito perto.

— Vamos dar mais cinco minutos para ela ficar sozinha. Talvez ela só precise disso.

— Dezoito horas e vinte minutos. Estou retomando a entrevista. Sargento detetive Collins presente. Também estão presentes...

— Policial detetive Steve Bradshaw.

— Policial Lizzie Griffiths.

— Você ainda está sob advertência, Lizzie. Entende isso?

— Sim.

— Ainda tem direito a um advogado.

— Eu sei.

— Fale sobre a cobertura do prédio.

— Fui atraída de volta para lá.

— Não. Na primeira vez, quando Farah estava lá com Ben. Você chegou muito depressa?

— Sim. Eu violei a lei. Dirigi com as luzes azuis.

— Por que fez isso?

De repente, Lizzie olhou direto para Sarah, que viu algo novo na expressão dela, uma determinação, como se Lizzie tivesse acabado de decidir realizar um empreendimento assustador, como escalar a face de um penhasco ou pular de uma altura significativa, e, apesar do nervosismo, estivesse decidida a ir até o final.

— Uns cinco dias antes eu tinha recebido um telefonema de Farah Mehenni. Ela estava chateada comigo. Achava que eu tinha prometido que o pai dela receberia uma advertência e seria liberado. Disse que estava desesperada com o fato de ele ter sido acusado e que queria falar. Que havia um lugar do qual ela gostava, um lugar que ela tinha descoberto, sobre o qual ninguém sabia.

Era papo furado, um absurdo. A ligação tinha sido sobre o telefone. Sarah precisou forçar a expressão para esconder a raiva e o desprezo. Mas a história de Lizzie era contada com seriedade, e havia nela apenas verdade suficiente para se sustentar. O único modo de expor a mentira era tratá-la como se fosse verdade, sondar as falhas até que ela se rachasse. Sarah perguntou:

— E o lugar era a cobertura da Portland Tower?

Lizzie a encarou com um minúsculo franzido na testa antes de responder:

— Sim. Eu acusei Younes Mehenni mais ou menos às duas horas da tarde. Estava na delegacia dando os toques finais na papelada do caso. Quando ouvi a descrição de um menino de cinco anos desaparecido, percebi imediatamente que era o Ben.

— Por causa da fantasia de urso?

— Exato. Quando nós fomos verificar a alegação inicial na casa dele, ele estava usando a fantasia de urso. E então ouvi dizer que havia algumas pessoas no topo da Portland Tower...

— E percebeu no mesmo instante que os incidentes estavam conectados, e ficou tão preocupada que usou as luzes azuis no carro mesmo sem autorização.

— É, fiz isso. Tudo que eu sabia sobre Farah era preocupante...

Sarah interrompeu:

— E o policial Matthews... você tinha contado a ele sobre o telefonema de Farah?

— Não, não contei a ninguém.

— Estou perguntando porque o policial Matthews... Bom, você foi *rápida*, mas o policial Matthews foi... — Matthews foi uma porra de um senhor do tempo, pensou. — O policial Matthews foi mais rápido ainda. Como ele sabia que Farah e Ben estavam lá?

— Não sei. — Lizzie suspirou como se estivesse subitamente exausta com tudo aquilo. — Você vai ter que perguntar a ele.

Sarah tentou não se irritar com o sarcasmo de Lizzie. Precisava permanecer nos trilhos, manter o ritmo das perguntas.

— E como Farah conseguiu o número do seu telefone?

— Eu tinha dado a ela. Passei meu número quando fui convencê-la a fazer o pai se entregar.

Sarah xingou a si mesma em pensamento: a história era firme, organizada. Algumas partes eram verdadeiras, outras eram falsas, e estava sendo impossível separar as mentiras. Aquele tempo na cela deveria ter deixado Lizzie mais perto de entregar a verdade. Em vez disso, o que aconteceu foi justamente o oposto. A história tinha emergido totalmente formada, sem falhas. Era como se naquele curto intervalo, enquanto Sarah estava sentada na cantina com Steve, Lizzie tivesse se refeito.

— O telefonema de Farah. Em que ela pediu para se encontrar com você. Você informou sobre ele, claro.

— Não.

— Por que não?

— Fiquei sem graça. Tinha sido alertada a não dar o número do meu celular pessoal a testemunhas ou suspeitos, mas fiz isso. Eu tinha apostado com Hadley que conseguiria fazer Younes se entregar e estava ansiosa para ganhar a aposta. Depois do telefonema eu disse para Farah não me ligar de novo e mudei de número. Claro que agora me arrependo de não ter informado.

— E contou ao inspetor Shaw?

— Não.

Para Sarah, a entrevista parecia um novelo de negações, no entanto todos os pontos em que ela pressionava se sustentavam. Disse:

— Havia uma gravação.

Lizzie não respondeu.

— O pai de Farah disse que houve uma gravação.

Lizzie a encarou diretamente, mas não falou.

— O pai de Farah me disse que ela gravou a conversa com Hadley no corredor...

Lizzie interrompeu, impaciente.

— Isso, claro, é diferente de *existir* uma gravação.

— Se você me deixar terminar...

— Mas isso é simplesmente absurdo.

— Não, o que você está dizendo é que é absurdo. A ligação feita do telefone público era para contar a você sobre a gravação. Você entrou em pânico porque tinha feito um depoimento falso, por isso contou a Hadley sobre o telefonema de Farah. Younes Mehenni disse que Hadley pegou o telefone de Farah à força.

As mãos de Lizzie estavam cruzadas com força e ela cravou a unha do polegar na palma. Steve perguntou:

— Foi isso que aconteceu, policial Griffiths?

Lizzie piscou lentamente.

— Não, não foi isso que aconteceu. — Ela fez uma pausa. — Já contei o que aconteceu.

Sarah resistiu ao pressentimento incômodo de que a investigação estava fragmentada: no centro dela, um vazio que não podia ser costurado. Anos antes, tirando férias com os pais, tinha nadado por cima da borda de um lago e visto, embaixo das suas pernas brancas de criança, a terra se estender em profundezas insondáveis.

— Conte o que aconteceu na cobertura — disse ela.

Lizzie inclinou a cabeça para o teto. Quando olhou de volta para Sarah, seu rosto estava tenso.

— Acho difícil pensar nisso...

— Bom, faça um esforço.

— Não consigo lembrar.

— Nada?

Lizzie se inclinou para a frente. Pigarreou e começou a tossir, como se tivesse alguma coisa presa na garganta. A coisa era obviamente verdadeira e a tosse estava piorando: ela teve ânsias e Sarah temeu que ela vomitasse. Steve se

levantou e lhe deu tapinhas nas costas. Ofereceu água. Ela aceitou e conseguiu se controlar, enxugando a mão num lenço de papel tirado da caixa.

Steve perguntou baixinho:

— Vamos parar um pouco?

Olhando para a mesa, Lizzie balançou a cabeça.

— Não, não. Vamos acabar. Quero acabar. — Então, depois de uma pausa, disse baixinho: — Não quero lembrar.

Sarah assentiu.

— Farah disse: “Eu também sou inocente.” Você se lembra disso?

Lizzie levantou os olhos, mas não respondeu. Seu rosto estava pálido e manchado. Sarah perguntou:

— Por que ela diria isso?

Houve uma pausa. Lizzie secou o rosto com as mangas da camisa. Parecia exausta, absolutamente exaurida.

— Bom, acho que eu disse a ela que o Ben era inocente e que ela não queria fazer mal a uma criança, e talvez então ela tenha dito isso. Ela o soltou. Ele passou por cima da mureta e eu o peguei.

Sarah se sentiu desistindo da esperança de expor a verdade. Era como abrir a mão e ver uma pedra cair na água profunda.

— Deixe-me adivinhar — disse. — Você não viu os dois caírem?

Lizzie a encarou, e mesmo contra a vontade Sarah sentiu uma compaixão inesperada.

— Isso mesmo. Eu não vi os dois caírem.

Sarah se lembrou dos dois corpos no concreto e Lizzie pálida e tremendo na cobertura. Então disse:

— Uns vinte minutos antes de pegar o Ben, Farah tentou ligar para você. Mas você tinha mudado o número.

Lizzie olhou para a mesa e balançou a cabeça. Murmurou alguma coisa e passou a mão no rosto. Sarah disse:

— Não ouvi.

Lizzie continuou olhando para baixo.

— Não sei. Não sei.

Sarah esperou, mas Lizzie continuou em silêncio. Sara disse:

— O sargento que treinou você em Hendon a descreveu como idealista.

Lizzie levantou os olhos e a sombra de um sorriso passou rapidamente pelo seu rosto perturbado, como se ela tivesse vislumbrado uma lembrança muito antiga.

— Foi, é?

Sarah não devolveu o sorriso.

— Foi. Talvez você tenha mudado.

Houve silêncio.

Sarah pegou na bolsa uma pequena foto em preto e branco e a empurrou por cima da mesa. Era a foto de uma garota de cabelos escuros sentada num muro, usando lenço de cabelo.

— O sr. Mehenni me deu essa foto de Farah.

O rosto de Lizzie se retesou e sua voz tinha uma nota de protesto que, por um momento, Sarah temeu que pudesse ser justificada. Afinal, não havia nenhuma pergunta ligada à imagem da garota.

— Por que está me mostrando isso? — perguntou.

— O pai de Farah me deu porque queria que eu entendesse. Acho que quero que você entenda também. Estou pedindo para dizer a verdade.

Houve uma pausa. Lizzie não falou.

— Você está dizendo a verdade?

Lizzie pigarreou e pôs a mão na garganta, como se estivesse doendo. Assentiu devagar.

— O gravador não pode escutar isso. Você está dizendo a verdade?

O olhar de Lizzie foi rapidamente até Steve. Então ela disse:

— Sim. Estou dizendo a verdade.

Sarah pensou em como Hadley teria pegado o telefone. Lembrou-se das mãos grandes dele, na autópsia, e de como Farah era pequena. Disse:

— Hadley era o tipo de policial que dá má fama ao resto de nós. Você não diria que isso é verdade?

— Não sei responder. — Lizzie balançou a cabeça. — Não, não vou ser atraída para isso. Não é relevante. Não é uma pergunta de verdade.

Lizzie era a única pessoa presa na Victoria House. A cela era imaculada — não tinha cheiro de detergente, nenhum som de pancadas nem briga lá fora —, mas de todo modo a policial estava cega ao ambiente ao redor. Só via o tumulto na mente. Steve dissera que eles tomariam a decisão sobre acusá-la o mais rápido possível. Por ela, poderiam demorar o quanto quisessem. Não conseguia se imaginar livre, não conseguia pensar nos detalhes de começar a viver de novo.

Pensou na foto de Farah Mehenni sentada no muro naquele lugar distante. Ela parecia muito pequena, mas muito animada. *Cheia de vida*. Essa imagem jamais deixaria a mente de Lizzie.

Antes de pegar Ben, Farah tinha tentado ligar para ela... Não, não iria pensar nisso. Não. Agora, não.

Quanto a Hadley... como era mesmo que a detetive o havia chamado? *O tipo de policial que dá má fama ao resto de nós*.

Lizzie só conseguia conjurá-lo em imagens recortadas, fragmentos do homem. As mãos grandes no volante da viatura. O cabelo grisalho espetado. Às vezes o odiava.

Teve uma lembrança súbita de uma chamada de rotina. O estofamento puído da viatura, os porta-trecos nas portas quase transbordando com luvas de látex usadas e tubos de bafômetro descartados, o cheiro de roupas rançosas e odor corporal. Parecia que alguém tinha colocado um mendigo no banco de trás. Fazia um frio de rachar, mas as janelas estavam escancaradas. Hadley tinha

posto o aquecimento no máximo. Mesmo assim o carro fedia, mesmo assim o ar frio entrava. Ela havia examinado a tela do terminal de dados.

— À esquerda, aqui. Número 31.

Na verdade, não tinha sido necessário dizer o número a ele: de todas as casas na rua, devia ser essa. As cortinas de renda na janela eram cinza. Os degraus que subiam até a porta da frente estavam lascados e sujos. Havia várias campainhas na entrada, mas eles não precisaram tocar. A sombra de alguém se moveu atrás dos estreitos vidros foscos que davam no corredor comunitário. Assim que se aproximaram, a porta se abriu. Uma mulher — de quarenta e poucos anos, talvez — estava enrolada num roupão atoalhado azul-claro. Era magra e não usava maquiagem. O rosto era enrugado e o cabelo castanho era riscado de grisalho.

— Ele está lá com as outras crianças — disse. — Não quer me deixar entrar.

A mulher estava parada no piso de ladrilhos sujos da entrada do que já fora uma imponente casa vitoriana. Correspondências não recolhidas se espalhavam sujas no chão.

— Alguma vez ele machucou as outras crianças? — perguntou Lizzie.

— Meu Deus, não.

— Ele está armado?

— Não, só não quer me deixar entrar.

— Mais quantas crianças estão aí?

— Três.

Lizzie verificou o nome do garoto. Ele era conhecido da polícia, mas não por algo particularmente violento. Um pouco de arruaça, posse de drogas, mas nada de tráfico nem violência séria, pelo menos por enquanto. Bateu na porta do apartamento.

— Jack, é a polícia. Deixe a gente entrar.

— Não vou deixar. Vocês vão me prender.

A voz tinha o timbre incerto da mudança recente típica da idade.

— Jack, deixe a gente entrar. Se não deixar, vamos ter que arrombar a porta.

— Vocês vão me prender?

— Não sei. Vamos entrar de um jeito ou de outro, então é melhor abrir a porta.

— Não vou abrir, a não ser que vocês digam que não vão me prender.

Hadley interveio:

— Não vamos prender você. Deixe a gente entrar.

— Não acredito.

Gesticulando com a mãozona, Hadley fez Lizzie se afastar da porta e ocupou o lugar dela.

— Jack, não vamos prender você. Quero ir para casa na hora certa e uma prisão iria me atrasar. Mas você precisa deixar a gente entrar, senão vamos ter que arrombar a porta e aí eu *vou* te prender, principalmente por me irritar, mas também porque eu é que vou ter que esperar até você ser trancafiado.

Lizzie levantou as sobrancelhas. Hadley se afastou da porta, que se abriu lentamente.

Uma estante tinha sido derrubada. O telefone estava quebrado. Jack, um adolescente magro, estava usando jeans, uma camiseta com as palavras *Fim de Jogo* e um boné virado para trás. Eles o acompanharam até a cozinha. Três crianças estavam sentadas em volta da mesa. Uma segurava uma tartaruga. No chão havia ovos mexidos e um prato quebrado. Imagens de santos nas paredes e uma gravura de uma escritura bordada em tapeçaria. *Amados, amemo-nos uns aos outros, pois a caridade é de Deus*. Ao lado uma Virgem Maria de louça.

— Vocês têm uma tartaruga de estimação? — perguntou Lizzie.

— Ah, sim — respondeu a mãe. — As tartarugas são bichinhos ótimos, não é, crianças?

Olhando para ela e para Hadley, as crianças não responderam. Lizzie perguntou:

— Querem mostrar onde vocês deixam ela ficar? É ela ou ele?

A mãe respondeu:

— A gente não sabe. É difícil dizer. Vá, Catherine, leve a policial para ver onde o Archie mora.

A menina balançou a cabeça com um ar solene, se recusando a ser enganada e querendo ficar onde a ação acontecia. A mãe disse:

— Catherine, eu estou *mandando*, e não pedindo. Vão, crianças, vão com a policial. Ela quer ver a tartaruga.

O quarto das crianças estava escuro, as cortinas ainda fechadas. Cheirava a palha azeda e umidade. Lizzie pediu para segurar a tartaruga. Quando voltou à sala, Hadley já tinha ouvido a maior parte.

Jack, alternando entre a fúria e a perturbação, estava dizendo:

— Por favor, mãe, por favor, me deixa ficar.

Lizzie não precisava saber dos detalhes. O pai, claro, tinha ido embora muito tempo antes. Anos atrás tinha deixado essa mulher criando os quatro filhos sozinha. A mãe já estava farta, mas precisava de reforços para implementar uma decisão que resultava da pura exaustão. Qualquer exército, independentemente da importância da luta, acaba desistindo depois de marchar por tempo demais.

— Não, Jack — disse ela. — Eu não aguento mais isso.

— Eu não tenho para onde ir, mãe.

— Por que não liga para algum amigo? — sugeriu Lizzie. — Eles vão entender, vão ajudar.

Subitamente furioso, Jack se virou para ela com um uivo de ultraje e desprezo.

— Essa é a coisa mais idiota que você disse até agora.

A coisa mais idiota... Hadley, obviamente adorando, sorriu de orelha a orelha. Lizzie, que não tinha dito praticamente nada, de algum modo havia conseguido dizer muitas, muitas coisas idiotas, e das muitas coisas idiotas que tinha dito, essa havia sido identificada como a mais idiota.

— Idiota? — perguntou Lizzie, um tanto irritada com a diversão de Hadley e também perplexa com a reação de Jack, que parecia conter alguma coisa que ela não conseguia identificar de cara. — Seus amigos vão entender. Por que isso é tão idiota?

— Você não sabe *nada* — uivou Jack. — NADA. — De novo Hadley atraiu o olhar dela com uma gigantesca expressão de satisfação. Jack se virou para a mãe, ao mesmo tempo furioso e implorando. — Se eu tiver uma overdose, mãe, vai ser CULPA SUA.

Hadley esfregou os olhos e encobriu o que parecia ser um bocejo genuíno com as mãos enormes em cima da boca e do nariz. Como sempre, sua emoção revelada ao lidar com o público parecia não passar de um cansaço que dominava tudo. Por que todo mundo perturbava seu descanso? Por que todo mundo o impedia de se sentar para comer? A ênfase evidente era que ele faria qualquer coisa que parecesse lhe render o menor incômodo.

— Certo, Jack — disse. — Foi divertido e coisa e tal, mas se você não consegue arranjar um lugar para ir, vamos ter que prendê-lo.

Jack se virou para ele, descartando a ideia.

— Mas o senhor prometeu que não ia me prender.

— Bom... — Houve uma pausa. — Bom, 1º de abril, então, acho.

— Hoje não é 1º de abril.

Hadley gargalhou.

O garoto, furioso, falou com Hadley como se ele fosse idiota:

— Anda, então, me prende — provocou com uma desesperada presunção adolescente. — Vai me prender *por quê?*

Encolhendo os ombros num gesto quase de desculpas, Hadley sugeriu que no fim das contas essa era uma questão prática: uma coisa irritante, como todas as outras que o impediam de ver o jogo do Manchester United, mas que em última instância era tão fácil de ser resolvida quanto um alternador quebrado ou uma pia entupida. Só precisava de um pouquinho de esforço.

— Bom — disse, suspirando alto e aparentemente se obrigando a pensar na solução possível para o problema específico daquele momento. Depois de um instante de contemplação, voltou a falar como se esse fosse um discurso pensado: — Poderíamos começar com crime de dano, acho, ou violação da paz, talvez. Tenho certeza de que vou conseguir pensar em *alguma coisa*.

Agora ultrajado com a própria impotência, com o truque, com a zombaria, com a possibilidade de uma promessa quebrada e acima de tudo com a aparente indiferença de Hadley diante de tudo aquilo, Jack berrou:

— O senhor *disse* que queria ir para casa na hora certa. *Disse* que não ia me prender.

Hadley não se abalou.

— Como eu disse, era o que eu preferiria. Mas você pode me obrigar a mudar de ideia. E se eu precisar te prender, aviso que vou ficar muito puto da vida.

Desde o instante em que Jack tinha começado a berrar, a coisa estava resolvida. Era apenas uma questão de esperar. Quando ele finalmente concordou em ligar para os amigos, seu tom era irreconhecível, em comparação com o grito angustiante a que tinha submetido Hadley, Lizzie e a mãe nos últimos dez minutos. Pelo telefone, usou gírias da rua, uma fala tranquila: não estava acontecendo muita coisa na sua vida. Certamente ele não era uma pessoa que jamais tivesse uivado ou implorado. Pegou um casaco cinza, com capuz, no encosto de uma cadeira.

— E aí, irmão? — disse, combinando para se encontrarem na cidade e sem dúvida arranjam alguma encrenca antes do fim do dia. — Na moral.

Enquanto ele abria a porta, sua mãe disse:

— Você precisa de um agasalho.

Agora Jack era um homem.

— Mãe, esse aqui sou *eu*. Você precisa decidir. Não pode me chutar para fora e dizer pra eu usar um agasalho. Você é que sabe.

Lizzie vislumbrou o rosto da mãe, subitamente abalada.

Ela parou junto à porta comunitária e olhou Jack andando raivoso pela rua, apenas um garoto magricelo sem agasalho. Ela voltou para o apartamento. Hadley estava sentado, segurando a tartaruga na palma da mão. Ele acariciou o casco do animal e jogou conversa fora, esperando dez minutos para garantir que Jack não voltaria.

A mãe de Jack disse como as tartarugas eram surpreendentemente amistosas: até comiam na mão da gente. Hadley contou que tinha tido uma, quando era garoto.

— Verdade? — perguntou Lizzie.

Por um instante ela o havia imaginado de modo convincente como um garoto com bermuda cinza, saído direto de um anúncio de pão Hovis. Ele lhe deu um sorriso pesaroso. Lizzie não tinha entendido outra vez. Quem sabia se ele já tivera ou não uma tartaruga?

Ele se virou de novo para a mãe e acrescentou, não sem simpatia:
— Quando elas se escondem, pode ser difícilimo achar.

Baillie se espreguiçou na cadeira.
 — E o que o a Promotoria da Coroa tem a dizer?
 Sarah lhe entregou a papelada.
 — Não é de interesse público processar.
 Baillie olhou para o relatório do promotor.

A policial Griffiths fez um relato consistente, sem qualquer discrepância, e esse relato foi testado meticulosamente durante a entrevista... Existem provas consideráveis e convincentes de que Farah era imprevisível e dada a reações desproporcionais aos acontecimentos... De modo significativo, não existe nenhuma prova irrefutável para sustentar um processo... Apesar da execução de mandados e buscas detalhadas, o telefone de Farah — se é que já tenha estado ilegalmente na posse da polícia — não foi recuperado.

O promotor observa que o sr. Mehenni fez alegações. Elas podem ser exibidas no inquérito. Mas o promotor não acredita que seriam do interesse público os gastos e o fardo de um processo quando não há perspectiva realista de condenação.

Alguns atos da policial Griffiths — sua ausência do trabalho, sua demora em escrever o segundo depoimento, o fato de não ter informado o telefonema de Farah Mehenni — podem ser assunto adequado para procedimentos disciplinares, mas não têm relação com esta recomendação sobre uma acusação.

Baillie largou o relatório.
 — É bastante conclusivo.

Sarah buscou um tom neutro.

— É sim, senhor.

— Você comandou um bom interrogatório, claro. E ela respondeu a todas as suas perguntas?

— Ela disse que não conseguia se lembrar realmente do que aconteceu na cobertura. Não queria lembrar.

— Bom, é compreensível.

Sarah assentiu.

— É sim, senhor.

— E não ficou nada sem ser resolvido?

Ela não respondeu.

— E então?

— É isso mesmo, senhor.

Uma sombra perpassou o rosto de Baillie, mas foi apenas momentânea e ele sorriu rapidamente.

— Mas você não está satisfeita, não é, Sarah Collins?

Sarah baixou os olhos.

— Bom, não fiquei convencida, senhor. Em particular pelo relato da ligação de Farah para ela, do telefone público...

— Mas de qualquer modo nós não recuperamos uma gravação?

— Não. A equipe de busca voltou há duas horas. Não encontraram nada na casa do Shaw.

O inspetor-chefe foi até a janela. Atrás dele o Tâmis serpenteava, adentrando a cidade em sua cor marrom.

— Você vai ter de deixar isso de lado — disse ele.

Sarah não teve certeza se tinha ouvido direito.

— Chefe?

Silêncio por um momento.

As costas de Baillie continuavam viradas para ela. Sarah esperou. Por fim, Baillie perguntou:

— Não é possível que ela esteja dizendo a verdade?

— É possível, claro.

— Bom. — Ele se virou de volta com um meio sorriso no rosto. Parecia paciente, até mesmo gentil. — Sarah, como diz o promotor, ela fez um relato consistente. Não pediu a presença de um advogado quando estava sob advertência e respondeu a todas as perguntas.

— Sim. Respondeu.

— Existe alguma linha de investigação evidente?

— Não, senhor.

— Eu soube que o Mehenni assumiu a culpa pelas acusações e o tribunal concordou com uma pena de prestação de serviço comunitário, com a condição de ele se mudar da Kenley Villas, não foi?

— Sim, senhor.

— Isso é bom.

Sarah tinha uma sensação desconfortável de que Baillie já sabia como essa conversa iria terminar. Não quis oferecer a conclusão para ele, mas não conseguia pensar numa objeção eficaz. Baillie disse:

— Você fez um trabalho muito meticuloso investigando isso, portanto, por favor, não se sinta ofendida. Mesmo assim, acho justo dizer que, no final de todos os seus esforços, voltamos ao ponto de partida. Não sabemos exatamente o que o policial Matthews disse e está claro que jamais saberemos. E sabe de uma coisa? Talvez não faça tanta diferença.

— Senhor, isso é apenas parte de uma alegação maior...

Baillie levantou a mão como se estivesse interrompendo o tráfego.

— Espere aí, Sarah. Por favor, me dê o crédito por entender isso. Ouça. Talvez a gente deveria fazer um balanço, revisar o quadro geral. Alguns fatos nós sabemos com certeza: sabemos que o pai de Farah deu início a tudo com seu ódio pela vizinha. Sabemos que Farah sequestrou um menino de cinco anos e arriscou a vida dele. E o policial Matthews perdeu a vida, também sabemos disso. Essas são algumas coisas que sabemos.

Houve silêncio de novo.

Sarah pigarreou.

— E sabemos que Farah também está morta. Não vamos esquecer.

Baillie soltou o ar.

— Você acha que eu não me solidarizo com isso?

Ele esperou, mas Sarah não respondeu. Ele prosseguiu:

— Certo, Farah também está morta. Concordo com você, Sarah, não vamos nos esquecer disso. É uma tragédia, de fato, mas não temos como desfazê-la. A policial Griffiths fez um relato e também mostrou que o sustenta mesmo sob pressão. Griffiths subiu à cobertura e seus atos provavelmente salvaram a vida do menino. Sem dúvida, ela merece crédito por isso. Se não temos nenhuma prova contra ela que possa ser levada ao tribunal, ela é inocente. Não é assim que funciona a lei?

Sarah sustentou o olhar do chefe. Ele estava certo. Mesmo nos termos dela, ele estava certo. Pensou em Shaw. Se pudesse tê-lo feito parar naquela estradinha, talvez...

— Está na hora de deixar isso para trás, Sarah. Ninguém tem nada a ganhar arrastando este caso. É do interesse de todo mundo começar a seguir em frente.

Ele se virou de novo para o rio, talvez dando a Sarah tempo para pensar em suas palavras. Ela olhou para o menino com o peixe na parede, pensou no opérculo imobilizado numa tentativa prolongada de respirar, abrindo-se desesperadamente para o fluxo de água naquela estranha ondulação de carne, e de repente deduziu o detalhe da foto que a incomodava. Claro que o peixe não iria morrer. Os pescadores esportivos não matavam os peixes; tiravam fotos e depois os jogavam de volta na água.

O inspetor-chefe foi até o cabideiro no canto da sala. Estava tirando o paletó de um cabide. Na sua voz mal houve uma inflexão interrogativa:

— Então, no enterro vai estar claro que a polícia fez tudo que devia, Sarah?

Houve uma pausa.

Sara disse baixinho:

— Sim, senhor. Parece que sim.

Ele estava enfiando o braço na manga do paletó.

— Bom. Vou falar pessoalmente com o comissário. Vai ser ótimo para mim. Não é frequente ter a oportunidade de dar notícias boas. Ele vai ficar satisfeito com você também, sargento Collins, pode contar com isso.

Baillie ajeitou as lapelas e deu um passo na direção de Sarah. Estendeu a mão. Era calorosa e forte. Genuinamente calorosa. Podia se dar ao luxo de ser magnânimo, pensou ela. Ele abriu um sorriso largo.

— Parabéns pelo trabalho duro. Obrigado por ser tão meticulosa. Você mostrou que é uma investigadora muito talentosa e não vou me esquecer disso. É um alívio, como você disse antes, saber que cobrimos todas as hipóteses.

Steve acompanhou Lizzie pelos corredores do prédio. Ela era pequena e compacta ao seu lado e fez com que ele se lembrasse de uma pintura de Lowry, como se ela fosse um boneco de palito. Não conseguia deixar de pensar nela como uma menina. Apesar de, claro, Lizzie ser adulta e ter poder de prisão. Havia algo ridículo no cabelo amarelo descolorido e nos jeans largos demais, se bem que ele precisava lhe dar o crédito: ela havia feito um bom trabalho escapando da polícia.

Lizzie não jogou conversa fora, nem ele. Steve pensou em oferecer um cigarro ou um café, mas a conversa casual poderia instigá-la a revelar o que finalmente havia acontecido, e ele não queria ouvir toda a história. Mesmo assim, existiam coisas que precisavam ser ditas. Os dois estavam diante da pesada porta de vidro do prédio.

— Vou com você até o rio. Tem um pequeno quiosque lá. Preciso comprar cigarro.

Ele se encostou no portal e acendeu um cigarro. Os dois saíram à sombra do prédio. O vento soprava forte. Um varredor de rua com jaqueta fluorescente suja estava empurrando seu carrinho. Um chinês que vendia DVDs estava sentado a uma mesa vazia num *pub* tragando um cigarro. No vento, pacotes de salgadinhos vazios e embalagens de cigarros voavam pela calçada paralela ao trecho de rio. Steve abotoou o casaco. Lizzie perguntou:

— Como você me achou?

— Adivinhação. Você ligou para mim. Tentei adivinhar e tive sorte.

— Você é bom em adivinhação?

— Acho que sim, anos de prática. Mas acho que ajudou o fato de que você queria que eu te encontrasse. Por isso ligou para mim.

Ela não respondeu. Havia vergonha em estar na beirada e não pular.

— Então, Lizzie, isso é o fim.

Era ao mesmo tempo um conselho e um alerta.

Tinham chegado aos degraus que davam na ponte. Steve parou e segurou brevemente o pulso dela. O aperto era fraco, mas ficou claro que ele a estava retendo.

— Preciso dizer alguma coisa? — perguntou.

— Não.

Ele pareceu insatisfeito. Seu aperto aumentou ligeiramente.

— Você me entendeu?

Ela lambeu o lábio inferior.

— Entendi. E não precisa dizer mais nada.

Subiram juntos os degraus até a ponte. Havia um homem sentado com um cachorro preso por uma corda. Ao lado do cachorro, um chapéu virado para cima. O mendigo sacou que Steve era policial e nem tentou pedir dinheiro. Os dois entraram na ponte e caminharam alguns passos. Fazia frio ali, acima do rio. Ficaram lado a lado. A água cinzenta estava corrugada em ondas nítidas, opacas.

— Tenho uma pergunta, Lizzie.

— Sim.

— Por que você voltou à Portland Tower? Por que parou na beirada?

Lizzie não respondeu imediatamente. Estava encostada no corrimão, olhando para o rio. Depois cobriu os olhos com a mão. Steve esperou, e após um minuto ela afastou a mão e disse lentamente:

— Não sei. Não *acho* que eu quisesse pular. Talvez quisesse provar a mim mesmo que era capaz.

— Capaz de quê?

— Eu disse a Farah que, se ela deixasse o Ben vir comigo, eu iria para o lado dela. Mas não tive chance. Queria saber se seria capaz disso.

Steve se encostou no parapeito. Enfiou a mão no bolso do casaco para pegar os cigarros, mas voltou atrás.

— O que você vai fazer agora?

— Não sei. Pedir demissão, provavelmente.

— Não faça isso. Vá em frente. Todo mundo comete erros quando é novo no serviço. Hadley e Farah encontraram um ao outro. Nenhum dos dois queria recuar. Você achou que outras pessoas sabiam mais do que você. Agora sabe que não deve cometer esse erro outra vez.

A sargento detetive Collins tirou seus cigarros do bolso do casaco. Abriu a janela e saiu para o telhado. O corvo não estava à vista, e ela sentiu sua falta. Foi até a beirada. Não havia limite, só a queda sem proteção. Sempre teve medo de altura. Pensou, não pela primeira vez, que o problema não era cair, e sim a vontade de pular. Havia algo que ela talvez compartilhasse com Lizzie. Pássaros voavam em bandos, pequenos pontos escuros soltos no céu que ia escurecendo. Com os pés na beirada, olhou para o rio. Viu duas figuras paradas na ponte.

Steve e Lizzie estavam encostados no parapeito, o rio correndo rápido sob seus pés. Steve estendeu a mão e a colocou brevemente sobre a de Lizzie. Ela olhou para ele. Ele era um homem cujo rosto convidava a dizer a verdade, mas ela sabia que essa impressão era enganosa. Ele era policial, e não um padre, e para nenhum dos dois existiria valor numa confissão. Ambos tinham deduzido as consequências, que eram grandes demais. Steve disse:

— Não se demita, Lizzie. Fique no trabalho e seja uma boa policial.

Ficaram em silêncio.

Então Lizzie disse:

— Obrigada. Por tudo.

— Só estava fazendo meu trabalho.

Ele estendeu a mão e ela a apertou.

Ele se virou e foi embora, um homem magro, anônimo, usando casaco de lã e sapatos Clark discretos. Enquanto se virava para os degraus abrigados da

ponte, jogou uma moeda no chapéu do mendigo.

O dia estava escurecendo e as luzes da cidade brilhavam, acionadas por um milhão de células de cádmio. Reluziam rosadas contra o céu de madrepérola.

Lizzie ainda não conseguia pensar na cobertura do prédio.

Lembrou-se da voz insegura do outro lado da linha telefônica: *Você e eu... Não somos pessoas ruins. Somos pessoas boas.* Afinal, todo mundo achava que era bom. Lizzie tinha achado que era boa quando escreveu o depoimento apoiando Hadley.

O Tâmisia passava embaixo, cinza e frio. Lizzie se encostou na balaustrada como se fosse deixar o vento jogá-la na água. Imaginou a força da correnteza, o músculo impessoal do rio rolando-a com indiferença no vaivém das marés.

— Quer me contar o que disse a Lizzie quando a encontrou na Portland Tower ontem à noite?

Steve estava pendurando o casaco. Parou momentaneamente e depois terminou o que estava fazendo, antes de se virar de volta para a sargento detetive. Ela estava sentada com a mesa coberta de papéis.

Ele inclinou a cabeça um pouco de lado.

— O quê?

Sarah não se mexeu.

— O desempenho de Lizzie na entrevista foi muito seguro, no todo. O que você disse a ela na cobertura?

— Está no meu depoimento, Sarah. Leia o meu depoimento.

Sarah pegou um pedaço de papel na mesa.

— Eu li. Você recebeu o telefonema à 1h53, mas só a registrou na custódia às 3h12. Mesmo considerando o tempo para chegar lá, é um longo intervalo.

Steve deu de ombros.

Sarah sentiu que talvez não devesse colocar as suspeitas em palavras, mas não conseguiu se conter.

— Parou num Maccy D vinte e quatro horas, para um pouco de revelação não oficial, não foi? Ou simplesmente ficou rodando de carro? Contou a ela o que nós sabíamos, orientou sobre o interrogatório, como abordá-la? Algo assim? Não seria grande coisa, não é? Sem interferir com provas, nada disso. Só um pouquinho de aconselhamento. Quando paramos o interrogatório e você a

levou para a cela, trocou mais uma palavrinha com ela? Um pouco de incentivo, algum conselho, talvez, algo para ajudá-la a atravessar a parte difícil?

— Não seja ridícula.

— Ridícula? Você andou com ela até a ponte agora mesmo. Eu vi do telhado.

— Andei, sim. E daí?

— E *daí*? O interrogatório era tudo que nós tínhamos: era nossa única chance. Você sabia disso, e se a ajudou a enfrentá-lo, se contou a ela que não havia nada com que se preocupar, se a aconselhou a simplesmente negar tudo, não hesitar em mostrar Farah sob uma luz desfavorável... bom, isso serve como uma boa explicação para como ela se saiu bem.

Steve pôs o dedo indicador nos lábios, no gesto universal para pedir silêncio.

— Se eu fosse você, pararia agora.

Sarah continuou:

— E o tempo todo Baillie sabia de tudo que eu fiz. Eu achava que tinha sido por causa da amizade dele com o inspetor Shaw, mas não foi, não é? Foi você.

O rosto de Steve ficou vermelho.

— Informar o progresso de uma investigação a um oficial superior...

Sarah interrompeu, impaciente:

— É assim que você vê a coisa?

Ele inclinou a cabeça ligeiramente.

— É. E como *você* vê?

Houve silêncio. Então Steve disse:

— Tenho pena de você.

Sarah sentiu o maxilar trincando.

— Faz sentido.

— Mesmo se eu tivesse feito o que você disse, e daí?

— Não é possível, Steve. *E daí*?

Ele respondeu com um gesto de impaciência:

— É, e daí, Sarah? A garota tem vinte e poucos anos.

— E é policial.

— Você já viu esse tipo de caso no noticiário? Já leu o que o juiz diz na sentença quando manda as policiais viverem com os estupradores durante três anos?

— Você seria capaz de prender uma ladra de loja...

— Sarah...

— Mas não tem colhões para prender uma policial que corrompeu a justiça? Sarah tinha levantado a voz e se arrependeu imediatamente.

Steve a encarou por um momento, como se considerasse se deveria prosseguir. Depois disse:

— E é disso que você iria acusá-la? De corromper a justiça? Porque ela era inexperiente e apoiou um colega? Foi só isso que ela fez.

— Não foi só isso que ela fez, mas mentir já é bastante sério. Eles tomaram o telefone...

— Lizzie não tomou o telefone.

— É como se tivesse tomado.

— Não.

Sarah levantou a voz.

— Farah Mehenni, uma jovem desesperada, vulnerável, está morta.

Houve silêncio. Então Steve disse com suavidade:

— E eu lamento isso.

Sarah tentou organizar os pensamentos, falar com calma.

— A inexperiência de Lizzie é só um atenuante. E isso não é da nossa conta.

Eles ficaram em silêncio. Sarah ficou sentada à mesa como se tivesse algum trabalho a fazer. Steve voltou ao gancho para pegar o casaco. Ficou parado um momento, e então, de costas, disse baixinho:

— Não é de espantar que você seja tão solitária, porra.

— O nosso trabalho é levar as provas ao tribunal.

Sarah achara que estava insistindo, mas ficou chocada ao perceber que, pelo tom de voz, parecia estar implorando.

Steve se virou de novo para ela. Soltou o ar com força.

— Foi para isso que você entrou para a polícia? Para mandar uma garota tão inexperiente e jovem para a cadeia por ter cometido um erro idiota? Para

destruí-la? Quem mais pagaria um preço desses por um erro desses?

Sarah ficou furiosa.

— Não somos nós que devemos começar a decidir qual é a porcaria do nosso trabalho, é o tribunal, e não nós, que deve considerar os atenuantes...

— Ah, verdade. Repito minha pergunta. Foi para isso que você entrou para a polícia?

— Para fazer o meu trabalho? Sim, foi. Por quê? Para que você entrou?

— Bom, não foi para *isso*, com certeza, porra. Não me daria nenhum prazer colocar aquela garota diante de um tribunal. Nenhum prazer. Eu entrei para prender os bandidos...

— Policiais mentirosos e que praticam bullying. Esses *são* os bandidos. Uma adolescente está morta...

— E eu lamento isso, mas a culpa também é dela. A culpa é dela própria.

Sarah estava tonta. O que era essa maldição em que estava insistindo? Tinha acabado. Não havia mais ação. Será que simplesmente não gostava de ter sido suplantada?

Depois de um silêncio, Steve disse:

— Sarah, eu pedi para ser transferido.

Sarah assentiu olhando para baixo, como se fosse a mesa que tivesse falado, e ela concordou com a superfície dura e implacável.

— Mas também recebeu a oferta, não foi?

Ela sabia que era uma fala mesquinha. Desejou ter sido capaz de pensar em outra coisa para dizer.

Steve estava vestindo o casaco.

— Não dormi muito. Ia sugerir uma bebida, mas em vez disso vou para casa, para a cerveja que está na geladeira. — Ele enfiou o segundo braço na outra manga. Agora seu tom era racional, como se os dois estivessem compartilhando experiências.

— Eu me lembro de quando trabalhava no esquadrão de assassinatos. Tavena Smith, nunca vou me esquecer dela. Uma garotinha negra levou um tiro acidental de uns garotos babacas que estavam cantando vantagem numa lanchonete em Hackney. Nós sabíamos quem eles eram, mas não pudemos

pegar os desgraçados: todas as linhas de investigação foram seguidas e mesmo assim não chegávamos a lugar nenhum. Me fez ter saudade de quando a gente podia trocar uma palavrinha com eles na parte de trás de um furgão. Depois o chefe gastou cerca de meio milhão em revisão forense e um nerd detalhista encontrou uma gota de sangue na jaqueta de um dos suspeitos. Meu Deus, a satisfação que uns poucos corpúsculos podem dar para a gente, vou te contar. Aquela gota... me deixou excitado. Vão para a cadeia, seus merdas.

Steve fechou o zíper do casaco. Tateou os bolsos procurando a carteira do distintivo e a abriu como se estivesse verificando se ela ainda tinha seu rosto.

— Não consigo imaginar que eu teria essa satisfação com a gravação num celular de um policial dizendo *Bin Laden*. Em particular quando o policial em questão está morto. E você?

Ele enfiou o distintivo de volta no bolso.

Um argumento não verbalizado emergiu dentro dela. Sara lembrou-se de uma coisa não relacionada: no playground tinha afastado os meninos de uma aranha venenosa, mas depois não sabia o que fazer com o corpo torturado do bicho se retorcendo. Steve tinha ido em direção à porta. Sua mão estava na maçaneta, mas ele se virou de volta.

— Você é uma detetive muito boa, Sarah, de verdade. Mas seus talentos são desperdiçados. Qualquer queixa que você tenha com relação a mim, coloque no papel. Estou indo para casa. Vou ficar com as crianças nesse fim de semana e vou levá-las para andar de kart. Provavelmente vou exagerar na Coca-Cola e nos salgadinhos. O que você vai fazer, Sarah? Tem alguém para encontrar? Sinto muito por você, essa parte é verdade. — Ele parou, como se pensasse no próximo comentário. — Arranje um cachorro. Esse é o meu conselho. — Ele a encarou diretamente. — Arranje uma porra de um cachorro.

30 DE ABRIL

As ruas estavam ladeadas por uma linha preta feita de uniformes policiais. Nas proximidades da igreja os policiais conversavam e matavam o tempo. Alguns batiam os pés de vez em quando, para se manter aquecidos. Todos usavam uniformes de gala com luvas brancas. Os sapatos pretos tinham sido engraxados até um brilho militar. Batedores de moto com jaquetas fluorescentes e capacetes brancos apareceram primeiro, movendo-se lentamente pela esquina da rua. Atrás deles surgiram os faróis redondos do Daimler. Enquanto a carreata se aproximava, os policiais ficaram em silêncio, e à medida que o cortejo passava lentamente, todos ficaram em posição de sentido. A janela lustrosa do carro fúnebre refletia para eles seus uniformes pretos e os botões prateados. Então, enquanto o carro fúnebre virava uma esquina mais adiante na rua, o semáforo mudou e eles viram uma guirlanda de cravos brancos e vermelhos formando o número de Hadley.

O cemitério estava atapetado de narcisos. Em meio à grama e às lápides manchadas de líquens, as flores brilhavam como fragmentos de vidro amarelo. Os seis carregadores eram policiais. Erguido sobre os ombros, o caixão — coberto por uma bandeira inglesa com um capacete da polícia em cima — seguiu vagarosamente pelo caminho. Dez policiais da equipe de Hadley formavam uma guarda de honra na entrada da igreja.

O comissário assistente adjunto McFarland levantou-se e leu uma declaração preparada para a imprensa. Sarah estava de pé junto de Baillie, ao fundo. Usava um terninho Marks & Spencer e uma blusa de seda escura. O uniforme de McFarland estava perfeitamente engomado. A camisa branca

reluzia. O vento soprava no seu rosto, dando-lhe um ar de determinação. Ele falou com um microfone que fazia barulho com um sopro de vento que ameaçava arrancar as palavras para longe.

— O policial Matthews passou a vida profissional servindo e protegendo as pessoas desta grande cidade. Os pensamentos de todos nós estão com sua esposa e seus quatro filhos.

A mulher de Hadley, Mandy, estava sentada na parte da frente da igreja. Dos dois lados estavam os quatro filhos. Dois já eram jovens adultos. Os outros, Sarah sabia, tinham oito e dez anos. Richard e Ian. Dois meninos louros que normalmente usavam camisas de futebol, mas hoje estavam elegantes com paletós em miniatura. Um deles tinha herdado os cabelos de Hadley, que já estavam se espetando para cima e zombando da escova. Policiais se aproximaram da família. Apertaram as mãos de Mandy e das crianças. Mandy agradeceu e sorriu, ainda que seu rosto, quando relaxado, estivesse abatido. Era fácil conjurar o sono perturbado, os choros e a preocupação desde que Hadley tinha morrido.

Sarah olhou para os bancos à sua esquerda. Carrie Stewart estava ali, sentada junto de Ben. Tinha vestido o menino com elegância, num terno. No colo de Ben, Sarah podia ver as orelhas de um ursinho de pelúcia marrom. A policial Lizzie Griffiths não estava à vista.

Quando o caixão entrou na igreja, um sistema de som tocou o hino do Manchester United. Todo mundo voltou para seus lugares. Os policiais colocaram o caixão num catafalco diante da congregação e a música foi diminuindo com as palavras *Wem-ber-ley! Wemberley!*

O vigário disse:

— Nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem qualquer poder, nem o alto nem as profundezas, nem mais nada em toda a criação, poderá nos separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Sarah se lembrou das palavras de Younes Mehenni: “Toda alma deve sentir o gosto da morte.” A sargento carregava na carteira a foto em preto e branco de

Farah, que ele havia lhe dado. Talvez Younes não tivesse pretendido que ela a devolvesse, mas Sarah devolveria.

A família se aproximou do caixão e colocou flores. As crianças deixaram um cachecol do Manchester United. Carrie Stewart avançou com Ben. Ele colocou um ursinho da polícia na superfície lustrosa. Carrie tocou a madeira com a palma da mão.

O inspetor Shaw se levantou para prestar homenagem.

— Hadley teria desejado que eu dissesse alguma coisa engraçada... — Shaw olhou para o caixão e Sarah viu, com surpresa, que os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Ele se esforçou por um momento, engolindo em seco. — Desculpe, Hadley. Não consigo de jeito nenhum pensar em alguma coisa engraçada. — Quando olhou de volta para a congregação, ele havia se recomposto. — Só vou dizer... eu sei, Hadley, que você desejaria isso, que não mostrei à chefia o que vou dizer agora. Portanto, espero que seja aceitável.

Houve alguns risos de aprovação e Shaw assentiu ligeiramente antes de continuar.

— Depois da morte de Hadley Matthews, fui esvaziar o armário dele. Mandy tinha achado doloroso demais a ideia de fazer isso. Quando ligou para o meu celular, perguntou se eu me importava de cuidar dessa tarefa. Disse: “Você conhece o Hadley. Eu ficaria arrasada, e provavelmente haveria alguma coisa que não deveria estar lá.”

Ele fez uma ligeira pausa e continuou:

— Há algo a dizer sobre o armário de um policial. É ali que você guarda suas coisas, e o que está ali dentro é algo que só interessa a você e ao seu criador. Isto é, a não ser que o inspetor-chefe deseje olhar.

Isso foi recebido com outro murmúrio de risadas nos bancos. Sarah comprimiu os lábios e turvou a imagem diante dos olhos. Imaginou a realidade dele diante do armário. A busca apressada. O telefone, talvez, na mão dele.

— Desci a escada até os armários. Provavelmente existe alguma expressão chique para isso, que não consigo encontrar. Alguma coisa que captura a sensação de ir àquele porão com a chave do Hadley. As fileiras de armários de metal cinza. A equipe tinha saído para a patrulha, e eu precisando abrir um...

Shaw captou o olhar de Mandy. Isso pareceu lhe dar forças, porque ele continuou num tom mais casual:

— Em primeiro lugar, claro, Hadley tinha *dois* armários. — Ele balançou a cabeça, fingindo desaprovação. — E isso numa época em que a chefia diz para a gente devolvê-los. — Agora sua voz tinha um leve tom de agressão. — E para qualquer membro da imprensa que tenha conseguido entrar aqui sem ser convidado: não se empolgue. Não há nada sinistro em ele manter os dois armários. Nenhum segredo oculto, só que depois de quase trinta anos de serviço um sujeito *precisa* de dois armários.

Ele continuou:

— E o que havia naqueles dois armários não oficiais? Em um, uma coleção bastante grande de canetas pretas da polícia metropolitana. Desisti de contar quando passei de cem. Provavelmente são de interesse histórico. Um policial sempre tem uma caneta, e você precisa admitir, com relação ao Hadley: ele parece ter percebido pelo menos esse ponto. O que mais? Camisas da polícia, grandes, muitas camisas. Parece que ele pedia camisas novas, mas nunca se livrava das velhas. Bom, é difícil a gente se separar de uma camisa velha, vocês hão de concordar com isso. Colada na parte de dentro da porta do primeiro armário havia uma foto da esposa dele com os filhos. Não vou dizer que tipo de fotos alguns policiais grudam na parte de dentro dos armários. Mas Hadley, o menos sentimental dos homens, tinha uma foto da esposa. Ele sempre dizia que Mandy o salvou. Os dois criaram quatro filhos juntos.

Todas as cabeças se viraram para a família, reverenciando a perda.

— Agora Mandy terá que terminar esse trabalho sem ele. Garotos, eu sei que é difícil, mas Hadley sabe que pode contar com a mãe de vocês e eu sei que, no fundo do coração, vocês também sabem.

Ele respirou fundo.

— Para os que não conhecem Mandy, ela é outra daquelas pessoas que chamamos de humildes. A imprensa e os políticos chamam pessoas como Mandy e Hadley de “heróis anônimos”. Isto é, quando não as estão enganando e votando aumentos de salário para eles próprios. Mandy é enfermeira, funcionária pública. Passou a vida profissional limpando a sujeira de pessoas

que ela não conhece, segurando a mão delas e fazendo o máximo que podia. Hadley sabia identificar o bom senso. Assim, Mandy, neste momento pode não parecer, mas de algum modo eu sei que você vai superar isso.

Ele continuou sem pausa:

— Hadley não tinha patente e não trabalhava num esquadrão glamoroso. Nada de investigações de assassinato, nada de se esconder, nada daquele negócio de cavaleiro Jedi. Também não tinha dragonas enfeitadas nos ombros. Ninguém o chamava de “senhor” e ele jamais desejaria isso. Ele era um policial do cotidiano. Turno da manhã, turno da tarde, turno da noite: a vida toda atendendo a chamados de emergência. Jamais trabalhou sem uniforme. Sentia um desprezo pelo Departamento de Investigações Criminais e gostava de dizer que os policiais uniformizados enfrentavam e solucionavam mais crimes. Podia ser poético com relação a isso. Na verdade, ele falava sobre isso *o tempo todo*.

E prosseguiu:

— Ele acreditava demais na simplicidade, o que é certo e o que é errado, o castigo se adéqua ao crime, esse tipo de coisa. E ultimamente seu estilo anda fora de moda. Ele tinha princípios, e eram princípios que as pessoas que não fazem parte do serviço provavelmente não entenderão. Ele jamais chamava um superior de “senhor”. Era sempre “chefe”. E isso servia até para o comissário-geral. “Chefe” indica respeito, mas não demais. Policial raso era a patente mais importante da polícia metropolitana: essa era a opinião do Hadley, e ele estava certo.

Shaw respirou fundo e mudou de assunto.

— Quando chegava ao trabalho, ele estava invariavelmente usando calça de moletom e alguma camisa de futebol medonha. Qualquer pessoa que o visse entrando na delegacia acharia que ele estava retornando para pagar uma fiança. Ele era mais engraçado quando se preparava para o tribunal. Eu adorava esses momentos: Hadley emergindo do vestiário com os sapatos brilhando, o cabelo grudado com creme modelador.

Shaw parou e encontrou Sarah no meio da congregação. Encarou-a diretamente, como se a desafiasse. Algumas cabeças se viraram para ver quem

havia atraído seu olhar. Ele tossiu e houve alguns risos confusos. Em seguida, voltou a falar:

— Na sala dos policiais no tribunal, a túnica de Hadley era abotoada, mesmo parecendo impossível. “Seria desperdício de dinheiro dos contribuintes encomendar uma nova”, ele me disse uma vez, lutando com os botões. “Eu só precisaria arranjar uma nova daqui a seis meses. E não sei o motivo, porque adoro alface.” Quando chegasse a hora de dar o depoimento, um botão teria se soltado e o cabelo estaria espetado de novo. Acho que devia ser feito de arame. Lembro de vê-lo xingando no banheiro, tentando dar um jeito na aparência, à força. Se por acaso eu olhasse para ele, ele dizia: “Nem uma palavra, chefe. Nem uma palavra.” Mas, apesar da batalha perdida contra o fenômeno do próprio corpo, quando subia ao banco de testemunhas, Hadley sempre impressionava. Impressionava porque ele próprio não se impressionava com ninguém. Ele não tinha nenhuma motivação oculta, apenas um cansaço diante do papo furado da maioria dos seres humanos e uma simpatia simples e sincera pelos que sofriam.

Shaw respirou fundo outra vez.

— Vou sentir falta dele. Claro, todos os policiais que trabalharam com ele também vão sentir. Mas eu diria que também existe um monte de gente que jamais saberá que sente falta do Hadley. Elas não saberão que um policial antiquado não patrulha mais as ruas de Londres. Não saberão o que perderam. Ele não vai estar lá para botar bom senso na cabeça dos jovens. Não estará lá para fingir que não viu, quando for a coisa certa a fazer. Não estará lá para encontrar um modo não ortodoxo de resolver um problema. Não estará lá com uma gentileza simples. E não estará lá para lembrar ao resto de nós como é que se faz: o estilo de trabalho policial antiquado que sempre foi o inimigo secreto da tirania e da idiotice em Londres.

Ele sorriu.

— Não se preocupem, já estou quase no fim. Em um minuto poderemos todos tomar cerveja e comer sanduíches. Só mais uma coisa. Ainda não contei o que Hadley tinha dentro do outro armário. Alguns de vocês já devem saber, mas o resto...

Shaw encarou sua plateia.

— Agora calma, todo mundo, não há com que se preocupar. Nenhuma surpresa negativa. Alguém adivinha, então?

Seu olhar encontrou Sarah e um leve sorriso passou pelo rosto dele. Ainda estava olhando para ela quando voltou a falar.

— Colada na porta do segundo armário, Hadley tinha uma foto do time do Manchester United de 1968. — Ele afastou o olhar de Sarah, virando-se para a esposa de Hadley. — É uma foto fantástica. E se você não se importa, Mandy, eu fiquei com ela. Já está emoldurada na minha mesa. Que momento glorioso ela captura! Matt Busby, Bobby Charlton, Denis Law, George Best, com apenas vinte e dois anos e explodindo de talento. Uma vez Hadley me disse que na filmagem da final do campeonato europeu em Wembley em 1968 há um menino muito pequeno atrás do gol do Manchester United, e o menino era ele. George Best no campo: era a inspiração de Hadley. Um jogador que cortava direto o papo furado e era capaz de identificar uma coisa boa e pura quando via. — Shaw engoliu em seco. Mal conseguia dizer as últimas palavras, e a congregação se inclinou para captá-las. — E é assim que vou me lembrar de Hadley Matthews: um homem que lutaria por uma coisa boa e pura.

Os policiais se espalharam no cemitério, uniformes escuros em meio às lápides. Mandy estava tendo uma conversa rápida com Carrie Stewart. Sarah, sozinha, viu as duas se abraçarem. Ben estava correndo em meio aos narcisos e Carrie gritou para ele não subir nas sepulturas.

Sarah estava doida por um cigarro. Jez se aproximou e parou ao seu lado.

— Você fez um bom trabalho, Sarah. Deu tudo de si.

— Obrigada, Jez. De verdade.

— Vem, não adianta ficar aqui. Vou levar você para tomar alguma coisa. Prometo não ser idiota. — Jez olhou para o inspetor Shaw. O desprezo em sua voz era nítido. — E George Best, por sinal, era um bêbado terrível que jogou fora tudo que recebeu.

Uma tarde fria estava se assentando. Lizzie pegou o casaco e as botas de borracha e destrancou a porta do trailer fixo onde estava morando.

Seu pai tinha levado a família para Pagham quando a mãe foi embora. Era um lugar onde ela tinha *permissão*: todas as regras usuais tinham sido suspensas. Ninguém precisava se lavar e você podia tomar quantos sorvetes quisesse. Foi um breve tempo de calor de rachar e gritos de crianças mergulhando no mar a pele queimada de sol.

No entanto, em abril esse era um lugar mais frio, mais silencioso. A praia se estendia até longe, pedrinhas azul-acinzentadas e névoa. Estranhas plantas que suportavam o sal, com folhas espinhentas e frutos globulares, seguravam-se firmes apesar do terreno móvel. O horizonte era uma névoa azul. A beira-mar, uma fronteira deserta de bangalôs e oficinas mecânicas, só era separada da vastidão do mar pelo cascalho. A água se avolumava em um azul frio, ficando cada vez mais escuro.

Os pensamentos vinham sem parar e em momentos inesperados. Enquanto escovava os dentes, ao ligar o carro: ali estava. Caindo, caindo pelo espaço, pelo negrume. Não era algo desejado nem considerado. Pelo contrário, era inevitável, inescapável, uma possibilidade que ela já rejeitava mas mesmo assim subia por dentro, contra a vontade. Uma imagem escura que se apresentava como uma oferta, sua própria imagem, juntando-se a elas. Seu próprio corpo silenciado, na areia, no cascalho ou no concreto.

Estava claro que não conseguiria trabalhar. Os procedimentos disciplinares tinham sido suspensos por enquanto. Lizzie tinha tirado licença por motivo de

saúde.

Era verdade o que tinha dito à sargento detetive Collins. Para começo de conversa, sua lembrança da cobertura do prédio era de escuridão, com apenas sensações e fragmentos dentro desse espaço. O rosto do menino. A sensação cortante do vento frio. Mas a memória havia se preenchido e aprofundado lentamente, cada detalhe transbordando de significado. Aqui, sozinha em Pagham, tinha deixado que a lembrança se desenrolasse devagar, como se puxasse um fio emaranhado no fundo dela.

Lembrava o rádio da polícia de pé em cima da sua mesa, falando sem parar enquanto ela completava a papelada do caso Mehenni depois de fazer a acusação contra ele. Tinha deduzido que esse devia ter sido o intervalo de tempo em que a coisa acontecera. Tinha-o visto ir cheio de raiva até a filha na recepção da delegacia, mostrando a ela o papel da acusação e os documentos da imigração, dizendo que tinha sido preso preventivamente e depois deixando-a enquanto se virava com a policial encarregada da detenção, indo para a cela.

Imaginou Farah Mehenni voltando sozinha para aquela cozinha estranha com o linóleo florido e o lambri de pinho. Se perguntou se a avó estava em casa ou se a casa estaria vazia. Quem sabe que escuridão, que temores, teriam se revirado dentro de Farah? Certamente devia ter parecido, no mínimo, tremendamente injusto, solitário — seu pai numa cela e nenhuma consequência para Lizzie ou Hadley.

E Farah tinha tentado ligar para ela.

Lizzie ainda se encolhia evitando essa informação: Farah digitando o número do seu celular e descobrindo que ele tinha sido desconectado. Sua última traição.

Imaginou Farah entrando no quintal negligenciado. Podia ver as lajes manchadas do pavimento, a budleia selvagem, a caixa de areia abandonada por outra família que havia partido muito tempo antes. Do outro lado da cerca, o banco de ferro fundido e o canteiro de campânulas. Ben com sua fantasia de urso brincando com o spaniel, Charlie. Imaginou Farah se aproximando, falando com ele, convencendo-o, levantando-o silenciosamente por cima da cerca.

Lizzie nem tinha percebido, na primeira vez em que o despacho foi transmitido pelo rádio. Só na segunda prestou alguma atenção.

— Menino branco, cinco anos, usando fantasia de urso. Supostamente foi tirado do quintal de casa. Desaparecido há cerca de vinte minutos. Alguma unidade disponível?

E então ouviu a outra chamada, o suposto risco de suicídio no edifício Portland Tower. Entendendo imediatamente, não transmitiu nada. Em vez disso, desceu correndo a escada da delegacia e foi até seu carro. Ligou o veículo e o portão da delegacia se abriu diante dele. O tráfego abriu caminho, mas a rua em que ela entrara estava engarrafada de ponta a ponta. Apertou o meio do volante e a sirene uivou. Estava fazendo mais de oitenta na pista para ônibus e um radar a fotografou. As falas no rádio estalavam, queimando. Então ela rezou intensamente para não haver consequências, nenhuma consequência e nenhum dano, por favor, Deus, nada de mau para o menino de cinco anos vestido de urso.

A pista para ônibus terminava no cruzamento. Lizzie foi obrigada a forçar passagem entre os carros, buzinando e entrando na contramão. Saiu da rua principal, serpenteando pelas partes estreitas e nas minirrotatórias até parar diante da porta principal da Portland Tower.

O edifício se erguia acima dela, emoldurado por um céu azul luminoso.

Os painéis de vidro fosco no saguão eram reforçados com aramado hexagonal. Lizzie empurrou a porta pesada. Ela mal se mexeu contra a forte fechadura automática. Lizzie digitou o número do primeiro apartamento e apertou o botão de chamada. A campainha tocou com um zumbido alto, insistente. Ninguém respondeu. Lizzie bateu na parede, frustrada, depois digitou outro número. A campainha tocou de novo, áspera, indiferente. *Meu Deus*. Nunca tinha se sentido tão frustrada ao perceber como ela era ruim em entrar em prédios. Hadley tinha uma chave dos bombeiros: ela precisava dele agora, quando mais o odiava.

Mas então, ali estava: a costumeira voz hostil dos bairros pobres. A pergunta que não revelava nada e não fazia promessas.

— Sim?

Lizzie mostrou o distintivo para a câmera.

— Polícia.

Não houve resposta.

Digitou o número de novo. A campainha tocou.

— O que você quer?

— Me deixe entrar. Não é para você. Tenho autorização para entrar, e se você não deixar, o tribunal vai querer saber o motivo.

A fechadura se abriu com um estalo anônimo. Lizzie empurrou a porta rapidamente e a escuridão do saguão se revelou. Com um pé na porta, estendeu a mão de volta para a calçada e a manteve aberta com uma lata de Coca. Começou a subir a escada, entrando e saindo dos raios de sol da tarde enquanto chegava aos corredores abertos e depois voltava para a escada escura. No último patamar havia a bocarra sombria da escada de serviço que levava à cobertura. Inclinou-se, apoiando as mãos nas coxas, respirando fundo. Depois de uma pequena pausa, subiu silenciosamente a escada de serviço. A porta corta-fogo estava trancada, mas ela viu, no canto do degrau de cima, a chave dos bombeiros com o barbante marrom. A chave de Hadley.

A porta se abriu para dentro. Quando Lizzie saiu da escuridão da escada, a luz do sol jogou tudo numa claridade indecifrável. Ela protegeu os olhos contra a vastidão de céu, que ia ficando rosa rapidamente. Então a cena se condensou e ficou clara para sua visão ofuscada.

Hadley estava na beira da cobertura. Para além dele estava a garota, Farah, e junto dela a pequena figura de Ben. As costas do menino estavam viradas para Lizzie. Ela conseguia identificar a forma da fantasia de urso, as orelhinhas peludas.

Quando chegou perto ao parapeito, Lizzie viu que havia cerca de um metro de superfície firme entre o muro e a borda. Era ali que os três estavam.

O vento era frio e intenso, chicoteando sem remorso a superfície alta, como se estivessem no topo de uma montanha. As consequências da queda provocavam uma sensação física dentro dela. Hadley se virou para olhá-la por cima do ombro. O rosto tenso e temeroso a deixou irritada. Então o menino

também se virou. O rosto dele estava retesado de medo, e de perto Lizzie viu que ele tinha chorado.

— Olá, moça da polícia. — Seus olhos estavam indescritivelmente arregalados, e o medo fazia com que ele tentasse demonstrar o melhor comportamento possível. Vê-lo assim encheu Lizzie de um terror quase impossível de ser contido.

— Ben, você está se saindo muito bem. Quero que você fique calmo. Pode fazer isso para mim?

O único sinal de concordância foi uma inclinação minúscula da cabeça.

— E segure firme a mão de Farah.

De novo a cabeça se inclinou: ele ia ser bonzinho e tudo ia ficar bem.

Por um instante, Lizzie captou o olhar de Hadley. Ele parecia estar tentando se comunicar com ela, como se por telepatia, buscando algum tipo de estratégia compartilhada, talvez. A princípio, o terror fez Lizzie parar de pensar: todos eles estavam perto demais da borda. Mas então, de repente, ela percebeu a simplicidade medonha daquilo. Imaginou o telefone de Farah tomado, de algum modo, tirado da sua mão ou arrancado à força do bolso.

Como poderia interromper esse jogo terrível, idiota? Disse:

— Farah, eu sinto muito.

A garota a olhou de maneira impassível.

— Agora sente muito.

— Eu não sabia...

— Você não sabia, mas contou a ele, não foi? O que você achou que iria acontecer?

Lizzie olhou para Hadley e viu que os olhos dele tinham abandonado a complacência costumeira. Era irritante vê-lo tão paralisado. Num gesto quase imperceptível ele virou as mãos lentamente para fora, mas Lizzie não decifrou o movimento.

Farah disse:

— Eu mandei ele não falar. Ele já falou o suficiente.

Lizzie se esforçou para pensar na coisa certa a fazer, mas tudo que lhe veio à mente foi um terror que silenciava, a premonição de uma catástrofe duradoura.

Então outro pensamento surgiu. Talvez Farah estivesse esperando por ela. Talvez sua chegada tivesse completado a plateia. Como isso terminava? Não podia ver o rosto de Ben, só as costas — a fantasia de urso e as duas orelhas.

De qualquer modo, Farah estava olhando para Ben. Ela disse:

— Você confia em mim, Ben?

De novo houve um movimento mínimo da cabeça dele, uma levíssima confirmação.

— Você confiaria em mim se eu dissesse que você ficaria totalmente seguro se a gente pulasse junto? Eu sei voar.

Ben se virou lentamente para olhar por cima do ombro, na direção de Lizzie. Seus olhos estavam arregalados com uma pergunta. Lizzie não ousou interromper, sentia medo de qualquer palavra ou gesto que pudesse ser considerada um desrespeito. Com o máximo de confiança que conseguiu, deu uma pequena confirmação. *Sim, Ben, confie nela.* E ele se virou para Farah e disse em sua voz aguda de menininho:

— Tá, eu confio em você.

Farah olhou de novo na direção do vazio lá embaixo. Lizzie viu a mão dela apertar a de Ben. Falou rapidamente:

— Farah, me deixe ficar na beirada com você. Seria justo. Ben não tem culpa de nada, mas eu sim. Você está certa: agora eu sinto muito. Muito. Solte o Ben e eu fico perto de você.

Farah ainda estava olhando para fora. Ben segurava a mão dela com força, como se eles fossem atravessar uma rua movimentada. Lizzie tinha dito para ele segurá-la e ele estava fazendo o que a moça da polícia havia mandado. Lizzie olhou para Hadley, mas Farah o havia deixado impotente. Ele não ousava falar nem se mexer. Mas ainda havia algo atento nele.

— Foi injusto; dá para ver — disse Lizzie. — Nós pegamos pesado com você e achamos que não haveria consequências.

Podia ouvir como suas palavras eram inadequadas, mas não conseguia pensar em mais nada para dizer. Farah murmurou algo baixinho. Lizzie não conseguiu ouvir. Disse:

— Por favor...

A menina falou por cima dela, num tom mais alto. Parecia desesperada, amedrontada.

— Eu confiei em *você*. Não achei que você era igual a *ele*.

Houve silêncio. O vento chicoteava ao redor.

— Ele *zombou* de mim.

Hadley fez um pequeno gesto, como se fosse falar. Farah levantou a mão livre: *Não*. O menino soltou um minúsculo guincho de nervoso, como se soubesse instintivamente o compasso e a batida exata da música tocada na cobertura.

Pássaros giravam lá em cima, empurrados pelo vento. O céu estava riscado por trilhas de aviões.

— Eu costumava vir aqui em cima, depois da escola — comentou Farah. — Era um lugar onde eu podia ficar sozinha. Mas dois dias depois de eu telefonar para você, ele estava me esperando na escada, no escuro. Não sei se ele tinha me seguido ou não, mas ele estava ali. Tirou o telefone da minha mochila da escola... Ele disse — Farah olhou para Hadley, cheia de ódio. — *É que nem um carcamano: traz uma faca para um tiroteio*. — Em seguida, se virou para Lizzie. — Eu não sabia o que isso significava, por isso procurei no Google, e é de um filme idiota, *Os intocáveis*. Dá para acreditar? Dá para acreditar que ele disse isso? Será que ele achou que estava sendo *engraçado*?

Lizzie não conseguia se obrigar a olhar para Hadley. Estava com muita raiva. Por que ele tinha dito isso? Bravata? Intimidação? Será que ele tinha achado *mesmo* que era *engraçado*? Disse:

— Sinto muito mesmo, Farah. De verdade, eu estou morrendo de vergonha. Se você passar de volta por cima da mureta, pode falar sobre isso com alguém independente. Dessa vez eu vou contar a verdade. Prometo.

Farah balançou a cabeça.

— Não vai, não. Você não entende. Eu *odeio* você. Por que eu iria confiar em você, depois de tudo isso?

Ecoando na praça de concreto embaixo, Lizzie escutou o uivo de sirenes.

— Olha, você acha que não tem como voltar, mas isso é porque você é jovem. Sei que parece terrível, mas não vale a pena morrer por nada disso.

Existe um caminho de volta. Me deixe ficar perto de você, aí você pode ter tempo para se decidir. Sei que não é justo. Se alguém precisa pagar, por favor, deixe que seja eu, e não o Ben. Ele é inocente.

E então Farah gritou feito louca, de súbito:

— Mas eu sou inocente! Eu também sou inocente!

Ben gritou de terror. Farah tinha posto a mão direita no muro, para se firmar, e então olhou pela beirada, puxando-o para a frente. Até mesmo essa pequena ação era perigosa; o minúsculo ajuste de equilíbrio poderia ser fatal. A mão esquerda dela ainda apertava a do menino. Lutando para dominar o terror, Lizzie deu mais um passo à frente e se ajoelhou junto à mureta. Dali podia ver a multidão se juntando no concreto lá embaixo.

— Farah, por favor, você é inocente, é sim. Mas ele é uma criança. Eu me lembro de você dizendo... como foi mesmo que você disse?... que você era *boa*. Acredito nisso, Farah. Acredito que você é boa. Não acredito que você queira fazer mal a uma criança. Segure ele, eu vou colocar as mãos em volta da cintura dele e ajudá-lo a passar por cima. Ou posso primeiro ficar ao seu lado e nós podemos passá-lo juntas. Ficarei ao seu lado na beirada. Aí você decide o que fazer.

A proximidade do desastre estava fazendo os braços de Lizzie tremerem e as mãos suarem.

De repente, Ben falou, a voz saindo como um guincho apavorado:

— Por favor, Farah.

Farah olhou para ele. Pôs a mão dele na mureta, com a dela em cima. Lentamente, se agachou do lado oposto do dele.

— Ben, vou deixar você ir. Mas quero que você lembre que eu deixei você ir. Você vai lembrar?

Os olhos de Ben se viraram para Lizzie. Ela assentiu rapidamente. Ben disse devagar:

— Vou. Vou lembrar que você me deixou ir.

Farah soltou a mão dele. Rapidamente, antes que a garota pudesse mudar de ideia, Lizzie se inclinou e envolveu a cintura dele com os braços. O menino se virou para ela. A respiração dele estava quente e rápida no seu rosto. Ele se

agarrou a ela, quente e peludo na fantasia de urso. Mesmo assim, Lizzie teve medo de Farah mudar de ideia ou de que algum erro terrível acontecesse.

Disse baixinho:

— Ben, passe com muito cuidado por cima do muro. Use as mãos. Segure-se em mim. Segure com força. Você pode me segurar com quanta força quiser. Não solte. Nem por um segundo.

Ela apertou os dedos da mão esquerda em volta do pulso direito, para que o menino não pudesse cair. Independentemente do que acontecesse, iria segurá-lo. Jamais iria soltá-lo. Ele estava subindo e ela o segurou com força. As mãozinhas estavam em cima da cabeça dela e no ombro. Ele pôs uma das mãos em cima do olho esquerdo dela e apertou seu rosto. Era como um jogo. Uma perna estava em cima da mureta. Ela afastou a cabeça para não atrapalhar. Podia sentir o peso do menino mudando de posição, o calor do corpo dele. Ben estava se movendo rumo a segurança. Tudo ficaria bem. Ela ficaria na beirada e Farah concordaria em evitar um desastre.

O menino estava com os dois pés na laje, do lado de Lizzie. O peso dele ainda se apoiava nela. Lizzie se virou para a direita. Hadley atraiu seu olhar e ela percebeu imediatamente que, claro, ele jamais deixaria que ela saísse para a beirada. Ele disse:

— Sinto muito, Lizzie. Sinto muito de verdade.

Farah também parecia saber como a coisa acabava, porque olhou para Lizzie e em seguida se inclinou para fora. Havia algo triste no movimento, e a voz de Lizzie foi arrancada do peito num ruído terrível, desconhecido para ela. Tentou agarrar a garota, mas ela estava muito longe. O braço de Hadley também se estendeu, a mão aberta enquanto ele tentava agarrar Farah e caía.

E então havia apenas ausência. Lizzie ouviu o suspiro terrível da multidão lá embaixo.

O menino estava de pé ao seu lado. Ela não conseguia respirar. Ele a estava envolvendo com os braços.

— Não chora, moça boazinha da polícia.

Kieran estava ali quando ela não conseguia entender nada.

Ele não a abraçou. Nesse momento de desastre, em vez disso optou por dizer:

— Uma pessoa fez uma chamada dizendo que ela estava aqui em cima na cobertura.

Lizzie não entendeu por que ele tinha dito logo isso, mas agora compreendia os motivos. Kieran queria que ela pudesse explicar sua presença na cobertura se não tivesse ouvido o despacho falando da Portland Tower.

O menino estava no seu colo. Ela tremia, mas o segurou com força. Estava sentindo cada vez mais frio. Precisava continuar segurando Ben. Ele era seu consolo. Mas a mãe dele estava lá embaixo, esperando a sua volta. A detetive tinha explicado, ajoelhando-se ao lado dela: Lizzie precisava soltar Ben para ele ir até a mãe. O menino foi arrancado dela. Separar-se dele a fez chorar.

Na ambulância, o paramédico tinha enrolado um cobertor prateado em volta dela e dito para ela se deitar. Perguntou seu nome e a data de nascimento. Lizzie conhecia a rotina das perguntas, mas eram estranhamente inaplicáveis a ela. Não estava ferida. Não era vítima.

— Estou bem.

O paramédico tinha uma prancheta e um formulário amarelo que ele estava decidido a preencher. Lizzie sentiu o entorpecimento se espalhando. Fechou os olhos. A voz dele era como o zumbido de um mosquito, distraíndo-a. Sentia as possíveis consequências penetrando fundo na sua vida e se espalhando como as ondas de choque de um tiro.

Era isso que lembrava: o choque vindo em ondas, como o rugido do mar junto ao ouvido. A maré arrancando as pedrinhas redondas de baixo dos seus pés.

Começou a andar pela praia. As pedrinhas, em tons de cinza e azul, faziam barulho e se mexiam embaixo dela.

Se Farah tivesse aceitado sua oferta, se tivesse passado pela mureta para a segurança, será que Lizzie teria cumprido com a palavra? Teria contado a verdade sobre o depoimento e o telefone, todo o episódio vergonhoso?

Bom, isso era passado. Farah não aceitou a oferta. Inclinou-se para a beirada e agora estava morta. Lizzie tinha decidido fazer o que qualquer outra pessoa

faria. Tinha decidido escapar das acusações. Agora, de algum modo, precisava refazer a ideia que tinha de si mesma.

Hadley já devia estar enterrado. Lizzie imaginou as pessoas enlutadas em volta da sepultura, o som da terra caindo sobre o caixão e depois a solidão fria do cemitério. Lembrou-se dele sentado com a tartaruga na palma da mão, a perfeita geometria hexagonal do casco do bicho.

O celular no bolso do seu casaco zumbiu. Ela o pegou e leu a mensagem. Era de Kieran. Estava preocupado com ela. Queria encontrá-la.

Olhou ao longo da beira-mar, para as luzes do café. Imaginou Kieran sentado diante de uma xícara de chá, esperando-a. Virou-se lentamente e começou a andar pela praia na direção dele.

O mar murmurava e batia de maneira incansável. Lizzie não conseguia avaliar os próprios sentimentos. Eles se moviam dentro dela, profundos, mudando-se sob um peso imponderável de água.

AGRADECIMENTOS

Estou em dívida para com Anne-Marie Doulton e Margaret Stead pelo apoio, pelo incentivo e por defenderem meu caso. Amor e gratidão a Uri, Daveed e Yoni pela tolerância, gentileza e pelo humor. Amor e gratidão também a Jane Robinson pela paciência. Pelos risos e pelas coisas sérias, agradeço a Paul Needley, José Lagares, Gordon Hughes, Lee Spicer, Harbir Kooner, Adam Ghaboos, Craig Burnett, Monique Nolan, Richard Scudamore, Kevin Hurley, Neil Scrimgeour, Michelle Colyer, Simon Fricke, Steve Wallace, Gaye Lloyd, Rita Tierney, Steve Ramshaw, Dean Westwood, Ed Rigby, Richard Clark, Lee Baker, Jennie Morley, Esther Sinclair, Jason Montanana, Mike Armstrong, Asli Benson, Julie Rowe, Ross Foxwell... Assim que comecei a escrever esta lista, percebi que ela jamais ficaria completa. Devo gratidão, respeito e afeto a muitas pessoas com quem trabalhei na polícia metropolitana — que ainda estão por lá, desempenhando um papel difícil.

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITOR RESPONSÁVEL

André Marinho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Júlia Ribeiro

Allex Machado

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Huendel Viana

REVISÃO

Pedro Staite

Thaís Carvas

DIAGRAMAÇÃO

Ranna Studio

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

Romance eleito Melhor Thriller Nórdico pelo Glass Key Award

TOVE ALSTERDAL

A RAIZ DO MAL

"Repleta de reviravoltas e personagens bem
construídos, este livro traz o melhor do noir
suco em seu lado mais obscuro."

Publishers Weekly



A raiz do mal

Alsterdal, Tove

9786589132745

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Todos em Ådalen sem lembram do verão em que a jovem Lina Stavred desapareceu. Sem nenhuma evidência — nem o corpo nem arma alguma foram encontrados —, a polícia local teve de dar o caso por encerrado. Quando Olof Hagström, um adolescente de apenas 14 anos, confessou ter matado Lina, uma ferida foi aberta entre os moradores da cidade — e ainda permanece incurável mais de duas décadas depois. Vinte e três anos após ter sido enviado para uma instituição e exilado de sua família, Olof retorna para as pequenas estradas que levam à sua casa de infância e acaba se deparando com uma cena trágica: o corpo do pai morto sob o chuveiro ligado, com um ferimento que parece ter sido causado por uma faca de caça. A policial Eira Sjödin acabara de regressar à região onde cresceu para cuidar da doença da mãe. Tinha apenas nove anos quando Lina foi assassinada, e aquele nome, "Olof", protagonizou seus mais vívi-dos pesadelos. Agora, assumindo a investigação do assassinato do pai dele, Eira precisa enfrentar seus medos mais enraizados — é a chance de desenterrar a verdade que a assombra por tanto tempo, a verdade que todos gostariam de esquecer. Com uma trama envolvente e psicológica, A raiz do mal

mistura culpa e memória para elaborar um suspense de altíssima qualidade, provocando o leitor até a última página.

[Compre agora e leia](#)



ALGUÉM LEVOU DAISY.
ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE.

ONDE ESTÁ DAISY MASON?

UM CASO DO DETETIVE
ADAM FAWLEY

CARA HUNTER

Mais de **500.000** exemplares
vendidos em todo o mundo

Onde está Daisy Mason?

Hunter, Cara

9786589132103

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Uma história que não dá para parar de ler." — Ian Rankin, autor best-seller do "New York Times" "Hunter fez um trabalho brilhante, mantendo o leitor se questionando até a última página." —

"Publishers Weekly" Eleito Gold Bestseller pelo Nielsen Bestseller Awards 2019 Indicado a Crime Book of the Year pelo British Book Awards 2019 Ontem à noite, Daisy Mason, uma garotinha de oito anos de idade, desapareceu de uma festa de família. Ninguém naquela discreta e silenciosa rua residencial viu nada — ao menos é o que estão dizendo. Mas como é possível uma criança desaparecer sem deixar rastros? O detetive Adam Fawley precisa manter a mente aberta e desconfiar de cada ação suspeita. No entanto, ele sabe que, em cada dez casos como este, nove revelam que o culpado é alguém que a vítima conhece. Isso significa que alguém está mentando... e que, para Daisy, o tempo está se esgotando.

[Compre agora e leia](#)

As duas o amaram.
Mas qual delas o matou?



EX- MULHER



**Tess
Stimson**

"Ex-Mulher é muito mais
atrepelante que Garota
curopêta e com muito mais
plot twist que A garota no
trevo." - Jane Green

Ex/Mulher

Stimson, Tess

9786589132417

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de ter sido deixada, Louise teve que assistir a seu ex-marido, Andrew, iniciar uma nova família. A "outra" agora é sua esposa, mas Louise não está pronta para deixar Caz viver a vida que já foi dela, nem para abrir mão do homem que ainda ama. Quando Louise começa a investigar o passado de Caz, o respeito que até então se mantinha entre as duas fica no limite: tentando atingir uma à outra, elas descobrem mais sobre o homem com quem se casaram. Até que Andrew é assassinado durante uma festa de família, e as duas mulheres são encontradas diante do corpo. Uma das esposas pode ser a culpada... mas qual?

[Compre agora e leia](#)

DA AUTORA DE
ONDE ESTÁ DAISY MASON?



EM UM PORÃO ESCURO

UM CASO DO DETETIVE
ADAM FAWLEY

CARA HUNTER

VOCÊ IMAGINA O QUE
PODE ESTAR ESCONDIDO
NA CASA AO LADO?

Em um porão escuro

Hunter, Cara

9786589132752

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma jovem e uma criança foram encontradas em um porão, trancadas e já quase sem vida. Ninguém sabe quem são — a mulher não consegue falar, e não há registros de desaparecidos que coincidam com o perfil delas. O proprietário da casa, o velho e excêntrico sr. Harper, jura nunca ter visto essas pessoas antes. Os moradores daquela pacata rua de Oxford estão em choque. Como uma coisa dessas pode ter acontecido bem diante do nariz deles? Mas o detetive Adam Fawley sabe que nada é impossível... e que ninguém é tão inocente quanto parece. "Em um porão escuro" é um thriller alucinante e profundamente perturbador sobre segredos enterrados por muito tempo e monstros que se escondem à vista de todos. Você não vai conseguir parar de ler até que o mistério seja revelado.

[Compre agora e leia](#)



UM ASSASSINO COM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR.

FLORES DA MORTE

UMA MULHER PRESTES A DESVENDAR UM SEGREDO.

UMA CAÇADA QUE ESTÁ APENAS COMEÇANDO.

JEN WILLIAMS

"Completamente viciante. É só de C.J. Tudor e Alex North
precisam ler este livro o mais depressa possível."
— *Booklist*

Flores da morte

Williams, Jen

9786589132325

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após o inexplicável suicídio da mãe, a ex-jornalista Heather Evans precisa retornar à casa de sua infância e acaba descobrindo algo aterrador: centenas de cartas trocadas entre sua mãe e o famoso assassino em série Michael Reave. O Lobo Vermelho, como é chamado pela imprensa, está preso há mais de vinte anos pelas mortes brutais e ritualísticas de inúmeras mulheres, embora sempre tenha alegado inocência. Quando o corpo de uma jovem é encontrado decorado com flores, exatamente da mesma forma como Reave deixava suas vítimas, ele é a única pessoa que pode colaborar com a investigação. Depois de anos de silêncio, Michael Reave enfim está disposto a falar... apenas com Heather. Para descobrir a verdade sobre a morte da mãe e impedir que o sangue de outras vítimas seja derramado, Heather vai precisar enfrentar o Lobo — e este é apenas o início da caçada. Até que ponto conhecemos de verdade nossos familiares? Até que ponto conhecemos de verdade a nós mesmos?

[Compre agora e leia](#)